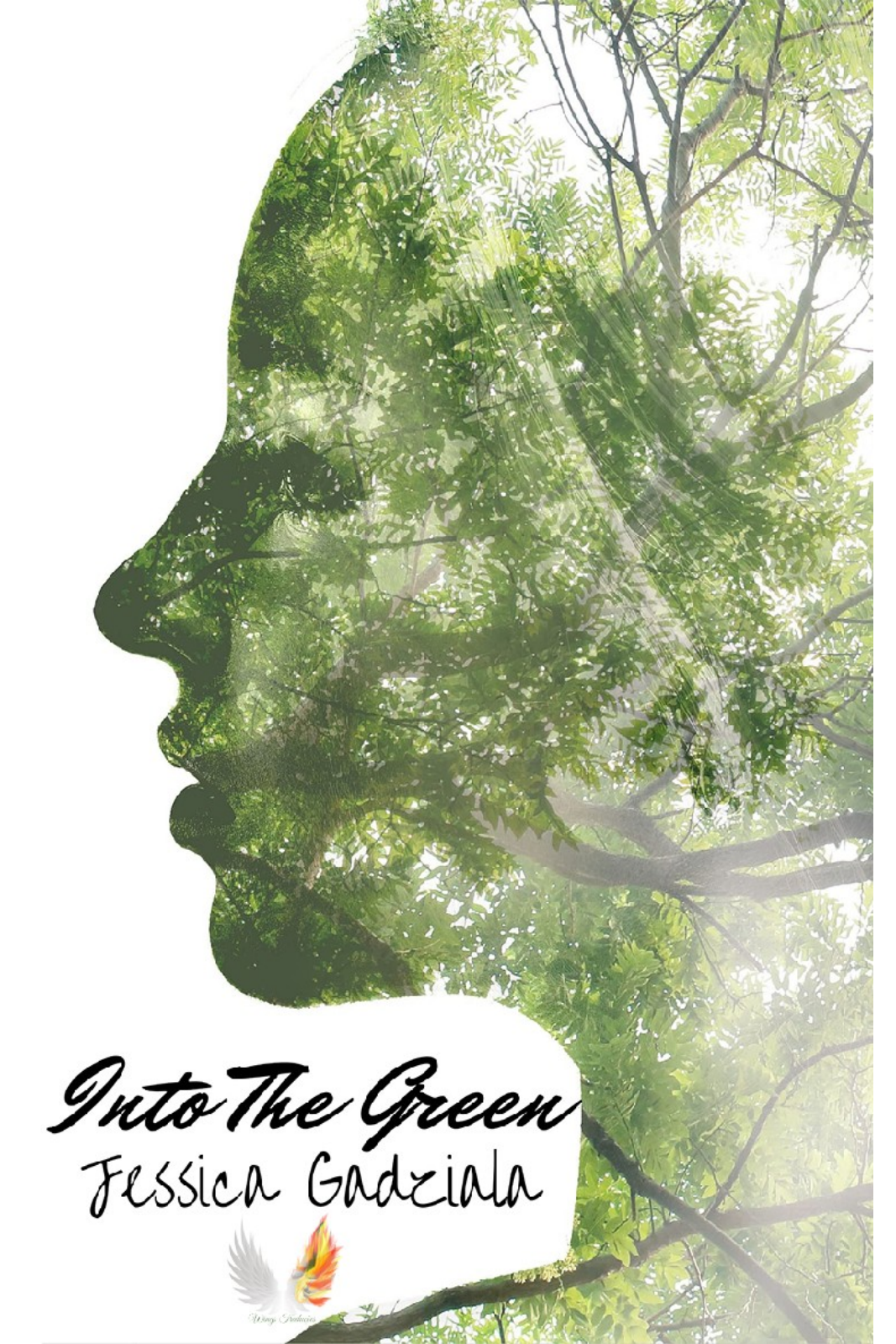




Into The Green

Jessica Gadziala



Always Available

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Into The Green

Jessica Gadziala



Always Available



Wings Traduções

Família Wings

Tradução Mecânica: Seraph

Revisão Inicial: Debs

Revisão Final: Lili

Leitura: Aurora

Formatação: Aurora

01/2021

Aviso

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

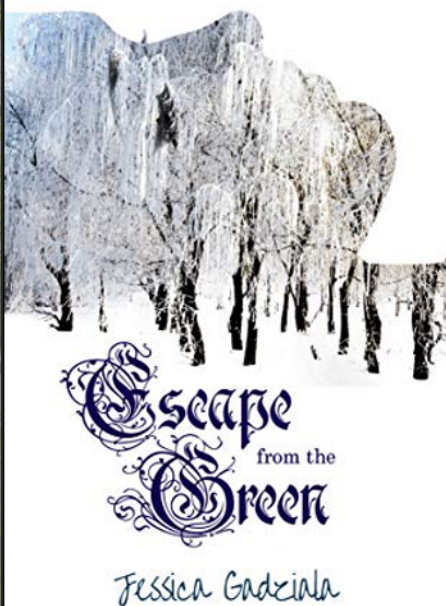
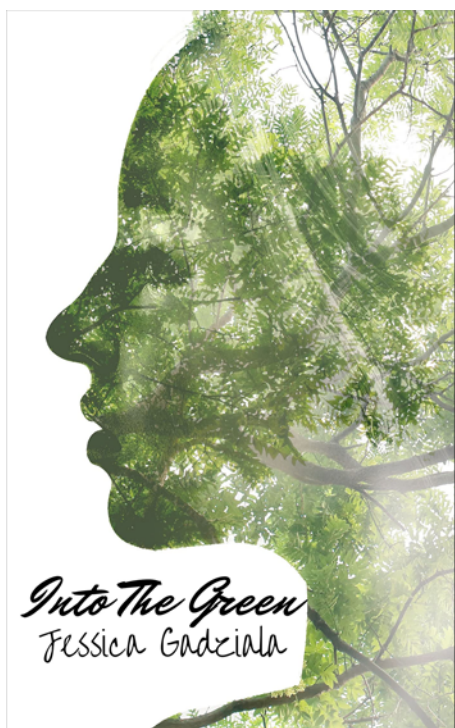
Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

A Série

Into the Green

Jessica Gadziala



Sinopse

-Cece-

Há algumas coisas que aprendi recentemente:

O amor da minha vida, bem, não era realmente o amor da minha vida.

Minha nova colega de quarto é uma maluca.

Nada é como eu acreditei que fosse durante toda a minha vida.

-Jasper-

Algumas coisas estão bastante claras:

Minha irmã está desaparecida.

Sua nova colega de quarto irá entrar em um reino perigoso do qual ela nada sabe.

E Cece, bem, ela não é nada do que parece ser.

UM

Cece

Fodidos homens! Fodidos homens!

Era esse o monólogo que estava se repetindo na minha cabeça enquanto eu carregava as minhas ultimas caixas de mudança para fora da casa do meu ex-namorado. Ultimamente ele era mais conhecido como: o bastardo traidor que me fez perder 3 bons anos da minha vida.

Veja bem, há três dias eu finalmente entendi o termo "cega de amor". Porque depois do nosso terceiro encontro eu já havia decidido que ele era o amor da minha vida. Eu ainda não havia dito isso a ele, é claro. Esperei respeitáveis 5 meses antes de compartilhar com ele essa revelação.

Para minha surpresa, e grande prazer, ele disse que se sentia da mesma maneira desde o dia em que nos conhecemos.

O amor da vida dele, minha bunda.

Me pergunto se ele disse a mesma coisa para Annie, May e Melody.

E essas são apenas as 3 de quem eu ouvi falar.

Esse bastardo inútil, inseguro e mentiroso.

Eu estava *tão* cheia disso. Não só dele, mas de todos os homens.

Fodidos homens!

Estacionei o meu carro com um suspiro em frente ao prédio de tijolos vermelhos levemente caindo aos pedaços. Eu o encontrei em um anúncio online na noite passada e liguei para a garota que me atendeu com uma voz animada, me fez algumas perguntas simples e depois disse que eu poderia me mudar pela manhã. Eu já havia visto notícias suficientes na televisão para saber que ir morar com alguém que nunca conheci pessoalmente era mais do que arriscado e

preenchia todos os pré-requisitos de uma grande burrice, mas tinha pouquíssimas opções. Eu me recusava absolutamente a ficar sob o mesmo teto que Corbin e não tinha dinheiro suficiente para continuar hospedada em um hotel. Além da minha família morar em outro estado e o meu trabalho ser aqui. Então, pois é... precisava de algo mais duradouro.

Peguei duas caixas e joguei minha bolsa em volta do pescoço, fechei a porta com um chute e tranquei o carro antes de ir em direção à porta da frente, a qual estava quebrada, sem surpresa nenhuma nisso, apenas para encontrar a lâmpada acima dela piscando de uma maneira que poderia provocar um ataque epiléptico. Torci meu nariz com a mistura de cheiros de decomposição, xixi de gato e um odor pesado de cominho que vinha provavelmente do chili sendo feito por detrás de uma das portas do primeiro andar. Suspirei ao perceber que não havia elevador, mas isso também não era realmente uma surpresa, levantei minhas caixas um pouco mais e subi os quatro andares até que cheguei no apartamento de esquina com vista para um pequeno pedaço de floresta que havia atrás do prédio.

Parei ao lado do apartamento 4D e chutei suavemente com a ponta do meu sapato. Eu mal tinha colocado o pé de volta no chão quando a porta abriu sem nenhum som de tranca para revelar uma, bem, dizer hippie seria um insulto? Não tinha certeza, mas era isso o que ela parecia desde a sua longa saia colorida até o seu top de renda bege, seus longos cabelos loiros claro que caíam quase até a cintura e tinha fitas multicoloridas trançadas, além de seus pés descalços com vários anéis nos dedos e pequenos sinos ao redor de seu tornozelo. Ela era linda de uma maneira diferente com seu rosto triangular, grandes e intensos olhos no tom mais claro de azul que já vi um dia, um corpo magro com grandes seios que me fizeram sentir inveja. E eu sei que era estranho comentar isso, mas ela tinha os dedos mais perfeitos, delicados e longos que já vi na minha vida.

— Celestine! — ela disse animada como se fôssemos velhas amigas ao invés de duas completas estranhas. Senti os meus lábios se torcerem em uma careta quando ouvi meu nome, um nome que eu odiava desde criança.

— Cece, — eu corriji com o que espero ter sido um sorriso amigável apesar do meu humor amargo. Não era culpa dela se Corbin pensava com o pau dele e que a sua infidelidade tenha me deixado sem teto e longe de minha família.

— Cece, — ela disse com um aceno de cabeça. — Eu sou Jade, é claro. Aqui. — Ela disse, dando um passo para trás e esticando um braço em direção à casa num gesto de boas-vindas — Bem-vindo à sua nova casa!

Era como entrar na casa dos sonhos de uma hippie vegana. Sério, não tem outra forma de dizer isso. As paredes da sala de estar estavam há anos sem pintura, fazendo com que a pintura que um dia foi branca adquirisse a aparência de papel velho. O ambiente era espaçoso e se fundia com a sala e também com a cozinha, a qual era separada por uma grande estrutura de madeira que tinha ervas secas penduradas em cima de uma prateleira que normalmente era destinada a painéis e frigideiras. A diferença da cozinha eram as suas paredes de tijolo e grandes janelas sem cortinas, apenas com algumas suculentas penduradas em pequenos frascos de vidro apoiados no topo da janela. O piso de todo o espaço era composto por tábuas largas e desgastadas. O sofá da sala era feito de paletes reciclados e tinha uma variedade de almofadas e travesseiros coloridos, coberto com mantas. Havia uma estante transbordando de livros e uma estranha coleção de obras de arte nas paredes. Uma mostrando o que parecia ser plantas ressecadas numa parede, imagens que eu posso apenas descrever como várias deusas em outra, e um pôster emoldurado gigante com imagens de pedras preciosas.

Era...ecclético, um pouco desgastado, um pouco menos moderno do que eu estava acostumada, mas de alguma forma...muito mais acolhedor do que qualquer outro lugar que eu já tinha visto antes. Cada centímetro desse lugar exibia um toque pessoal de Jade.

— Aqui, — a voz suave de Jade disse ao mesmo tempo em que senti que uma das caixas que eu segurava era levantada. — Seu quarto é por ali, — disse ela, me levando à direita e abrindo uma porta ao empurrar com o pé.

Era pequeno. Eu realmente não poderia colocar nada maior

dentro do quarto do que a cama de solteiro de madeira que já tinha e a pequena mesa de cabeceira. Felizmente, havia um armário do lado oposto da cama onde eu imaginei que teria que guardar todos os meus pertences, já que o espaço que sobrava era muito pequeno até para me mover, muito menos para guardar qualquer coisa. Mas eu não estava reclamando. Era barato. Era limpo. Até mesmo tinha uma janela com uma saída de emergência. Por trezentos dólares por mês eu realmente não poderia reclamar. Me custaria mais do que o triplo desse valor para ter um estúdio apenas meu em qualquer outro lugar. Sério, era um roubo mesmo em bairros miseráveis.

— Vou fazer um pouco de chá. Você gosta de ervas? — ela perguntou e depois saiu sem esperar uma resposta. — Eu tenho mel e estévia fresca, mas não tenho leite. Eu, hm, não tomo leite. Ou como carne. Ou....

— Manteiga ou ovo, — eu continuei com um pequeno sorriso. — Você é vegana, — e continuei. — Eu também, na verdade.

Não era realmente por escolha. O fato é que nunca consegui comer nenhum tipo de produto de origem animal. Meu corpo simplesmente rejeitava toda vez que meus pais me obrigavam a comer isso, me fazendo correr para o banheiro e vomitar tudo até que, em torno dos dez anos, e sem nenhuma explicação dos médicos, eles pararam de tentar e me deixaram comer todas as comidas à base de plantas que eu quisesse.

— Eu tinha a sensação de que nos daríamos bem, — Jade disse com um sorriso doce enquanto saía do quarto e, em seguida, escutei o som de água correndo e dela mexendo no fogão enquanto eu abria o meu armário e colocava as caixas no chão.

Sentei-me no colchão desfarrado que era um pouco macio demais, porém limpo, e respirei fundo. Depois de quase uma semana eu finalmente consegui respirar novamente. Estava longe da casa do Corbin. Eu nunca mais teria que ouvir outra mentira dele. Eu não estava mais vivendo em um hotel com apenas a minha mala. Eu tinha um teto e um quarto dentro do meu orçamento. Eu tinha uma colega de quarto que, embora fosse um pouco excêntrica, era muito fofa. As coisas estavam indo bem.

Levantei-me e vi meu movimento pelo espelho preso atrás da porta. Eu me aproximei, olhando demoradamente para o meu reflexo e passando minha mão pelos meus cabelos castanhos volumosos. Corbin gostava do meu cabelo longo. Quando nos conhecemos ele estava curto para emoldurar meu rosto delicadamente. Corbin me encorajou a deixá-lo crescer, dizendo que assim chamaria menos atenção para o meu lábio inferior que era muito cheio (opinião dele) e chamaria mais atenção para meus olhos cor de mel e nariz fino, ligeiramente arrebitado. E, estando estupidamente — ênfase no estupidamente— apaixonada, eu deixei o meu cabelo crescer. E abaixo do pescoço eu não tinha nada demais para observar. Eu era magra graças a uma dieta que tinha bem pouca gordura e açúcar artificial, e parecia quase infantil por conta de minha falta de peitos, quadris e bunda. Mas era assim que as coisas eram. Eu não pensava muito sobre isso.

— Camomila ou hortelã? — Jade disse do outro cômodo sem precisar levantar a voz. — Hortelã é bom para sua barriga, mas camomila pode ser calmante. E se mudar pode ser tão estressante...

Eu encarei meu rosto, observando as linhas entre minhas sobrancelhas e os meus lábios apertados, forçando-os a relaxar. — Camomila parece bom, — eu respondi, expirando com força e fechando a porta do armário.

E então nós tomamos chá enquanto Jade falava sobre o mercado orgânico que acontecia do bairro todo domingo e as aulas de yoga no parque a algumas ruas de distância, e sobre a curandeira que morava do outro lado da rua. Na maior parte do tempo eu apenas escutava e sorria enquanto pensava que talvez Jade fosse um pouco excêntrica demais para o meu gosto, mas decidia que isso não importava. Ela era gentil, acolhedora e cobrava quase nada de aluguel.

Em breve, mas talvez não *muito* em breve, eu iria me acostumar com o cheiro de incenso constante ou o fato de Jade parecer pensar que óleo de coco e óleo de melaleuca curavam praticamente todas as doenças, desde cabelos ressecados até cárie dentária. Isso se tornaria um novo tipo de normal. Bem, se eu fui

capaz de aprender a viver com os roncos de Corbin e sua absoluta incapacidade de fazer as suas roupas encontrarem o cesto ao invés do chão em frente ao cesto, eu com certeza poderia aprender a ignorar o jeito peculiar de Jade.

Pedi licença depois de jantar a salada picada que Jade insistiu que comêssemos por volta das oito da noite, querendo me organizar e ter uma boa noite de sono pela primeira vez depois de uma semana.

— Mas é lua cheia, — Jade disse, se afastando dos pratos que ela estava enxaguando e me olhando com atenção.

— Ah...certo, — Eu disse, insegura quanto ao que dizer.

— Você não quer ir ao círculo comigo?

Sem saber o que diabos um círculo era, mas certa de que não era minha praia, eu balancei minha cabeça. — Não dessa vez, Jade. Eu estou apenas...exausta...

— Ah, claro, — ela disse, balançando a cabeça como se ela estivesse agindo como uma boba. — Duh. Okay, claro. Então talvez mês que vem. Eu vou me atrasar. Descanse bem. Tem um spray de lavanda para o seu travesseiro no banheiro se você realmente quiser relaxar.

— Obrigada, Jade, — eu disse, e realmente quis dizer isso. Não por causa do spray de lavanda, mas pela gentileza dela.

— É claro, — ela disse, me dando um grande sorriso. — Somos amigas agora!



E realmente éramos.

Foi como se a declaração dela fosse algum tipo de premonição, porque, francamente, mesmo eu achando que ela era uma boneca em sua fofa e ingênua estranheza, eu não pensava que realmente criaríamos uma amizade. Veja bem, no começo éramos o oposto em quase todos os aspectos possíveis. Fora a coisa de sermos ambas veganas. Ela gostava apenas de ter coisas que foram "amadas anteriormente"; eu gostava de coisas novas. Ela parecia se coçar se usasse roupas demais e todas as roupas que ela usava eram de produtos naturais; Eu estava sempre o mais coberta possível em

leggings feitas de quem-poderia-imaginar fibras sintéticas e camisetas maiores que eu. Há anos ela não possuía uma televisão; eu sempre assisti Netflix e Hulu. Ela trabalhava para si mesma fazendo algum tipo de estátuas esculpidas à mão; eu trabalhava para um advogado que eu odiava com todo o meu coração.

Éramos tão diferentes.

Mas uma noite eu acordei com um barulho estranho e encontrei Jade no meu quarto, uma mão delicada segurando uma tigela ornamentada repleta de pedras e a outra alinhando várias dessas pedras no peitoril da minha janela

— O que você está fazendo? — Eu perguntei, minha voz de rouca de sono e talvez sendo um pouco grosseira.

— Unakita, — ela disse, segurando uma das pedras de sua tigela.

— Una-o que? — Eu perguntei, sentando e acendendo a lâmpada da minha mesa de cabeceira.

— Unakita, — ela repetiu, mostrando a pedra verde e rosa. — Para a união dos oposto. Serve para tirar a negatividade do chacra do coração. — Eu sorri, balançando minha cabeça. Eu não tinha dito para ela sobre meu término de namoro, mas às vezes nós mulheres poderíamos entender as coisas por associação.

— Acontece que eu gosto da negatividade no meu chacra do coração. Se tiver alguma pedra que seja o equivalente metafísico à uma cerca de arame farpado para o meu chacra do coração, por favor eu adoraria uma pedra dessa.

Mesmo eu sabendo que pela personalidade doce dela ela desaprovava esse meu comentário, ela não tentou me convencer de nada. Ela simplesmente sentou na minha cama como se fôssemos amigas próximas e tirou um colar de sua pequena bolsa de remédios que ela usava como uma bolsa de lado. — Aqui, — ela disse, me entregando uma enorme pedra que tinha um entalhe de madeira com algum símbolo queimado nele, ambos pendurados em uma corda de cânhamo — Eu fiz isso para você. Um quartzo de cristal. Para proteção, — ela explicou enquanto eu o pegava e colocava ao redor da minha cabeça, me sentindo excessivamente sentimental. Mesmo

tendo amizades com outras mulheres ao longo da minha vida, eu nunca cheguei ao ponto de fazer joias da amizade.

— Proteção contra o quê? — Eu perguntei, inclinando minha cabeça um pouco.

— De qualquer coisa que você possa precisar de proteção, — ela me disse, se abaixando para colocar a tigela com unakita no chão e se enrolando para dormir no final da cama. Ela caiu no sono antes mesmo que eu pudesse entender o que tinha acontecido.

Eu fiquei sentada lá ouvindo a respiração dela e tentando registrar na minha cabeça essa interação estranha, com o pedaço de pedra entre meus seios parecendo ficar mais pesado, e parecendo vibrar com uma energia que de alguma forma era ansiosa e relaxante ao mesmo tempo.

Depois disso, após decidir que eu estava louca, apaguei a luz e dormi.

Mas foi com essa troca de um presente que eu nunca tirei e ao compartilharmos a cama que uma amizade nasceu. Um tipo de amizade que eu nunca tinha experimentado antes. Fácil. Não havia arrogância, competição ou ciúmes. Não haviam mensagens passivo-agressivas. Apesar de que isso pode ter sido porque Jade não tinha um celular.

Mas nós apenas...tínhamos uma amizade fácil.

Ela tinha um horário estranho, trabalhando para si mesma, então às vezes eu acordava de manhã e a encontrava sentada de pernas cruzadas no balcão da cozinha com uma tigela gigante de frutas cortadas que ela queria dividir comigo antes do trabalho. As vezes eu a encontrava desmaiada no sofá ao lado de uma pilha com várias estatuetas não acabadas. Nesses dias eu preparava um grande almoço e levava metade para o trabalho comigo, deixando a outra metade para ela. Ela me pediu para ir com ela em suas viagens hippies, mas não insistiu quando eu recusei. Ela frequentemente "limpava" o apartamento ao queimar sálvia e me trazia chá quente na cama à noite, sentava nos pés da cama e me perguntava sobre meu dia, minhas esperanças e sonhos.

Ela me escutou quando falei sobre Corbin e me contou sobre

um cara com quem namorou chamado Doyle. — Ele levou outra pessoa para Beltane, — ela disse, como se eu soubesse o que isso significava. — Coisa que, bem, a maioria das pessoas faz. Mas isso foi...

— Uma traição, — eu completei.

— Mas era Beltane, — ela deu de ombros.

— Sim, mas foda-se ele, — eu disse, sem nem mesmo conhecer o homem em questão, mas indignada por princípio.

— Não, sério, — ela disse, balançando a cabeça. — Ele é uma pessoa maravilhosa. De verdade. Uma boa alma. Eu não estou com raiva.

E ela não estava mesmo.

A maioria das mulheres que eu conhecia que já disseram isso não se sentiam realmente desse jeito. Elas fingiam que não estavam com raiva apenas para ninguém saber o quanto elas estavam sofrendo. Mas Jade foi sincera. Ela não estava com raiva, ou amargura ou com medo de amar outros homens. Jade, eu juro por tudo que é mais sagrado, tinha açúcar correndo por suas veias. Tudo relacionado a ela era doce e gentil.

— Sabe de uma coisa, Jade? — Eu perguntei, batendo no joelho dela com meu dedo do pé.

— Não, o quê?

— Acho que estou amigavelmente apaixonada por você.

— Sabe de outra coisa, Celestine, — ela disse, sorrindo pois sabia que eu odiava esse nome — Eu acho que também estou amigavelmente apaixonada por você.

DOIS

Cece

— Merda, merda, merda, merda, — eu xingava enquanto dirigia até a delegacia na chuva forte que caía o dia todo. Foi tão estúpido esperar tanto tempo para procurar ajuda.

Três dias.

No que diabos estava pensando?

Tudo bem que Jade era um pouco esquisita às vezes. Ela não me dizia tudo o que fazia e costumava passar noites fora com frequência.

Mas não costumava passar três dias inteiros fora.

No final do segundo dia eu deveria ter entrado em contato com a polícia. Acho que não quis parecer uma idiota caso ela aparecesse subitamente intacta após algum tipo de retiro espiritual ou algo assim. Mas, verdade seja dita, eu tinha morado com ela durante quase quatro meses e ela nunca ficou fora por tanto tempo, mesmo quando me avisava nos dias que ficava fora por mais tempo.

A chuva tinha ensopado até as minhas calcinhas e tive que jogar o meu cabelo molhado por cima do ombro enquanto abria a porta da delegacia, amaldiçoando o meu carro de várias formas bem criativas por ter escolhido esse dia em particular para me dar trabalho.

Me fizeram esperar por meia hora antes de ser levada até um detetive que pegou a foto molhada de Jade, a única que eu tinha. Na verdade era uma foto de nós duas no meu aniversário, mas era a única foto que eu tinha dela. Eu a descrevi e a última vez que a tinha visto, e o que ela estava vestindo quando saiu de casa. Eu dei meu telefone ao detetive para quaisquer informações e fui informada de que ele manteria contato.

Saí da delegacia me sentindo pior do que quando entrei.

Isso porque eu tive a nítida impressão de que o detetive não estava muito preocupado com uma mulher que era naturalmente avoada e que poderia aparecer a qualquer momento.

Mas eu sabia, sabia no fundo de minha alma, que algo estava errado. Ela não estava simplesmente em um retiro ou enrolada com um novo amante. Ela teria voltado para casa. Ela teria me contatado para que eu não me preocupasse.

Subi as escadas até o nosso andar, meu coração cada vez mais pesado a cada passo que eu dava para nosso apartamento, sabendo que eu o encontraria mais frio e vazio sem Jade por perto para esquentá-lo e preenchê-lo, para balancear a escuridão e o frio em mim.

Destranquei a porta e entrei, fechando-a antes de olhar para cima.

Todo o lugar estava destruído. Os móveis caídos no chão, almofadas rasgadas, plantas arrancadas de seus vasos.

E então eu o vi.

Tipo, eu vi alguém que realmente não pertencia ao meu apartamento. Tipo, um estranho..

Tipo, alguém que estava vasculhando uma pilha de papéis no balcão da cozinha.

Ao ouvir a porta se fechar e, provavelmente a minha respiração assustada, sua cabeça se virou e eu vi mais do que apenas seu rosto de perfil. E, bem, ele era ridiculamente bonito para um criminoso. Ele era alto, magro, forte, com cabelos loiros compridos em cima e cortado nas laterais. Suas sobrancelhas grossas emolduravam seus olhos que tinham um tom de azul mais claro do que eu já tinha visto na minha vida.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, me assustando o suficiente para que eu desse um passo para trás.

O que eu estava fazendo lá? Que tipo de ladrão pergunta isso?

— O que você está fazendo aqui? — eu perguntei, dando um passo para o lado e segurando a maçaneta da porta. — Olha, apenas vá embora. Saia e não volte e eu prometo não ligar para a polícia.

Obviamente não temos nada para você roubar, — acrescentei isso caso não fosse óbvio para ele. Desviei o olhar por alguns segundos enquanto eu abria a porta.

Mas isso, aparentemente, era apenas o que ele precisava.

Em um momento ele estava do outro lado do apartamento. E no próximo ele estava bem na minha frente, seu corpo pressionando o meu com força contra a parede e uma mão forte segurou meu pulso em um aperto firme.

Por um longo segundo as minhas palavras ficaram presas na garganta com a intensidade do meu medo. — Me solta, — eu exigi, minha voz um pouco estridente.

— Me diga que porra você está fazendo aqui e eu solto, — ele falou com uma voz fria, distante e inegavelmente sexy.

— Não, — respondi, o medo me deixando zangada. — Você que vai me dizer que porra está fazendo aqui.

Depois de ouvir isso ele inclinou um pouco a cabeça enquanto soltava um das mãos e pegou algo do seu bolso para me mostrar. — Eu tenho uma chave, — ele me informou.

— Não, você não tem mais, — eu me irritei, pegando as chaves dele e enrolando ao redor do meu punho, imaginando que ele era um dos ex-namorados de Jade ou algo assim. Inferno, quem sabe ele era aquele traidor, Doyle. — Agora dê o fora do meu apartamento, — eu mandei, apesar de definitivamente não estar em vantagem nesse momento.

— Da última vez que verifiquei esse era o apartamento de Jade. Então eu vou perguntar mais uma vez - quem é você?

Incerta do que fazer eu apenas disse a verdade. — Eu me chamo Cece. Eu moro com Jade.

— Pronto, — disse ele, sorrindo um pouco preguiçosamente, — Foi difícil assim me contar isso? — ele perguntou, recuando um passo e pela primeira vez senti que poderia respirar de verdade novamente.

Olhei em volta, me sentindo sobrecarregada com essa situação desesperadora. — Ela não estava em casa, né? Você não a viu?

Sua cabeça se inclinou um pouco, me observando atentamente. — Há quanto tempo ela se foi? — ele foi direto ao assunto.

— Ela... eu não vou te contar nada. Nem sei quem você é. Você destruiu nosso apartamento.

Ele deu de ombros. — Eu sou Jasper, — ele disse. — Sou o irmão da Jade. E seu apartamento já estava assim quando eu cheguei. Outra pessoa invadiu e o destruiu..

Assim que ele falou isso eu pude perceber as semelhanças. Estavam em suas feições afiadas, nos olhos claros e intensos, no cabelo loiro e em seu corpo alto e magro. Merda, Jasper vestia, o que eu aprendi a identificar depois de morar com Jade, calças de cânhamo e uma camiseta de algodão apertada. E então a realidade me bateu, de que Jade ainda estava desaparecida e que seu irmão estava tão preocupado quanto eu, e que alguém vasculhou o nosso apartamento. Olhei ao redor inquieta com medo que alguém estivesse se escondendo atrás da estante ou algo assim para me sequestrar também, o que me fez pensar em que Jade tinha se metido para fazer com que essas pessoas viessem ao nosso apartamento e o destruíssem.

— Há quanto tempo? — ele perguntou de novo quando continuei muda.

— Três dias, — eu respondi automaticamente. — Eu achei que ela só tinha saído para acampar ou algo assim. Mas hoje tive a certeza de que não era isso. Acabei de ir na polícia registrar um relatório.

— Eles não serão capazes de encontrá-la onde ela foi, — ele disse, se afastando alguns metros de mim.

— Você sabe para onde ela foi? Ela está bem? Por que ela não me avisaria que estava indo embora?

— Ela está no The Green, — ele respondeu de modo estranho

— No The Green? — Eu repeti. — Isso é algum tipo de clube?

Ele riu, um som desprovido de humor que mesmo assim conseguiu fazer minha barriga tremer de um modo estranho. — Não.

— Bom, seja lá o que for, me passe o endereço. Eu vou ver se ela está bem.

— Você não vai conseguir entrar. Pelo menos não sem mim.

— Tudo bem então. Vamos lá. Estamos perdendo tempo aqui, — eu disse, me afastando da parede e segurando a maçaneta de novo.

— Você não pode ir desse jeito, — sua voz me parou.

— Sério? — eu perguntei, revirando os olhos. — Existe um código de vestimenta?

— Vou pegar algo do quarto de Jade, — ele me disse e depois partiu para fazer exatamente isso, sem me dar a chance de dizer que Jade tinha mais curvas que eu. Especialmente na região dos seios. Não que isso importasse. Ninguém se importava com minha aparência. Eu só precisava das roupas hippies certas para entrar no lugar hippie em que ela estava e descobrir se ela está bem.

Fui até o meu quarto, tirando minha blusa ensopada e chutando os meus sapatos. Ouvi passos e me virei para encontrar Jasper parado ali com um vestido de algodão cor verde-sálvia que já vi Jade usar algumas vezes. O corpete era apertado e mergulhava em um V profundo entre os seios, um pouco frouxo na cintura e descia até a altura dos joelhos.

— Está uns dez graus lá fora, — eu disse com um bufo enquanto pegava a toalha e tentava secar o meu cabelo.

— Então coloque um casaco, — ele disse jogando o vestido para mim, me fazendo largar a toalha para conseguir pegar. Eu fiquei segurando enquanto ele continuava a me encarar e levantei uma sobrancelha, o que fez ele revirar os olhos e sair do meu quarto.

Eu atravessei o quarto e fechei a porta com um chute, rapidamente me despindo de minhas roupas frias e ensopadas, tremendo levemente enquanto colocava o material fino e suave do vestido de verão. Eu juro que assim que ajeitei as alças sobre meus ombros a porta se abriu novamente, fazendo meu coração disparar quando Jasper voltou para dentro do quarto. Seus olhos se fixaram nos meus por um longo tempo antes dele avançar em minha direção, fazendo-me recuar até que minha cama me impediu de ir mais longe. Ele levantou a mão, colocando-a inesperadamente sobre meu ombro. Eu me senti tremer e, a julgar pela pequena risada que deu, ele também percebeu. Seus dedos deslizaram para o lado e seguraram minha alça de sutiã, puxando-a levemente. — Isso tem que sair.

Eu me inclinei para trás levemente, batendo na mão dele com força e quase caindo na minha cama enquanto tentava ir para mais longe. Quem era esse cara? Que entra no seu quarto, insiste que você

coloque um vestido e depois diz que você precisa tirar seu sutiã?

Um psicopata.

Ou um estuprador, era isso o que ele era.

Eu precisava ir o mais longe possível dele.

Jasper levantou uma sobrancelha enquanto me olhava, dando vários passos para trás. — Não se preocupe, — ele disse com um sorriso estranhamente malicioso brincando em seus lábios. — Não tenho interesse de me aproveitar de você. — E do jeito que ele falou isso parecia até que eu era nojenta e que poderia passar isso para ele. — Você simplesmente não pode entrar usando um sutiã.

— Me desculpe, mas estamos indo em algum encontro de feministas da década de 60, por acaso? Todo mundo usa sutiã, em qualquer lugar.

— É o material, — disse ele, sua voz começando a soar agitada. — É sintético.

Tudo bem, eu sabia que Jade agia meio estranha em relação ao material sintético e literalmente nunca a vi usando um sutiã, mas para onde diabos estávamos indo para que as fibras sintéticas fossem banidas?

— Isso é realmente um problema?

— Sim. Tire isso ou mantenha sua bunda aqui e torça para que os caras que fizeram todo esse estrago, — ele diz, gesticulando para mostrar o apartamento, — não voltem. É sua escolha, — ele disse, virando-se e voltando para o corredor.

E, foda-se, não seria deixada para trás. Em parte porque eu precisava ver Jade e em parte porque não queria ficar sozinha em nosso apartamento no bairro de merda numa noite normal, ainda mais depois dele ter sido destruído por só Deus sabe quem.

Eu tirei meu sutiã ainda úmido e joguei ele no chão, cobrindo meus seios por um tempo até que meus mamilos parassem de estar rígidos. Peguei meu celular da cama e fui em direção à sala, encontrando Jasper em pé com uma jaqueta de lã apertada em minha direção, como se ele esperasse que eu seguisse ordens.

Seus olhos percorreram meu corpo lentamente e lutei contra o desejo irracional de envolver meus braços em volta de mim e me

esconder. — Bom, — ele disse com um leve aceno de cabeça. — Você não precisa de um sutiã de qualquer maneira. —

Senti um rubor inundar minhas bochechas com o comentário, a raiva começando a borbulhar em meu estômago. Embora fosse verdade que a minha comissão de frente não era realmente impressionante, eu também não era totalmente reta. E, bem, eu tinha que admitir, meu orgulho ainda estava um pouco machucado por conta de toda essa merda com Corbin e ter um outro cara apontando meus defeitos realmente não estava ajudando muito minha autoestima.

Eu arranquei o casaco de suas mãos e me virei para o vestir, em seguida virei na direção dele e olhei para o meu celular para conferir se não tinha alguma chamada perdida.

— Você pode deixar isso aqui, — ele disse, acenando para meu celular, — Você também não pode entrar com isso. Aqui, , — ele disse, chutando um par de mocassim de Jade em minha direção.

— Mocassins?

— Meu Deus, mulher, coopera, Porra. Estamos perdendo tempo enquanto você reclama de cada fodido detalhe. — E com isso ele abriu a porta e saiu para o corredor.

Coloquei os mocassins, porque sério, eu já estava usando um vestido emprestado em pleno final de outono e uma jaqueta de lã que fazia minha pele coçar, não tinha mais como voltar atrás. Mas eu deslizei meu celular dentro do meu bolso junto com um pouco de dinheiro. É verdade que eu estava disposta a seguir cegamente o idiota do Jasper para onde quer que seja o The Green, mas eu não iria fazer isso sem ter como chamar ajuda ou pagar por um taxi se as coisas dessem errado.

Jasper ficou em silêncio enquanto descíamos os quatro andares, sem se incomodar em manter a porta da frente aberta para mim. Sai do prédio esperando a mesma chuva torrencial que tinha quando eu entrei. Mas a chuva aparentemente interminável tinha parado. O chão estava coberto de poças cintilantes e o ar estava frio e úmido, mas eu estava silenciosamente feliz por não precisar congelar e cheirar como um cachorro molhado porque seja lá o que fosse o The

Green, estava a uma curta distância.

Cerca de 40 minutos depois, com o vento frio batendo nas minhas pernas quase nuas e meus braços apertando o casaco quente contra o meu corpo congelando, nós chegamos a uma cerca

Literalmente. Uma cerca.

Tinha pelo menos três metros de altura com arame farpado no topo. Não parecia proteger nada em particular. A área por trás da cerca era um campo extenso que terminava em uma floresta densa. E era isso. Mas ainda assim era uma propriedade privada se considerarmos as placas de aviso para manter distância.

Mas Jasper não pareceu se importar com isso e, indiferente às placas, chutou vários pontos da cerca procurando, supostamente, áreas mais frágeis. Encontrando uma ele se ajoelhou e afastou a cerca cortada, passou pelo espaço aberto e ficou em pé do outro lado. Virando-se ele olhou para mim, levantando a sobancelha como se perguntasse por que eu não estava o seguindo.

— Você está invadindo, — eu o informei, apontando para a placa.

— Não tem nada nesta propriedade. Eles estão apenas tentando afastar adolescentes e sem-tetos. Entra logo. Estamos quase lá.

Olhei por cima do ombro como se os policiais estivessem esperando para me agarrar se eu passasse pela cerca. Mas não vi nenhuma alma por perto. Se não tinha nada nessa propriedade então por que estávamos entrando nela? Mas eu já tinha ido longe demais e, se estávamos tão perto assim, eu devia ir até lá por Jade.

Ajoelhei-me pensando em um modo de passar sem me expor com esse vestido. Mas a atenção de Jasper não estava em mim, ele observava a linha das árvores como se ele pudesse ver algo além dela. O que, eu não tinha certeza, porque estava escuro o suficiente para que eu não conseguisse ver mais do que alguns metro à frente. Eu me abaixei rapidamente e passei pelo buraco na cerca, sentindo um fio afiado arranhar a minha coxa enquanto minha saia subia.

— Merda, — eu disse assobiando enquanto me endireitei, me perguntando se fazia mais de dez anos desde minha última vacina de

tétano.

Jasper respirou fundo e se virou, como se soubesse de algum modo o que acabara de acontecer, se abaixou e agarrou a barra do meu vestido e a puxou para revelar minha coxa. Surpresa e levemente envergonhada pela minha calcinha de joaninhas, eu rapidamente puxei a saia de volta. Mas sua mão estava no caminho, gentilmente acariciando o arranhão sangrando de uma maneira que fez meu sexo apertar involuntariamente.

— Só um arranhão, — ele disse, tirando a mão e puxando a saia para baixo.

— Sim, bem, morrer de tétano pode ser realmente preferível a passar mais tempo em sua companhia, — eu reclamei e consegui que ele desse uma risada profunda e rouca antes que de repente se virasse e seguisse em direção à floresta.

Com a noite escura sobre nós, a lua escondida atrás das nuvens e as luzes da cidade longe, esse era o tipo mais profundo de escuridão, e se eu não me apressasse e ficasse um pouco atrás dele teria me perdido totalmente.

E então, como se tivesse previsto isso, alguns minutos depois eu me perdi. Perdi ele, quero dizer. Como? Eu não tinha certeza de como, pois estava literalmente a menos de um metro de distância dele. Eu olhei por cima do meu ombro e então...ele se foi.

O pânico cresceu rapidamente, deixando minha pele vibrando e meu peito apertado. Ele tinha acabado de...me abandonar? Sozinha na floresta. Ele realmente parecia ser um idiota, para ser honesta. Eu deveria ter imaginado isso. Talvez isso tudo fosse um tipo de brincadeira idiota.

— Jasper, — chamei, minha voz um pouco mais alta do que um sussurro como se eu fosse perturbar todas as formas de vida selvagem e fazer elas aparecerem e me rasgarem membro por membro.

Okay, eu estava sendo paranoica. Mas será que haviam lobos aqui? Ou, ainda pior, ursos?

Deve ter ursos em locais tão desolados quanto a floresta em que eu estava. O que diabos você deve fazer durante um ataque de

urso? Eu tinha certeza de que li algo sobre deitar-se de barriga para baixo e colocar as mãos ao redor do pescoço. E depois você apenas se permite ser meio devorada.

Sim, claro, essa era apenas a cereja do bolo da minha semana. Cece Cooke, comida de urso.

Adorável.

Mas em seguida todos os pensamentos sobre ursos e lobos voaram da minha mente quando mãos agarraram as lapelas da minha jaqueta, abrindo-a. Eu gritei alto, tropeçando para trás e tentando desesperadamente afastar as mãos de mim.

Então não teríamos ursos hoje. Apenas um psicopata assassino e estuprador.

Sim, melhor ainda.

Puxei meu braço para trás e girei, esperando socar algo apesar da minha cegueira noturna. Senti e ouvi um estalo satisfatório que fez com que uma dor espalhasse da minha mão até meu braço. Não haviam evidências de que eu tinha causado alguma dor além da que eu sentia. As mãos puxaram ainda mais minha jaqueta e eu empurrei o peito da pessoa com o máximo de força que eu consegui estando com a mão doendo. O impacto soltou as mãos da minha roupa, a falta de contato me deixou instável e me senti caindo para trás, agitando-me impotente para tentar me agarrar a algo e impedir a queda. Mas não encontrei nada e caí no chão com tanta força que todo o ar de meus pulmões foi expulso. Porém, mesmo sem ar, a autopreservação fez com que eu me arrastasse para trás desesperadamente, sentindo minha saia se enrolar em volta da minha cintura.

Mas em seguida alguém montou em mim e um peso estava pressionando contra minha pélvis, as mãos mais uma vez alcançaram minha jaqueta enquanto eu lutava.

— Pare, — eu tentei gritar, mas saiu apenas um som estrangulado.

As costas de uma mão roçaram meu seio, deslizando pelo meu mamilo e me fazendo empurrar para longe violentamente com o excesso de intimidade. Em seguida as mãos se afastaram e a luz do meu celular iluminou a escuridão, dando-me uma visão clara do rosto

do meu atacante.

Jasper.

— Eu disse sem telefones, — ele rosnou, pegando meu celular e jogando ele o mais longe possível.

— Ei! — eu gritei, sentindo pela primeira vez o chão frio em contato com minhas pernas e bunda. Eu estava praticamente nua na floresta com um total estranho e sem nenhum telefone para pedir ajuda.

— Oh, relaxa, — Jasper disse e você podia quase ouvir ele revirando os olhos para mim. Ele saiu de cima de mim, suas mãos agarrando o material do meu vestido e puxando-o rudemente para me cobrir. — Eu não tenho interesse...*nisso*, — ele disse, parecendo enojado com a ideia de me tocar

E, bem, era algo irracional meu, mas eu me senti ofendida. Quero dizer, é claro que não queria ser morta na floresta, mas ele não precisava falar como se eu fosse um monte de lixo tóxico que ele não queria nem estar perto.

Sua mão chegou mais perto e agarrou meu pulso com força, puxando-me para cima e me deixando de pé. — Vamos lá, — ele disse, ainda me segurando. — Chegamos.

Até onde eu conseguia ver aqui não tinha nada. Havia apenas um monte de árvores. E só. Claro que estava escuro e eu não conseguia ver direito, então talvez tivesse pessoas no meio das árvores fazendo...bem...só Deus sabe o quer. Eu não saberia dizer.

Jasper começou a me puxar e eu levantei a minha outra mão para tentar sentir algo ao meu redor, querendo sentir alguma estrutura, outra pessoa ou...qualquer coisa. Encostei a palma da mão em vários troncos de árvores enquanto íamos andando.

Talvez Jade tivesse saído para participar de algum tipo de acampamento? Isso parecia algo que ela faria. Talvez The Green seja o nome do acampamento.

Eu poderia ter perguntado a Jasper, mas seu aperto forte no meu pulso sugeria que ele não seria receptivo a perguntas. E se eu o irritasse com certeza ele me deixaria lá para lutar com os ursos.

Isso parecia totalmente algo que ele faria.

TRÊS

Jasper

Eu mantive minha cabeça abaixada enquanto caminhava, a garota, Cece, me seguindo atrás de mim, e naquele momento eu a arrastava mais do que tudo. Eu conseguia sentir ondas de ansiedade e medo zunindo ao redor dela e no fundo disso sua profunda desconfiança de mim. Se ela tivesse apenas feito como eu pedi e deixado a porra do celular no apartamento, eu não teria precisado lutar com ela para pegá-lo. E, aparentemente, fazê-la pensar que eu iria a assediar.

Uma das ideias mais ridículas de todas.

Eu tinha acabado de entrar no The Green, adaptando-me às mudanças climáticas do local, quando percebi que ela não estava mais atrás de mim. Eu tive um momento curto de pânico, pensando que havia perdido ela de algum modo, antes de perceber que ela devia ter trazido alguma coisa que não deveria.

Eu saí do The Green, e ao receber imagens de ursos em minha cabeça eu percebi que ela estava tendo algum tipo de ataque de pânico pensando em ser atacada.

Os ursos eram a menor das suas preocupações.

Eu arranquei o celular dela e a levantei, sem perder tempo puxando-a através da barreira. Eu sabia que ela conseguiria entrar. Eu tinha um pressentimento sobre ela e raramente eu errava nesse tipo de coisa.

Como sempre, o The Green se separou facilmente para mim. Mas, para minha surpresa, ele praticamente abriu totalmente para ela passar.

Sob o meu aperto sua pele estava fria e seu corpo rígido. Eu nem tinha pensado que ela não conseguia ver tão facilmente quanto eu. Mas, claro, ela estava andando com seu braço livre esticado como

se tentasse sentir o que tinha ao seu redor.

Ela estava me atrasando. Não sei o que diabos eu estava pensando quando decidi trazê-la. Obviamente, ela não tinha ideia do que estava acontecendo e eu não era o tipo de cara que iria segurar suas mãos e fazer revelações que mudariam completamente sua forma de ver a vida. Mas Jade estava desaparecida. O apartamento saqueado. E, se eu não estava enganado, e com certeza não estava, o ar no apartamento cheirava como fae das Trevas e não tinha sangue-frio o suficiente para deixá-la sozinha para se defender.

Eu balancei minha cabeça. Agora já estava feito. Ela estava lá comigo. E era tarde demais para voltar e de jeito nenhum a deixaria sozinha no The Green, onde algo e qualquer coisa poderia chegar até ela e ela não saberia o que fazer. Eu não sabia merda nenhuma sobre essa mulher, mas Jade deve ter gostado dela baseado na quantidade insana de pedras que ela havia espalhado no quarto da garota. E bem, saber o quanto ela se importava com minha irmã e seu bem-estar também não me incomodou.

Eu senti meu braço sendo puxado para trás, virando-me para encontrá-la olhando diretamente para mim, mesmo sem poder me ver.

— O que? — eu exigi, me encolhendo um pouco ao perceber o quão rude eu parecia.

— Eu não sei o que está acontecendo aqui, mas de repente está quente como o inferno, — ela me disse com sua voz sexy. E, com certeza, quando eu a observei, vi que o suor cobria levemente sua testa enquanto ela se mexia desconfortavelmente em sua jaqueta de lã. Eu a soltei e ela rapidamente tirou a jaqueta, jogando-a no chão e se abanou. Ela levantou seus cabelos grossos antes grudados de suor em seu pescoço. — Maldito aquecimento global, — ela murmurou para si mesma.

— Temos que continuar.

— Mas estamos andando por uma eternidade, — ela reclamou, flexionando os pés dentro dos mocassins.

— E ainda temos muito mais caminho a percorrer, — eu disse, agarrando seu pulso e começando a andar.

Ela permaneceu silenciosa por longos minutos, sua frustração

crescendo a cada momento antes de finalmente puxar seu pulso e declarar: — Você poderia pelo menos me dizer para onde estamos indo?

— Eu não tenho certeza, — admiti, a falta de conhecimento me fazendo sentir completamente inútil.

— Você não sabe? — ela gritou, sua voz ficando um pouco histérica. — Mas você vai continuar me arrastando por aí sem rumo.

—

— Sim, — eu disse, sem dar mais explicações e desacelerando o passo.

O sol tinha começado a nascer, lançando na floresta um estranho brilho laranja, quando senti as emoções dela fortes o suficiente para engasgar. Eu me virei, liberando a mão dela. — Tudo bem. Vamos parar para que você possa descansar um pouco. Eu vou encontrar algo que possamos comer, , — eu disse, sem querer perder tempo, mas sabendo que seríamos inúteis se não comêssemos algo. — Você fica aqui, — eu disse, me afastando, e em seguida voltando e dizendo, de modo mais firme — Fique. Aqui.



Cece

Eu o observei se afastar, depois olhei ao redor da floresta sem encontrar nenhuma clareira, sem ver o fim do dossel das árvores. Não havia prédios, nem possíveis locais para acampar. Não havia nada. Mesmo se decidisse que estava farta daquele idiota ranzinza, não tinha ideia de por quanto tempo havíamos andado, ou onde estávamos, ou a que distância da civilização. Com a sorte que eu tinha, e péssimo senso de direção, eu acabaria morta por desidratação antes mesmo de chegar na metade do caminho de volta para a cidade.

Sentei-me e fiquei batendo nervosamente meus pés doloridos no chão enquanto esperava. O tempo passou. Mais do que eu pensei que deveria ter passado, mas, novamente, era difícil ter certeza disso

sem meu celular. Era ridículo o quão dependente eu me tornara daquele estúpido computador de bolso para tudo: tempo, clima, direções. Eu era apenas uma inútil sem ele.

Nervosa e sem nada para direcionar minha energia, comecei a contar lentamente até 60 várias e várias vezes, traçando uma linha na terra do chão cada vez que eu chegava a sessenta. Eu tinha vinte marcas desenhadas quando ouvi pela primeira vez. Estava distante no começo, apenas um som suave no vento. Não era um som que eu consegui identificar. Não eram passos ou folhas. Mas era doce, um som musical. Fiquei em pé, pensando que Jasper não ficaria chateado se eu vagasse apenas alguns metros para tentar encontrar o som, e o segui até onde começou a soar mais alto.

Enquanto isso, sentia os pesos do medo e da preocupação começarem a desaparecer lentamente, substituídos por um sentimento leve e feliz, caloroso e por uma estranha sensação de tontura. Quando me aproximei o som ficou mais nítido e pude identificá-lo como uma espécie de instrumento de sopro - uma flauta ou clarinete, algo familiar, mas não tanto.

Continuei seguindo o som, sem ideia do quanto eu tinha andado enquanto as notas pareciam vibrar através da minha pele e dentro de mim, me preenchendo.

A floresta se dividiu em uma pequena clareira.

O som era alto, quase ensurdecedor, bloqueando quaisquer outros sons da floresta, entrando pelos meus ouvidos e passando por todo o meu corpo até que cada centímetro meu pareceu vibrar, antes de sair pelos meus dedos. Repetidamente.

E então eu vi.

A fonte da música.

A pequena, pensante e racional parte do meu cérebro que não estava completamente consumida pela música, me obrigou a firmar meus pés no chão, a parar de andar.

Eu precisava me virar. Precisava encontrar Jasper. Precisava *correr*. Porque algo estava seriamente errado comigo.

Porque o que eu vi no centro da clareira era um homem. Era tipo um homem. Ele tinha a cabeça e o peito de homem, a pele

brilhando um pouco com o suor. Seus longos cabelos castanhos claros caíam pelas costas. Seus braços fortes e musculosos estavam erguidos, um num ângulo de 90 graus e outro 45 graus, segurando uma flauta de madeira clara, seus dedos ágeis se movendo lentamente, criando o som hipnótico que vibrava através de minha pele, dos meus nervos e pela minha corrente sanguínea

Mas não era isso que estava errado.

O que havia de errado era que, logo abaixo de sua caixa torácica, o seu corpo estava coberto de cabelo. Não. Não era cabelo, eram pelos. Ele era peludo. Tinha quatro pernas com cascos, e Jesus Cristo, um rabo. Ele tinha um rabo.

Minhas mãos foram até meu rosto, esfregando meus olhos, tentando limpá-los, tentando acreditar que aquilo era apenas uma alucinação causada pela fome, desidratação e falta de sono. Mas quando abaixei minhas mãos, ele ainda estava lá.

Sua cabeça se inclinou um pouco, como se estivesse ciente de minha presença, e eu vi dois pequenos chifres saindo de sua testa enquanto a música ficava mais baixa, mais melancólica. E juro que ela pediu que eu me aproximasse. Me pediu para andar e meus pés se moveram sem que eu o quisesse.

Estiquei meus braços, agarrando os galhos das árvores enquanto passava por eles, tentando me segurar. Mas a parte da minha mente que ainda estava funcionando corretamente começou a cantarolar junto com a música e começou a cair no seu feitiço.

Meu corpo estava corado, quente, diferente. Sensível. Cada centímetro da minha pele parecia sensível, mais perceptiva. O vento soprava e vibrava através de mim, me fazendo doer por mais. Minha respiração ficou superficial enquanto um latejar profundo e intenso começou entre as minhas pernas, me fazendo desejar me tocar, querer nada mais do que deslizar as mãos por baixo da minha saia e para dentro da minha calcinha e aliviar essa dor. Meu vestido parecia me dar coceira enquanto meus pés continuavam leves me carregando em direção à música, e eu alcancei as alças do vestido para começar a deslizá-las dos meus ombros, precisando tirar isso, precisando sentir o ar em minha pele nua, precisando ter meu corpo livre de qualquer

barreira.

Eu olhei para o lindo músico, necessitando que ele me tocasse, que seus olhos se erguessem até os meus, precisando disso como eu preciso respirar, precisando sentir seus dedos deslizarem pela minha fenda e me aliviar daquele tormento.

Minha mão segurou meu vestido em volta da minha cintura enquanto a outra estava estendida perto o suficiente para o tocar. Minha palma encostou em suas costas, sentindo seu pelo macio e o acariciando, em seguida me inclinei para frente e apoiei minha bochecha contra ele, sentindo seus pelos fazerem cócegas em meus seios expostos. Levantei minha cabeça quando a música parou e eu soube. Eu soube que finalmente conseguiria o que precisava.

Ele iria olhar para mim.



Jasper

Lentamente voltei para a clareira, aproveitando a solidão, aliviado por ter uma pausa do ataque dos pensamentos e sentimentos dela. Ela era como uma bola constante de nervosismo, medo, frustração, e irritação. Parecia que cada segundo da vida dela, ela estava surtando internamente sobre algo. Deveria ser muito exaustivo viver assim. Inferno, eu estava com ela por apenas algumas horas e me sentia drenado e exausto.

Voltei para onde eu havia deixado Cece, minha camisa levantada para criar uma pequena cesta para os mirtilos e cogumelos que havia conseguido encontrar e não a vi. Eu não surtei no começo, achando que ela teria saído de perto para fazer xixi ou algo assim. Coloquei a comida em uma madeira ao lado das marcas estranhas no chão, movendo-me para sentar.

Mas em seguida eu ouvi.

Não parecia nada no começo, apenas um sussurro ao vento.

E por um longo minuto eu nem mesmo reconheci o que era.

Até que o fiz.

Era uma flauta.

E então eu comecei a correr.

A culpa cresceu em mim de modo avassalador enquanto eu atravessava a floresta, o som ficando cada vez mais alto. Isso não me enfeitiçou, não do jeito que deve tê-la enfeitiçado. Porque eu era um homem isso não me chamou atenção. Não confundiu meu cérebro. Mas teria chamado Cece. Teria forçado ela a segui-lo, a cair na armadilha antes mesmo que pudesse pensar em resistir. Não que ela pudesse resistir, uma vez que ela não tinha noção alguma do que uma flauta no The Green significava realmente.

Eu entrei na clareira quando a música atingiu um pico, encontrando Cece de costas para mim, nua da cintura para cima, seu corpo encostado apaixonadamente na criatura.

E então a criatura se moveu, sua metade humana virando em direção a ela, seu olhar baixo.

Se ele a olhasse...se encontra-se o olhar dela, seria tarde demais.

— Porra, — eu rosnei, correndo pela clareira. Seus olhos começaram a se afastar lentamente da flauta enquanto minha mão cobria os olhos de Cece. Meu outro braço em volta dela, agarrando-a com força e a arrastando para trás enquanto ela lutava inicialmente, e foi quando a música atingiu um pico vertiginoso que eu sabia que iria atravessar o corpo dela como um orgasmo.

E então isso aconteceu, fazendo-a desmoronar contra mim com um gemido rouco que, apesar da situação de merda, eu juro que senti no meu pau.

Eu consegui chegar a ela bem a tempo.

Mas eu tinha certeza de que ela não veria as coisas desse modo.



Cece

Meus sentidos voltaram repentinamente. Havia uma mão sobre os meus olhos e um braço em volta de mim, logo abaixo dos meus seios nus. Um corpo duro masculino estava atrás de mim, me arrastando levemente para trás. Meu corpo parecia estranho, formigando, saciado. Como após um orgasmo.

E então. — Oh, Deus, — eu gemi, percebendo que fora exatamente isso que aconteceu.

— Dê o fora daqui, — a voz de Jasper disse atrás de mim, sua voz áspera como se ele estivesse apertando sua mandíbula. — Ela não é sua, — acrescentou, e eu ouvi um estranho som de suspiro e arrastado de pés como se alguém estivesse se afastando. — Respire, — a voz de Jasper disse no meu ouvido, soando um pouco sem ar, como se ele tivesse corrido. Corrido para o que? Para me salvar? Depois de me deixar sozinha, desprotegida na floresta para que uma criatura me...levasse?

Eu me senti bufar, lutando com força contra o seu aperto. Eu precisava que ele me soltasse. Precisava colocar meu vestido de volta. Precisava encontrar um bom lugar para morrer e afundar em completo choque.

— Me solta, — exigi, minha voz um pouco trêmula, porém alta e firme.

A mão de Jasper caiu dos meus olhos e ambas se moveram para segurar as alças do meu vestido, puxando-as para cima sobre a minha pele sensível, cobrindo meus seios e depois parando para que eu pudesse deslizar meus braços nos buracos novamente. Assim que terminei de me vestir eu me afastei dele, virando para encará-lo.

— Mas que porra está acontecendo? — exigi, talvez querendo a verdade, ou talvez apenas esperando que ele mentisse para mim.

Com essa pergunta Jasper apenas deu de ombros casualmente. — Você quase se tornou uma escrava sexual de um fauno.

Fechei os olhos com força, querendo encontrar algum tipo de explicação racional: fome, exaustão, gás venenoso, qualquer coisa. Mas eu tinha sentido o pelo macio e rígido embaixo de mim. Eu tinha ouvido a música com meus ouvidos. Eu o tinha visto. Eu o senti

deslizar dentro de mim de uma maneira quase sexual, algo que de algum modo me levou ao orgasmo.

Eu não estava tendo alucinações. Logo, precisava de respostas.

E Jasper, infelizmente, era minha única fonte para isso.

— Desculpa, o que? — eu perguntei, abrindo meus olhos com uma inspiração profunda. Jasper assentiu um pouco como se entendesse minha confusão, mas suas palavras saíram impacientes quando ele respondeu. — Era um fauno. Eles são metade humanos e metade fae. Eles atraem as mulheres com sua música.

Respirei fundo, tentando ser mente aberta. Fae? Como nas fadas? Como nas criaturas míticas do mal? Isso era totalmente e completamente loucura.

Mas quando olhei por cima do ombro para onde o fauno estivera, eu sabia que sem dúvida era verdade.

— Continue, — resmunguei.

— A música deles deixa as mulheres...com tesão. Literalmente, — ele disse e eu poderia jurar que ouvi um toque de humor em sua voz. — ficam fisicamente com calor. E também...excitadas.

Meu Deus. Eu queria que o chão se abrisse para me engolir bem ali. Porque foi exatamente isso que aconteceu. E na hora não parecia estranho. Parecia natural. Parecia como respirar. Eu me senti incrível. Mas enquanto estava lá com Jasper tudo o que aconteceu caiu sobre mim.

Eu fiquei excitada com a porra de um bode.

Bem, tecnicamente ele era metade-bode, mas ainda assim. Havia definitivamente partes de bode ali. Jesus Cristo.

— Você não poderia ter evitado, — Jasper disse como se sentisse meu constrangimento e quisesse me acalmar. — É a música. Coloca você em transe e te atrai até ele, faz você sentir-se bem para que ele possa fazer você chegar perto dele. E então quando ele tem você...

— Diga-me, — exigi, precisando saber o que teria acontecido comigo se ele não tivesse aparecido a tempo.

— Quando ele tem você, a música pulsa através de você até você gozar, — ele continuou, sem um pinga de constrangimento em

trazer à tona meu orgasmo. — Então ele ergue os olhos. E quando ele olha para você, você é dele. Tudo seu que é normal e humano desaparece. Você não se sente ou pensa mais como faria normalmente. Você se torna um brinquedo sexual dele.

— Porra, — eu disse, balançando a cabeça. Um brinquedo sexual para um bode. Com partes de bode. Isso era tão inacreditavelmente nojento que senti a bile subir na minha garganta e quase engasguei com ela.

E novamente, fodam-se os homens. De todas as espécies. Cada um deles.

Suspirei forte, olhando para Jasper e sabendo que eu lhe devia gratidão, mas odiando esse fato. — Obrigada, — eu disse, sem parecer que realmente queria dizer isso.

Jasper não pareceu ligar e deu de ombros. — Vamos lá, vamos comer alguma coisa. Vai ser um dia infernal, já posso dizer, — disse enquanto se virava e voltava pelo mesmo caminho que havíamos vindo.

Alguns minutos depois, nós dois sentados no chão, coloquei algumas frutas na minha boca, estremecendo um pouco pelo sabor amargo.

— Aqui, — Jasper disse, estendendo os cogumelos para mim, os quais encarei duvidosamente. — Eles não tem um sabor muito bom, mas têm proteína e precisamos de tudo o que podemos comer, — ele disse colocando um na boca.

Peguei-os e os segurei contra a luz. — Você sabia que os cogumelos assemelham-se mais à carne em sua composição do que às plantas? — perguntei enquanto comia um, mastigando rápido e engolindo antes de sentir o gosto.

— Eu não sabia, — Jasper disse. O silêncio se estendeu enquanto tomávamos nosso pequeno café da manhã, até que Jasper disse de repente — Você realmente não tem perguntas para mim?

Eu sabia que deveria ter. Realmente, quando alguém tem um orgasmo induzido pela música de uma flauta de uma criatura meio-humana e meio-bode, ela costuma ter perguntas para fazer. Mas meu cérebro levou vinte minutos para enlouquecer e aceitar que todas

aquelas histórias que eu tinha visto em filmes, ou lido em livros, eram todas reais.

— Acho que não há muito o que perguntar. Esse The Green é tipo...um tipo de terra das fadas. Onde as criaturas que eu pensava que eram apenas fruto da imaginação de escritores são reais. Não há muito o que perguntar.

— Essa é...uma maneira interessante de ver as coisas, — Jasper disse um pouco cauteloso.

— E você...você também é uma fada. — Eu declarei, fazendo Jasper bufar alto.

— Eu sou um fae, e não uma fada. Eu não tenho quinze centímetro de altura e asas.

Assenti enquanto pegava as três últimas das seis frutas restantes, sabendo que não iriam impedir meu estômago de roncar até o almoço, mas sabendo que não havia mais nada além disso. — E Jade também. —

— Sim, Jade também.

— Foi assim que você soube que ela estava no The Green então? Ela gosta de fugir para cá ou algo assim?

— Não, — Jasper disse, parecendo cauteloso. — Ela nunca voltaria para cá por vontade própria.

Meu olhar disparou, olhando para ele com curiosidade. — Por quê? — perguntei. Ele não respondeu, e me levantei junto com ele. — Então ela está aqui contra a sua vontade, — eu disse, sentindo meu coração apertar com a ideia. Ela se tornou algum tipo de escrava? Será que ela caiu nas mãos de uma coisa metade-humana e não conseguiu fugir, ou não conseguia lembrar que deveria querer fugir?

— Sim, — ele disse, virando-se e começando a andar. — E é melhor a gente encontrá-la antes que seja muito tarde.

E então caminhamos. Em um completo e absoluto silêncio. Horas devem ter se passado e os músculos da minha coxa reclamavam a cada passo dado. Quanto mais andávamos, mais quente ficava, mais úmido também, até que cada centímetro de mim estava pegajoso de suor, até que percebi que havia um ecossistema totalmente diferente do que eu conhecia, com seu próprio clima, alimentos e criaturas. No

meu mundo normal era outono. No The Green, era o pior momento do verão.

Jasper parou subitamente, olhando em volta e eu me inclinei para pegar o morango vermelho perfeito que eu vi largado em um pequeno arbusto do meu lado. Minha barriga roncou com força quando o levei até a boca.

— Não! — Jasper gritou, agarrando meu pulso com força e puxando-o para longe. Ele pegou o morango e o jogou para longe.

— Cristo, era apenas um morango, — eu reclamei, colocando a mão sobre a barriga.

— Nada aqui é "apenas" alguma coisa, — Jasper retrucou, soando exasperado, como se eu já devesse saber disso. Ele olhou para mim por um longo segundo e suspirou. — Olha, — ele disse, com a voz mais razoável, — Aqui você não pode comer ou beber nada que eu não tenha te dado.

— Por que não?

— Por que você não pode confiar no que é fae.

— Mas você é um fae.

— Certo, — Jasper disse, revirando os olhos. — Mas você pode confiar em mim. Mas apenas em mim, entendeu?

Eu realmente queria dizer algo sarcástico, mas o fato era que ele era o motivo de eu não ser uma concubina sem cérebro e de eu não ter morrido por conta de um morango possivelmente envenenado. — Deixa comigo.

— E não saia atrás de nada, — acrescentou depois de um tempo. — Você não pode confiar em nada que você veja aqui. Alguns faes podem parecer o que quiserem. Eles podem chorar como crianças perdidas ou assumir a forma de animais machucados. Você precisa olhar para longe e continuar se movendo; eles tentarão atraí-la.

— Tudo bem. Então se eu não cair em armadilhas ficarei bem. — Eu disse um pouco atrevida, embora por dentro eu sentisse que meu estômago estava se revirando.

— Não, — ele disse, pegando meu olhar e segurando-o. — Não existe segurança aqui. Mas se você ficar perto de mim, talvez conseguiremos sair daqui.

Com isso, ele se virou e começou a andar novamente, me deixando engasgando. *Talvez? Nós talvez conseguiremos sair daqui?*

Andei mais rápido para alcançá-lo e fiquei um pouco mais perto dele do que antes, mais perto do que eu realmente queria estar.

Começamos a subir uma colina íngreme, meus músculos da perna ardendo e foi quando percebi o quão sedentária era a minha vida. Eu me sentava em uma mesa no trabalho. Ia para casa e andava pelo apartamento com Jade. Eu nem tinha certeza da última vez que tinha ido a uma academia ou feito uma longa caminhada. Na minha frente, Jasper continuou subindo sem esforço, sem dúvida acostumado a algum tipo de atividade física regular, e o seu corpo magro e forte era uma prova disso.

— Hum, nós temos algum tipo de solução para a situação de falta de água que está acontecendo? — Eu perguntei, minha boca parecendo uma lixa e o ar ia ficando ainda mais quente enquanto nos movíamos.

Jasper parou de repente e se virou, olhando para mim por um longo segundo. — Oh, — ele disse, as franzindo sobranceiras como se ele, de alguma forma, não estivesse prestes a morrer de sede também. — Se andarmos por esse caminho, — disse ele, virando à direita, — atingiremos um riacho. Podemos segui-lo por um tempo.

— Ótimo, — eu disse, seguindo-o, me perguntando por que diabos nós não estávamos seguindo o riacho até agora. Aparentemente, Jasper não era o mais inteligente da floresta. E então a imagem de um pequeno Jasper surgiu na minha mente com asas brancas e uma pequena fralda tipo Gandhi, me fazendo morder meus lábios para não sorrir.

— Oh, pelo amor de Deus, — Jasper resmungou na minha frente.

Alguns minutos depois, nos deparamos com o riacho. Caí de joelhos em cima de um tronco caído e bebi avidamente, enquanto Jasper bebia um pouco e se afastava alguns metros, mais uma vez encarando a distância.

Senti pequenas gotas de água atingindo meu rosto, mas não consegui ver nada. — O que está fazendo a água espirrar na minha

cara? — Eu me perguntei em voz alta, fazendo Jasper se virar e olhar para mim por um minuto.

Em seguida ele se abaixou, agarrou meu braço e me puxou para que eu me levantasse. — Vamos nos manter especialmente afastados das faes da água, ok? Você não me parece exatamente uma boa nadadora.

— Aqui tem apenas quinze centímetros de água, — reclamei.

Ele não me respondeu e eu continuei seguindo-o, sempre beirando o riacho. — Você tem alguma ideia de onde Jade está? — Perguntei um tempo depois, tentando com todas as minhas forças ignorar a sensação de queimação das bolhas se formando em meus pés.

— Ela pode estar em um milhão de lugares, — ele disse, não fazendo nada para diminuir minha preocupação. — Mas acho que ela provavelmente está com a nossa família.

— Oh, bem ... isso é uma coisa boa, não é? — Eu perguntei, sem saber nada sobre a família deles. Jade não falava sobre eles. Na verdade, eu nem sabia que ela tinha um irmão, muito menos um irmão gêmeo, até que ele apareceu. Não que Jade fosse uma pessoa de manter segredos. Longe disso, mas família apenas não era um tópico que surgia com frequência. Talvez isso fosse culpa minha, já que eu nunca queria falar sobre a minha, uma vez que eu não tinha a melhor relação possível com eles.

— Não, — Jasper disse, seu tom cortante, parando ali a conversa. Depois disso voltamos ao silêncio. E andamos. E andamos. E andamos pra caralho. Até que cada centímetro de mim estivesse suado e dolorido. Até que meus pés latejavam com dor suficiente para fazer com que lágrimas brotassem nos meus olhos. Mortificada, parei de andar e me afastei de Jasper para esfregar meus olhos.

Eu não dormia há dois dias. Estava exausta, com calor e com dor.

E tinha aguentado o máximo possível por Jade, mas eu só...precisava de alguns minutos. Precisava sentar e descansar, comer e me refrescar.

Ouvi Jasper parar e depois se mover em minha direção,

parando atrás das minhas costas, enquanto eu fungava vergonhosamente.

— Nós vamos parar por um dia. Está escurecendo. Não vamos fazer muito mais progresso do que isso. Mas eu preciso ir atrás de mais comida para nós. Eu não acho que você deva ficar sozinha.

— Eu não posso mais andar, — eu me opus. — Prometo que se eu ouvir música de novo eu enfio meus dedos nos ouvidos e vou cantar até você voltar.

Jasper parou como se estivesse avaliando esse plano. — Tudo bem. Mas fique longe da água.

E com isso, ele se afastou.

Eu tive alguns momentos agradavelmente livre do fae para me afundar na minha miséria, até que vi Jasper retornar com um suprimento de amoras, nozes e algumas outras bagas pequenas que eu não sabia o que eram.

— É juniper, — Jasper respondeu à pergunta nos meus olhos enquanto eu pegava uma.

— E, hum, dentes de leão? — Eu perguntei.

— As folhas são boas para você e você pode comer as raízes cozidas. Elas são ricas em vitamina A e C.

— Você é como um guia de sobrevivência, — eu disse enquanto jogava algumas folhas na boca junto com um punhado de amoras na esperança de que elas cortassem o sabor do dente-de-leão.

— Eu cresci no The Green, — ele disse casualmente, não comendo mais do que algumas nozes. Eu me perguntei se ele havia se alimentado enquanto procurava a comida. Não tinha como ele não estar com fome.

— Falta quanto tempo até chegarmos à sua família?

Jasper parou no meio do movimento de levantar uma pedra para esmagar as nozes. — Mais um dia, se mantivermos o mesmo ritmo de hoje. Mas chegaremos em uma área mais...povoada amanhã. Vá em frente, pode comer, — disse ele, enquanto me observava olhar para as últimas amoras. — Eu não estou com fome.

— Então, nós vamos ver mais...criaturas?

— Nem todos os faes são metade animais. Muitos de nós

parecem humanos. Ou quase humanos.

— Como você e Jade.

— Exatamente.

— Então...o que faz de vocês faes? Vocês tem algum tipo de... superpoder ou algo assim?

— Alguns de nós tem. Alguns se transformam em outras criaturas, como os selkies e os kelpies. A maioria os faes da água se transforma, — ele diz e eu me viro para olhar o riacho, agora um pouco desconfiada. — Outros têm sentidos ou habilidades.

— O que você tem? — Eu soltei sem pensar. E, a julgar pela maneira como seus olhos se estreitaram um pouco, perguntar isso era no mínimo inapropriado.

— Alguns de nós, como Jade e eu, têm a força das pedras que inspiraram nossos nomes. Eu sinto coisas, principalmente emoções. Às vezes vejo imagens associadas a emoções fortes. — Seu sorriso ficou um pouco perverso quando ele acrescentou: — Como ursos atacando pessoas na floresta.

Então ele consegue sentir o que eu estava sentindo? Parecia uma invasão grosseira de privacidade. Eu tinha certeza de que ele não podia evitar, mas isso não me fez sentir menos exposta ao seu redor. Inferno, ele provavelmente passou o dia todo sentindo o meu desdém em relação a ele. Não que fosse minha culpa ele ser tão fácil de não gostar, mas ainda assim.

— Isso é tudo? — Perguntei para tentar esconder o meu desconforto com a revelação dele.

— Não, — ele disse, levantando-se de repente e imaginei que nossa conversa tinha acabado — Você vai dormir nesse pedaço de musgo? — ele perguntou, gesticulando em minha direção. Quando assenti, ele concordou e sentou-se contra uma árvore. — Eu vou dormir aqui.

E então... ele só dormiu.

Ele dormiu sentado...contra uma árvore. Que aberração.

Quero dizer, não que eu tivesse o direito de julgar. Na verdade estava com um pouco de inveja. Eu e o sono não nos damos muito bem. Nós nunca nos demos bem. Não que eu não quisesse ter uma boa

noite de descanso, mas normalmente eu era atormentada por pesadelos todas as noites. E não importava quantas vezes eu os tivesse, ainda acordava aterrorizada. Então, no geral, não dormia muito e, quando dormia, era um sono quebrado. Além de que eu geralmente tinha que dormir com a luz acesa.

Mas na floresta esse luxo não era uma opção.

Abaixei-me no musgo macio e forcei meus olhos a fecharem, tentando bloquear o som incrivelmente estridente e assustador que vinha de longe. O som não prendia a minha atenção como a música fizera, mas me fez sentir gelada, mesmo com esse calor insuportável. Eu tremia enquanto tentava ignorar o barulho.

Finalmente a exaustão cobriu o meu corpo dolorido e eu adormeci. Estava sempre tão frio. O tipo de frio que deslizava sob sua pele e o congelava até os ossos, fazendo você pensar que nunca mais se sentiria quente de novo. Em seguida, é claro, os barulhos começaram. O som de choro e gemidos de dor vinham de longe. E então vieram as vozes sibilantes e zombadoras ao meu redor.

Eu tremi e os rostos se tornaram mais nítidos.

Eles eram pálidos, pálidos a ponto de parecerem doentes, gerando quase um tom cinza na pele sob seus longos, escuros e sujos cabelos pretos.

Mas essas não eram as coisas mais assustadoras sobre eles.

Não, o mais assustador era que o topo de suas cabeças tinha um tom de vermelho vívido, brilhante e inconfundível.

— Ela é poderosa como o nosso mestre, — um deles sibilou.

Em seguida ele estendeu um dedo impossivelmente comprido e o cravou na minha barriga.

Um grito saiu de mim, dolorido e histérico.

Mas a voz não era a minha; era a voz de um bebê.



Eu acordei gritando, o som ecoando pela floresta. Meu coração batia forte no meu peito, minha garganta estava seca, cada centímetro da minha pele parecia eletrizada, zumbido de modo desconfortável.

Esse sonho de novo.

Eu não tinha ideia do que se tratava esse sonho.

Sempre que eu acordava dele era como se meu cérebro ficasse confuso e limpasse as imagens.

— Hey, — a voz de Jasper chegou até mim, rouca de sono. — Abra seus olhos, — ele disse e eu percebi que estava próximo a mim; Eu realmente podia sentir o calor do corpo dele contra o meu. E então sua mão pousou na minha testa por um momento, como se estivesse verificando se eu estava febril. — Está tudo bem. Você está segura, — ele disse e foi então que percebi que ainda estava choramingando e calei a boca, abrindo meus olhos para encontrá-lo me observando, a preocupação clara em seu rosto.

Balancei minha cabeça. — Eu tenho pesadelos, — expliquei, pressionando minha mão sobre o meu peito e sentindo meu coração batendo forte. Foi então que ouvi novamente, os gritos vindos de longe. — O que é isso?

— O que é o que? — ele perguntou, em seguida parou e ouviu por um momento. — Isso é uma banshee, — ele disse com calma.

— Uma banshee? — Eu perguntei, sem compreender.

— Sim. Elas são mulheres faes e gritam.

— Por que elas gritam? — Eu perguntei, o som angustiante me fazendo estremecer novamente.

Jasper suspirou como se não quisesse me contar, mas foi em frente e falou mesmo assim. — Porque alguém vai morrer. — E, após dizer isso, ele se abaixou lentamente no chão, estendendo-se ao meu lado e olhando para o dossel das árvores. — Elas causam pesadelos para as pessoas que as ouvem, pesadelos realmente terríveis. — Eu lutei contra o desejo de dizer a ele que os pesadelos não tinham nada a ver com a banshee. Enquanto eu o observava ele enfiou um braço embaixo da cabeça e se virou para olhar para mim, seus olhos claros parecendo quase prateados na escuridão. — Lembra quando eu falei sobre minhas habilidades mais cedo?

— Sim.

— Eu tenho essa coisa de sentir emoções. Isso é hereditário. Eu peguei do meu pai. Mas com o nome de Jasper, eu também adquiri coragem, independência, consigo ver no escuro e ...

— E, — indaguei quando ele fez uma pausa, seu olhar intenso fixo em mim, me deixando tensa.

— Posso acalmar os terrores noturnos, — disse ele. Quando não mostrei nenhum sinal de que tinha entendido, porque eu realmente não entendi, ele continuou: — Eu consigo tirar pesadelos.

— Oh, tudo bem, — eu disse, franzindo minhas sobrancelhas, sentindo que havia algo que ele não estava me dizendo.

— Há um problema.

— Claro que há, — eu disse, sorrindo um pouco sem humor.

— Você precisa estar me tocando para isso funcionar, — ele disse, movendo seu braço livre e batendo com a mão no seu peito duas vezes como se estivesse me convidando para me encostar lá.

Normalmente, teria preferido ter pesadelos do que fazer isso. Mas eu estava exausta. E sabia que se caísse no sono de novo os pesadelos voltariam. Respirei fundo e me movi lentamente, hesitante, como se eu pudesse descansar minha cabeça em seu peito sem que ele percebesse. Minha cabeça pousou em seu peito, e consegui escutar seus batimentos cardíacos lentos e constantes e, de alguma forma, tranquilizadores. Cuidadosamente, eu aproximei todo o meu corpo dele.

E, bem, eu tinha que admitir, era mais confortável dormir assim do que no chão duro.

Minutos se passaram, seu corpo completamente imóvel embaixo de mim, sua respiração sempre lenta e constante.

Eu tinha certeza de que ele estava dormindo profundamente até que senti o braço dele se erguer, abraçar minha cintura e me puxar mais apertado contra seu peito. Com minha parte superior do corpo agora sobre ele, eu realmente não tinha outra escolha a não ser levantar minha perna e envolvê-la ao redor de seus quadris.

E não havia de forma alguma, não mesmo, um calor na minha barriga e mais abaixo por conta desse contato. Não. Definitivamente, eu não estava nem um pouco excitada. Nem um pouco. E eu também não estava absolutamente ansiosa por conta de toda essa situação.

Oh Deus.

Ele podia sentir as coisas.

Ele podia sentir aquela pequena onda irracional de desejo? Jesus, isso era...

E então, devagar, quase com delicadeza, como se fossem carinhosamente apagados, os meus medos, a minha insegurança e confusão, e até o meu desejo foram desaparecendo.

Naquele momento, eu tinha certeza absoluta de que ele havia sentido tudo. Ele sentiu tudo e depois aliviou o fardo desses sentimentos de mim. Sabia que deveria ter me sentido zangada, violada e chateada. Mas não me sentia assim. Talvez eu não pudesse, mesmo se quisesse.

Tudo parecia pacífico, confortável, fácil.

Então, respirei fundo e me aconcheguei mais um pouco e caí lentamente em um sono sem sonhos.

QUATRO

Cece

— Bem, isso não é aconchegante? — uma voz desconhecida me assustou.

Meus olhos abriram e eu imediatamente tentei me sentar, mas fui impedida pelos braços de Jasper.

— Hey Doyle, — Jasper disse, parecendo bem acordado e fiquei imaginando quanto tempo eu tinha passado desmaiada em cima dele enquanto ele apenas ficou lá deitado encarando o céu por entre as árvores.

Mas...Doyle.

Esse não era um nome muito comum.

Então, realmente, esse tinha que ser o bastardo trapaceiro.

— Ok, me deixe sentar. — Eu exigi, me empurrando contra o aperto de Jasper até que ele me soltou. Eu me sentei e reajuste as alças do meu vestido enquanto Jasper também se sentava e o homem em questão, Doyle, se agachava perto de nós.

— A propósito, de nada, — Jasper disse e Doyle riu, fazendo meu rosto esquentar um pouco. Havia em suas palavras uma forte insinuação sexual e Doyle acreditou nela.

Homens.

— Jasp, — disse Doyle, acenando com a cabeça para ele. — Garota nova, — ele me disse.

— Cece, — respondi imediatamente.

Sua cabeça se inclinou e seu rosto se iluminou com um sorriso genuíno, o que fez com que seu rosto ficasse ainda mais pecaminosamente belo. Seus olhos e cabelos eram escuros e, enquanto Jasper tinha um tipo mais discreto de força, Doyle tinha um corpo tipo visivelmente forte, com ombros largos, pernas grossas como troncos de árvores e braços gigantes. É verdade que ele era realmente bonito,

mas eu não conseguia imaginá-lo com a delicada e fofa Jade.

— Celestine, — ele me surpreendeu ao dizer isso, tornando dolorosamente óbvio que ele e Jade tinham entrado em contato recentemente. Mesmo sabendo que Jade não sentia o mesmo tipo de raiva que eu sentia por ter sido traída, não imaginei que ela ainda falasse com esse idiota.

Ao ouvir meu nome, Jasper recuou, seu olhar encontrando o meu e ele franziu as sobrancelhas.

— O que? — Eu perguntei.

— Celestine?

— Eu sei. Nome horrível, certo? — Eu disse com uma risada autodepreciativa.

Ele me ignorou completamente, e olhou para Doyle. — Que horas são?

— Um pouco depois das sete. Vocês já comeram? — ele perguntou e minha barriga escolheu esse momento para roncar e resmungar, causando uma risada calorosa de Doyle. Ele levantou a mão e tirou as alças da mochila dos ombros. — Vocês não se prepararam mesmo, hein? — ele perguntou, abrindo uma embalagem e espalhando uma variedade de frutas, legumes e um saco de nozes mistas no chão. Ele me entregou um canivete e, com muita fome para ser recatada, eu peguei e desesperadamente comecei a cortar a comida em pedaços.

E então Jasper apontou o queixo para Doyle e os dois homens se levantaram, afastando-se um metro ou mais enquanto eu comia.

— Você ouviu alguma coisa? — Doyle perguntou.

— Não. Não encontramos ninguém além de um fauno.

O olhar de Doyle encontrou o meu e ele me deu um sorriso. — Isso deve ter sido interessante.

— Foi quase, — Jasper respondeu. — Acho que a melhor aposta é procurá-la na casa dos nossos pais. Então, temos mais um dia antes de considerar outra ideia.

— Eu vou com vocês, — Doyle disse calmamente enquanto voltava para perto de mim e se sentava, pegando um punhado de nozes. — Como você está? Seus pés parecem doloridos.

Ele não estava errado. Eu havia tirado os malditos sapatos mocassins antes de dormir, com meus pés latejando, e esperava que eles doesse menos depois de um descanso. Mas isso não aconteceu. Na verdade, eles pareciam piores. E eu estava tentando para caramba não pensar nisso, já que aparentemente ainda tínhamos um outro dia inteiro de caminhada à nossa frente.

— O que? — Jasper perguntou de repente. — O que há de errado com os seus pés? — ele perguntou, caminhando para perto, se agachando, e puxando meu tornozelo para cima com força rapidamente, me fazendo gritar enquanto apoiava meus braços no chão atrás de mim para me impedir de cair para trás.

— Ele não tem boas maneiras na cama, — Doyle disse com simpatia enquanto Jasper inspecionava a parte inferior do meu pé.

— Por que você não me contou sobre isso ontem? — ele perguntou, seu polegar acariciando meu pé e me fazendo tremer um pouco.

— Nós realmente não tínhamos tempo a perder, — eu disse com um encolher de ombros.

Seus olhos encontraram os meus e eles pareciam arrependidos e agradecidos ao mesmo tempo. Ele soltou meu pé gentilmente e se levantou.

— Vou arranjar algo para colocar neles, — ele disse, olhando fixamente para Doyle.

— Eu vou ficar de olho nela. Nenhum fauno safado vai pegá-la hoje, — disse ele com uma piscadela que me fez dar uma risada.

— Certo, — Jasper disse, sua mandíbula subitamente apertada enquanto se afastava.

Sozinha, me concentrei em comer, encontrando-me confusa. Por um lado, eu queria odiar Doyle por Jade, já que ela não parecia capaz de fazer isso, mas, por outro lado, ele parecia alguém que era realmente agradável.

— Ele está de mau humor, — disse Doyle, chamando minha atenção.

— Jasper?

— Sim. Ele nem sempre age com um idiota. Ele é realmente

um cara legal, apenas esconde bem isso. Quero dizer, ele te salvou de um fauno ontem e eu presumo que você estava dormindo com ele porque você tem pesadelos.

— Sim, — eu resmunguei, entendendo seu argumento.

— Ele está preocupado com Jade. Os pais deles são realmente difíceis de lidar. É por isso que eles fugiram quando eram crianças. —

— Eles fugiram?

— Ops, — disse Doyle, fazendo uma careta de mentira. — Acho que eles não gostam muito de compartilhar essas informações. Mas sim. Se Jade estiver com eles ... — ele parou, seu rosto feliz se tornando tenso.

— Eu sei que vocês dois...namoraram, — eu disse hesitante, chamando sua atenção novamente. — Quando eu tentei te xingar, ela te defendeu.

— Isso parece com algo que ela faria, — ele reconheceu, em seguida se levantou como se estivesse desconfortável. — Vamos lá, vamos lavar esses pezinhos antes que Jasp volte.

Quando me levantei, ele realmente me pegou e me levantou do chão, fazendo-me ofegar e me agarrar a ele enquanto me levava até o riacho e me acomodava em uma pedra lisa para que eu pudesse mergulhar meus pés na água. Ele sentou-se a poucos metros de mim e eu podia sentir seu olhar, intenso o suficiente para eu que sacudisse meu cabelo para me esconder atrás dele.

— Por que fazer isso? — ele perguntou. — Você é gata. Não há razão para se esconder. Deixe isso claro, como eu faço, — ele disse, me fazendo bufar e sorrir. Ele realmente era encantador. Não é à toa que Jade se apaixonou por ele.

— Você é tão modesto.

— Entre minha longa lista de atributos positivos, a modéstia não é um deles. Quero dizer, eu sei que sou bonito e você sabe que eu sou bonito... — ele para de falar, me deixando com um sorriso enorme.

Alguns minutos depois um farfalhar chama a nossa atenção.

— Ah, falando do diabo... , — ele disse, levantando-se e saindo do caminho quando Jasper se aproximou e parou do meu lado,

estendendo uma pilha de folhas e dentes-de-leão. Ele pegou meu pé, de modo surpreendentemente gentil, e o levantou da água para apoiá-lo em sua coxa.

— Essa planta se chama milefólio, — ele me diz, me mostrando uma das folhas. — Cura feridas. Você tem alguns cortes bem profundos aqui.

— É culpa dos seus pés chatos, — comentou Doyle.

— Foi uma caminhada muito longa ... pelo menos para mim...ai, — eu gritei quando ele colocou as folhas. Ele estremeceu enquanto continuou pressionando as folhas contra um dos meus cortes mais profundos. Ele fez isso com dedos hábeis, confiante, como se já tivesse se ferido inúmeras vezes antes e eu me perguntei se era esse o caso. — Para que serve o dente-de-leão? — Eu perguntei para aliviar um pouco o constrangimento.

Ele pegou um, quebrando o caule e esfregando a parte do interior pegajoso em uma folha. — Cola.

Eu assisti por mais alguns minutos embaraçosamente longos, sendo capaz de fazer isso discretamente, enquanto ele mantinha sua cabeça abaixada. Em seguida, forcei meus olhos a olharem para cima e notei que Doyle havia desaparecido.

— Tudo bem, — Jasper disse, olhando para mim. — Tudo pronto. Como eles estão agora?

Flexionei os pés e não senti nada além de uma pequena pontada, nada comparado à dor latejante e persistente que estivera ali momentos antes.

— Estão muito melhores, na verdade, — eu disse, olhando para cima e ele com um sorriso. Deve ter sido o primeiro sorriso que eu dei em sua direção, porque ele realmente passou um momento surpreso.

— Bom, — disse, esfregando as mãos nas pernas da calça e depois se levantando e se afastando para recolher algumas coisas.

— Obrigada, — acrescentei quando ele não disse mais nada.

— Não tem de quê, — disse ele, sem se importar em olhar na minha direção.

— Ei, esperem, — a voz de Doyle chamou de longe e eu olhei em volta, mas não o vi em lugar nenhum. E então ele saiu de trás de

uma árvore um momento depois, sem fôlego, com o que parecia ser um par de pedaços de couro bem gasto na mão.

— Eu vou querer saber de onde você tirou isso? — Jasper perguntou, ombros tensos como se ele estivesse preocupado.

— Não, — Doyle confirmou a preocupação de Jasper. — Mas nós precisávamos deles. — Ele se ajoelhou na minha frente e pegou meu pé. Ele colocou uma tira de couro embaixo da minha sola e, em seguida, pegou os mocassins que Jasper jogou do nosso lado.

— O couro irá proteger um pouco mais. Mas vamos tentar pegar leve hoje, — disse ele, ignorando completamente o olhar sombrio que Jasper deu a ele.



Jasper

Eu fui andando na frente, Doyle e Cece seguindo vários metros atrás de mim, Cece cuidando dos seus pés e Doyle sendo o tipo de cara que faria companhia a ela. Eu me senti uma merda por conta dos pés dela. Eu senti a dor dela no dia anterior e no início da manhã, mas eu não tinha captado de onde vinha exatamente. Eu pensei que ela estava apenas dolorida de toda a caminhada. Se eu soubesse que seus pés estavam machucados em carne viva, eu não teria mantido um ritmo tão ridículo. Eu teria parado e cuidado deles mais cedo. Eu poderia estar em uma missão, mas eu não era um idiota completo.

Eu estava preocupado com Jade. Isso estava me deixando irritado e grosseiro.

Cece pode não ser a companhia mais fácil de se ter, mas ela também não mereceu o meu tratamento de idiota. Eu precisava prestar mais atenção nela. Ela estava obviamente no escuro quanto ao The Green e toda a merda que poderia acontecer nele, então eu estava encarregado de protegê-la e de cuidar dela. E não estava fazendo um trabalho muito bom já que Doyle percebeu seus pés e eu não.

Pelo menos eu tinha conseguido fazê-la dormir bem.

Me acordando abruptamente com seu grito de gelar

o sangue, meu estômago estava embrulhado enquanto me aproximava dela, antes mesmo de acordar totalmente Mas era apenas um pesadelo. Malditas banshees. E talvez eu fosse um idiota ainda maior porque, embora fosse verdade que eu precisava tocá-la para aliviar seus pesadelos, não havia nenhuma porra de razão para que ela estivesse totalmente pressionada contra o meu corpo para isso.

O fato é que eu estava curioso. Mesmo com a preocupação por Jade, o desejo profundo de nunca mais chegar perto dos meus pais, e o cansaço e a frustração, eu ainda percebia que Cece era realmente linda. Realmente deslumbrante. Tipo, no segundo em que ela passou pela porta de Jade parecendo um rato afogado eu já queria transar com ela. Ela tinha aquele corpo alto e esbelto, cabelos escuros e olhos cor de ouro. Muito sexy. Eu não era imune a ela. E então, quando tive a chance de segurá-la contra mim, aproveitei. E, ao fazer isso, senti uma inesperada onda de desejo vindo dela. Eu não tinha previsto isso. Tudo nela parecia sugerir que ela me odiava profundamente. Mas talvez isso só fosse um mecanismo de defesa. Porque não havia como me enganar com as vibrações através de seu corpo.

E então, não querendo agir como um idiota total, eu levei embora isso e o constrangimento que ela sentia para que ela pudesse dormir. Era uma invasão de privacidade. Mas imaginei que ela iria preferir isso a se sentir excitada e desconfortável, e ainda sabendo que eu conseguia perceber essas coisas dela.

Atrás de mim, ouvi Doyle e Cece conversando facilmente, a risada de Cece chegando até mim junto com o vento.

Isso não deveria ter me incomodado. Não era da minha conta. Mas Cece era amiga de Jade. E Doyle era o seu ex.

Isso, para a maioria das pessoas, pareceria errado.

Mas a sensação de turbilhão no meu estômago, sim, isso sim tinha tudo a ver com ciúmes.



Cece

Eu estava determinada a não reclamar. O milefólio e o couro estavam ajudando, mas algumas horas depois cada passo parecia uma tortura novamente. Eu inspirava profundamente, tentando respirar através da dor, como Jade tentou me convencer a fazer quando eu estava com uma cólica particularmente ruim certa vez.

Acabei tomando aspirina. Eu era péssima em meditação.

Doyle era um companheiro constante, mantendo uma conversa fácil e leve enquanto seguíamos caminhando. Ele percebeu, eu tinha certeza, quando comecei a andar na ponta dos pés para evitar mais dores desnecessárias. Vários metros à nossa frente, Jasper estava andando incansavelmente e percebi que as chances eram de que eu estava atrapalhando ele e Doyle. Eles provavelmente estariam duas vezes mais longe sem mim.

— Nem pense nisso, querida, — disse a voz de Doyle, como se ele estivesse lendo minha mente.

— Vocês todos leem emoções? — Eu perguntei, um pouco irritada ao sentir que não tinha absolutamente nenhum pensamento ou sentimento privado.

— Isso é coisa de Jasper, — disse Doyle, balançando a cabeça. — É apenas a coisa lógica para você estar pensando com seus pés machucados e nesse ritmo de vovó. — Como se para acalmar os efeitos dessas palavras duras, ele se mexeu e segurou a minha mão. — Mas isso não vai acontecer. Eu não te deixaria, e acredite ou não, Jasp também não.

A mão de Doyle apertou a minha e ele começou a balançar nossas mãos entrelaçadas enquanto andávamos. — Ei, Doyle, — perguntei um minuto depois, me sentindo desconfortável ao perguntar, mas me sentindo livre o suficiente com ele pra isso. — O que é Beltane?

Ele parou de repente, me fazendo parar também, e me observou como se eu tivesse perguntado por que chovia às vezes. — É o festival da fertilidade.

Foi por isso que Jade não estava tão lívida quanto eu pensei que ela deveria estar. Talvez fosse uma maneira normal de comemorar, dormir com outros por aí. De certa forma, isso tinha um certo sentido doentio. Talvez não fosse tecnicamente considerado traição.

— Isso não faz com que esteja tudo bem, — a voz de Jasper falou lá da frente. E, bem, eu meio que concordava com ele.

— Não faz o que ficar bem? — Doyle perguntou, olhando entre nós.

— Nada, — eu disse, balançando a cabeça, me perguntando por que Jasper tinha continuado amigo de Doyle depois que ele traiu sua irmã, mas sabendo que não era da minha conta.

Ao meio-dia, a mão de Doyle estava em volta da minha cintura, sustentando uma boa parte do meu peso, a testa franzida em preocupação. — Ei, cara, — Doyle falou inesperadamente.

— Não, — eu falei para ele, tendo toda a intenção de continuar resistindo. Mas era tarde demais. Jasper parou de repente e se virou, sobrancelhas franzidas, como se tivesse esquecido de que estávamos lá. Seu olhar foi para Doyle, depois para o braço de Doyle ao redor de mim, e depois para o meu rosto. Seu rosto se contorceu de preocupação quando ele registrou a minha dor.

— Porra, — ele rosnou, balançando a cabeça. Eu podia ver a batalha lá.

— Vá, — disse Doyle. — Estamos mais do que na metade do caminho. Vá buscá-la. Podemos esperar aqui. Você traz Jade e eu vou embora correndo do The Green com ela. Seus pais não querem você. Eles não vão te perseguir. Pode demorar um pouco para voltar com Cece. —

Jasper olhou para mim novamente e em seguida olhou para o chão da floresta. — Vamos descansar um pouco, — ele decidiu em um tom que não deixava espaço para um debate enquanto se virava para se sentar perto do rio.

Eu me afastei do aperto de Doyle e andei na ponta dos pés alguns metros até encontrar uma árvore larga, me protegendo de seus olhares enquanto deslizava pelo tronco, sentindo-o raspar minha

pele. Tirei toda a pressão dos meus pés, esticando-os na minha frente e respirei fundo algumas vezes para manter minhas emoções sob controle.

Era inesperadamente cansativo sentir dor. O sentimento fez com que cada centímetro de mim ficasse tenso, tenso e desconfortável. Eu não tinha certeza se poderia me levantar novamente. Mesmo se eles me deixassem descansar pelo resto do dia, a não ser que eu fosse levada nas costas de um deles, eu não acho que conseguiria continuar. Eu também não tinha muita certeza de que conseguiria engolir meu orgulho a ponto de dizer isso a eles.

Trouxe minhas mãos para o meu rosto, esfregando-as sobre os meus olhos. Eu só tinha que aceitar e lidar com isso. Na verdade, não tinha certeza de que era possível eu me machucar ainda mais, então não tinha nada com o que me preocupar.

E então, eu senti um calor contra minhas mãos.

E, bem, eu não sabia muito sobre o The Green, mas sabia ter medo de coisas que não pareciam certas. E algo respirando contra as minhas mãos, sim, com certeza não parecia certo. Eu fiquei tensa, a árvore gigante atrás de mim impedindo qualquer tipo de fuga.

Sem conseguir pensar direito, minhas mãos foram para o meu colo e fiquei cara a cara com o maior lobo que já vi na minha vida. Realmente, tipo um lobo que usava esteroides, preto e do tamanho de um pequeno cavalo. Ele se inclinou para frente, me cutucando com o nariz molhado.

Fiquei em pé rapidamente, mantendo os olhos baixos, sabendo que o contato visual era uma ameaça para animais selvagens. E, também, talvez eu estivesse preocupada de que ele teria algum tipo de poder de escravidão sexual.

Houve um estrondo alto e, sem nem mesmo saber o que causou, eu sai correndo. A dor estava distante, pois o medo genuíno atravessava o meu corpo enquanto eu corria pela floresta. Meu braço foi puxado por trás abruptamente, quase deslocando-o, e então eu finalmente encontrei minha voz e gritei. Sem nem mesmo perceber, eu estava gritando o nome de Jasper.

— Sou eu. Ei, Cece, sou eu, — a voz de Jasper disse enquanto

ele afrouxava seu aperto no meu braço. Eu me virei para ele. — O que houve? Por que você está ...

Mas foi quando o lobo voltou, e saltou para perto de nós rosnando, revelando uma abundância de dentes afiados. Antes que eu pudesse avisá-lo, o lobo avançou, derrubando Jasper em um salto.

Eu me ouvi gritando, pedindo para ele parar, o som alto e histérico. E então eu estava em cima da besta, batendo minhas mãos em seu flanco, agarrando punhados de pelos e o puxando violentamente para cima. Mas ele não prestou atenção em mim enquanto rosnava para Jasper, que estava quase assustadoramente calmo.

— Cece, vá embora, — ele exigiu.

Veja bem, eu não era nenhuma heroína. Mas, mesmo assim, não podia deixar um homem ser atacado por um lobo gigante pra caralho na floresta. De jeito nenhum. Com a adrenalina me deixando corajosa ou estúpida ou os dois, levantei minhas mãos acima da cabeça, as apertei juntas e depois bati com força na cabeça da besta. Ele choramingou alto, dando um passo para trás e se virando para olhar para mim. E, juro por Deus, a maldita coisa parecia confusa. E bastante...ofendida.

Aproveitei a chance para me jogar na frente de Jasper, sentindo suas mãos me agarrarem, tentando me empurrar para longe deles. — Que porra você está fazendo? — ele gritou comigo quando eu não me mexi.

Mas então o rosnado parou. Os dentes da fera desapareceram. Muito distraída com a mudança de atitude, eu parei de me manter no lugar e Jasper me empurrou para o lado e deu um passo à frente, fazendo a fera começar a rosnar novamente.

— Oh, pelo amor de Deus, — a voz de Doyle falou lentamente, como se não estivéssemos prestes a ter pedaços dos nossos corpos espalhados pela floresta. — É um barguest, Jasp.

— O que? — Jasper sibilou, colocando os pés em uma posição agachada, parecendo muito como se ele estivesse considerando lutar contra a maldita coisa.

— Um barguest, — disse Doyle novamente, caminhando até

mim e me jogando bruscamente no chão.

— Que merda... — Jasper gritou enquanto a fera se virava para Doyle e começava a rosnar para ele.

Doyle deu de ombros, sem parecer preocupado. — Ele quer protegê-la, — ele disse, me dando um sorriso de desculpas e estendendo a mão para me ajudar a ficar de pé, e meus pés doíam ainda mais depois de ter que fugir da maldita criatura.

— Eles mantêm as donzelas em segurança, — ele nos disse, observando com curiosidade a coisa que parecia um lobo. — Eu nunca vi um antes.

Jasper se endireitou, também o observando. — Mas ela não está em perigo.

— Não sabemos ao certo, — disse Doyle, estranhamente sério. — Quem sabe o que pode estar à espreita.

Enquanto ele falava, o barguest se aproximou de mim, seus olhos estranhamente expressivos pareciam calmos, avaliando alguma coisa. Ele se abaixou na minha frente, lambendo as folhas nos meus pés.

— Oh, — Jasper disse.

— Sim, — concordou Doyle. Eu olhei para eles, confusa. — Ele sabe que você está machucada e acha que estamos fazendo você continuar a andar. Quer protegê-la de nós.

— Oh, — eu disse, estendendo a mão e afagando o pelo macio da fera, sentindo-me, de repente, estranhamente apegada a ele. — Eles não querem me machucar, — eu disse e seus ouvidos se levantaram, me ouvindo. — Estamos apenas tentando encontrar uma amiga. Ela está com problemas...

— Oh, pelo amor de Deus. Isso não consegue te entender. — Jasper bufou.

— Ele me entende muito bem, — insisti, embora eu não tivesse certeza disso. Em seguida ele se levantou e virou de lado, pressionando seu corpo contra as minhas pernas e me empurrando algumas vezes.

Eu olhei para Doyle interrogativamente e ele deu de ombros. — Eu não sei. Talvez queira que você monte?

Enquanto Doyle falava, os olhos da besta encontraram os meus, querendo que eu o entendesse. Com um encolher de ombros em direção a um Jasper aborrecido, eu lentamente levantei uma das minhas pernas e a coloquei por cima de suas costas, esperando não machucá-lo. Mas assim que me sentei, me segurando gentilmente em seus pelos, ele se virou para os homens como se estivesse esperando instruções.

— Eu não estou dando ordens para um maldito cachorro, — Jasper bufou. — Quero dizer, eu já vi muitas merdas, já vi fadas que se transformavam em bestas. Mas nunca uma que fosse apenas... uma fera.

Doyle deu de ombros. — O complexo dos Winters, — disse ele, e a cabeça do barguest subiu e desceu como se assentisse, e ele começou a se afastar. — Eu serei amaldiçoado, — disse Doyle, movendo-se para ficar do meu lado direito e Jasper indo para meu lado esquerdo.

— Você acha que ele se importaria se eu lhe desse um nome? — Perguntei quando o silêncio se estendeu por um tempo desconfortavelmente longo.

— Ele gosta de você, — disse Doyle. — Provavelmente consideraria um elogio.

Eu assenti. — Qual nome fae significa... “protetor”?

Houve um silêncio tenso antes de Doyle responder em uma voz estranhamente calma. — Jasper.

Minha cabeça se levantou abruptamente, olhei desconfiada para Doyle, mas não vi nada além de honestidade em seu olhar. E então olhei para Jasper, que se recusou a encontrar os meus olhos. — Bem, esse nome já está sendo... usado. — Alguns segundos depois, Doyle rompeu o momento constrangedor ao sugerir que eu o chamasse de Onyx. Olhei para o pelo escuro como a noite e o acariciei. — Perfeito. Obrigada, Onyx. Meus pés já estão melhores, — eu menti, mas a maldita coisa pareceu se mexer satisfeita. Eu não me importava com o que Jasper tinha falado, ele me entendia completamente. Ele não era um cachorro ou um animal. Pelo menos não totalmente. Havia algo nele que entendia as coisas.

O dia se passou, minhas coxas e bundas ficaram doloridas por conta da posição desconfortável. E, apesar de não me esforçar, o calor ainda era impiedoso, deixando cada centímetro de mim pegajoso e nojento.

Mas isso era tudo por Jade. Valia a pena para tê-la de volta sã e salva.

— Então, qual é exatamente o plano quando chegarmos à terra dos seus pais? — Doyle perguntou o que eu estava pensando.

Olhei com atenção para Jasper, vendo o que eu não tinha visto antes – o cansaço e uma preocupação profunda que achei incrivelmente preocupante em seu rosto. — Encontramos Jade, — ele disse simplesmente.

Realmente não era uma boa resposta, mas Doyle aceitou. Quanto a mim, bem, eu precisava de mais do que isso.

— Talvez quando chegarmos à terra de seus pais, eu deva ficar para trás com Onyx. — Jasper continuou em silêncio e então eu continuei. — Nós vamos atrasar vocês. E eu não sei nada sobre...faes ou coisas assim...

— Não, — Jasper apertou os dentes.

— Seja razoável, — eu insisti.

— Não, — ele latiu novamente e eu tentei não levar para o lado pessoal. Eu não precisava ser uma fada sensitiva para saber que ele estava estressado. Tudo nele vibrava com energia, com preocupação e com medo. — Poucas pessoas me acusaram de ser razoável, — acrescentou.

— Eu não tenho nada a oferecer. Eu não tenho nenhum tipo de habilidade...

Jasper suspirou e virou totalmente para mim.



Jasper

— Você sabe o que é 'Celestina'? — Eu perguntei.

— Além de ser o meu nome?

Eu a ignorei e continuei. — É outro nome para uma pedra preciosa, a celestita. É uma pedra angelical, — acrescentei, sabendo que mais alguém perceberia o peso das minhas palavras, mas, novamente, Cece não tinha a mínima ideia de quem ela era, muito menos do que a pedra que ela recebeu como nome significava.

— Também é um nome de bebê francês, — disse ela com um encolher de ombros casual.

— Não. É um nome de fae. Significa que a pessoa que tem esse nome tem o poder de se conectar com o reino angelical e pedir orientação ou bênçãos. Além de ter a capacidade de acalmar ansiedade e preocupação em geral.

— Hum, nós já nos conhecemos antes?, — Ela me perguntou, sorrindo. — Eu sou uma bola de ansiedade envolta em preocupação. E não sou fae.

Ela não estava errada sobre uma dessas sentenças. Uma dúzia de imagens com suas ansiedades e medos passaram pela minha mente o dia todo. — Não funciona para você, — expliquei. — Quando você tem um nome de poder, ele funciona apenas externamente. Como eu, não posso tirar os meus próprios pesadelos, apenas os pesadelos de outras pessoas.

— Mais uma vez, você está ignorando a parte mais importante desse argumento.

— Qual é?

— Que eu sou humana, — disse ela, se mexendo desconfortavelmente, como se uma parte dela soubesse que era mentira, mas a outra parte estava tentando desesperadamente se agarrar a isso para confortá-la.

Parei, dei um tapinha no flanco de Onyx para fazê-lo parar de andar também, e então encontrei os olhos de Doyle e acenei com o queixo. Ele assentiu e se afastou. As sobranceiras de Cece se franziram em minha direção, e então ela girou a cabeça para procurar Doyle. Porque ele a fazia se sentir segura, eu percebi. Ele era quem ela procurava por segurança. E não eu.

E, por razões que eu estava escolhendo não pensar sobre, isso

me irritou.

— Ele estará de volta em alguns minutos. Olha, — eu disse, tentando tirar a irritação da minha voz. — Você não é humana. Você é pelo menos metade fae. Eu sei disso. Doyle sabe disso. Jade sabia disso. E, meu palpite, é que até seus pais sabiam disso. Pais adotivos, provavelmente, — corrigi.

Eu a observei enquanto uma variedade de emoções aparecia em seu rosto, cruzando a sua mente e o seu coração. A recusa em acreditar, a confusão, a curiosidade. Eu podia senti-la passando por todas as suas memórias, vendo algumas coisas que a incomodaram a vida toda começarem a fazer sentido.

— Faz sentido, não faz? — Eu perguntei, estendendo a mão e pegando o seu queixo entre meus dedos, forçando a cabeça dela a olhar para mim. — Você provavelmente não se parece com seus pais, nem com seus irmãos. Você sempre ficou um pouco chateada, parecia que não se encaixava. Sem nenhuma explicação você não pode tolerar carne ou laticínios. Exceto que há uma boa razão: você não é humana.

Seu pequeno corpo estremeceu com sua expiração enquanto eu observava uma batalha de emoções atravessar o seu rosto. — Como?

—

Tive o desejo quase esmagador de confortá-la, de encontrar as palavras mais suaves, as explicações mais gentis. Mas isso não era quem eu era. — Acontece mais do que você imagina. Alguns faes trocam seus filhos com humanos para protegê-los. Alguns fazem isso porque os bebês faes estão inexplicavelmente doentes. Eles os colocam no reino humano e eles de alguma forma melhoram, engordam e ficam saudáveis, depois acabam sendo atraídos de volta para o The Green quando estão mais velhos. —

— Mas por que levar os bebês humanos então? Por que não colocar os bebês faes para adoção?

— Porque eles querem saber para onde seus bebês estão indo. Eles querem ficar de olho. O sistema para órfãos em seu mundo é criminoso. E, bem, as mães faes ainda são mães. Eles querem ter alguém pra mimar e criar.

— Mas então o que acontece com os bebês humanos quando

eles crescem e as verdadeiras crianças faes voltam?

Suspirei, encolhendo os ombros, não gostando particularmente daquela parte da minha ancestralidade. — Eles geralmente acabam como empregados nas famílias faes.

— Isso é horrível.

— É, — eu concordei. — Alguns conseguem escapar de alguma forma. Eles perambulam na floresta por um tempo e encontram um local no perímetro que está enfraquecido e, com isso, passam de volta para o reino humano, onde geralmente se tornam sem-tetos e são considerados loucos por tagarelar sobre pessoas faes.

— Então você está dizendo que eu sou como...aquela coisa nas histórias. Merda, — disse ela, franzindo as sobrancelhas. — Como eles são chamados?

— Changelings. Você é uma changeling.

Ela respirou fundo, segurou o ar por um tempo e depois soltou. — E os meus pais? Existe alguma maneira de eu saber quem eles são?

— Talvez, — eu disse, tentando acalmá-la, depois pensando melhor. — Honestamente? Provavelmente não.

Para isso, ela assentiu. — Há faes bons e ruins, certo? Se as histórias estão certas.

— Seelie, — eu corriji. — Eles são da Luz, o tipo de fae bom. Depois, há os Unseelie, ou fae das Trevas ou escuros, que são mais...maliciosos, — eu disse cuidadosamente, tentando esconder o quão malignos eles realmente eram.

— Eu acho que eu meio que gostaria de saber qual dos dois eu sou, sabe?

— Você é boa, — eu disse imediatamente, sem pensar.

— Você não tem certeza disso, — disse ela, revirando os olhos.

— Tenho sim, — eu disse, e tinha. Eu sabia. Sentia a bondade nela. — Além disso, seu nome é Celestine. Esse não é um nome que os Unseelie escolheriam para sua prole. — Ela assentiu, mas ficou em silêncio. — Você está bem?

Ela assentiu sem muita convicção. — Sim. Acho que há muito o que pensar. Só preciso esticar as pernas, — disse ela, enquanto balançava as pernas para um lado de Onyx e tocava com os dedos dos

pés no chão. No momento em que seus pés doloridos encontraram o chão ela começou a cair.

E, bem, o que um homem poderia fazer além de pegá-la?

CINCO

Cece

No segundo em que eu coloquei pressão nos meus pés, tanto a dor dos cortes quanto a dor dos meus músculos foram contra esse ato, minhas pernas pareciam gelatina e me senti começar a cair.

Mas então, no segundo seguinte, eu não estava mais caindo. Os dedos fortes de Jasper pressionaram contra os meus quadris e me puxaram para cima, colando o meu corpo contra o dele e o contato foi suficiente para tirar todo o ar de mim. Tudo nele era firme e forte contra o meu corpo suave e delicado. E o meu corpo reagiu. Meus seios incharam, minha barriga virou gelatina, meu sexo apertou-se deliciosamente, até demais já que eu realmente não tinha interesse em Jasper dessa maneira, exceto no momento de insanidade que me deixou um pouco excitada quando dormi com ele na noite anterior.

— O que há com vocês dois e todo esse aconchego? — A voz divertida de Doyle perguntou, aparecendo do nada.

Era exatamente o que eu precisava para me parar antes de ficar completamente louca e me inclinar ainda mais contra ele. Eu me afastei muito rapidamente, tropeçando contra Onyx, que olhou para mim com curiosidade. Girando, encontrei Doyle, sem camisa, exibindo um corpo musculoso perto da perfeição. E ... nada. Literalmente nada. Sem inchaço nos seios; sem barriga virando gelatina. Nada. O que não fazia absolutamente nenhum sentido, já que eu realmente gostava de Doyle e ele era gostoso. Mas ele não causava nenhuma reação em mim.

Ele estava subindo a margem até o riacho, que ficava cada vez mais profundo enquanto o seguíamos, a água escorrendo pelo corpo como se ele tivesse lavado a louça. A inveja que senti foi quase esmagadora. Cada polegada minha estava pegajosa, suja e nojenta, e

havia mais do que uma pequena chance de que eu realmente tivesse começado a feder naquele momento.

— Você pode ir nadar, se quiser, — Jasper disse e, se não me engano, ele parecia se divertir, tendo provavelmente 'ouvido' meus pensamentos sobre o mau cheiro. Ótimo. Maravilhoso.

— Você não me queria dentro da água, — lembrei-o enquanto olhava para o pequeno riacho gelado como se fosse a banheira mais luxuosa que já vi na minha vida.

— Oh, as fadas da água são inofensivas. São encantadoras, na verdade, — Doyle se intrometeu com um grande sorriso de menino.

Jasper deu a ele um olhar duro que fez Doyle dar de ombros e se afastou de mim. — Tudo bem, você fica com ela então. Eu vou nadar rio acima. — E com isso, ele partiu.

Após ele ir embora eu manquei desajeitadamente em direção à água, sentei-me e comecei a desembrulhar cuidadosamente os meus pés.

— Então ele te contou, — disse Doyle, sentando-se ao meu lado, cheirando a limpeza e a homem.

— Sim.

— Jade me disse que soube assim que você ligou para ela. O que é estranho. Ela geralmente não se dá muito bem com os changelings.

— Você nos faz parecer cidadãos de segunda classe, — eu resmunguei. — Ei, qual é a habilidade de Jade ou...o que for? — Eu perguntei, sabendo que Jasper não parecia gostar de falar sobre esse tipo de coisa. Eu estava fritando o meu cérebro tentando descobrir isso a maior parte do dia, mas eu não conseguia pensar em nada que parecesse sobrenatural ou excessivamente perceptivo ou algo assim nela.

— Jade é uma pedra preciosa para o amor, principalmente, — disse ele, sua voz quase um pouco cautelosa enquanto olhava para longe.

— Isso faz todo sentido, — assenti. Sim. Ela era tão fácil de amar, tão carinhosa. Enquanto eu observava o perfil de Doyle, pensei em como era incrivelmente triste que sua habilidade não parecesse

funcionar em sua própria vida amorosa.

— Eles parecem ter melhorado bastante, — disse Doyle, apontando para os meus pés.

— Sim, aquela planta é milagrosa.

— Então você vai entrar ou o quê? — Doyle perguntou, parecendo que iria me empurrar se eu não entrasse na água de bom grado.

— Tão ruim assim, hein?

— Sim, — ele disse, me dando um enorme sorriso de dentes brancos.

Eu ri, empurrando-o com meu ombro, e depois entrando na água. O frio foi um choque bem-vindo no meu corpo, passando pela minha pele como alfinetadas a princípio, e depois lavando a sujeira e o suor de uma maneira que me fez suspirar. Fui até onde o córrego ficava mais profundo, movendo-me de costas para flutuar e para que a água pudesse enxaguar um pouco da sujeira nos meus cabelos. Eu desejei um pouco de xampu, mas disse a mim mesma para não ficar gananciosa.

Alguns momentos depois, senti uma estranha sensação de formigamento na cabeça e estendi a mão para tirar o que eu pensava ser um galho ou algo assim. E então minha mão foi afastada. Quero dizer, afastada por uma outra mão.

Eu gritei, afundando e me virando para encontrar duas faes impossivelmente pequenas na água que pareciam humanas, exceto por terem a metade do meu tamanho e uma delicada estrutura óssea, além da pele que tinha um tom quase azulado. Ah, e sem mencionar os cabelos delas, que tinha uma textura estranha e pegajosa de cor verde vívido.

— Doyle? — Eu chamei, minha voz um pouco histérica, lembrando que Jasper me alertou para evitar especialmente as faes da água.

— Elas são sprites da água, — ele respondeu casualmente de onde estava sentado.

— Isso não é exatamente útil, — eu disse, recuando enquanto elas estendiam as mãos em minha direção.

— Elas querem lavar o seu cabelo, — ele explicou inesperadamente e eu me virei para olhá-lo, sobranceiras erguidas como se ele tivesse enlouquecido. — Sério. Elas gostam do seu cabelo. Não é como o delas. Elas são inofensivas, eu prometo. Deite-se e relaxe. Isso as deixará felizes e elas usarão alguma merda no seu cabelo para limpá-lo e fazer com que ele cheire incrível.

Eu voltei meu olhar para as sprites, ambas tentando tocar no meu cabelo. Uma delas sorriu de um modo encorajador e eu pensei, que diabos, por que não. Eu flutuei de costas e virei minha cabeça em direção a elas, olhos abertos, quase paranoica e atenta para que elas não tentassem golpear minha cabeça com uma pedra. Mas elas gritaram satisfeitas e começaram a passar os dedos compridos pelos fios, depois começaram a passar algo também.

— Elas lavaram o seu cabelo também? — Eu perguntei enquanto Doyle observava.

— Não essas, mas sim.

Uma imagem de Jasper surgiu na minha mente, nu da cintura para cima, com essas criaturinhas bonitas cuidando de seus cabelos como estavam cuidando dos meus e uma onda de ciúmes, desconfortável e irracional se moveu através de mim com essa ideia. Eu esmaguei o sentimento e as razões por trás dele, abaixei mais a cabeça e fechei meus olhos, afundando nas sensações enquanto as sprites faziam sua mágica.

Pareceu durar uma eternidade até que senti a água sendo derramada sobre minha cabeça. E então nada. Abri os olhos e me virei para encontrá-las olhando para mim, sorrindo. — Oh, — eu balbucieei, sem saber o que dizer. — Isso foi realmente ótimo. Obri...

— Não, — a voz de Jasper gritou, fazendo eu e as duas sprites nos virarmos.

— O que? — Eu gritei de volta, um pouco ranzinza. Ele era sempre tão rude.

— Você não pode agradecer a um fae por nada, Cece, — disse ele, parecendo um professor exasperado conversando com um aluno particularmente difícil. — Eles vão pensar que você os deve. E, confie em mim, você não quer dever nada a nenhum fae, não importa o quão

inofensivos possam parecer. Apenas diga a elas que foi muito gentil da parte delas fazer isso e saia da água.

Suspirei para ele e me virei para as sprites, ambas me olhavam com olhos cautelosos. Dei-lhes um sorriso genuíno e fiz o que ele disse. — Isso foi muito gentil de sua parte. — E com isso, elas sorriram e se afastaram.

Lamentavelmente eu saí da água, pingando por toda parte e desejando uma toalha. Jasper estava ao lado do banco com três abóboras ocas. — Precisamos nos afastar do riacho, — explicou.

— Estamos quase chegando, não estamos? — Eu perguntei, vendo a tensão em seu corpo.

— Sim. Mas só vamos andar por mais uma hora e depois vamos parar, comer alguma coisa, e descansar um pouco. Chegaremos antes que o sol nasça e, com sorte, partiremos sem que ninguém nos veja ou nos sinta.

Eu me virei para o som da voz de Doyle, baixa e suave, e percebi que ele estava agachado perto da água flertando com as sprites. Eu olhei para Jasper com um sorriso confuso e ele apenas balançou a cabeça.

— Para onde diabos o seu cachorro foi? — ele perguntou de repente e eu olhei em volta, percebendo pela primeira vez que Onyx realmente não estava mais lá.

— Talvez ele tenha ido comer alguma coisa? — Sugeri, sentindo o estômago um pouco vacilante com a ideia de que ele havia ido embora e eu teria que continuar a pé novamente.

— Ele saiu rosnando um pouco antes de você aparecer, — explicou Doyle, caminhando de volta em nossa direção. — Ele teve problema com alguma coisa. Tenho certeza de que ele voltará. Ela ainda não está segura.

Com isso, Jasper assentiu enquanto Doyle levava os recipientes até o riacho para enchê-los. — Você acha que pode andar um pouco? —

— Sim, estou bem, — eu disse, sabendo que ele podia sentir a mentira, mas também sabendo que ele deixaria passar, porque estava ansioso para manter nosso prazo.

— Ok. Não estamos longe, está bem? E podemos parar se for demais e esperar por Onyx.

Ele estava realmente sendo...atencioso? — Não importa. Por mais longe que precisemos ir, eu posso lidar com isso.

Exceto que isso era totalmente uma mentira.

Talvez estivéssemos andando por apenas quinze minutos, mas cada passo era como uma facada nos meus pés e eu tive que morder meu lábio para não gritar. Foi quando Jasper se virou de repente e veio em minha direção.

— Não, — eu disse, tentando recuar quando ele me alcançou.

— Cala a boca, — disse ele, mas as palavras eram suaves enquanto ele me pegava e começava a andar novamente. — Estamos prestes a subir uma colina íngreme. É difícil escalar com os pés intactos. Você mal consegue andar. Portanto, fique quieta e deixe que eu te carregue por um tempo.

E com isso, sabendo que ele era tão teimoso quanto eu, se não mais, tentei me acomodar em seus braços sem pensar demais. Sem pensar em como uma de suas mãos estava bem...

Não.

OK. Eu precisava de uma mente em branco já que ele tinha a coisa louca de sentir emoções. Eu sempre fui péssima com meditação, mas achei que não haveria uma oportunidade melhor para tentar adquirir uma nova habilidade.

Percebi que falhei dois minutos depois, quando Jasper riu e eu sabia que estava pensando em uma cama gigante com uma dúzia de travesseiros e cobertores e com o ar-condicionado frio o suficiente para fazer o quarto parecer o Ártico.

— Em breve, — Jasper disse, sua voz tão baixa que eu mal podia ouvi-lo e o som desse tipo de intimidade enviou um arrepio através do meu corpo.

Eu bufei, balançando a cabeça para mim mesma e desistindo da minha esperança de meditar. Algumas coisas simplesmente não foram feitas para todo mundo. Então, em vez disso, pensei sobre o que Jasper havia me dito, sobre ser uma changeling, sobre minha família, sobre o que significava estar conectada ao reino angelical. Fechei

meus olhos com força, do jeito que as crianças fazem, e rezei para que quaisquer anjos ou espíritos ou o que quer que estivesse lá fora nos ajudassem a encontrar Jade e trazê-la de volta, todos nós inteiros. E talvez, se eles tivessem tempo depois de tudo isso, consertassem meus pés para sempre. Mas isso definitivamente não era alta prioridade.

— Tudo bem, — Jasper disse de repente, me trazendo de volta a consciência. Meus olhos se abriram e meu estômago se apertou quando olhei para baixo para ver uma colina muito mais íngreme do que eu imaginava, os pés de Jasper quase na borda. Como diabos ele conseguiu me carregar através de um caminho tão íngreme estava além da minha compreensão. — Aqui, — disse ele, avançando um pouco, se inclinando para a frente e cuidadosamente me depositando no chão em uma área que era mais um prado do que uma floresta.

— Obrigada, — eu disse, olhando em volta. — O quão longe...espera... que merda é essa? — Eu perguntei, um enxame de pragas repentinamente enchendo o ar ao meu redor, me fazendo levantar as mãos para golpeá-las freneticamente. — Insetos malditos...

Mas assim que as palavras saíram da minha boca, percebi que não eram insetos. Eles eram grandes demais, mas estavam voando, suas asas se movendo tão furiosamente que eram quase difíceis de ver.

— Elas são pixies, — Jasper disse casualmente, sorrindo para eles. Foi a primeira vez que eu o vi mostrar carinho em relação a outro fae. — Elas são inofensivas.

Eu balancei a cabeça, estendendo a mão para tentar tocar uma. Elas fizeram um som de risada tilintante quando se aproximaram, suas asas brilhantes roçando meu braço, meu rosto. Uma caiu no meu ombro, suas asas parando e, assim, me deixando dar uma boa olhada nela. As asas que eu pensava serem brancas eram na verdade de um verde claro e os seus cabelos loiros pálidos tinham mechas iguais. Tudo em seu rosto era uma versão pequena e perfeita de um rosto humano. Exceto que ela era perfeita demais, desossada demais, proporcionada demais. Ela era tão bonita que era quase feia.

Uma pequena mão em forma de boneca se estendeu e acariciou minha bochecha, a sensação muito parecida com a de uma mecha de cabelo perdida escovando você inesperadamente. E então senti sua

mão perto do meu pescoço e ela soltou um pequeno gritinho encantador que deve ter sido algum tipo de chamada para os outros, porque de repente todos eles me cercaram, me envolvendo como um cobertor gigante.

E então eu senti algo se movendo. Meu colar. O colar que Jade me deu. Era um quartzo ou algo assim para proteção. Eu olhei para baixo e percebi que elas não estavam puxando esse colar. Elas estavam puxando alguma outra coisa. Mas não deveria haver mais nada em volta do meu pescoço. Eu só usava aquele que Jade me deu. Eu não era um tipo de garota de usar joias. Quando pararam de puxar e soltaram o outro colar ele apenas desapareceu. Desapareceu. Como se fosse invisível enquanto estivesse em contato com a minha pele. Mas isso não fazia sentido.

— Ei! Não! — Eu gritei quando elas finalmente o soltaram e voaram com ele, fazendo um som estridente e feliz. — Elas o pegaram! — Eu olhei para Jasper, o qual me olhava com as sobrancelhas franzidas.

Com isso, ele pareceu sair do seu estupor e olhou para as pixies. Quando ele falou, sua voz era mais baixa, quase doentiamente doce. — Vamos lá, queridas, — disse ele e todos os olhos foram para ele, aptos, interessados. — Vocês não querem esse colar feio, não é? — ele perguntou. — Não é nem mesmo brilhante.

Senti a esperança inchar por três segundos inteiros antes que elas entendessem a língua para ele, depois riram enquanto voavam para longe.

— Droga! — Eu gritei, batendo minha mão no chão.

— Há quanto tempo você tem isso? — A voz de Doyle perguntou, me fazendo virar para encontrá-lo em pé na beira da colina íngreme. Eu nem o ouvi chegando.

— Eu não sei. Eu não sabia que estava usando isso. Como é possível?

— É possível, — Jasper disse, seu tom cauteloso. — Simplesmente incrivelmente, extremamente raro.

— Essa pedra, — disse Doyle, sorrindo como um menino. — Ela era uma jas...

— Cale a boca, — Jasper retrucou, o que só fez Doyle rir.

Soltei um gemido, vendo as pixies se tornarem apenas uma vibração no vento a trinta metros de distância. Ouvi um bufo e vi Onyx cair ao meu lado, seus olhos parecendo tristes. Ele se esticou ao meu lado e eu descansei minha cabeça em suas costas peludas. Normalmente, eu odiava o cheiro de cães. Mas havia algo inegavelmente reconfortante em Onyx e em sua quase humanidade. E se havia uma coisa que eu poderia aproveitar depois desses longos dias e da ameaça de um dia ainda mais difícil amanhã era um pouco de conforto.

Antes de perceber o que estava acontecendo, eu tinha adormecido



Jasper

Aquele colar era outra peça que não fazia sentido no quebra-cabeça que era Cece. Como eu disse a ela, não era impossível que a magia fizesse algo assim. Mas era raro. Difícil de conseguir. E mesmo quando você encontrava algo assim, havia um preço extremamente alto. Havia muitos cuidados e riscos investidos nos changelings. Isso não fazia sentido.

Para passar por tudo isso, você teria que fazer isso por alguém que realmente amava.

Então, por que enviá-la para o reino humano? Por que ela foi criada por pessoas que nunca poderiam e nunca a entenderiam?

E por que diabos escolheriam aquela pedra preciosa? Dezenas de outras pedras teriam servido, teriam sido mais úteis para a vida dela. Por que uma pedra jasper? Eles de alguma forma sabiam? Se eles soubessem o que poderia acontecer no futuro dela e que...

Não.

Jesus Cristo.

Eu estava deixando a minha imaginação mexer comigo.

Eu estava estressado e estávamos a poucos passos de distância da minha casa de infância e de todas as lembranças terríveis associadas a ela.

Eu precisava parar de pensar em Cece e começar a me concentrar novamente em Jade.



Cece

Acordei com a boca aberta para gritar, meu coração disparado numa batida frenética no peito, minha pele pegajosa de suor.

Lembrei-me de suas cabeças através da neblina do sono, suas cabeças eram de um tom doentio de vermelho.

No vento, o som da banshee parecia mais alto.

Olhei para Doyle, dormindo a vários metros de lado, com uma mão pressionada firmemente contra o chão, como se estivesse preparado para se levantar e ficar de pé em questão de segundos. Eu poderia ter ido até ele. Ele era a escolha mais segura, com seu charme fácil e sua proteção descontraída de irmão mais velho.

Meus olhos imediatamente se moveram encontrando Jasper do outro lado, dormindo de frente para mim. O vento aumentou, levando consigo o grito da banshee. Estremeci, tentando impedir que o desconforto se desenrolasse na minha barriga. Eu só precisava dormir um pouco. Sem pesadelos.

Me levantei cuidadosamente, atravessando a clareira na ponta dos pés e me abaixando ao lado dele. Seu calor fez um arrepio rápido atravessar o meu corpo inteiro. Eu sabia que tinha que tocá-lo para que sua coisa mágica do sono funcionasse. Então, respirando fundo, movi minha mão para descansar no pedaço de pele exposto em seu pescoço.

De repente, lentamente, o seu braço serpenteou e envolveu minha parte inferior das costas, puxando meu corpo para mais perto dele. — Eu não quis te acordar, — sussurrei.

— Querida, eu não estava dormindo, — disse ele, sua voz

baixa quando seus olhos lentamente se abriram. Minha barriga deu uma palpitação quase embaraçosa com a palavra querida e pela maneira doce que ela rolou de seus lábios, de modo estranhamente gentil.

— Eu tive pesadelos, — admiti, seus olhos claros parecendo quase hipnóticos no escuro.

Sua outra mão levantou lentamente, acariciando a lateral da minha bochecha suavemente. — Você não os terá mais.

— Por que você está sendo tão legal de repente? — Eu perguntei, de alguma forma incapaz de impedir essas palavras de serem ditas.

— Eu não sou um idiota, Cece, — disse ele, com a mão na lateral do meu pescoço. — Não sou o príncipe encantado de ninguém, mas eu não sou um bastardo que vai te forçar a andar com os pés machucados e que grita com você quando você não entende a merda que está acontecendo ao seu redor. Estou preocupado com Jade e não estou feliz por ter que ir à propriedade dos meus pais amanhã.

— Também estou preocupada com Jade. — Eu disse, entendendo como isso podia estressá-lo. Eu a conhecia há apenas alguns meses e estava atravessando um novo e insano mundo com dois caras que não conhecia e um cachorro que era meu protetor apenas para encontrá-la. Não podia imaginar o quanto esse amor e dedicação seriam amplificados ao conhecê-la a vida inteira.

— Nós vamos recuperá-la, — ele disse confiante.

— Ela não é como você. Ela é tão frágil.

— Ela é mais forte do que você pensa, — disse ele, apertando a mão no meu pescoço. A banshee gritou e eu me senti tremer novamente quando o medo revirou minha barriga. — Relaxe, — ele disse, inclinando-se um pouco para a frente e apoiando a testa na minha.

— Você vai fazer a sua coisa mágica de limpar as emoções comigo de novo? — Eu perguntei, tentando fingir que meu estômago não estava se revirando por tê-lo tão perto. Bem, meu estômago e...outros lugares.

Ele soltou uma pequena risada, o som era baixo, sexy, rouco e

sua vibração atravessou seu corpo e o meu. — Que tal algo um pouco diferente, — disse ele, uma promessa estranha em sua voz que eu não pude entender até que sua cabeça se mexeu e se inclinou um pouco e eu senti seus lábios pressionarem contra os meus.

Tudo o que estava passando pela minha cabeça se foi totalmente em um segundo. E, bem, era muito melhor do que a coisa mágica de limpar as emoções. Muito melhor. Meu corpo inteiro derreteu contra o dele, meus lábios se separaram em um convite ávido. Não houve hesitação em Jasper quando seus lábios pressionaram mais, reivindicando os meus. Sua língua surgiu e traçou o meu lábio inferior antes de deslizar para dentro da minha boca para brincar com a minha língua, ele soltou um gemido baixo e ofegante enquanto meu corpo parecia vibrar com a necessidade de mais. Minha mão apertou o seu ombro enquanto a mão dele afundou em meus cabelos. Sua outra mão apertou meus quadris contra ele e eu estava dolorosamente ciente de seu desejo duro que combinava com a umidade que eu sentia se construindo entre minhas pernas, a espiral apertada de desejo e necessidade quase dolorosamente ardendo na minha parte inferior da barriga.

Sua língua recuou, seu braço apertou ao meu redor, e ele nos rolou, ele de costas e eu deitada totalmente sobre seu peito. Sua mão torceu no meu cabelo, me segurando no lugar enquanto seus dentes beliscavam meu lábio inferior antes de tomar meus lábios, mais forte, mais profundamente, até que senti a eletricidade zumbindo em cada centímetro de pele, em cada terminação nervosa. Meus quadris se moveram e seu pau pressionou contra o meu calor, arrancando um gemido de mim. Debaixo de mim, seu corpo ficou rígido enquanto seus lábios perdiam a intensidade e deixavam os meus completamente.

Minhas pálpebras pesadas lentamente se abriram para encontrar seus olhos intensos fixos em mim, observando, percebendo todas as nuances, e não tinha dúvida de que ele sentiu o desejo avassalador inundando meu sistema, implorando por liberação.

Seus lábios se separaram como se fosse dizer algo e depois se fecharam novamente.

Em seguida ele me moveu, me puxando para o seu lado, de

modo que minha cabeça estava em seu peito, mas o resto de mim apenas pressionava contra o seu lado. Uma mão ficou no meu cabelo e a outra segurou firme os meus quadris. Mas havia uma certa indiferença no ato.

— Descanse um pouco, Cece. Você vai precisar. — E isso, aparentemente, era tudo o que ele tinha a dizer.

Exceto que, para mim, não era.

Eu era um conjunto nervoso de confusão, desejo, vergonha e preocupação.

Até, é claro, eu não sentir mais nada.

Eu estava profundamente exausta.

Meu último pensamento quando adormeci foi que, finalmente, a magia idiota de limpar sentimentos penetrou o meu cérebro.

Provavelmente para evitar ter que falar comigo sobre o beijo.

Para evitar confrontos.

Fodidos homens.

SEIS

Cece

— Estou realmente começando a me sentir como uma terceira roda aqui, — disse a voz de Doyle, soando divertida, me fazendo sentar no escuro. Atrás de mim, Onyx deu um grunhido e se afastou, me fazendo entender por que eu estava tão quente. Jasper estava de um lado meu e Onyx do outro. Era como um sanduíche de proteção.

— Que horas são? — Jasper perguntou, parecendo bem acordado e mais uma vez eu imaginei que ele não tinha dormido nada. Ele me soltou um pouco descuidadamente e se moveu para ficar de pé, dando-me uma sensação que meu estômago afundou.

— Temos cerca de três horas até o nascer do sol, por isso, se nos apressarmos, teremos bastante tempo. — Ele arrastou os pés e eu olhei para cima para perceber o quão tenso ele estava. O Doyle normalmente tranquilo e sem preocupações estava assustado. — Nós iremos nos separar para... — ele começou a falar.

— Nós ficaremos juntos. — Jasper disse enquanto aliviava a tensão do pescoço. Senti uma onda de alívio que me fez sentir como uma covarde, mas se estávamos indo para algum lugar que assustava Doyle e Jasper, eu definitivamente sabia que deveria estar assustada.

— Tudo bem, — Jasper disse um momento depois, tomando o que deve ter sido o seu último gole de água. — Vamos acabar logo com essa merda.

E com isso, ele se virou e se afastou, deixando Doyle e eu o seguindo silenciosamente.



Jasper

Enquanto nos aproximávamos eu desejava poder fazer isso tudo sozinho. Eu deveria estar sentindo algum tipo de conforto em tê-los comigo. Doyle, pelo menos, fornecia força, conhecimento e bons instintos. Ele era um trunfo. Eu podia ouvir os passos lentos e hesitantes de Cece atrás de mim, com os pés ainda doloridos. Eu estava colocando os dois num perigo desnecessário.

Eu podia sentir a apreensão de Doyle e sabia que ele conhecia o suficiente da minha família, tanto pela reputação quanto pelas histórias que Jade deveria ter contado a ele, para estar com medo. Mas o que ele não entendia era que Jade tinha apenas vagas lembranças da nossa infância, e as que ela possuía estavam envoltas em sua doce, amável, mas totalmente ingênua forma de ver o mundo com bondade e otimismo. Se ela tivesse sido exposta a metade da merda que eu tinha sido, certeza de que não havia nenhuma maneira de Doyle querer ajudar, não importando a lealdade que ele sentia por mim e por Jade.

Cece era uma mistura de confusão, apreensão e uma estranha sensação de turbilhão que eu não conseguia identificar. Ela iria nos atrasar. Meu instinto de protegê-la me fazia escolher os caminhos mais seguros para mantê-la fora de perigo e, por sua vez, isso nos tornava mais lentos e aumentava o risco de sermos pegos.

Mas eu também não podia deixá-la sozinha. Não no The Green, onde ela parecia atrair cada fae escuro, claro e desalinhado que existisse ao redor. É claro que ela tinha o seu cachorro. E, por mais feroz e grande que ele pudesse ser, ele ainda não era páreo para metade do que estava rondando por aí.

Então ela tinha que vir. Caso encerrado. Eu teria que aceitar isso.

E tive que me resignar ao fato de que teria que viver consumido pela culpa se algo acontecesse com qualquer um deles.

Respirei fundo, tocando uma árvore da qual eu costumava cair quando era criança, e senti a fronteira da minha terra natal a um metro e meio de distância.

— Chegamos, — eu disse, minha voz vazia.



Cece

Estávamos bem, em lugar nenhum. Pelo menos parecíamos estar em lugar nenhum. Era como qualquer outra parte da floresta.

— Nós vamos entrar por trás da casa de pedra, — Jasper disse e Doyle assentiu. — Esse é o celeiro. A partir daí estaremos expostos até aquele poço à esquerda. Só vamos ter que correr até chegarmos na casa.

Que celeiro de pedra? Que poço? Que casa? Eu não conseguia ver nada.

— Aqui, — Jasper disse, pegando meu pulso e me puxando para frente um pouco grosseiramente, fazendo Onyx rosnar para ele. Ele me colocou na frente de seu corpo e eu pisquei na escuridão por um longo minuto antes de tudo finalmente aparecer. O celeiro, a parede, a casa que não era uma casa, mas sim uma mansão imensa. — Vamos, — Jasper disse, obviamente pronto para se mover, me puxando junto.

Atrás de nós Onyx soltou um grunhido alto e nos viramos para encontrá-lo deitando-se no chão como se ele não fosse vir, como se estivesse em conflito sobre isso, mas não conseguisse avançar.

— Não, você tem que vir, — eu disse, meu tom quase histérico. — Levante-se. Você tem que vir. Eu ainda não estou em segurança, lembra?

— Não adianta, — Jasper disse, com um tom de desprezo. — Ele não quer ir para a terra dos meus pais. Eu não o culpo, — ele disse, fez uma pausa e suspirou. — Vamos lá, — disse ele, seu aperto ainda mais forte enquanto ele saía .

Subi na ponta dos pés para ajudar meus pés doloridos enquanto todos corríamos silenciosamente pelo campo. A lua apareceu por trás de uma nuvem, iluminando o complexo pela primeira vez, o deixando coberto por um brilho sinistro. Era realmente uma casa

assustadoramente bonita, parecendo abrigar algum tipo de monarquia com suas pedras cinzas perfeitamente empilhadas, nem um canto fora do lugar. Parecia haver três níveis que incluíam um porão com pequenas janelas gradeadas. Na frente havia uma varanda de pedra com vasos gigantes, espaçados perfeitamente e transbordando de vegetação.

Jasper soltou meu braço quando chegamos atrás do prédio de pedra e tentei ofegar por ar o mais silenciosamente possível, o som parecendo estranhamente alto na noite excessivamente quieta.

— Tudo bem, — Jasper disse em um sussurro, sem soar ofegante, seu hálito quente no meu ouvido. — Eu irei correr até o poço, vou conferir se não há ninguém ao redor e depois correrei para o lado do prédio. E então, Doyle irá correr até o poço. Quando ele estiver atrás do prédio você corre para o poço. Em seguida, corra como o inferno até o prédio. Certo?

Não. Nada disso estava certo, já que a maioria do plano exigia que eu estivesse sozinha. E o pensamento de não ter um deles comigo era profundamente aterrorizante. Mas esse era o plano e eu tinha que engolir o meu medo e executá-lo.

Antes que eu pudesse engolir meu medo e concordar, Jasper começou a correr. Ele se moveu como uma brisa, quase invisível. Ele parou atrás de um poço que parecia ter saído de um filme de terror, feito de tijolos, pequeno e redondo com um telhado inclinado e um balde preso em uma corda. Agachou-se, os joelhos roçando o chão, mas sendo tão alto ele ainda estava visível acima do balde. Ele se voltou para nós de repente e eu juro que peguei um olhar de terror absoluto em seus olhos antes que ele saudasse Doyle e depois corresse rápido pra caramba em direção ao prédio.

Ao meu lado, Doyle parecia ter afastado seu medo. Seus ombros estavam relaxados, sua respiração uniforme. E então ele sorriu para mim. Ele realmente sorriu. — É apenas uma aventura, — ele me disse. — Pense nisso como um jogo. Tudo o que você precisa fazer é continuar chegando ao próximo nível. Respire fundo. Preste atenção. Corra pra caramba. Estaremos esperando por você. Você pode fazer isso. — Ele fez uma pausa. — Diga, — ele insistiu.

— Eu posso fazer isso. — E naquele momento, eu tinha certeza de que podia.

Então Doyle se foi e levou com ele todo o conforto que eu estava sentindo. Ele se agachou atrás do poço, mal fazendo uma pausa antes de correr para a casa.

— Esta é a terra dos Winters! — alguém gritou, fazendo Doyle tropeçar. Ele olhou para mim por um momento, olhos arregalados e repletos de medo sem saber o que fazer. Mas ele estava à vista e precisava se esconder. Então ele correu.

E eu estava completamente e totalmente sozinha.

O medo me sufocou, literalmente me sufocou, tornando impossível respirar ou engolir.

Percebi um movimento perto da casa e vi Jasper sair das sombras olhando para mim. Eu sabia que ele sentia o meu medo, a maneira como isso fazia a minha pele formigar, a maneira como era quase intoxicante de tão poderoso. Ele queria correr de volta para mim. Eu tinha certeza disso do mesmo modo que eu sabia que estávamos com grandes problemas. Ele queria ser o mocinho e voltar para me salvar.

Mas ele não podia fazer isso.

Ele era mais importante do que eu naquele momento. Ele conhecia a casa. Ele sabia onde Jade poderia estar. Eu era inútil.

Respirei fundo, tentando me acalmar e me concentrar.

Eu sabia que ele podia sentir e ver as coisas se eu as sentisse com força o suficiente. Embora eu não tivesse certeza do quão longe esse poder funcionava, juntei todas as minhas forças e silenciosamente gritei através de todas as células do meu corpo: *Vá. Vai! Vai! Vai! Encontre Jade. Por favor.*

Eu vi quando ele recuou um passo, como se as palavras tivessem causado algum impacto. Suas sobrancelhas se uniram, seus lábios se separaram. Ainda pensando, ainda tentando decidir se ele precisava me salvar ou não.

Jasper, por favor, vá.

Ele inclinou a cabeça, parecendo derrotado, e então se virou e foi embora. E com isso eu estava sozinha, terrivelmente

sozinha. Respirei fundo e tentei pensar.

Olhei por cima do ombro confirmei o que eu já suspeitava – eu estava muito longe. Eu nunca voltaria às árvores sem ser vista ou apanhada.

— Eu vou te encontrar. Você pode muito bem apenas aparecer agora, — uma voz áspera falou e eu pude perceber que estava em movimento, chegando mais perto de mim.

Eu precisava me esconder. Afastei-me do canto do celeiro, minha mão passando pelas pedras na parede, procurando sentir uma porta. Passos soaram mais perto e quase pude ver a sombra de um homem perto do poço. Mas então o perdi de vista, e andei para o outro lado do celeiro, minha não encontrando uma trava do tipo que você colocava um cadeado para mantê-la fechada. Eu a segurei, puxando-a gentilmente, rezando para que não fizesse qualquer som metálico horrível. Mas não aconteceu nada e entrei, prendendo a respiração, fechando cuidadosamente a porta atrás de mim.

Soltei minha respiração.

Então percebi que talvez eu devesse ter continuado segurando o fôlego.

Porque não era um celeiro, na verdade não. Havia sim um chão de pedra coberto de palha, mas não havia baias, equipamentos agrícolas, ou animais.

Não, havia um armário, uma mesa, uma cadeira e uma cama. E por fim, havia um pedaço de metal redondo em forma de ferradura saindo do chão de pedra com uma grande corrente presa nele.

E então ouvi o som inconfundível da corrente de metal se movendo pelo chão.

Eu não estava sozinha, afinal de contas.



Jasper

Eu não conseguia respirar. Parte disso por culpa da corrida, do meu próprio medo, mas a maior parte da sensação do terror que tomou conta do corpo de Cece quando ela percebeu que estávamos com problemas e que ela estava sozinha. Saí e a vi atravessar o campo, agachada perto do celeiro.

E então a coisa mais estranha do caralho aconteceu. Ela projetou uma mensagem para mim. Embora, com certeza, as pessoas me enviassem mensagens, pensamentos, medos involuntariamente o tempo todo, era algo novo sentir alguém forçando deliberadamente isso sobre mim. Mas foi o que ela fez. Ela respirou fundo e gritou as palavras através de seu cérebro e elas encheram a minha cabeça, altas como os problemas que eu estava tentando ignorar.

Eu não queria deixá-la sozinha. Queria correr pelo campo, agarrá-la e dar o fora desta terra antes que fosse tarde demais. Mas não podia fazer isso. Ela sabia disso e eu também. E então tive que respeitar os seus desejos. Voltei a me esconder nas sombras e, na minha cabeça, a vi encontrar uma trava na parede do celeiro, encontrar uma porta. Eu senti seu suspiro de alívio. Senti sua hesitação e minha confusão cresceu, pois eu não vira nada do celeiro que eu conhecia quando criança.

Então eu vi quando ela viu, uma corrente se movendo pelo chão. Um punho forte envolveu firmemente a minha garganta.

Joguei um escudo sobre minha mente, bloqueando-a. E eu nunca me odiei mais do que agora. Eu deveria saber o que estava acontecendo com ela, eu deveria estar sentindo tudo. Porque isso era minha culpa. Tudo o que ela poderia passar aqui era tudo a porra da minha culpa.

Mas eu tinha que encontrar Jade. Eu tinha que afastá-la de nossos pais. E em seguida eu iria encontrar Doyle e Cece e dar o fora dali.

Ela ficaria bem. Eu precisava de apenas mais alguns minutos. Ela ficaria bem.

Mas, mesmo enquanto eu dizia isso para mim mesmo, eu sabia que era uma mentira.

Passei correndo pelas portas da masmorra e encontrei a

entrada dos fundos da casa. Era só entrar, correr rapidamente até a terceira porta no corredor. Era só isso. Eu poderia fazer isto. Respirei fundo e corri.

Parei na porta dela.

O corredor estava tão escuro e vazio quanto a última vez que me lembrei, segurando a mão de Jade, nós dois com mochilas cheias de itens essenciais nas costas, esperando nunca mais voltar.

Girei a maçaneta e caminhei para dentro do quarto, um pequeno raio da luz da lua fluía através de uma janela, dando-me a visão exata do mesmo quarto em que eu tinha tirado Jade anos atrás. Estava exatamente como ela o deixou, a cama desfeita, as roupas empilhadas do lado do cesto, livros e pedras preciosas na mesa de cabeceira.

Mas Jade não estava lá.

Passei a mão pelo rosto, sentindo uma frustração mais forte do que qualquer outra que já conheci antes. Eu tinha tanta certeza de que ela estaria aqui. Eu nem tinha parado para considerar outras opções. Pensei que era a única explicação para a sua ausência. Jade e eu nunca pisamos no The Green depois que saímos. Ela nunca teria entrado de bom grado. Fazia sentido que nossos pais estivessem envolvidos.

E agora eu tinha perdido dias na missão como um tolo. Tinha colocado todos em risco por nada.

— Foda-se, — eu rosnei selvagememente.

No segundo em que o som saiu dos meus lábios, uma luz acendeu atrás de mim, brilhante, fazendo meus olhos acostumados à noite doerem. O horror afundou na minha barriga imediatamente, queimando como ácido. Endireitei os meus ombros e me virei lentamente, já sabendo quem eu encontraria.

Lá, no canto, sentado na velha cadeira de balanço rosa de Jade estava o meu pai...parecendo tão cruel e intimidador como eu me lembrava dele.

Declan Winters era alto, ainda mais alto do que eu, com as pernas esticadas na frente dele em calças pretas. Mesmo depois dos anos, ele ainda estava em forma, magro e forte sob sua blusa branca. E

como o tempo passava de maneira diferente no The Green e no reino humano, ele mal tinha mudado nos anos que passamos sem nos vermos. Ele era um exemplo perfeito de como eu seria daqui a alguns anos. Ele era rígido e tinha uma surpreendente falta de linhas de sorriso no rosto. Mas com os meus olhos de adulto eu conseguia ver algumas mudanças. Havia linhas finas ao lado de seus olhos, por apertá-los ou por fazer caretas, e não devido à risadas. Seu cabelo loiro claro tinha o menor toque de prata nas têmporas, dando-lhe uma aparência ainda mais severa.

— Sua mãe e eu estávamos prestes a estampar os seus rostos nas caixas de leite, — sua voz quebrou o silêncio, aguda como um chicote cortando o ar.

— Alguns anos tarde demais, você não acha? — Eu perguntei, mantendo meu tom calmo, tentando não trair nenhuma das ondas de medo dentro de mim.

Sua sobrancelha levantou-se condescendentemente e eu percebi que era um gesto que eu tinha herdado dele e isso fez eu me odiar um pouco. — Você realmente achou que poderia pisar nesta terra sem o meu conhecimento?

— Vale a pena arriscar a minha vida por certas coisas, — eu respondi ferozmente, depois respirei fundo, tentando manter o controle. — Onde ela está?

Eu vi quando um flash de confusão passou pelo rosto do meu pai e com isso eu tive a certeza de que ela não estava lá. Não estava no quarto dela ou presa na masmorra. Nossos pais não a viram desde que nós dois fugimos.

Porra.

— Você perdeu sua irmã?

Em um momento de fraqueza eu admiti: — Pensei que você estivesse com ela.

Então ele se levantou, desdobrando seu corpo como um gato, lento, intimidador, quase me fazendo sentir como uma criança novamente. Era estranho como os pais tinham essa capacidade de fazer você se sentir pequeno.

— Eu não estou, — ele disse casualmente, indo em direção à

porta e estalando os dedos no corredor. E, bem, eu sabia o que estava por vir. Eu também sabia que seria inútil tentar lutar. — Mas eu vou encontrá-la. E então vocês dois podem ter uma pequena reunião agradável. Nas masmorras.

Com essa ameaça, a qual era mais uma promessa, dois guardas gigantescos entraram correndo na sala, cada um agarrando um dos meus braços e me levantando do chão.

E eu sabia profundamente que o meu pai nunca me deixaria ir embora de novo.



Cece

Eu não ia surtar. Tudo bem que o suor estava fazendo meu cabelo grudar na minha nuca e meu coração estava batendo tão forte que eu tinha certeza de que ele iria sair do meu peito, mas eu totalmente não iria surtar. Nem tudo no The Green queria me matar. Caramba, alguns só queriam fazer de mim uma escrava sexual e me sequestrar.

Não.

OK. Eu precisava pensar em Onyx e nas sprites. Eles eram bons. Eles não queriam me machucar. Talvez o que estivesse acorrentado no celeiro fosse completamente e totalmente inofensivo.

Mas, por que isso estaria acorrentado?

Como se fosse uma sugestão, as correntes deslizaram ameaçadoramente pelo chão, me dando flashbacks de cada filme terrível de terror que o Corbin, aquele bastardo traidor, me fez assistir com ele.

A faixa de metal contorceu-se, torceu-se, dobrou-se parcialmente e depois virou. Vindo na minha direção. Naturalmente. Porque eu nunca poderia ter a porra de uma pausa. Eu me arrastei para trás até minhas costas baterem contra a parede.

Uma luz se acendeu, algo pequeno como uma lanterna de acampamento movida a bateria com uma lâmpada de LED que de alguma forma conseguiu ser surpreendentemente brilhante em um ponto e projetou o resto da sala em sombras.

E então eu vi. Ele.

Ele era alto, mais alto que Jasper e Doyle, mesmo que estivesse um pouco curvado para a frente. Seu cabelo era loiro escuro, cortado curto. Seu rosto era em forma de V, com o queixo afiado e as maçãs do rosto largas, com lábios largos e finos e sobrelanceiras grossas sobre os olhos que eu não conseguia entender a cor.

Ele usava uma calça de cânhamo marrom, pendurada nos quadris, expondo um estômago forte, peito, braços e ombros tonificados. Firme. Sólido. Inacreditavelmente forte.

A corrente serpenteava na parte de trás de seu corpo, cruzando seu peito como um colete. Estava apertado, a pele por baixo dele estava crua e ensanguentada. Senti uma onda quase esmagadora de empatia. Ele não era uma ameaça para mim. Ele era um prisioneiro e estava sendo torturado.

Mas então ele se virou levemente, seu corpo se dobrando para o lado e eu vi algo que eu não havia visto antes. Ele definitivamente não era humano. Enquanto ele parecia um homem na maior parte, ele era definitivamente fae. Sob a pele de suas costas, bem no meio como uma espinha, havia placas triangulares gigantes como as de um lagarto ou dragão. Havia contusões ao lado de cada uma em vários tons de cura: azul, roxo, esverdeado, amarelo.

Então ele estava acorrentado, sendo espancado e mantido em um celeiro frio.

A indignação brotou dentro de mim, uma necessidade humana básica de lutar contra injustiças. Mas, lembrei-me com uma inspiração, ele deve ter sido acorrentado por uma razão. Talvez ele fosse violento. Talvez ele tivesse poderes.

— Fique quieta, — uma voz perfurou o silêncio, profunda e grave, mesmo que fosse apenas um sussurro, quase como se estivesse enferrujada por mau uso. Eu me encontrei assentindo, não querendo irritá-lo, e observei enquanto ele se movia em minha direção,

agachando-se ao meu lado e colocava seu ouvido na fresta da porta. Ele ouviu por um longo minuto enquanto eu tentava não olhar para ele. Em seguida seus olhos encontraram os meus e eu percebi que eles eram castanhos, mas com manchas avermelhadas saindo das pupilas como pequenas explosões de estrelas. Tão antinatural e, como tal, tão hipnotizante. — Ele foi verificar as árvores, — ele me disse. Respirei fundo e assenti. — Eu sou Drake.

— Cece, — ouvi-me dizendo, minha educação básica dominando meu desejo justificado de não falar com o meio-humano, meio-besta.

Ele sorriu, o movimento um pouco apertado, um pouco tenso, como se tivesse passado tanto tempo sem sorrir que os músculos necessários para fazê-lo estivessem atrofiados. — Prazer em conhecê-la, — ele disse um pouco timidamente. Então ele se levantou e se afastou um pouco de mim, me dando espaço. — Você pode ficar aqui até que ele volte para dentro da casa, e, em seguida, corra para a floresta. Depois de atravessar o limite das árvores você estará segura.

— Obrigada, — eu disse, séria, enquanto puxava minhas pernas contra o meu peito e as envolvia com meus braços.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, seu tom completamente confuso, como se ele não pudesse compreender por que alguém pisaria na terra dos Winters.

— Estamos procurando por alguém.

— Quem?

— Jade. Ela é ...

— A filha deles, — disse Drake, girando e apagando a lâmpada. — Ela não está aqui.

— O quê? — a pergunta saiu de mim enquanto eu lutava para enxergar no escuro. — Ela tem que estar!

Drake levou a mão ao rosto, pressionando um dedo nos lábios para me lembrar de falar baixo — Ela não está aqui. Eu saberia.

— Oh, Deus, — eu disse, incapaz de parar. — Jasper.

— Ele está aqui também? — perguntou, parecendo chocado. Em seguida a sua cabeça se virou repentinamente para o lado, ouvindo. — Vá para debaixo da cama. Agora, — ele sussurrou.

Ele realmente não precisava me pedir duas vezes, não com tudo o que eu já tinha visto no The Green e sentido sobre a família Winters. Eu me arrastei pelo chão com as mãos e os joelhos e me joguei debaixo da cama. Drake estendeu a mão e ajustou o cobertor para que caísse e me escondesse. Havia um pequeno rasgo e pude ver a porta se abrir e alguém entrar.

— Você viu alguém por aqui? — a mesma voz áspera de fora perguntou.

— Não, senhor, — disse Drake, parecendo tímido, com medo, e o meu estômago se enrolou. Se alguém do tamanho dele estava assustado, eu tinha certeza de que deveria fazer xixi em mim mesma de tanto medo.

Estiquei a cabeça para ter uma melhor visão, vendo a porta aberta e o sol começando a aparecer no céu. O homem no celeiro estava em algum lugar na casa dos trinta, com um corpo curto, mas musculoso, cabelos castanhos e pele avermelhada. Havia uma longa bengala preta em sua mão e eu tinha a suspeita de que ela era usada para outras coisas além de ajudá-lo a andar.

— Não minta para mim, draca, — o homem retrucou, zangado. — Eu posso sentir o cheiro dela por todo este lugar. Vou perguntar mais uma vez. Onde ela está?

— Eu não sei, senhor, — Drake insistiu novamente.

Aconteceu tão rápido que eu não tinha certeza se estava vendo as coisas direito no início. O homem se virou, levantou e balançou a bengala, aterrando-a nas costas já danificadas de Drake. O grito insuportavelmente doloroso de Drake era toda a prova que eu precisava de que não estava imaginando coisas.

A histeria borbulhou em mim, fazendo-me sentir como se fosse vomitar. Eu não podia ficar escondida embaixo da cama dele e deixá-lo sofrer por minha causa.

Houve mais um som, a madeira se chocando contra pele. Outro grito, mais alto dessa vez. E, mais uma vez, um terceiro golpe. E então o seu corpo caiu, aterrissando com força, parecendo não ter ossos. O lado de sua cabeça bateu no chão com um estalo audível. Ele caiu com o rosto virado para mim, seus olhos nublados de dor, sangue

escorrendo de seu nariz, mas me deu um sorriso como se dissesse “está tudo bem”.

Mas...porra, não. Não estava tudo bem. Em nenhum lugar do universo isso estava bem. Eu não podia deixar essa situação piorar. Estiquei a mão para puxar o cobertor. Eu mal o havia tocado antes de perceber. Se não estivesse o observando tão de perto, eu não teria visto - o pequeno balançar de sua cabeça, dizendo: *fique parada*. E talvez: *essa não é a primeira vez e não será a última. Antes eu do que você*.

Encolhi-me de volta em meu pequeno esconderijo seguro, minha mão caindo entorpecida no chão. E eu não podia evitar, algo estava vibrando através de cada centímetro de mim, o conhecimento do que eu era. Eu era uma covarde. Eu não aguentava mais isso. Dobrei meu corpo em uma bola e fechei meus olhos com força, todo o meu corpo pulando cada vez que a bengala batia, um golpe duro e inflexível na carne humana macia.

As maldições e gemidos de Drake ficaram cada vez mais altos e senti as lágrimas ardendo nos meus olhos.

— Não, por favor, — as palavras estranguladas e suplicantes escaparam dos lábios de Drake e meus olhos se abriram. Ele estava implorando; ele não parecia o tipo de homem para implorar. Eu cheguei mais perto, espreitando novamente. Drake ainda estava no chão de bruços. O homem estava de pé sobre ele, a bengala levantada acima da cabeça, apontando para a espinha exposta. Senti o pavor tomar conta de mim. Será que essa área era mais sensível que a pele humana dele? Doeria mais? Isso o mataria?

O braço do homem estremeceu, começou a se mover para baixo, e eu não aguentei mais.

— Não! — Eu gritei, um som estridente e histérico que eu não sabia que era capaz de fazer. — Não, — eu chorei novamente, arrancando o cobertor do caminho e saindo debaixo da cama. O braço do homem vacilou, depois caiu ao seu lado. — Estou bem aqui. Pare de machucá-lo. —

— Não, — ouvi a voz triste e estrangulada de Drake dizer. Eu olhei para baixo para encontrar seus olhos derrotados e resignados em

mim. Ele sabia que o meu destino estava selado agora. Ele não podia mais me ajudar.

— Está tudo bem, — eu sussurrei, embora soubesse que era tudo menos isso. — Está tudo bem. — Foi todo o conforto que eu pude dar a ele naquele momento. Ele fez o seu melhor. Ele foi espancado e estava ensanguentado por minha causa.

— Bem, bem, bem, — o homem disse, olhando para mim de uma maneira que me fez sentir doente. — Você é bem bonita, não é? Não consigo imaginar o que você pensou que faria aqui. Você e os outros dois. — Ele balançou sua cabeça. — Mas não se preocupe com eles. Um se foi. O outro está recebendo o que merece. —

Eu senti meu coração apertar no meu peito. Se foi? O que isso significava? Ele estava morto? Um deles estava morto? O corajoso e leal Jasper? O gentil e engraçado Doyle? Doía demais pensar neles. E um deles foi pego e estava — recebendo o que merecia. — O que isso significava? Uma surra? Eles certamente pareciam gostar de espancamentos. Olhei para Drake e vi mais algumas placas de escudos subitamente saindo de sua pele e me perguntei se algo semelhante estava acontecendo com um deles, sem que alguém como eu intervisse.

Merda.

Eu ia receber o que eu merecia também, não é?

Eu não senti o medo repleto de adrenalina que esperava quando cheguei a essa conclusão. Talvez uma parte de mim tivesse aceitado esse destino no segundo em que eu gritei para que a surra de Drake terminasse. Eu seria levada para as masmorras que tinha ouvido falar. Eu seria acorrentada como Drake. Iria ser espancada, passaria fome, ou pior. Ninguém iria me salvar. Ninguém iria impedir isso. Eu só teria que suportar. Eu teria que encontrar uma maneira de lidar com isso e sobreviver com minha sanidade intacta.

Isso me daria algum tempo para trabalhar nas minhas habilidades de meditação, pensei com uma risadinha histérica que engoli antes que escapasse.

— Ela não estava com eles, — mentiu Drake, seu corpo tenso como se esperasse outro golpe.

— O que, draca? — o homem latiu entre os lábios cerrados.

— Ela não estava com os homens, — ele disse e eu abaixei minha cabeça para não mostrar nenhuma surpresa. — Ela estava perseguindo um Will-o'-the-Wisp.

Um Will-o'-the-Wisp? Que diabos era um Will-o'-the-Wisp?

A sobancelha do homem se ergueu, seus olhos quase parecendo um pouco divertidos. — Um Will-o'-the-Wisp, — ele repetiu com um sorriso de escárnio e eu percebi que ele estava zombando de mim silenciosamente. — Que garota estúpida, — disse ele, balançando a cabeça antes de olhar de novo para Drake, que visivelmente se encolheu e tive o desejo avassalador de dar um tapa no homem que o havia derrotado. Um homem como Drake, forte, bom, altruísta, nunca deveria se sentir tão fraco. — O que você estava planejando fazer com ela, draca? Ia mantê-la debaixo da cama e tirá-la de lá para...se divertir?

A mandíbula de Drake apertou com a insinuação, como se estivesse lutando para se impedir de dizer algo que ele sabia que lhe renderia uma outra surra.

— Bem, isso não importa, — disse o homem. — Eu acho que tenho que trazê-la para a família, ver o que eles querem fazer com você .

E com isso, ele estendeu a mão e agarrou meu braço em um aperto punitivo, forte o suficiente para machucar quase instantaneamente, enquanto ele me arrastava em direção à porta.

Olhei por cima do ombro para Drake, o qual estava se levantando do chão, seus os olhos em mim, parecendo se desculpar. Mas ele fez tudo o que pôde. Eu murmurei um 'Está tudo bem' para ele e ofereci um sorriso um pouco vacilante, o que só conseguiu deixá-lo ainda mais triste.

Fui arrastada para fora do celeiro e respirei fundo.

Está tudo bem.

Eu ficaria bem.

Espero.

SETE

Jasper

Eu acho que uma pessoa comum ou um fae pensaria que eu era um covarde. Quando tudo estava desmoronando um homem deveria lutar, certo? Bem, uma pessoa comum ou um fae não têm a porra da noção do que significa lutar contra o meu pai e seus lacaios. Não há escapatória. Não há esperança.

Fui levado para a masmorra, o chão de pedra com feno espalhado, o ar fedendo a suor, mijó, merda e com o cheiro metálico de sangue. Quando fui passando pelas portas de várias celas não pude deixar de imaginar quem estava nelas, quais eram seus supostos crimes, a quanto tempo eles estavam pagando por eles.

As masmorras eram uma parte vívida e inesquecível da minha infância. Até mesmo os meus pequenos olhos e ouvidos sabiam que aquilo era errado, sujo, e maldoso. A única luz vinha das janelas gradeadas. Ali sempre fazia frio já que as masmorras estavam a quase três metros de profundidade. Meu pai tinha me levado lá embaixo antes mesmo de eu aprender a andar. Ele próprio era imune a tudo, aos gritos, aos pedidos, aos gemidos, aos choramingos, nada disso o afetava. Mas lembrei-me do jeito que minha barriga tremia, do jeito que meus olhos ardiam.

— Um dia você estará encarregado de lidar com os castigos deles, — ele me disse quando eu tinha cinco anos e fiz a minha melhor representação de papai, andando ao lado dele com os ombros para trás e as mãos atrás das costas. — Eu tinha uns dezesseis anos quando o meu pai me deu essa tarefa, — ele admitiu, parecendo orgulhoso. — Você ainda tem um longo caminho a percorrer, mas em alguns anos começará a descer aqui para testemunhar os interrogatórios e as punições.

E eu fiz. Com oito anos vi um homem de braços amarrado a

uma mesa sendo espancado até que vergões surgiram em sua pele e se abriram, fazendo-o sangrar por toda a parte. E eu pude ouvir os gritos enquanto o homem tinha a palavra 'traidor' marcada à fogo no ombro. O cheiro de carne queimada fez meu estômago revirar e eu vomitei em meus próprios pés enquanto o meu pai e seus homens riam de mim com entusiasmo.

— Você vai se acostumar com o cheiro, — disse um dos guardas, ainda rindo. Mas o homem virou a cabeça em cima da mesa e olhou para mim como se talvez eu pudesse o ajudar, como se eu tivesse outro poder além de ficar ao lado de meu pai e assistir, como se eu, pequeno, assustado e confuso, pudesse ser o seu salvador.

Fui levado de volta para casa, onde meu pai contou a história para minha mãe, a qual me rendeu um sorriso frio. Em seguida fui dispensado e subi as escadas até o quarto de Jade, me joguei na cama dela e chorei tanto que não conseguia respirar.

Então, comecei a me planejar.

— Entre, — o guarda latiu, me trazendo de volta ao presente. Fui empurrado para frente e bati contra a parede dos fundos. E então a porta se fechou e a tranca deslizou no lugar.

Sozinho, deslizei pela parede, agachando-me no chão. Eu conhecia meu pai. Ele me faria esperar um pouco. Ele gostaria que o medo me dominasse. Mas eu nunca permitiria isso. Isso apenas pioraria a inevitável tortura. Em vez disso, fechei os olhos e abaixei o véu que havia erguido para bloquear Doyle e Cece.

Não havia Doyle.

Essa percepção me encheu de pavor antes que eu me lembrasse de que Doyle era forte e rápido, que ele provavelmente correu para as árvores e para a segurança. Nesse caso, ele estava longe demais para o sentir. Doyle era esperto. Ele não faria algo estúpido e viria atrás de mim imediatamente. Ele esperaria até escurecer novamente. Ele encontraria alguns aliados. Ele esperaria a hora certa.

Mas ele também poderia estar morto. Não havia como negar essa possibilidade. Engoli o nó na garganta, afastando esse pensamento, sabendo que não me faria nenhum bem até que tivesse certeza disso.

Suspirei e pensei em Cece. Por um longo momento, nada veio à tona, fazendo minhas tripas se apertarem e virarem e de repente fiquei agradecido por não ter comido nada, pois se tivesse, o que quer que estivesse no meu sistema estaria em todo o chão de palha agora. Mas então uma imagem surgiu, lentamente a princípio, embaçada nas bordas como um sonho.

Primeiro, o celeiro. Quando eu era criança meu pai pegou um fauno, jogou sua flauta no poço, acorrentou-o no ferro para mantê-lo com dor e submisso, e me deixou tê-lo como animal de estimação para cavalgar. Mas o fauno se foi e o interior do celeiro estava organizado como se fosse uma casa. O que eu estava vendo era distorcido, como de uma perspectiva de baixo. O chão, provavelmente. Um pedaço de tecido bloqueou a maior parte da vista. Em seguida havia o medo, o pavor. E eu vi algo.

Não. Porra, não. De jeito nenhum minha família ficou tão ousada, tão incrivelmente estúpida. De jeito nenhum eles estavam mantendo um draca como prisioneiro.

Fiquei tão atordoado que não percebi a intenção de Cece até vê-la voando de debaixo da cama para parar o espancamento. Eu me ouvi gritar — não, — o som ecoando nas paredes da masmorra. Deus não. Mas não era o medo dela que eu estava sentindo, era o meu. Quando afastei os meus próprios sentimentos, tudo o que senti de Cece era determinação. Ela estava tentando salvar a draca que deve ter sido bom com ela, a ajudou a se esconder, tentou protegê-la. Garota corajosa, corajosa. Mas também incrivelmente estúpida.

Mas então o draca murmurou algo que o homem do meu pai repetiu e eu pude ver sua boca com clareza suficiente para ler 'Will-o'-the-Wisp'. E eu sabia que o draca não tinha terminado de protegê-la. Ele criou uma história sobre por que ela estava na propriedade. Senti uma gratidão que eu nunca havia sentido antes em relação a essa criatura desconhecida.

Ele a salvou. Ela não seria levada às masmorras. Eu não teria que ouvi-la gritar enquanto era espancada, queimada, afogada, marcada ou, pensei e tive que engolir com força a bile que subiu pela minha garganta, estuprada. Eu não nutria quaisquer ilusões sobre os

homens do meu pai. Eles eram o epítome do mal. Eles eram tão ruins quanto um fae poderia ser. Eles teriam feito isso. Eles provavelmente haviam feito isso inúmeras vezes ao longo dos anos.

Ela tinha uma chance. Ela seria levada para dentro da casa e, se conseguisse parecer boba e sem noção, eles provavelmente iriam bater nela e a mandariam embora em seguida. Ela não tinha utilidade para eles. Changelings estúpidos estavam sempre vagando sem rumo pelo The Green, sem saber o que estavam fazendo, sem nem mesmo entender como chegaram de suas casas até aqui. Eles não a prenderiam. Ela parecia praticamente sem poderes. Se ela não parecesse desprovida de poderes eles poderiam querer mantê-la. Eles gostavam de colecionar faes com poderes. Mas Cece não me mostrou nenhum poder em nossos dias juntos.

Ela seria mandada embora e se tornaria uma piada nos jantares.

Fechei o véu novamente quando a vi sendo afastada de maneira muito grosseira, mas intacta. Ela não estava machucada.

Ela ficaria bem.

Ela tinha que ficar.

Ouvi passos no corredor. Eles não eram os sons pesados como passos de seus guardas. Eram passos propositalmente comedidos que só poderiam pertencer ao meu pai. Levantei-me, empurrando-me contra a parede, endireitando os ombros, separando bem meus pés. Cruzei os braços sobre o peito, fazendo o possível para parecer entediado e despreocupado.

A porta se abriu fazendo um barulho alto. Vi meu pai principalmente nas sombras, o sol em suas costas, fazendo com que as maçãs de seu rosto parecerem marcadas e vazias. — Eu nunca pensei que veria o dia em que meu filho estivesse em uma das minhas celas, — comentou ele, as palavras afiadas e deliberadas.

— Geralmente não é um lugar que os pais colocam um filho, — rosnei de volta.

— A maioria das crianças não desonra toda a família, — ele deu de ombros, mas suas palavras tinham o menor traço de raiva. Se ainda havia raiva depois de todos esses anos, eu nem queria pensar em

como ele deve ter ficado chateado quando percebeu que fugimos anos atrás. — Não culpo a sua irmã, é claro. Ela sempre foi um cérebro de penas, sempre foi uma seguidora. Ela deve ter conseguido isso do lado de sua mãe.

Eu não sabia do que diabos ele estava falando. Minha mãe era uma serpente. Eu não podia imaginar um único fae de sua linhagem que não fosse no mínimo sorrateiro e inteligente. Opal Winters, por fora, era uma mãe devota e esposa amorosa. Ela estava sempre calma, equilibrada, até mesmo morna. Mas quando as aparências eram deixadas de lado ela era mais fria que meu pai. Ela era descuidada e tinha um temperamento forte. Lembrei-me dos criados andando pela casa silenciosamente, encostados pelas paredes. Porque eles sabiam que, se chegassem ao alcance do braço, Opal os bateria no rosto. Sem razão nenhuma para isso.

— Isso os mantém no lugar deles, querido, — ela disse ao meu pai quando ele levantou uma sobrancelha para ela quando uma criada saiu correndo da sala segurando seu rosto. — Se eles nunca souberem se ou quando serão atingidos, nunca falharão em seus deveres. Honestamente, — ela disse, revirando os olhos para o marido, — os homens não sabem nada sobre coisas assim. É exatamente por isso que eles devem manter o nariz longe.

E, tanto quanto eu me lembro, meu pai nunca a corrigiu ou a castigou. Eles nunca brigaram.

Jade e eu costumávamos ficar sentados sussurrando teorias sobre o que minha mãe sabia sobre ele para mantê-lo tão respeitoso, tão sem argumentos. Ela era mais habilidosa do que imaginávamos? Ela tinha poderes ocultos? A família dela era muito importante? Ela era a razão de sermos tão ricos?

Esses não eram os tipos de perguntas que tínhamos permissão para fazer. De fato, tivemos poucas chances de perguntar qualquer coisa aos nossos pais. Geralmente, éramos deixados fazendo nossos afazeres a maior parte do dia, sendo convocados apenas para o jantar, onde era esperado que sentássemos em silêncio, a menos que fôssemos abordados. Na época Jade tinha aulas com um tutor que a ensinou tudo sobre pedras preciosas. E eu tive um tutor que me ensinou sobre

a floresta. E então podia acompanhar meu pai nas tarefas que deveriam me — deixar mais homem. — Todas, é claro, envolviam algum tipo de violência.

— Não consigo imaginar por que você pensaria que tínhamos sua irmã, — ele disse de repente, me tirando de minhas memórias. — Como todos no The Green sabem, você e sua irmã morreram em um terrível ataque de draca. Houve um enterro e tudo.

— Então isso explica por que você mantém um draca acorrentado no celeiro, — eu disse, sentindo a minha raiva aumentar. Ele inventou um esquema que, por sua vez, lhe dava o direito de manter prisioneiro uma criatura inocente e extremamente rara, extinta, ou conhecida por estar extinta.

— Você bisbilhotou, não é? — ele riu. — As pessoas precisavam de provas. Eu lhes dei provas.

Eu balancei minha cabeça, sentindo uma sensação amarga no meu estômago. Vergonha por estar relacionado a um homem assim. — Então, qual é o plano aqui, pai? — Eu perguntei, cuspiendo a última palavra. — Você vai me manter aqui embaixo para sempre?

— Talvez. Mas só para começar, — disse ele, batendo na porta da cela e dois guardas entraram.

E assim tudo começa, pensei, me forçando a não reagir. Eu fiquei mais reto e estendi meus braços, pulsos juntos. O guarda era muito familiar, como se fosse o rosto de alguém que costumava servir café todos os dias...anos atrás. Ele usava luvas. Claro que ele usava luvas. Porque as algemas eram de ferro. Respirei fundo e segurei, sabendo o que estava por vir e não querendo gritar. Iria queimar, queimar como ser marcado à ferro, uma dor forte, constante e intolerável. Olhei para as algemas quando elas se aproximaram. Elas eram velhas, muito antigas, provavelmente transmitidas através das gerações. Estavam cobertas de sujeira e sangue, enferrujadas nas rachaduras. Incontáveis homens humanos normais foram contidos com elas e uma quantidade ainda maior de faes foram torturados com elas.

As algemas envolveram meus pulsos em um movimento rápido, fechando-as. A dor foi instantânea e esmagadora. Minha respiração saiu assobiando dos meus lábios e a única coisa que me

impedia de gritar era a presença imponente do meu pai. Eu não ia lhe dar essa satisfação. O filho da puta sabia o quanto isso doía. E ele veria que, mesmo com dor intolerável, ele não iria me quebrar.

— Coloque-o no último quarto, — ele instruiu, sua voz ainda mais fria do que o habitual enquanto saía da sala.

Fui puxado para fora da cela e caminhei atrás do guarda, lembrando-me dos quartos. O primeiro quarto tinha banheiras. Para banhos de gelo e asfixia. A segunda sala era à prova de som, com correntes nas paredes e enormes alto-falantes do chão ao teto. Para tortura sonora. O último quarto era o maior. Havia correntes nas paredes, correntes no teto, correntes sobre a mesa. E um caixão.

O caixão era para fazer as pessoas pensarem que seriam sufocadas até a morte. E elas poderiam sufocar e o fariam se tivessem um ataque de ansiedade, e sugasse o ar muito rápido. Mas eu sabia desde a infância que havia dois furos estrategicamente colocados e dimensionados na madeira para fornecer ar o suficiente para a sobrevivência.

Havia ganchos em uma parede, com dispositivos pendurados neles: cintos, remos, chicotes, facas, bastões, martelos, pregos ... a lista era interminável.

Meu pai estava passando uma mensagem muito clara. Ele não iria facilitar isso para mim. Eu seria tratado com o mesmo desdém que os piores tipos de homem e fae recebiam. Os traidores. Eu era um traidor da minha família e seria tratado como um.

— Suba, — exigiu um dos guardas, empurrando-me em direção a uma escada. Subi nela enquanto o guarda pulava algumas vezes para pegar a corrente pendurada no teto. Ele a prendeu nas algemas em meus pulsos e atravessou a sala em direção a uma roda, apertando a corrente e lentamente me levantando da escada. Meus ombros gritaram de dor, a sensação deles sendo arrancados de suas articulações enquanto eu balançava no ar.

Suguei algumas respirações estranguladas, tentando manter o controle. Não era tão ruim assim. Eu poderia me acostumar com isso. Meus ombros doíam, mas não era nada comparado à dor em meus pulsos quando as algemas cavaram mais fundo. Mas eu ainda

estava vivo. Eu poderia viver com isso. Engoli em seco e ofereci a um dos guardas abaixo de mim um pequeno sorriso. — Bom dia para apenas... ficar perdurado por aqui, você não acha?

Um dos guardas, o que eu reconheci um pouco, riu enquanto o outro revirou os olhos e se sentou em um banquinho no canto. Eles sentariam comigo até o meu pai voltar. Meu pai seria a única pessoa a me castigar. Talvez quando meu pai se cansasse, eles entrariam em ação. Esse era o trabalho deles. E eles eram muito, muito bons nisso.

— Eu costumava entrar naquele caixão, — murmurei, precisando me distrair da dor, precisando manter o foco. — Eu não sabia que eles não abriam por dentro. Fiquei ali por um dia inteiro antes que alguém viesse me encontrar.

Lembrei-me do plano original, subir e entrar no caixão e cruzar as mãos sobre o peito como os mortos...ou mortos-vivos e esperar ser encontrado por meu pai. Eu pensei que seria engraçado. Mas quando a primeira hora passou e o ar ficou mais denso, cada vez mais difícil de respirar, comecei a entrar em pânico. E então eu comecei a gritar, batendo no tecido. Inutilmente. Ninguém poderia me ouvir. Poucas horas depois, desisti. Meu peito doía, minhas mãos também. Eu estava cansado e com fome. Pensando que não havia esperança, eu me deitei, cruzei os braços sobre o peito e esperei a morte.

Na verdade, eu adormeci.

E depois fui acordado pela tampa do caixão sendo levantada. — Jesus, — o guarda disse, olhando para mim. Ele me pegou e me carregou para fora das masmorras.

Minha cabeça se virou abruptamente para o guarda, o reconhecimento surgindo. Foi ele. Era por isso que ele era familiar para mim. Ele tinha sido o guarda que me salvou.

— Eu tive uma surra violenta depois disso, — eu disse e notei a careta do guarda. Como diabos ele poderia trabalhar nessas masmorras quando ainda tinha algum tipo de consciência? Bem, talvez ele apenas tenha um fraquinho por crianças.

Eu não era mais criança.

A porta se abriu e se fechou. Não haveria mais conversas, eu não poderia mais evitar minha dor. Ouvi o som deliberado dos passos

do meu pai. Ele se moveu em direção à parede, pegando algo e voltando para mim. Senti a queima do ferro em minhas costas enquanto ele cortava a minha camisa. O ar frio fez minha pele formigar e meu pai voltou para a parede. O que ele iria fazer primeiro? Usar um objeto não afiado? Afiado? A antecipação deixava tudo pior.

Os passos se aproximaram novamente. Não houve nenhum som por um longo e agonizante momento. Depois veio o cinto, aterrissando com força, rápido, furioso sobre meus ombros, atingindo os mesmos lugares várias vezes. Três, quatro, eu podia sentir a pele começar a abrir. Cinco, seis, o sangue começou a escorrer pelas minhas costas, deslizando para dentro da minha calça. Sete, oito, um suor frio brilhava sobre cada centímetro da minha pele. Nove, outra chicotada sobre um ferimento já aberto, me fazendo ver branco. Dez.

E então nada.

Respirei fundo, mordendo o interior da minha bochecha forte o suficiente para fazê-la sangrar. Mas eu preferia sangrar do que gritar.

— Apenas um espancamento normal então? — Eu perguntei, sabendo que estava provocando ele, mas precisando que ele soubesse que eu não iria quebrar. Minha infância foi cheia de espancamentos assim. Às vezes era uma vez por mês. Às vezes era duas vezes por semana. Eles sempre eram uma surpresa e sempre sem nenhuma razão. Esse era o objetivo. Assim como minha mãe fazia com seus servos. Eu era espancado para ser lembrado de que deveria me comportar. Eu era espancado para ser lembrado de que ele poderia me matar com a mesma facilidade que poderia esmagar uma formiga.

Ouvi passos rápidos e de repente meu pai pegou as correntes com suas mãos nuas, o ferro queimando suas palmas das mãos e me virou para encará-lo. Vi raiva lá, uma quantidade profunda e irracional de raiva e tive a sensação de que não era apenas sobre mim. Ele fez um movimento para o guarda e senti meu corpo sendo baixado. Então ele levantou o braço e balançou. O golpe acertou bem embaixo do meu olho esquerdo, fazendo um som esmagador e um sentimento que me fez ter certeza de que ele quebrou meu olho. Minha visão dobrou e depois ficou embaçada, sem clarear

completamente novamente.

— Estamos apenas começando, garoto, — ele retrucou, tirando uma longa faca de metal e se movendo em minha direção rapidamente.

Fui provocado a princípio, apenas uma promessa do que estava por vir. Ele roçou minha pele. Queimou, mas não perfurou completamente. Então ele começou. Deslizou na pele perto da cintura da minha calça e arrastou para cima, me fazendo morder meu lábio e respirar fundo pelo nariz.

Eu precisava escapar. Precisava sair do meu corpo e ir para outro lugar. Eu não seria capaz de tolerar isso de outra maneira. Minha mente alcançou os guardas. O que estava sentado no canto estava fechado, provavelmente um hábito que ele adquiriu ao trabalhar perto de meu pai, que ele sabia que poderia lê-lo facilmente. Estendi minha mente para o outro e não encontrei nada além de nojo, horror e pensamentos de todas as torturas sem sentido que ele testemunhou e infligiu. Isso era tudo o que ele tinha dentro dele: tristeza, arrependimento, desamparo.

Isso não me ajudaria.

Então, com um tipo de curiosidade mórbida, porque meus poderes nunca eram fortes o suficiente para isso quando criança, estendi minha mente para o meu pai. Na superfície, havia raiva de mim por ter partido, por fazê-lo lidar com essa vergonha, por ser um pirralho ingrato. Por baixo disso, porém, havia um tipo diferente de raiva. Era do tipo que vinha de anos tentando reprimir, recusando-se a lidar com isso porque havia algo embaixo dele que era infinitamente pior.

Empurrei mais fundo, a dor ainda intensa, a necessidade de me perder completamente era quase esmagadora. Forcei-me além das emoções superficiais que estava acostumado a experimentar. Senti o choque me encher quando me vi em suas memórias, vendo através dos olhos de meu pai, ouvindo através de seus ouvidos, sentindo através de seu corpo.

— *Sua cadela malvada e inconivente*, — disse ele, sua voz furiosa.

Com quem ele estava falando? Eu pressionei com mais força,

minha visão se concentrando mais e encontrando a minha mãe. E mesmo que ela sempre estivesse bonita, ela era ainda mais bela, mais jovem, mais rechonchuda nas bochechas e lábios. Ela estava recostada em um sofá, com seu vestido branco e fino cortado até a coxa, observando meu pai, parecendo entediada.

— *Como assim?* — *ela perguntou, parecendo falsamente inocente.*

— *Você arruinou as nossas vidas,* — *disse ele, sua voz pesada enquanto ele se virava para olhar pela janela, triste. Em seguida ele estava se afastando dela, ódio como ácido queimando através de suas veias.*

Ele subiu as escadas devagar e desceu o corredor até uma sala com paredes amarelas alegres e dois berços. Ele se aproximou e gentilmente levantou um bebê adormecido, uma pequena Jade rechonchuda e rosada, e a apoiou contra seu ombro. Depois ele foi para o outro berço e me pegou, fazendo o mesmo comigo.

Eu nunca tinha pensado muito sobre meu pai quando ele era jovem, como ele era antes que Jade e eu fôssemos velhos o suficiente para sermos ensinados e moldados nas pessoas que ele queria que fôssemos. Eu sempre imaginei que fomos criados nesse tempo pelos criados, porque minha mãe não tinha um osso materno em todo o corpo. Eu certamente nunca pensei em considerar a ideia de que o homem que estava esculpindo minha pele, que havia me espancado violentamente durante toda a minha infância, poderia nos ter tirado de nossos berços e nos abraçado com tanto amor.

— *Sinto muito,* — *ele sussurrou para os bebês dormindo, com a voz embargada.* Eu senti a tristeza. Era uma sensação de ser puxado para baixo da água, de ser incapaz de fazer qualquer coisa, apenas afundar ainda mais no desespero até que estivesse completamente submerso. Até que cada respiração sugada fosse apenas para engolir mais dor. Até você estar tão fundo que não haveria mais esperança de subir para a superfície novamente.

E então, percebi com uma sensação de embrulho no estômago, meu pai estava nos segurando, inclinando-nos um pouco para a frente, soluçando incontrolavelmente.

Minha mente recuou de repente, me jogando de volta em meu próprio corpo, minhas próprias sensações. Tudo me atingiu de uma só

vez, amplificado pela breve fuga. Meus pulsos estavam em chamas; os vergões nas minhas costas ardiam; os cortes da faca queimavam. Havia novos sentimentos também, da dor que havia sido infligida enquanto eu estava gloriosamente entorpecido. Havia um latejar nas minhas costas, descendo pelos meus quadris, como se tivesse levado um soco. E também uma queimação excruciante no meu peito, onde meu pai ainda estava esculpindo algo em minha carne.

Meus olhos se abriram, pousando no triste guarda que balançou a cabeça para mim e depois olhou para seus próprios pés antes de dizer: — Declan...

— O que? — meu pai gritou, respirando pesadamente, a ponta da faca ainda estava na minha pele.

— Você quer que ele aguentasse uma segunda sessão? Porque nesse ritmo, ele não vai.

Eu esperava que meu pai atacasse o guarda por interrompê-lo. Mas ele não o fez. Ele puxou a faca da minha pele e me olhou por um momento, inspecionando os danos que ele havia infligido. Quando o seu olhar encontrou o meu, eu o segurei, esperando não mostrar nada além de ódio.

— Bem, você é o especialista, — ele disse ao guarda. — Mas apenas mais uma pequena alteração, — disse ele, levantando a faca e deslizando-a na minha pele, ao lado da minha orelha esquerda, cavando a lâmina e arrastando-a pela bochecha, parando ao lado dos meus lábios. — Pronto, — ele disse com um aceno de cabeça, largando a faca no chão e atravessando a sala em direção à porta. — Deixe ele pintar o chão de vermelho por um tempo antes de trazê-lo de volta para a cela. —

Passos se afastaram, a porta se fechou e eu estava finalmente sozinho. Prendi a respiração, esperando até ter certeza de que eles estavam realmente longe e a porta estava fechada e que todos estavam fora do alcance da voz antes de soltar um grito, um som alto, longo e animalesco que ricocheteou nas paredes e soou cru até para meus próprios ouvidos. Durou até minha garganta e peito arderem, até que tudo o que eu tinha contido tinha sido colocado para fora.

— Você precisa liberar isso, — alguém gritou de uma das celas. — Não há vergonha em chorar se você precisar. Todos nós passamos por isso. Ninguém vai usar isso contra você.

Em seguida, outra voz, mais velha e rouca, falou. — Não vai te ajudar agir como um herói. Eles param muito mais cedo se você gritar.

Respirei fundo, cuspido sangue no chão que se acumulou por morder minha bochecha. — Ele é meu pai, — eu respondi, sabendo que isso explicaria tudo.

Ouvi sussurros por um segundo antes que a voz mais velha falasse novamente. — O menininho loiro? — ele perguntou. — Quanto tempo faz então?

Eu podia sentir a necessidade deles de saber, tão forte quanto a necessidade de escapar, eles precisavam saber quanto tempo havia passado, quanto tempo de suas vidas havia sido desperdiçado. — Tínhamos dez anos quando fugimos. Faz dezoito anos.

— Oh, Deus, — o velho gemeu.

— Guardas, — outra voz gritou, silenciando de vez todos eles. A porta atrás de mim se abriu e ouvi passos, em seguida o guarda que eu conhecia quando criança estava lá.

— Ele não especificou exatamente quanto tempo eu deveria manter você aqui, — explicou, indo até a roda e me abaixando até o chão, a sensação de alívio era tão forte que foi esmagadora. Meus pés tocaram o chão e eu lutei para ficar de pé em minhas pernas dormentes. Um segundo depois, o guarda estava lá, aliviando parte do meu peso. — Aqui, beba um pouco disso. Vai ajudar na dor, — ele disse, tirando um frasco e segurando-o nos meus lábios. Abri minha boca e senti o líquido queimar minha garganta. Depois disso ele puxou o frasco e derramou o líquido sobre meus pulsos, peito e costas. Eu me ouvi xingar, uma longa sequência das palavras mais sujas que eu conhecia e em algum lugar nas celas alguém riu. — Isso impedirá a infecção, — explicou o guarda. — É assim que a maioria morre por aqui. — Ele guardou o frasco e sustentou mais do meu peso. — Vamos lá, vamos voltar para a sua cela

Enquanto caminhávamos, o guarda parou para colocar algo em uma das celas. Curioso, empurrei minha mente para ele novamente e

não encontrei nada além de compaixão. — É por isso que você está aqui, — eu disse. — Não porque você é um bastardo sádico, mas porque você os ajuda. Nós. — Eu corrigi. — Você se certifica de que estamos recebendo cuidados.

— Todo mundo precisa de alguém que se importe.

— Qual é o seu nome?

— Elic, — disse-me, me ajudando a entrar na minha cela e me entregando um saquinho de amendoins. — Descanse. Você sabe que ele está voltando.

— Sim, eu sei.

Sozinho, comi alguns amendoins e coloquei o resto debaixo de uma pilha de palha no canto. Respirei fundo e olhei para baixo, já sabendo o que encontraria. Geralmente havia um modelo para isso, mas meu pai queria personalizá-lo, prolongar a miséria. Lá no meu peito, de ombro a ombro, a palavra 'traidor' estava gravada na minha carne.

Ajoelhei-me no chão duro, respirando fundo para tentar aliviar a dor, tentando encontrar qualquer outra coisa para focar, exceto nisso.

Mas eu ouvi os passos de meu pai novamente e a porta se abriu. — Você fique fora da minha cabeça, garoto, — ele disse através de uma mandíbula cerrada, com seus olhos furiosos.

Senti meus lábios se contorcendo em um sorriso sem humor. Ele deve ter me sentido. Ou talvez eu tenha deixado um rastro de mim mesmo para trás, como o toque frio de um fantasma. Eu senti uma satisfação doentia por isso, por ficar sob sua pele. O desejo que me tomou então era quase irresistível. Apesar de saber que era inútil, estúpido, um pedido para ser torturado ainda mais.

Mas eu me levantei e avancei, batendo em meu pai com força e inesperadamente e, com isso, enviando a nós dois em direção ao chão.

— Idiota, — ouvi alguém rosnar de uma das celas.

Ele estava certo. Eu sabia que não poderia vencer. Eu sabia que pagaria caro por isso. Mas nada nunca foi tão gratificante na minha vida como sentir meu punho colidir com suas costelas. Houve um som de estalo enquanto a respiração saiu dele bruscamente e eu sabia que

tinha quebrado pelo menos uma.

A vitória durou pouco, no entanto, quando ele se levantou e me fez voar de costas, arrancando um grito sufocado de mim.

Depois, tudo o que vi foram os punhos e os olhos malignos do meu pai.

Mas não por muito tempo.

Vários golpes depois eu alegremente cai na inconsciência.

OITO

Cece

Eu queria soltar o meu braço, o aperto dele doía muito. Como se sentisse meus pensamentos, ele parou no meio do passo e me jogou em direção ao chão. Eu cai com um grunhido, rolando em minhas mãos e joelhos para me levantar, tentando ignorar o desamparo da situação, a indignidade. Em seguida houve uma dor explosiva no meu estômago que me levou a cair vários metros de costas novamente.

Me enrolei de lado, tentando respirar através da sensação de dor, nunca tendo sofrido uma dor assim antes, não esse tipo, infligida de propósito.

— Levante-se, — ele exigiu e eu rapidamente me levantei, curvando-me um pouco para a frente. — Eles não vão querer matar você, mas ninguém disse que não posso me divertir com você primeiro. — A maneira como ele disse “me divertir” fez meu estômago revirar, fez a bile subir pela minha garganta. Eu tinha a sensação de que sabia exatamente que tipo de diversão ele estava pensando. — Você é bonita demais, — ele disse, parecendo animado. — Vamos ver como podemos resolver isso primeiro.

Antes que eu pudesse recuar, seu braço se moveu, as costas de sua mão esmagando o lado do meu rosto. A dor foi imediata, aguda, depois latejante e eu sabia que provavelmente já estava ficando roxo. Eu tropecei para trás, sentindo o gosto de sangue, e percebi que ele tinha rasgado meu lábio com um anel grande e horrível que ele usava.

— Nuh-uh, — ele disse quando eu me afastei. Ele estendeu a mão, agarrando o cabelo da minha nuca, enrolando-o em seu punho e puxando violentamente para o lado.

Eu me odiei por isso, mas soltei um grito com a dor no meu couro cabeludo.

— Frank! — uma voz feminina chamou. A mão de Frank caiu imediatamente do meu cabelo e ele se virou rapidamente, procurando quem tinha chamado. Encontrando-a em pé a vários metros de distância, ele se curvou para ela. — Você deve trazer os convidados diretamente para a casa, — declarou ela, sua voz jovem, firme e punitiva.

— Sim, sim, claro, senhorita, — ele se apressou para responder, tropeçando em suas palavras enquanto se curvava novamente.

Mesmo à distância, a semelhança familiar era inconfundível. Ela tinha os mesmos longos cabelos loiros de Jade, os mesmos olhos brilhantes de Jasper. Seu rosto, embora com as mesmas feições afiadas, era um pouco mais arredondado, um pouco mais suave. Ela era alta e magra e talvez estivesse no final da adolescência.

Eu me perguntei de repente se Jasper ou Jade sabiam que eles tinham uma irmãzinha.

Ela ficou lá por um momento para se certificar de que Frank estava fazendo o que lhe dissera, depois se virou para entrar na casa, deixando a porta da frente aberta para nós.

Tudo na casa dos Winters era branco. O piso era branco; as paredes eram de um tom de branco de tirar o fôlego. Todo o mobiliário era branco. Tudo era caro, impecável, limpo e frio. Nada parecia oferecer qualquer tipo de conforto.

— Fique aqui, — Frank ordenou, me empurrando para dentro da sala mais próxima. Eu poderia correr? Mas enquanto pensava nisso, um homem apareceu, fechando a porta da frente, olhando-me, depois pressionando as costas contra ela, selando minha fuga. Eu me virei e olhei ao redor da sala com suas enormes janelas que se estendiam do chão ao teto e as estantes de livros cobrindo uma parede inteira. Havia um piano de cauda em um canto e eu não pude deixar de me perguntar se Jade ou Jasper haviam aprendido a tocar. Sorri um pouco melancolicamente para a imagem de um pequeno Jasper loiro sentado no banco, tentando fazer suas mãozinhas tocarem as notas certas.

— Bem, olá, — uma voz feminina suave falou, me fazendo

tropeçar e virar, meu coração batendo forte. Encontrei uma mulher de meia idade, com cabelos claros como gelo, os quais ela afastou do rosto e prendeu atrás do pescoço. Ela era alta e quase dolorosamente magra com seu vestido branco, cortada em um profundo V na frente.

Ela era linda, mas de uma maneira muito distante, como uma estrela de cinema em preto e branco. Havia um ar calmo e educado sobre ela que, por alguma razão que eu não entendi, a fez parecer perigosa.

— Eu sou Opal Winters. Bem-vinda à minha casa, — disse com um sorriso, revelando dentes perfeitamente brancos que eram um pouco pontudos demais. Como presas. — Ouvi dizer que você se distraiu um pouco na floresta e acabou chegando em nossa propriedade.

— Sinto muito, — eu disse, as palavras pingando com sinceridade, porque eu realmente estava arrependida por estar naquela casa naquele momento.

Opala levantou uma mão delicada. — Não. Nada disso. Frank disse que você tomou bastante cuidado, — ela comentou e eu pude perceber que ela sabia exatamente o que aconteceu. — Aqui, deixe-me dar uma olhada, — disse enquanto se aproximava de mim. Realmente, a sala era desnecessariamente enorme. Ela se moveu devagar, languidamente. Como um gato. Ela ficou a cerca de um metro e meio antes de parar de avançar, com a boca aberta em surpresa. — Oh, meu Deus, — ela disse baixinho.

Opala me observou por um longo momento, tempo suficiente para me fazer contorcer, como se eu fosse algum tipo de unicórnio mítico. Inferno, eu sabia tão pouco que provavelmente os unicórnios também eram reais.

— Eu não tinha ideia, — disse ela finalmente. Havia traços de preocupação ao lado de seus olhos. Os lábios dela se curvaram em um sorriso tenso. — Sinto muito, — disse ela, estalando o dedo e fazendo um criado aparecer do nada, parecendo normal, exceto pela pele que era mais reptiliana que humana. — Por favor, leve esta jovem para a sala de estar. Estarei lá em breve. E traga Amy e meu marido...de onde quer que ele esteja. — Ela me deu outro sorriso tenso que não

entendi. — Eu me juntarei a você em um minuto, querida.

Fui levada para uma outra sala enorme e me deixaram sozinha. Sentei-me em um dos sofás cor de creme, com as mãos no colo, para evitar sujar seus lindos móveis. Respirando fundo, tentei me convencer de que tudo ficaria bem. Eu não tinha ideia do que diabos estava acontecendo, porque Opal tinha agido tão estranho comigo, mas tinha a leve suspeita de que isso não seria bom para mim. Era possível que eu parecesse com meus pais, e que talvez ela me reconheceu. Senti uma onda de esperança e a esmaguei. Primeiro, isso era um problema, porque não fazia ideia de quem eram meus pais. Eles eram amigos ou inimigos da família Winters? Segundo, mesmo que fossem amigos, eu não tinha ideia de como usar isso em meu favor.

— Olá, — a mesma voz suave e feminina que falou lá fora disse um pouco hesitante. Amy, essa era Amy. — Eu sou Amy. Bem, Ametista, mas eu prefiro Amy.

— Eu sou Cece, — eu disse quando ela se aproximou, percebendo o quão impressionante ela realmente era de perto. Enquanto Jade era linda, essa garota era do tipo bonita a ponto de fazer você perder o fôlego, com a pele cremosa e os olhos azuis. — Opal é a sua mãe? — Perguntei, já sabendo a resposta, mas querendo aliviar o silêncio desconfortável.

Um olhar de vergonha pareceu cruzar seu rosto por um momento rápido antes de ser substituído por um rubor tímido. — Sim.

O silêncio caiu como um véu entre nós, ambas aparentemente desconfortáveis por várias razões. Enquanto eu permaneci sentada, olhando furtivamente para ela, pensei em Jade e Jasper e no fato de que eles nunca deveriam tê-la conhecido. Eu não tinha certeza de quanto tempo se passou no The Green, mas ela parecia muito próxima da idade deles para que não a conhecessem. E então percebi que ela provavelmente vivia o mesmo tipo de maus-tratos que os fizera fugir. E sabendo o quão bons eram seus irmãos, meu coração se entristeceu por ela, por uma completa estranha, por ter que crescer em torno desses monstros.

— Vejo que vocês duas já se conheceram, — disse Opal,

caminhando para dentro da sala. Todas as linhas de preocupação em seu rosto se foram, mostrando apenas um tipo sereno de confiança. — Receio não ter perguntado o seu nome, — disse ela, sentando-se ao lado da filha, a qual ficou um pouco rígida por estar perto da mãe.

— Cece, — falei automaticamente.

— Cece, — Opal saboreou o nome em sua boca. — Isso deve ser uma abreviação de algum nome.

Eu senti uma onda de desconforto. Em algum lugar no fundo da minha mente, algo estava me dizendo para não fornecer esse tipo de informação a uma estranha, especialmente uma como Opal Winters. Mas se eu escolhesse mentir sabia que ela suspeitaria. E a última coisa que eu queria de uma mulher como ela era a sua desconfiança. — É uma abreviação para Celestine, — eu disse, fazendo um show ao revirar os olhos. — Minha mãe deve ter assistido muitos filmes franceses quando estava grávida de mim.

O sorriso de Opal foi condescendente e senti uma onda de alívio. Quanto mais ela pensasse que eu era um changeling sem noção, mais segura eu estaria. — Entendo, — ela disse em um tom gelado. — Então, como você veio parar em nossa propriedade? Nós estamos bastante dentro da... floresta, sabe.

Eu estava em uma situação preocupante e estava muito ciente disso. Eu conhecia minha história: culpa do Will-o'-the-Wisp. Só que eu não tinha ideia do que era um Will-o'-the-Wisp, como eles eram, ou por que eu estaria perseguindo um. — Sabe, eu realmente não sei, — comecei, franzindo as sobrancelhas numa falsa confusão. — Saí para passear e me encontrei perto da floresta, e então decidi me aventurar. Eu devo ter me distraído. Não tinha ideia do quão grandes esses bosques eram. Não consegui encontrar uma saída. Eu senti como se estivesse andando em círculos por uma eternidade. Segui um rio por um longo tempo, então pensei ter visto...alguma coisa. Não sei. Mas eu, por alguma razão, segui-o até ver sua casa...

O rosto de Opal parecia divertido enquanto ela se encostava, seus dedos endireitando distraidamente a barra do vestido da filha. — Por que você foi para o nosso celeiro?

— Bem, eu, ah, ouvi um homem gritando e imaginei que não

deveria estar aqui. Entrei em pânico.

— E você conheceu Drake? — Opal perguntou, sua voz fortemente congelante. Eu juro que a mulher deve ter pingentes de gelo na língua.

Os olhos de Amy encontraram os meus e eu vi...um pedido silencioso lá. Como se ela estivesse me implorando para dizer algo. O único problema era que eu não tinha ideia do que ela queria. — O homem com aquelas tatuagens 3D insanas? — Eu perguntei e vi o alívio aparecer no rosto de Amy.

— Sim. Ele é um homem estranho. Ele trabalha aqui há muito tempo. Ele ocasionalmente tem esses...episódios violentos em que ataca outras pessoas e a si mesmo.

— É por isso que ele estava acorrentado, — eu disse, assentindo um pouco, engolindo a bile na minha garganta por saber a verdade.

— Precisamente. Não é a melhor solução, mas ele recusa a receber medicação e a única outra opção seria um manicômio. E esses lugares são tão...cruéis.

— Eles são, — eu concordei porque, na verdade, eles eram.

— Existe alguém que possamos ligar para você? — Amy deixou escapar de repente, fazendo sua mãe lhe lançar um olhar severo.

— Oh, — eu disse, dando-lhe um pequeno sorriso. Seria suspeito se eu estivesse perdida na floresta por dias e ninguém no reino humano estivesse procurando por mim. — Na verdade, se eu pudesse ligar para minha mãe, isso seria ótimo.

— Claro, — Opal disse um pouco tensa. — Amy, querida, leve-a até o nosso telefone.

Com isso, fui levada a um telefone onde disquei o número no meu celular, rezando para que ninguém na família tivesse qualquer tipo de super audição e pudesse ouvir minha própria voz na secretária eletrônica antes de deixar uma mensagem rápida para minha 'mãe' me desculpando por não ter ligado antes e dizendo que eu estava bem antes de desligar.

Quando me virei, Amy tinha ido embora e Opal estava olhando

para mim. Ela encarou por tempo suficiente para que eu me mexesse desconfortavelmente. — Desculpe, — disse Opal, acenando com a mão. — Você me lembra alguém que eu conheci há muito tempo. Na verdade, você é a imagem perfeita dela.

— Eu entendo isso, — eu disse com desdém. — Eu tenho um desses rostos familiares, eu acho, — eu menti com os dentes cerrados. Ninguém nunca me comparou a alguém antes.

— Sim, deve ser isso.

Vi uma mulher entrar no corredor, parecendo abatida, vestida com um tecido rígido e de aparência desconfortável. Ela não disse nada, simplesmente ficou de cabeça baixa e esperou ser reconhecida. Opal seguiu minha linha de visão. — Oh, maravilhoso, — disse ela quando Amy entrou no corredor novamente. — Amy, querida, leve a nossa convidada à sala de chá. — Quando entrei na sala com Amy pude ouvir Opal falando com a criada, em tom baixo e cruel. — Encontre meu marido. Você me entendeu? É importante.

Senti meu estômago revirar, sabendo que ela sabia de algo ou sentia algo.

Eu segui Amy cegamente e percebi que eles realmente tinham uma sala para chá. Era um pouco menor do que as outras, com papel de parede claro e feminino e uma mesa hexagonal no centro. Sem branco, eu percebi. Nem uma coisa, nem a mesa e as cadeiras eram brancas. No centro da mesa, havia um grande bule de chá ornamentado e uma bandeja cheia de doces que fizeram meu estômago se revirar dolorosamente. Comida. Deus, eu estava com tanta fome.

— Sente-se, — disse Amy, acenando com a mão para uma cadeira e se sentando em frente a ela. Eu olhei para o meu vestido de verão que uma vez fora limpo e bonito com certo receio. Eu me senti tão imunda em sua casa limpa e linda. Inferno, até os meus mocassins estavam esfarrapados, folhas saindo pelos lados. O olhar de Amy seguiu o meu.

— Milefólio? — ela perguntou, parecendo curiosa e um pouco preocupada. — Você está ferida?

— Oh, meus pés estavam feridos por toda essa caminhada, —

eu disse, como se não fosse nada demais.

— E você soube como usar o milefólio? — A voz de Opal perguntou da porta, me fazendo virar. Tudo em mim gritava para ter cuidado.

— Eu nem sabia o que eram, honestamente. — Isso era verdade. — Meus pés estavam tão irritados que enfiei folhas nos meus sapatos para ver se isso ajudaria.

— Por que você não estava usando...tênis? — Sua boca tropeçou na palavra como se fosse uma palavra estrangeira. — Você não humm... — ela se conteve, os olhos se arregalaram um pouco e eu tentei não sorrir pelo seu deslize. — Você não usa sapatos com sola de borracha para caminhar?

— Eu não planejava ir tão longe, — eu disse com um encolher de ombros.

Parecendo satisfeita, Opal assentiu e sentou-se à minha direita.

— Foi realmente uma sorte você ter escolhido Milefólio, — disse Amy, tentando manter a conversa fluindo. — Tem propriedades curativas.

— Sim, — eu disse um pouco entorpecida. — Eu realmente tive sorte. — Sorte por ter Jasper. Oh, Deus. Jasper.

— Você está bem, querida? Você está branca como um lençol.

—

Minha cabeça se levantou e eu ofereci a ela um sorriso cansado. — Sim, foram dias confusos.

— É claro, — disse ela, pegando o bule e servindo quatro xícaras. — Aqui, — disse, entregando-me uma xícara antes de distribuir as outras, deixando uma no assento vazio à minha direita. — O chá deve ajudar.

Envolvi minhas mãos em volta da xícara, desejando que o calor pudesse penetrar em minha alma, a qual de repente parecia tão fria quanto a casa de Opal. — Esta é uma sala adorável, — eu disse, olhando em volta.

— É muita gentileza sua. Esse é o pequeno projeto de Amy— disse Opal, um pouco desdenhosa, como se odiasse vê-lo.

— É muito convidativo, — eu disse a Amy.

— Obrigada, — disse ela com firmeza. Ouvi um barulho ao meu lado e me movi para encontrar o olhar de Opal lançando punhais em sua filha.

Eu balancei minha cabeça, sua estranheza se tornando quase demais para lidar.

— Você não vai tomar o seu chá, querida? — Opal perguntou, sua voz repleta de expectativas.

Eu senti todos os meus músculos se apertarem. Uma lembrança de quando entramos na floresta surgiu, a voz de professor de Jasper me repreendendo sobre o morango. Isso me atingiu com força, fazendo a minha cabeça se levantar e encontrar Opal observando a minha xícara com um sorriso de escárnio. Ele me disse para não comer ou beber qualquer coisa que ele mesmo não tivesse me dado. Ele me disse que os faes não eram confiáveis. Eu olhei para Amy, que parecia triste, como se estivesse a caminho da minha própria execução.

— Está muito quente, — falei, minha voz um pouco embargada quando percebi que nenhuma delas estava bebendo. O pote inteiro deve ter sido misturado com alguma coisa. Mas por que elas queriam me envenenar? Elas estavam tentando me matar? Me deixar inconsciente? Deus, era algum tipo de soro da verdade?

— Oh, é claro, querida, — Opal disse, mostrando-me um sorriso tenso novamente. A porta da frente bateu de repente, me fazendo virar. — Esse deve ser o meu marido, finalmente, — declarou Opal.

Os passos no corredor eram pesados e comedidos. Ele entrou na sala alguns segundos depois e senti o meu estômago apertar. Era como ver uma versão um pouco mais velha de Jasper. Exceto que era como se a vida tivesse sido difícil para ele e ele tivesse se tornado frio e rígido, toda a bondade arrancada de sua alma. Sua cabeça estava abaixada, o olhar focado em esfregar um pano contra suas mãos. Meu olhar seguiu o dele e foi bom estar sentada porque, se eu não estivesse, teria caído. Sangue. Havia sangue seco cobrindo as suas mãos.

Não demorou muito para perceber que era o sangue de Doyle ou de Jasper. Um deles estava recebendo “o que merecia”.

O olhar de Declan disparou enquanto ele caminhava, olhos me encontrando e parando, como se ele não estivesse esperando pela minha presença.

— Querido, temos uma...garota perdida conosco hoje, — disse ela, expressando um significado que eu não entendia.

— Você me chamou aqui por isso? — ele perguntou, com raiva, exasperado, como se estivesse cansado dela.

— Querido, esta é Celestine, — disse ela com firmeza. — Celestine, este é meu marido, Declan.

Meu estômago apertou com força quando levantei meu olhar para o dele. O rosto de Declan passou de desinteresse para descrença em um segundo. Seus olhos se arregalaram e ele realmente recuou um passo.

— Por que você não se junta a nós para tomar um chá, Declan? — Opal perguntou, incisivamente.

— Sim, é claro, — ele se recuperou enquanto se movia para sentar. — Celestine, é um prazer conhecê-la. É claro que é muito bem-vinda aqui.

— Obri... — Comecei, então fechei minha boca com tanta força que meus dentes doeram. Eu ia agradecer a ele. Isso era outra coisa que Jasper me ensinou, nunca agradecer a um fae. Se você agradecesse, você estaria em dívida com eles. E de repente me ocorreu que era por isso que Opal deu a Amy um olhar tão duro antes. Amy tinha me agradecido. Ela me devia agora. Meu olhar foi para Amy, que estava me dando um sorriso minúsculo. — Isso é muito gentil da sua parte. — Eu falei, silenciosamente agradecendo a Jasper em minha cabeça.

A cabeça de Declan inclinou-se para o lado como se eu tivesse sussurrado o nome de Jasper em voz alta. Seus olhos estavam repletos de sabedoria quando os encontrei e lembrei-me que Jasper me disse que sentir os pensamentos e sentimentos era hereditários. Ele havia conseguido do pai.

Merda.

Eu fui descoberta, afinal.

Maravilhoso.

— Você tem...boas maneiras, — disse Declan, sua voz seca, como se ele achasse meu dilema divertido.

— Eu tive um bom professor, — retruquei, quase feliz pela centelha da honestidade. Por dentro, estava gritando o nome de Jasper repetidamente, desafiando-o a falar algo sobre isso. Conjurei uma imagem de Jasper e projetei-a para o pai.

Eu sabia que tinha conseguido projetá-la quando Declan jogou a cabeça para trás e soltou uma risada forte e estrondosa. — Sim, — ele disse, me dando um sorriso que parecia genuíno, como se ele gostasse do meu desafio. — Bem, ele não vai te ensinar mais nada. —

— Talvez não, — eu disse, meu queixo tão apertado que doía. Eu não tinha percebido o quão zangada estava até sentir o calor inundar meu corpo inteiro. — Mas, quem sabe, talvez ele o faça.

— Confie em mim, — disse Declan, zombando.

— O que você pode ter feito na sua insignificante e maligna vida para fazer você pensar que é digno de confiança? — Eu respondi. Eu sabia que estava sendo imprudente. Sabia que estava provocando. Mas não pude evitar. Eu já estava tão ferrada que não conseguia imaginar o que poderia deixar tudo piorar.

— Do que diabos vocês estão falando? — Opal interrompeu, seu tom tornando óbvio o quanto ela não gostava de ficar fora do assunto.

— Nós, minha querida, — começou Declan, sua voz completamente desprovida de emoção ao se dirigir a ela, — estamos discutindo o nosso filho.

— Jasper? — Opal perguntou, confusa.

— Sim, Jasper, — eu gritei. — Seu filho. Aquele que você tratou tão mal que ele teve que pegar sua filha e fugir com ela. O filho que seu marido torturou nas masmorras.

— Bem, então, — disse Opal, sorrindo. — Acho que podemos suspender todo o fingimento então.

— Sim, podemos, — eu disse, pegando minha xícara e derramando o chá de volta no bule. — Também podemos parar de fingir que você não está tentando me envenenar.

Ao meu lado, Declan riu. — Valeu a pena tentar, esposa. —

Seus olhos se fixaram em mim. — Então, o que devemos fazer com você?

— Nós poderíamos jogá-la no calabouço também, — Opal falou. — Seria um prazer para eles assistirem um ao outro serem torturados, você não acha?

Senti meu estômago se revirar porque sabia que, se Declan concordasse, era exatamente o que aconteceria comigo. Mas não podia deixar isso acontecer. Eu precisava escapar. Precisava sair dessa casa e encontrar uma maneira de voltar e salvar Jasper. Era a sua única esperança.

Mas eu não era como Jasper.

Não era corajosa. Não era forte.

Eu não tinha habilidades especiais.

Ou tinha?

Jasper havia insistido que eu recebi o meu nome baseado na pedra preciosa Celestine, e que eu tinha poderes associados a ela. Ou seja, eu poderia entrar em contato com o reino angelical e implorar por favores.

Valia a pena tentar.

Fechei meus olhos com força. Na minha mente, eu gritei, gritei, projetei meus pensamentos para o céu. Eu não estava inteiramente convencida de que os anjos existiam e, se existissem, eu não achava que seria capaz de contatá-los. Mas eu tinha que tentar. Fechei os olhos e pensei sobre o desamparo da situação, como eu me sentia presa, impotente. Ao fazê-lo, senti um calor me encher, algo como raiva, porém mais sombria, mais cruel, talvez mais vingativa. Esqueci tudo sobre os anjos e faes e me senti cair mais fundo no poço de raiva que havia dentro de mim e que eu nunca soube antes.

— Oh meu Deus, — a voz de Amy falou em um sussurro atordoado.

Meus olhos se abriram, rapidamente percebendo o choque de Declan e Opal. Pelo quê? Por mim? Virei minha cabeça, procurando a fonte do choque. Enquanto eu girava minha cabeça, havia um brilho no ar. Claro que eu estava vendo coisas, então me movi de novo. Lá

estava, como algum tipo de brilho no ar ao meu redor. Eu levantei minha mão e vi o brilho ao redor dela também, não tocando minha pele, mas circundando todo o meu braço, meu peito, meu torso, até minhas pernas e pés.

— Você estava certa, esposa, — disse Declan à esposa, mas rapidamente voltou o olhar para mim.

— Eu sempre estou certa, — Opal disse com um aceno satisfeito.

— Esse é um dom bacana que você tem aí, — Declan me disse, me olhando com tanta intensidade que eu tinha certeza que ele pensava que eu iria evaporar no ar a qualquer momento.

— Um de muitos, — eu disse, visualizando uma parede caindo ao redor do meu cérebro, certa de que eu poderia mantê-lo fora se tentasse, poderia impedi-lo de ver a mentira. De repente, talvez devido à adrenalina, ao medo, à necessidade profunda de sobreviver, eu achei surpreendentemente fácil fazer isso.

Declan me estudou por um longo momento, a cabeça inclinada para o lado, as sobrancelhas juntas. — Ele te ensinou esse escudo também?

— Quando você tem alguém que invade seus pensamentos com frequência, você tenta aprender a mantê-los fora. Embora, — acrescentei com um sorriso, — nunca funcionou com ele.

— Independentemente de tudo isso, — Opal interrompeu, sabendo que eu estava provocando o marido e querendo orientar a conversa. — Precisamos descobrir o que deve ser feito com você.

— Opal... — A voz de Declan tinha algo oculto, como se ele estivesse tentando lembrá-la de alguma coisa.

— Quando é que jogamos pelas regras, Declan?

— Isso é diferente, — insistiu Declan. — Nós não mexemos com os tribunais diretamente.

— Mas isso não é diretamente. Ela é nova em tudo isso. Tudo o que ela sabe, ao que parece, foi ensinado a ela pelo seu filho. Ela era apenas outro changeling bobo antes disso. Além disso, — disse ela, inclinando-se ligeiramente sobre a mesa, — como é que ninguém sabia? Eles estariam exibindo isso se soubessem. Teriam bailes, festas

todos os anos no aniversário dela, e não silêncio por vinte e tantos anos. Algo não está certo. Talvez estamos enganados.

Declan olhou para mim e balançou a cabeça. — Não. Você só precisa olhar para ela para ver. Se ela entende ou não, tudo isso é irrelevante. Não temos o direito. Perderíamos tudo se descobrissem. —

— Ah, mas quem diria a eles? — Opal perguntou, a voz cheia de desafio.

Eu olhei entre eles enquanto falavam, totalmente perdida. Quem eram eles e quais eram os tribunais? E por que eles se importariam comigo?

— Ninguém diria nada, — declarou Declan, sua voz ficando mais alta, mais zangada. — Mas eles são poderosos. Nós nem sabemos o quão poderosos depois de todo esse tempo. Eles conseguem o que querem, você e eu sabemos disso. E se eles descobrirem, sofreremos as consequências. — Sua voz baixou de repente, soando mais suplicante. — Não podemos correr o risco. Não com tudo o que temos a perder, toda a sujeira que pode ser trazida à tona. Não podemos fazer isso. Você não ficaria bonita em trapos, esposa.

A raiva brilhou nos olhos de Opal. Ela não parecia o tipo de mulher que ouvia um não com frequência. Ela zombou. — Eu fico bonita em tudo, querido. Mas suponho que você tenha um bom argumento.

Não, 'você está certo'. Não 'eu estava errada'. Mas 'você tem um bom argumento'. Eu quase sorri. Ficou claro para mim quem decidia tudo em seu relacionamento.

Declan olhou para mim. — Bem, Celestine, o que deve ser feito? Por respeito à Luz, devemos deixar você ir embora. — A vitória, a esperança cresceram rapidamente. Talvez rápido demais. — No entanto, — acrescentou Declan, — você não levará meu filho com você. Qualquer esperança de salvá-lo, você pode desconsiderar. Ele é meu. Sempre foi, sempre será. E terei um imenso prazer em mostrar isso para ele todos os dias pelo resto da minha vida .

Respirei fundo, me firmando, certificando-me de que estava calma o suficiente para parecer convincente. — Tudo bem. Ele sempre foi mais problemático do que vale a pena, — eu disse, dando a Declan

um pequeno sorriso. — Deve ser uma característica hereditária.

Ele me surpreendeu rindo de novo, profundo e divertido. — Você é um pedaço de mau caminho.

— Sim, — eu disse, forçando minhas pernas a me segurarem enquanto eu me movia para ficar de pé, apesar delas estarem subitamente moles. — Essa também é uma característica hereditária, — eu disse com determinação, apesar de não ter a menor ideia se isso era verdade ou não.

Funcionou e o sorriso sumiu do rosto de Declan. — Certo, — ele disse, também ficando de pé. — Bem, vamos levá-la até a saída, certo? — ele perguntou, estendendo a mão para agarrar meu braço e recuando quase instantaneamente. Ele olhou para os dedos, vermelhos como se estivessem queimados. Seu olhar deslizou para o meu rosto novamente. — Truque realmente bacana. — Então saímos para o corredor, o mais perto um do outro que meu pequeno escudo permitiria. Ele se inclinou na minha orelha quando abrimos a porta da frente. — Você tem vinte segundos para ir da varanda até as árvores, ou mandarei meus homens pegá-la. Em seguida você irá ficar numa cela ao lado da cela do meu filho. Estamos entendidos?

Eu andei até a varanda. — Com certeza, — eu disse, depois me virei, sentindo um pouco de vitória e isso me deixou corajosa. — E Declan?

— Sim? — ele perguntou, erguendo uma sobrancelha.

— Você vai se arrepender deste momento.

— Isso é uma ameaça?

— Apenas um conselho, — eu disse e me joguei sobre o muro da varanda.

NOVE

Cece

Eu bati no chão com um baque alto, rolando de bruços e imediatamente ficando de pé. Minha lateral doía, tinha machucado algo, mas não tive tempo para pensar nisso. Saí correndo em direção às árvores o mais rápido que já corri em toda a minha vida, mais rápido do que eu tinha corrido das árvores até o celeiro, porque desta vez eu sabia exatamente que tipo de monstro estava atrás de mim. Meu peito ardia enquanto eu contava.

Dez. Onze. Doze.

Era sequer possível chegar à floresta em vinte segundos? Eu queria olhar para trás e ver se alguém estava me perseguindo, mas isso poderia me fazer perder o equilíbrio. E então tudo acabaria.

Quinze. Dezesseis. Dezessete.

Eles tinham que estar me seguindo, caso contrário, como eles me pegariam se eu não chegasse a tempo.

Dezoito. Dezenove.

Eu estaria realmente em segurança depois de chegar até as árvores? Ou isso tudo era algum plano elaborado para me ver esperançosa, fugindo para salvar a minha vida, apenas para ser arrastada de volta e rirem de mim?

Vinte.

Meu pé tropeçou num galho e eu sabia que tinha cruzado a linha. Eu me virei e vi três homens. Assustada, me virei para frente novamente e continuei correndo, certa de que eles estavam nos meus calcanhares, precisando me salvar, precisando sumir.

Eu não tinha ideia de quanto tempo corri. Pareciam horas, dias. O suor se formou por toda a minha pele. Meu peito ardeu. Minhas coxas gritaram. Mas eu tive que continuar. Senão eles poderiam me pegar.

Virei meu ombro, precisando ver, precisando saber o quão mais rápido eu precisava correr, e imediatamente eu bati contra alguma coisa. Contra alguém. Nós dois caímos no chão, uma confusão de membros emaranhados, e eu senti a derrota, a confirmação dos meus maiores medos dominar o meu corpo.

— Não, não, não! — Eu gritei, lágrimas enchendo os meus olhos. Por que tive que provocá-lo? Ele estava me deixando sair ilesa apesar de ser um bastardo perverso. Por que tive que falar e deixá-lo com raiva? — Você não pode me levar de volta. Você não pode. Ele disse que eu tinha vinte segundos. Eu consegui. Conteí. Você não pode me levar de volta!

— Cece, — a voz disse, caindo em ouvidos surdos de medo. — Cece... Celestine! — ele quase gritou. — Sou eu. Ok? Sou eu.

Então suas mãos estavam no meu rosto, puxando-o para cima, me forçando a encará-lo. — Doyle? — Eu perguntei, minha voz rouca.

— O primeiro e único. Você está segura. Respire fundo.

— Temos que ir. Eles estão vindo, — eu disse, tentando me levantar.

— Não, eles não estão, — disse Doyle, com uma voz calma. — Eles pararam quando você atravessou a fronteira. Eles não podem vir aqui. —

Olhei por cima do ombro dele, sem acreditar. — Você tem certeza?

— Sim, eu observei eles voltando antes de perceber que você planejava correr todo o caminho até a China e percebi que eu tinha que parar você.

— Eu não achei que ele fosse cumprir sua promessa.

— Quem?

— Declan. O pai de Jasper. — Eu adicionei, sem saber por que, já que Doyle certamente sabia muito mais do que eu sobre a família de Jasper.

— Ele veio até você pessoalmente? — ele perguntou surpreso. — E depois te deixou ir?

— Sim.

— Foi ele que fez isso? — ele perguntou, levantando a mão e

acariciando-a suavemente na minha bochecha.

Eu tinha esquecido completamente do meu rosto até aquele momento. — Não. Isso foi um dos capangas depois que ele me pegou no celeiro... com uma draca.

— Você deve estar errada. Eles não existem, — disse Doyle as sobrancelhas se unindo.

— Bem, eles existem. E ele tentou me salvar. Não funcionou por muito tempo, mas mesmo sendo um prisioneiro ele tentou. Como você escapou?

— Jasper entrou pela porta assim que os guardas apareceram. Eu sabia que não conseguiria chegar até lá, então fui para a floresta atrás da casa. Depois disso os guardas estavam por toda parte. Eu achei que era melhor esperar até as coisas se acalmarem, descobrir o que estava acontecendo, e depois voltar. — Ele fez uma pausa. — Eu estava voltando para buscar você, Cece, — disse ele, sua voz feroz e eu não tinha dúvida de que ele falava a verdade.

— Eu sabia que você faria isso se não fosse pego. —

— Então, onde está Jasp? — ele perguntou, olhando em volta como se ele estivesse escondido atrás de uma árvore.

Olhei para os meus pés, lutando contra o desejo de chorar novamente quando uma imagem das mãos manchadas de sangue de Declan passou pela minha cabeça. — Eles o capturaram, — eu disse, minha voz falhando. Forcei meus olhos para cima e vi o horror no rosto de Doyle. — O pai dele está torturando ele, — eu disse, precisando compartilhar esse fardo. — Quando Declan veio me ver, ele estava limpando o sangue das mãos.

— Foda-se, — disse Doyle, passando a mão pelos cabelos.

— Temos que resgatá-lo. Eu sei que é difícil...especialmente porque me disseram explicitamente para não tentar salvá-lo. Mas temos que salvá-lo. Ele nos salvaria, — eu disse, tendo certeza disso do fundo da minha alma.

— Não faz sentido eles terem deixado você ir embora, — disse Doyle, balançando a cabeça.

— Sim, eu não sei. Eu fiz essa...essa coisa e eles meio que surtaram um pouco.

— Que coisa?

— Eu não sei. Eu estava tão desesperada para escapar e salvar Jasper que meio que tentei pedir ajuda aos anjos, mas acabei ficando com raiva. Quando abri meus olhos, havia um campo de força ao meu redor. Quando Declan tentou me tocar, o queimou.

— Um campo de força angelical? Eu nunca ouvi falar de algo assim. Mas, mesmo assim, é mais uma razão para quererem manter você com eles. Eles são conhecidos por coletar criaturas ou faes com poderes particularmente úteis.

— Isso é nojento, — eu disse, balançando a cabeça. — Mas, sim, Opal queria me jogar em uma cela ao lado de Jasper, mas Declan disse algo sobre os Tribunais e que, por respeito à Luz, eles me deixaram ir. Seja lá o que isso signifique.

— Que generoso da parte dele, — ele disse secamente. — Mas não faz sentido. Você não é da Luz. Você também não é das Trevas. Você não é nada que nós saibamos.

— Sim, mas sabe, isso não importa agora. O que importa agora é tentar descobrir como salvar Jasper.

— Eu tenho pensado nisso o dia todo. Tudo o que sei é que ainda não podemos voltar. Eles estarão nos esperando. É muito arriscado. —

Suspirei, meu estômago revirando de uma maneira que eu tinha certeza que deveria ser audível. — Isso é péssimo.

— Sim, — ele concordou antes que nós dois caíssemos em silêncio, perdidos em nossos próprios pensamentos, esquemas e preocupações. — Tudo bem, — ele disse de repente um pouco depois. — Deveríamos procurar comida. Não podemos atacá-los fracos e cansados por conta da fome, — disse ele quando comecei a balançar a cabeça. — Vamos lá, eu vou te mostrar algumas plantas comestíveis. Não é bom para você estar aqui e não saber como sobreviver. — Depois desse argumento lógico eu assenti, levantei e o segui. — Quando tiver dúvida evite o que for felpudo ou pontudo. Sempre abra as raízes primeiro. Se o interior tiver alguma coisa de consistência ou cor leitosa, evite-o. E até que você saiba mais sobre eles, evite todas as frutas, exceto algo que você reconhece de vista, como morangos ou

mirtilos. Vamos ver. O trevo é comestível, sabe o trevo que dá sorte. E dentes-de-leão, é claro. Ah, e se você estiver procurando por água, alga marinha é boa .

— Algas? Como aquelas que as sprites têm como cabelo?

— Sim, — ele disse com um sorriso brincalhão. — Apenas certifique-se de que a alga não esteja ligada a uma sprite primeiro. Tudo bem, — disse ele, subitamente se abaixando no chão. — Eu vou descansar aqui. Pegue isso, — disse ele, tirando uma bolsa em que ele havia guardado comida quando ele se aproximou de mim e Jasper, — e nos ache algum sustento.

— Sozinha? — Eu perguntei, sobrancelhas levantadas.

— Não vá muito longe e não coma nada antes que eu inspecione. — E com isso ele me deu um pequeno aceno para eu ir embora e um sorriso confiante, e eu me virei para encontrar um pouco de comida, nervosa e animada com a ideia.

Eu vaguei por um tempo, não encontrando nada até que o meu pé esmagou algo, chamando minha atenção para o chão. Olhei para baixo e encontrei uma bola espetada como aquelas que tem nas árvores no meu quintal. Querendo ter certeza, peguei um galho e mexi na bola até que uma castanha perfeita apareceu. Animada, cutuquei todas as bolas do chão antes de me subir em um galho para fazer mais caírem. Alguns minutos depois, a voz de Doyle me alcançou, alta e curiosa.

— Aqui em cima. Encontrei um castanheiro!

— Bom trabalho, novata, — disse ele, me dando um sorriso doce. — Agora desça para que possamos comer e elaborar um plano.

— Pegue, — eu disse, jogando a bolsa para ele. — Agora vire-se, — eu disse, dolorosamente consciente de que estava de vestido e ele estava logo abaixo de mim.

Seus olhos ficaram um pouco perversos, mas ele se virou. Eu me arrastei em direção ao tronco e fiquei na ponta dos pés no galho abaixo de mim. Abaixei-me e a dor na minha lateral, de onde eu caíra da varanda, de repente se tornou muito forte quando eu me endireitei. Eu gritei e perdi o equilíbrio, sentindo-me em queda livre por tempo suficiente para me sentir mal antes de cair nos braços de

Doyle.

— O que aconteceu? — ele perguntou meros segundos depois que os seus braços me seguraram.

Respirei fundo, o que só fez doer ainda mais. — Acho que machuquei minhas costelas, — eu disse, tentando me mover para aliviar a tensão do meu lado.

Ele me colocou cuidadosamente em pé e, rápido demais para eu pará-lo, agarrou a barra da minha saia e a puxou para cima. Eu gritei, tentando dar um tapa em suas mãos e seus olhos encontraram os meus, um sorriso divertido em seu rosto. — Oh, por favor. Não é nada que eu não tenha visto antes. Além disso, isso é puramente por razões médicas. — Ele levantou meu vestido e seus dedos deslizaram pelo meu lado, cutucando ocasionalmente. — Eu não acho que elas estão quebradas. Você só tem algumas contusões profundas. Vai doer por um tempo, mas você ficará bem. Vamos, vamos comer, — disse ele, largando minha saia e se afastando. — Eu fui pegar um pouco de água enquanto você estava procurando.

Ele tinha me deixado sozinha?

Meu estômago revirou um pouco, pensando em como Jasper ficou bravo com ele em relação às sprites. Porque ele não foi cuidadoso o suficiente. Mesmo que a atitude e coragem de Doyle fizessem dele um grande amigo eu percebi que não queria que ele fosse o responsável pela minha segurança nesse lugar terrivelmente perigoso.

Eu queria Jasper de volta.

A realização me atingiu como um banho de água fria. Eu não queria resgatá-lo porque era a coisa certa a ser feita, ou porque precisávamos dele para encontrar Jade, ou mesmo porque eu não podia suportar o pensamento dele sendo torturado. Eu o queria de volta porque sim. Eu o queria. Eu queria seus tons condescendentes e seus sorrisos. Eu queria suas habilidades invasivas de empatia e a maneira como acalma meus sonhos. Porque, embora ele, na maioria das vezes, fosse uma verdadeira dor de cabeça, irritante e impossível, ele me alimentou, cuidou dos meus pés machucados, e me manteve segura.

— Sobre o que você está pensando? — Doyle perguntou enquanto nos sentávamos em um silêncio agradável, bebendo água e mastigando as castanhas e as duas amoras-pretas que ele havia encontrado.

— Precisamos resgatar Jasper, — eu disse com honestidade.

— Eu sei...e este é o meu plano...



Ficamos nos limites da propriedade, cada um de nós olhando para ela com pavor. A mão de Doyle agarrou a minha; seus dedos deslizaram entre os meus. Foi para dar apoio, mas ao mesmo tempo para buscar apoio. Era uma missão suicida e nós dois sabíamos disso.

Tínhamos decidido esperar o nascer do sol, imaginando que os guardas nos esperariam à noite, em alerta máximo e que quando vissem o sol nascer, talvez pensassem que estava claro, ficariam descuidados, escapariam para fazer xixi ou adormeceriam. Mas se eles não estivessem desleixados, em plena luz do dia, sabíamos que estávamos fodidos. Mas era realmente a única chance que tínhamos, exceto ficar esperando. Nós dois concordamos que esperar não era uma opção, não deixaríamos Jasper ser torturado por mais tempo.

O sol estava nascendo. Já estava quase na hora.

— Doyle, você acredita em oração?

— Para um deus?

— Eu não sei ... para alguém.

— Celestine, — disse ele, sua voz séria. — Se você acha que tem algum tipo de conexão com esses seus anjos, agora é a hora de implorar por qualquer último favor que eles possam estar dispostos a lhe dar. Podemos usar toda a ajuda que conseguirmos.

Como se fosse uma sugestão, um ruído farfalhante nos assustou e nos fez endurecer. Mas então eu senti um hálito quente no tornozelo e um nariz molhado na perna. — Onyx? — Eu gritei, me virando. E com certeza lá estava ele.

— Você tem sido uma grande ajuda, Barguest, — disse Doyle,

parecendo irritado com o cachorro.

Onyx rosnou, o som baixo e estridente. Estendi a mão, afagando sua cabeça. — Está tudo bem. Entendo. Eu também não quero voltar.

Eu o acaricio distraidamente enquanto ficamos lá, meus olhos fechados, minha atenção focada na minha oração, esperando que eu tivesse direito a mais do que apenas uma ajuda.

— Cece, nós temos que ir, — disse Doyle, fazendo meus olhos se abrirem. — Whoa, que porra é essa com seus olhos?

— O que há de errado com os meus olhos? — Eu perguntei, minhas mãos voando para o meu rosto.

— Eles estão brilhando ou algo assim, — disse ele, as sobrancelhas franzidas.

Eu pisquei rapidamente algumas vezes. — Melhor?

— Não, mas não temos tempo para entender essa loucura. Temos que ir.

Em seguida nos movemos, contornando as bordas da floresta até estarmos atrás do prédio onde Doyle disse que as escadas para as masmorras estavam. Ficamos ali por um segundo, olhando para elas. A mão de Doyle agarrou a minha novamente.

— Pronta?

— Nem um pouco.

— Eu também não, — ele concordou. — Vamos lá.

E então nós corremos, eu seguindo alguns passos atrás, sua mão me arrastando, sem se preocupar em olhar para trás. Não havia tempo para conferir se eu estava bem e eu sabia disso.

— Quais são as chances de que a porta não esteja trancada? — Doyle perguntou em um sussurro enquanto nos movemos em direção à porta.

— A gente tenta e...sério? — Eu ofeguei quando a porta se abriu. — Acho que eles estão mais preocupados com as pessoas saindo do que entrando.

— Talvez seja uma armadilha.

— Talvez, mas é tarde demais para voltar agora.

Nós descemos as escadas, o som dos meus mocassins de lã no

chão parecendo alto para os meus ouvidos. Doyle caminhou à minha frente num silêncio sinistro, olhando para cada uma das celas, ficando cada vez mais tenso enquanto se movia. Ele chegou até a última cela e se virou com um pequeno sorriso.

Jasper.

Doyle tirou algo comprido e metálico do bolso de trás e o inseriu na fechadura, e depois enfiou outra coisa lá e torceu. Eu quase queria rir da imagem do Doyle despreocupado, infantil e doce que, sem esforço algum, tentava abrir uma tranca.

Mas então a porta se abriu e o único pensamento que tive em minha mente era sobre Jasper. Eu entrei na cela, o sol da manhã atingia a forma encolhida de Jasper no chão, enrolado de lado, nu da cintura para cima. Eu vacilei por um segundo, vendo o seu corpo tão imóvel, tão sem vida. E então seu peito se levantou com uma respiração irregular e tensa e eu corri até ele.

Caí de joelhos ao lado dele, empurrando levemente seu ombro. Seus olhos se abriram lentamente, receoso, como se esperasse ver alguém que quisesse machucá-lo um pouco mais. Seu rosto não estava como eu me lembrava. Havia um corte desagradável se estendendo da orelha até o lado dos lábios, manchado de sangue seco.

Havia hematomas sob seus olhos, escuros e roxos. Seus lábios estavam inchados, rasgados e sangrando.

Eu não tive coragem de olhar além do seu rosto. Eu sabia que ele estava mal e precisava manter minha comida no estômago.

— Cece? — sua voz sibilou baixa, incrédula, como se ele achasse que estava alucinando.

— Sou eu. Doyle e eu estamos tirando você daqui, — eu disse, sabendo que minha voz estava rouca com as lágrimas que eu recusava a derramar. — Você aguenta? — Sem responder, seu braço se levantou, correntes tilintando com o movimento, enquanto sua mão procurava o meu rosto. — Vamos, levante-se, — eu insisti, deslizando a mão sob o braço dele e desajeitadamente tentando puxá-lo para cima. O movimento, provavelmente provocou uma forte onda de dor e pareceu acordá-lo completamente enquanto ele ficava de pé.

Olhei para Doyle, pronta para sorrir, quando todo o seu corpo

ficou rígido. E eu sabia que estávamos acabados. Nós fomos pegos.

— Tire ele daqui, — Doyle sibilou, movendo-se para o corredor como se quisesse afastar quem quer que estivesse vindo.

— Doyle...

— Tire-o daqui! — ele gritou e, apesar do meu peito apertar por deixar Doyle para trás, eu me movi, o peso de Jasper me deixando lenta e desajeitada.

Mas após darmos dois passos pelo corredor eu congelei devido à figura de um guarda bloqueando nossa única rota de fuga. Doyle correu para frente, ficando entre nós e ele.

Mas o guarda levantou a mão em um gesto de pare. — Vocês não têm muito tempo, — ele sussurrou, fazendo minhas costas endurecerem. — A troca de guardas é em três minutos. Eu vou gritar, — disse ele, sua voz nos pedindo para ouvir. — E então você, — disse ele, apontando para Doyle, — vai me nocautear. Você tem uma única chance, então não se contenha. E você precisa correr para a frente da propriedade ...

— É mais longe, — objetou Doyle.

— É mais seguro, — disse o guarda, não deixando espaço para debate. — Pronto? — ele perguntou, olhando para Doyle. Eu me senti curvando-me para a frente, sabendo que seria preciso todas as minhas forças para fazer Jasper subir as escadas e atravessar o campo.

— Eles estão ... — ele gritou, mas foi atingido antes que pudesse terminar, seu corpo caindo no chão, torcido de uma maneira quase não natural.

Senti por um segundo uma onda de alívio antes de Doyle se virar, agarrar Jasper pelo outro braço e saímos correndo. Nós mal contornamos a frente da casa quando o corpo de Jasper ficou mole entre nós, o peso me fazendo ceder um pouco antes de eu me endireitar. Chegamos ao poço a tempo de ver os guardas saindo de trás da casa, gritando um para o outro. — Eles o pegaram. Se espalhem. —

Meus olhos encontraram Doyle e eu sabia que eles estavam arregalados e sem esperança. Havia meia dúzia de guardas, cada um correndo para direções diferentes. E então, bem na floresta em frente

à propriedade, estava Onyx, seu corpo poderoso correndo para a casa. Suas gengivas estavam recuas, exibindo seus dentes impossivelmente afiados, um rosnado constante e ameaçador enchendo o ar.

— Que diabos... — um dos guardas gritou, pasmo por um segundo, e então: — É um barguest! Declan vai querer isso. Alguém o pegue. — Mas assim que as palavras saíram de sua boca, o corpo de Onyx colidiu com o dele, enviando os dois para o chão. Tudo o que ouvi então foram gritos.

Senti um puxão e percebi que Doyle estava se afastando, aproveitando a distração como uma oportunidade para avançar. Chegamos até perto do celeiro antes de parar, compartilhando um olhar que ambos entendemos: nós nunca iremos conseguir sair daqui.

Mas não podíamos desistir, não quando estávamos tão perto.

A porta ao nosso lado se abriu, me fazendo ofegar e Doyle se virar. Em seguida Drake apareceu, com o rosto machucado, mais placas saindo de sua pele do que da última vez que eu o vi, todos com hematomas e sangue seco ao redor deles.

— Temos que tirá-lo daqui também, — eu disse um pouco tola, um pouco desesperada.

— Isso é muito gentil, — disse Drake, balançando a cabeça. — Mas eu que vou tirar vocês daqui. É muito tarde para mim. — Antes que eu pudesse falar algo ele saiu de trás do celeiro e foi até o centro do pátio, andando até que a sua corrente o puxou para trás, quase o derrubando. Ele esticou os braços para cima, sua voz se tornando um rosnado cruel que parecia vir do fundo de sua alma, o som atravessava a terra, alto o suficiente para fazer meus ouvidos doerem.

E então ele estava mudando.

Placas começaram a abrir caminho através de sua pele. Ele gritou com a sensação de rasgar, caindo de joelhos. Os guardas se entreolharam, o medo claro em suas expressões.

Então, quebrando o caos absoluto diante de nós, uma voz que eu nunca esperava ouvir soou clara e alta. — Se ele mudar completamente, — Amy disse, sua voz soando um pouco entediada, mas imaginei que fosse fingimento. — Vocês estão

todos mortos pelo que fizeram com ele no passado. Mesmo como um animal eu tenho certeza de que ele se lembrará de quem costumava bater nele.

Os guardas assentiram e se moveram para circundar Drake, todos hesitantes, como se preferissem ter todas as unhas dos pés arrancadas do que ter que lidar com uma draca mudando.

Doyle e eu trocamos um olhar, viramos e corremos.

Estávamos a apenas dois metros do celeiro quando meu pé pisou errado e eu caí, o braço de Jasper deslizando do meu ombro. Tentei me levantar, mas o meu tornozelo se virou inutilmente. — Vá, — eu disse, balançando a cabeça para Doyle. — Vá, vá, vá. — Eu gritei para ele, sabendo que ele queria me salvar também, mas não havia como. — Eu vou... — Eu senti um calor sobre mim e olhei para ver o brilho ao meu redor lentamente começando a se formar. Finalmente e quase tarde demais.

Doyle me observou incerto por um segundo antes de se virar e correr. Eu me virei, lutando para rastejar em direção ao celeiro. Meus olhos encontraram os olhos de Amy e mesmo sabendo que minha voz nunca atravessaria todo o campo eu lembrei a ela: — Você me deve.

Ela sorriu um pouco, como se esse fosse seu plano o tempo todo, como se eu fosse boba por não perceber. Então houve um som horrível vindo do pátio e nós duas nos viramos para ver os homens batendo em Drake, o qual havia parado de mudar e caíra no chão, apenas recebendo os golpes.

Se eu não estivesse observando com atenção, eu não teria visto. Mas o rosto de Amy, seus deslumbrantes olhos azuis cor de metal, pareciam horrorizados. Em seguida o seu peito se expandiu quando ela respirou fundo e gritou alto o suficiente para os deuses ouvirem: — Lá! Lá estão eles! Pelo bosque ao lado da casa! —

Os guardas se viraram, um pouco aturdidos por um momento, como se tivessem esquecido o que deveriam fazer antes de se virar e correr na direção que Amy havia indicado.

Me levantei, estremecendo com a dor no meu tornozelo enquanto observava Doyle e Jasper quase chegando nas árvores. Os olhos de Jasper se abriram de repente, sua cabeça girando

freneticamente para me encontrar. — Cece! — ele gritou, assim que desapareceram na floresta.

Meu coração estava na minha garganta. Mas eles estavam seguros. Eu manquei alguns metros, vendo Drake no chão, ainda mais placas saindo de sua pele. Como se sentisse a minha inspeção ele se ajoelhou e olhou para mim. Seus olhos ficaram tristes, sua cabeça inclinada. Tudo nele parecia derrotado.

— Você os salvou, — eu falei.

— Mas não salvei você, — ele respondeu.

Um movimento chamou a minha atenção e me virei para ver Declan parado na varanda de pedra, com as mãos abertas encostadas na parede que eu tinha pulado mais cedo. Como se alimentado pela minha raiva em relação a ele, devido a todo o dano que eu tinha visto em Jasper, o ar ao meu redor pareceu ficar mais quente, como se fiascasse, e levantei um braço para ver o campo mais denso ao redor do meu corpo.

Ouvi um rosnado e olhei para baixo para ver Onyx ao meu lado, cutucando minha coxa com o focinho, deixando uma mancha de sangue no meu vestido. Ele estava coberto de sangue. Estava pingando de sua mandíbula. Estava no cabelo dele. Me virei para Drake. — Encontre uma maneira de se salvar, — insisti, colocando a mão nas costas de Onyx, sabendo que ele era a minha chance de sair dali, isso se eu não o queimasse. Quando ele não reagiu, coloquei minha perna dolorida ao redor das costas dele. — Ei, Declan, — gritei, as palavras saindo espontaneamente, minha boca parecia sem controle. — lembra que eu disse que você iria se arrepender de me deixar ir? O que você acha disso?

— Espero que ele tenha valido a pena, — disse Declan, seu tom calmo. — Um dia você vai pagar por isso. Um dia você se encolherá diante de mim. A Luz que vá para o inferno.

— Talvez, mas hoje não é esse dia, — eu disse, dando um tapinha em Onyx. Assim que eu fiz isso ele correu, partindo em direção à floresta em uma velocidade que fazia todo o ambiente desfocar. Inclinei-me para baixo, descansando a cabeça no seu pescoço, segurando-o firme. Quando nos aproximamos das árvores,

um guarda entrou no caminho, estendendo a mão para mim, obviamente alheio ao campo de força. Sentei-me ereta, apertando minhas coxas nas laterais de Onyx e estendi a mão, agarrando o pulso do homem. Ele gritou de dor com o contato, mas eu o agarrei com mais força até ver as patas de Onyx cruzarem o limite da propriedade antes de soltá-lo.

Onyx diminuiu o passo um pouco, a cabeça balançando de um lado para o outro, atento aos inimigos, procurando por amigos. Mas não havia ninguém. Atrás de nós eu podia ouvir os gemidos do guarda enquanto ele rolava no chão, segurando o braço.

O que diabos eu era?

E se o campo de força era uma coisa externa, se pertencesse mesmo aos anjos com quem eu podia me comunicar, então eles eram muito mais poderosos e vingativos do que eu havia aprendido na igreja quando criança.

Eu olhei para o céu. — Tudo bem. Estou segura agora. Você pode recuperar seu campo de força. — Mas não foi embora. Eu olhei para o meu corpo, sentindo um peso de algo que não queria reconhecer. Era mais fácil aceitar que era externo, que não era meu, que era apenas algo que alguém me concedia quando eu precisava. Mas tive a sensação de que não era esse o caso. Eu estava começando a pensar que os poderes vinham de algum lugar interno, de algum lugar que não entendia, de algum lugar que não sabia como controlar.

Voltei ao presente quando Onyx parou de se mover, soltando um gemido baixo. — O que...

Foi quando eu os vi no chão. E Doyle estava atacando Jasper.

DEZ

Cece

Eu pulei de Onyx, a dor no meu tornozelo subindo por toda a minha perna enquanto eu me aproximava deles, curvando-me eu bati com força total em Doyle, derrubando nós dois. — Que diabos está acontecendo? — Eu rosnei, fechando meu punho e batendo-o ao seu lado enquanto ele rolava e saía de debaixo de mim.

— Foda-se, — ele disse, se afastando de mim. — Pare, — ele gritou quando eu avancei novamente, me afastando. — Isso queima como o inferno, Cece, — disse, apontando para as minhas mãos. — Ele estava tentando ir atrás de você. Eu estava segurando-o. Droga, — ele disse, levantando a camisa. A pele que cobria suas costelas estava marcada e vermelha, com umas poucas bolhas, mesmo através do material de sua camisa. — O que foram esses fogos de artifício?

— Cece, — a voz de Jasper me chamou, soando fraca.

Ao ouvi-lo o campo de força se dissolveu quase instantaneamente. Caí de joelhos ao lado dele, agora observando o dano com olhos não cegos pelo medo. Seu rosto estava machucado e inchado. Marcas roxas, vermelhas e azuis combinadas espalhadas pelo seu tronco. E então havia o peito dele, as letras gravadas grosseiramente sobre ele. Traidor. Eu ainda não tinha estômago para olhar para as suas costas. — Vamos tirar isso de você, — eu disse, apontando para as algemas. Doyle apareceu ao meu lado com seus instrumentos de abrir travas na mão, ele havia tirado a camisa e enrolando-a nas mãos enquanto trabalhava no ferro. Jasper amaldiçoou ferozmente quando Doyle arrancou o metal da carne queimada de seus pulsos. — Não está tão ruim assim, — eu disse, tentando confortá-lo.

— Você é uma péssima mentirosa, — Jasper disse, estremecendo.

— Nada que um pouco de milefólio não consiga consertar, — dei de ombros, esperando que isso fosse verdade. Ao meu lado, de pé, Doyle estava vestido de novo e ansiosamente olhava para qualquer lugar, menos para a imagem horrível de seu amigo no chão. Eu não o culpo. Foi o suficiente para fazer meu estômago revirar também, mas ele precisava da nossa ajuda. — Doyle, você pode encontrar um pouco, certo? — Eu perguntei, dando a ele a chance de se recompor.

Ele olhou para mim, aliviado. — Sim.

— E o máximo de água que você puder trazer, — acrescentei.

Ele assentiu com força e saiu correndo. Respirei fundo, unindo forças para poder olhá-lo novamente. Então, de repente, sua mão estava do lado do meu rosto. — Meu pai fez isso?

— Oh, isso ... isso foi um de seus capangas. Ele pensou que eu era apenas uma changeling perdida e boba quando fez isso. Foi o seu pai? — Eu perguntei, passando um dedo por baixo do corte em sua bochecha.

— Meu pai queria pintar o chão com um novo tom de vermelho. —

— Acho que prefiro enfrentar seu pai nessas masmorras do que a sua mãe.

— Você conheceu a minha mãe? — Jasper perguntou, endireitando-se, parecendo preocupado.

— Ela me levou para o chá. — Um olhar de puro horror cruzou seu rosto antes que eu continuasse. — Não se preocupe; eu não bebi. Eu me lembrei no último segundo de alguém me dizendo para não comer ou beber qualquer coisa que ele não me desse.

— Eu imaginei que você era teimosa demais para ouvir, — disse ele, os lábios quase curvando. Quase. — Que bom que eles não sabem por que você realmente estava lá.

— Oh, eles sabem, — eu disse, empurrando-o quando ele tentou se levantar. Eu não era médica, mas tinha certeza de que ele teria melhores chances se ficasse quieto e não abrisse todos os seus cortes novamente. — Foi uma discussão e tanto. Na verdade, acho que eles podem saber quem são meus verdadeiros pais. Eles continuaram brigando porque não podiam me manter presa, algo sobre a Luz e os

Tribunais ou algo assim. Acho que não compraram nem por um segundo a história do Will-o'-the-Wisp que Drake inventou.

— Eu sinto muito por você não ter conseguido salvá-lo também, — Jasper disse.

— Ele me salvou duas vezes, — eu disse, minha voz um pouco triste.

— Ele sabia o que estava fazendo. Ele conhecia o risco. Ele queria ajudar.

— Eu acho que sim, — eu disse, pensando em todas as placas machucadas nas suas costas. Respirei fundo e o pressionei. — Você ... sabia que tem outra irmã?

— O que? — A pergunta explodiu dele e ecoou ao nosso redor. Quando olhei para o rosto dele estava repleto de descrença e horror. — Como você sabe disso?

— Eu a conheci. Ela se parece com você e com Jade, talvez um pouco mais delicada. O nome dela é Amy.

— Isso é abreviação de alguma coisa, — disse ele, mas de alguma forma isso também saiu como uma pergunta. — Quantos anos ela tem?

— Final da adolescência. Dezessete ou dezoito anos. E é a abreviação de Ametista.

— Irônico.

— Por quê?

— A ametista, entre outras coisas, limpa um lar da negatividade. — Ele faz uma pausa, pensando. — Se ela tem dezessete ou dezoito anos, ela deve ter passado boa parte da sua infância no reino humano até envelhecer. Se ela tivesse nascido depois que Jade e eu partimos ela seria muito mais jovem em anos fae.

— Ela não é como os seus pais. Ela é...mais suave, doce, talvez um pouco tímida. Mas também desafiadora e corajosa. Ela me agradeceu de propósito para me dever um favor e salvou Drake do espancamento que ele estava recebendo mentindo para os guardas. Acho que ela é subestimada pelos seus pais.

— Essa é provavelmente a única maneira de sobreviver sob o teto deles.

— Ei, uma ajudinha aqui, — chamou Doyle.

Eu me levantei e estendi a mão para duas abóboras que estavam cheias de água. Eu me movi ao lado de Jasper, cavando-as no chão para que elas se sustentassem sozinhas enquanto Doyle colocou uma pilha enorme de milefólio, lavanda, camomila e rosas no chão. Peguei uma rosa e a levantei, as sobrancelhas franzidas.

— Para estancar o sangramento, — Jasper explicou.

Eu acenei, largando-a no chão novamente. — Você está pronto? — perguntei, cada músculo do meu corpo tenso com o conhecimento de que eu estando pronta ou não teria que fazer o que fosse necessário.

Jasper bufou um pouco. — Se eu aguentei receber todo esse dano eu consigo tolerar isso também.

Peguei um pouco de água, derramando cuidadosamente sobre os seus pulsos expostos. Sua respiração sibilou, mas seus braços permaneceram firmes. — O que devo usar neles? —

— Principalmente milefólio, — disse ele, a mandíbula apertada. — Um pouco de lavanda e camomila, mas na maior parte milefólio. Como fizemos com os seus pés.

Meus pés. Deus, parecia que faziam séculos desde que eu sequer havia pensado neles. Ainda havia a dor das minhas costelas machucadas e o latejar no meu tornozelo que eu tinha que pensar sobre. Mas só a noite. Quando Jasper estivesse tratado. — Tudo bem, — eu disse, respirando fundo e achatando as folhas em sua pele. Seu corpo inteiro estremeceu com o contato. — Me desculpe, me desculpe, me desculpe, — sussurrei, olhando para Doyle. — Precisamos manter isso no lugar.

— Aqui, — disse ele, arrancando a camisa. — Eu pulei na água, então está...um pouco menos suja. Eu posso rasgá-la para que você possa usar de bandagem. — Sua pele parecia verde enquanto ele fazia isso e eu terminei de limpar e enrolar os pulsos de Jasper.

— Não está tão ruim, — eu disse, derramando água sobre os machucados em seu peito.

— O guarda derramou um pouco de álcool sobre eles. Provavelmente podemos deixar sem tratamento, deixe respirar. Não

parece bom, mas é tudo superficial , — ele disse enquanto eu respirava fundo e me movia para ficar atrás dele.

— Oh. — A palavra saiu de mim antes que eu pudesse pará-la e olhei para cima para encontrar um olhar de igual horror nos olhos de Doyle.

Suas costas pareciam ter sido chicoteadas continuamente por horas. As lacerações tinham quase meio centímetro de profundidade, cobertas de sujeira e ainda sangrando abertamente. As marcas que não se abriram formaram bolhas dolorosas.

— Eu sei que está bem ruim, — Jasper disse, tentando parecer calmo e tranquilizador. Eu balancei minha cabeça, mesmo que ele não pudesse me ver e me inclinei para frente para descansar minha testa no pequeno pedaço de pele em seu ombro que não estava marcado. Como ele havia sobrevivido a um ataque assim? Como alguém poderia fazer algo assim com outra pessoa?

Uma imagem de Declan surgiu na minha mente, rindo, zombando, frio e condescendente, mas no geral...uma pessoa normal. Quase humano. Mas apenas alguém verdadeiramente mau, completamente insensível, poderia fazer algo assim com outro. Especialmente com seu próprio filho.

— Água salgada pode ser boa para os cortes, querida, — Jasper disse, novamente tentando me confortar, mas suas palavras estavam tensas com a antecipação de tratar aquelas feridas horríveis , — mas eu não acho que você possa produzir lágrimas o suficiente para fazer o trabalho. Então, vamos nos controlar, ok?

— Cece, — disse Doyle e eu me afastei de Jasper para encontrá-lo tão pálido que fiquei seriamente preocupada que ele pudesse desmaiar.

— Está tudo bem, — eu disse, piscando para conter as lágrimas. — Entendi. Vá encontrar algo macio que ele possa usar como cama. —

— Obrigado, — ele disse um pouco timidamente enquanto se afastava.

— Tão ruim assim, hein? — ele perguntou, assistindo Doyle se afastar.

— Não tanto, — eu menti, pegando a água e algumas folhas de milefólio. — É apenas uma superfície maior, isso é tudo, — acrescentei, e, antes que ele pudesse responder ou se preparar, eu derramei a água em suas costas. Eu precisava acabar com isso o mais rápido possível para o nosso bem. Eu escovei a sujeira e a poeira e Deus sabe o que mais estava preso dentro dos cortes até que eles estivessem limpos.

Jasper ficou em um silêncio estoico, apesar dos meus desejos para ele gritar e me xingar com toda a força possível. Eu tinha acabado de terminar o último corte, na altura do cós de sua calça, quando Doyle voltou trazendo grandes galhos repletos de folhas de uma árvore.

— Bordo. Vou arrancar as folhas e empilhar formando uma cama. Não há nada melhor por aqui e não queria ir muito longe.

Era limpo, fresco e relativamente macio. E tudo o que tínhamos. Eu realmente não podia reclamar.

Olhei para a pilha de folhas medicinais com pavor. Peguei as pétalas de rosa, respirei fundo e comecei a pressioná-las nas feridas sangrentas. Jasper tolerou por um longo minuto antes que seu corpo e cérebro desistissem e ele desmaiasse. Todo o seu corpo começou a cair. — Doyle! — gritei e ele veio correndo, ajoelhou-se na frente dele e o segurou pelos braços.

Empilhei o milefólio e coloquei o maior pedaço do tecido da camisa sobre toda a área. — Aqui, — eu disse, levantando-me e movendo-me para o peito de Jasper, — eu vou segurá-lo enquanto você arruma a cama.

Eu o segurei pelos braços, a cabeça no meu ombro e vi Doyle arrumando tudo. — Hey Doyle...você acha que o milefólio vai funcionar? — Eu perguntei, meu estômago apertado.

Doyle ficou em silêncio por um longo momento antes de olhar para cima e o que ele me deu foi a mesma falsa alegria e conforto que eu tentei dar a Jasper. — Claro. Funcionou para os seus pés, não foi?

Colocamos ele de lado em sua cama improvisada e Onyx deitou-se atrás de suas pernas, uma forma maciça que o impedia de rolar e deitar sobre suas costas doloridas. Peguei o que restou da água

e tentei, sem sucesso, lavar o sangue das minhas mãos.

— Não acredito que você não vomitou.

— Eu também, — confidenciei. — Eu não tenho estômago forte para esse tipo de coisa, mas isso só precisava ser feito. — Ele estava se movendo ansiosamente. — Se você precisar de algo para fazer, precisaremos de roupas novas para mais tarde. E água, comida, tudo isso. Nós não vamos nos mexer por um tempo.

— Vocês vão ficar bem aqui?

Não. Não mesmo. De jeito nenhum. — Sim, — eu disse, dando-lhe um sorriso tenso. — Eu tenho Onyx e meus fogos de artifício, ficaremos bem.

— Eu voltarei antes do anoitecer, — ele prometeu e se afastou, me deixando sozinha com nada além de meus pensamentos.

Rasguei uma longa tira de material do meu vestido e enrolei no meu tornozelo, rezando silenciosamente para que estivesse torcido e não quebrado. Não que isso fizesse diferença. Não havia nada a ser feito, mesmo que estivesse quebrado. Se havia uma coisa que eu sentia falta do reino humano era a medicina real. Eu me perguntei se Jasper iria conseguir se recuperar sem um remédio real. E mesmo se todas as coisas naturais funcionassem, quanto tempo isso levaria? Dias? Semanas? Ficaríamos presos inutilmente enquanto todo vestígio de Jade desaparecia? E mesmo que ele se recuperasse de sua surra, se não encontrássemos Jade, isso poderia matá-lo de qualquer maneira.

Suspirei, movendo-me em direção a Jasper e me deitando de lado em frente a ele, impedindo-o de se mover para frente também. Fechei os olhos para acalmar meus pensamentos, e com a mão no braço de Jasper adormeci profundamente.

Foi o tremor que me acordou.

Foi devagar a princípio, um reconhecimento distante da sensação, como um telefone vibrando na mesa de cabeceira e acordando você um pouco antes de voltar a desmaiar. Meus olhos se abriram um pouco para encontrar tudo escuro.

Então o reconhecimento me atingiu com força e rapidez.

Jasper estava tremendo.

Eu levantei, olhando para ele. Sua pele estava brilhando de suor e quando me aproximei ela estava incrivelmente quente. Ele tinha uma infecção. Olhei em volta freneticamente, tentando encontrar Doyle, mas ele não estava em lugar nenhum. Onyx se sentou. — Vá procurar Doyle, — eu pedi. Ele choramingou para mim e a mensagem era clara: ele não queria me deixar. — Por favor, por favor, eu preciso dele.

Respondendo talvez ao puro desespero na minha voz, ele disparou. Sem água, sem milefólio fresco, sem nada, tudo que eu podia fazer era sentar lá, me preocupar e observar Jasper sofrer, meu coração e estômago apertados.

Horas passaram. O sol começou a espreitar por entre as árvores. Então, finalmente, eu ouvi passos. Mas vindo da direção errada. Meu campo de força disparou instantaneamente, se tornando amplo e cobrindo metade de Jasper junto comigo.

Onyx apareceu primeiro, meia dúzia de cabaças presas no pescoço. Água fresca. Doyle apareceu em seguida e o campo de força caiu. — Desculpe. Eu sei, eu sei, — ele correu, caindo perto de mim. — Mas eu sei que a situação está ruim e não sei nada sobre cura. Jasp é quem conhece medicina herbal. Então, eu precisava procurar ajuda.

— Você achou um curandeiro? — Meu coração se acelerou com a ideia. — Onde ele está?

— Não é assim que funciona, — disse Doyle, estendendo um pouco de milefólio, rosas, camomila e roupas limpas. — Eles apenas dão sacolas de merda e você descobre como usá-las.

— Tudo bem, — eu disse, respirando fundo, tentando não ficar decepcionada. Remédio era remédio, mesmo que eu precisasse administrá-lo. — O que você conseguiu?

Ele pegou pequenas sacolas de tecido. — Canela, hortelã, gengibre, alho, açafraão ...

— É isso aí? — Eu perguntei, incapaz de saber o que fazer com isso.

— Pimenta caiena e mel.

Minha cabeça levantou. Pimenta caiena e mel. Pimenta caiena

era usada por caminhanter e campistas. Eu namorei um tipo de cara que adorava o ar livre durante a escola e ele costumava tê-la em sua mochila de acampamento. Era algo pequeno e fácil de transportar, mas, quando colocado em cortes ou feridas, curava. Queimava para caramba, mas curava. O mel também tinha propriedades antibacterianas. O resto eu não tinha ideia do que fazer, mas eu poderia pelo menos usar esses dois.

— Isso vai ser péssimo. — Eu disse a Doyle, movendo-me para trás de Jasper e tirando o pano que continha a maior parte do milefólio.

— Oh merda, — disse Doyle, espelhando meus pensamentos enquanto eu tentava manter o que comi no meu estômago.

Cada corte estava literalmente vazando com infecção. Peguei a água, lavando o máximo que pude, depois rasguei o saquinho de pimenta de Doyle e comecei a derramar em cima. Em resposta a isso Jasper rugiu em seus delírios de febre e Doyle teve que segurá-lo enquanto eu terminava, e, em seguida, cobria o pó com o mel pegajoso. Eu empilhei mais milefólio, só para garantir, e coloquei um pano novo sobre tudo isso para manter no lugar.

— E o resto das coisas? — Doyle perguntou, apontando para os saquinhos de especiarias e ervas.

Nem tudo poderia ser aplicado sobre as feridas. Então, se não fosse desse modo, talvez... — Existe alguma coisa que você possa usar para ferver água por aqui? Acho que isso deve ser transformado em chá. —

Doyle pareceu um pouco confuso por um segundo, depois colocou a mão dentro da mochila e tirou um pequeno jarro de vidro. — Ele me deu isso também. Eu não sabia para quê. Ainda bem que você entendeu. Vou fazer uma fogueira.

Enchemos a jarra com água, jogamos dentro alguns bastões de canela, um pedaço de alho, pedaços de gengibre e todos os temperos e deixamos em infusão até parecer tão horrível quanto o cheiro. Tiramos os pedaços grandes e despejamos o produto acabado em uma cabaça vazia.

— Vai ser divertido fazer ele beber isso, — disse Doyle,

movendo-se para manter o amigo imóvel.

— E lá vamos nós, — eu disse, colocando o chá em seus lábios e derramando um pouco na boca dele. Jasper tossiu e cuspiu imediatamente, jogando a mistura no meu rosto.

— Eu te disse, — disse Doyle, tentando manter as coisas leves.

Mas eu estava determinada. Estendi a mão livre e belisquei seu nariz, esperando um segundo e depois derramando em sua boca até que não restasse mais nada. Um pouco deslizou por seu rosto e peito, mas uma boa quantidade ele engoliu.

— Ainda há esperança, — eu disse, limpando o rosto de Jasper com a ponta da minha saia. — Por que você não dorme um pouco? — Eu perguntei, percebendo seus olhos pesados e sua pele pálida. — Eu dormi mais cedo. Você não será útil para nenhum de nós se estiver exausto. Eu vou vigiá-lo.

Ele assentiu e se moveu para descansar à nossa esquerda. Onyx já estava à direita, dormindo profundamente, suas pernas se movendo freneticamente enquanto ele sonhava.

Peguei pedaços de tecido e os molhei na água fria, depois os pressionei contra a testa e a nuca de Jasper enquanto a febre dele aumentava, enquanto ele lutava comigo, enquanto gritava com algum inimigo desconhecido. Horas depois, ele se acalmou, sua voz quase triste: — Você nos amou uma vez.

Fechei os olhos com força, preocupação, medo e tristeza sendo demais para enfrentar. Entrei e saí da consciência, exausta e preocupada demais para dormir completamente.

Quando meus olhos se abriram pela vigésima vez, algo pareceu estranho, algo pareceu que estava me fazendo cócegas. Estava escuro ao nosso redor novamente, mas os olhos de Jasper estavam abertos. Meu braço disparou, minha mão descansando em sua testa, encontrando nada além de pele fria. — Sua febre passou.

— Mmmhummm, — ele disse suavemente e eu percebi o que havia me acordado. A mão de Jasper estava brincando com o cabelo da minha orelha suavemente.

— Como você está se sentindo? — Eu perguntei, tentando ignorar a sensação estranha de borboletas na minha barriga.

— Dolorido. Tem um gosto horrível na minha boca. Mas estou melhor. Quanto tempo eu fiquei apagado?

— Tempo suficiente para você querer arrancar as minhas "presas cheias de veneno" e me fazer voltar para o submundo, — eu disse com um sorriso. — Cerca de um dia.

Seus lábios se curvaram com isso. — Eu estou coberto de mel? — ele perguntou, seu tom calmo, normal, como se fosse uma situação totalmente comum.

— Pimenta caiena e mel, — eu respondi. Sua mão se moveu de perto do meu pescoço para percorrer suavemente minha mandíbula e a sensação enviou um choque através do meu corpo. — E esse gosto ruim na sua boca é: alho, açafrão, gengibre, menta, canela e uma pitada de chá de pimenta. —

Seus olhos claros encontraram os meus. — Obrigado, — ele disse, as palavras pesadas cheias de significado e eu não deixei de perceber que ele queria me dever algo.

Mas antes que eu pudesse entender completamente, os seus lábios estavam sobre os meus. Eram macios, exploradores, fazendo minha barriga ficar líquida e meu coração se apertar. Doce. Foi tão deliciosamente doce. Sua língua entrou e dominou a minha, tornando-a dele. Senti uma onda de necessidade passar por mim, fazendo minha pele formigar, meu sexo apertar e umidade encharcar minha calcinha. Eu sabia que ele podia sentir tudo isso. Eu sabia que ele sabia o que estava fazendo comigo. Mas, desta vez, eu não me importei. Agarrei seus braços, o único lugar seguro em seu corpo, e soltei um pequeno gemido quando seus dentes morderam meu lábio inferior.

De repente sua mão estava subindo pela minha coxa quando ele me rolou um pouco, me colocando de costas, dando-lhe acesso. — Você está machucado, — eu murmurei contra seus lábios, o senso comum me fazendo objetar algo que eu realmente queria.

Ele se afastou um pouco enquanto seus dedos brincavam com o espaço onde minha calcinha encontrava minha parte interna da coxa. — Muito machucado para algumas coisas, mas não para outras, — disse ele, uma maldade em seus olhos quando seus dedos deslizaram

sob o material e acariciaram minha fenda rapidamente antes de encontrar meu clitóris e pressioná-lo. Meus lábios se separaram em um gemido silencioso, dolorosamente ciente de que o som se espalhava na floresta tranquila e Doyle estava em algum lugar nas proximidades.

— Ele decolou meia hora atrás. — Jasper me informou, o dedo começando a circular meu clitóris. — Ninguém vai ouvir além de mim, — ele prometeu, seu dedo médio deslizando para baixo e lentamente, dolorosamente lento, deslizando dentro de mim. Seu polegar subiu para continuar o tormento no meu clitóris e soltei um gemido abafado. Ele inclinou a cabeça, reivindicando meus lábios novamente, engolindo meus gemidos.

A pressão aumentou, a necessidade de liberação se fortaleceu. E foi justamente então que minha cabeça decidiu interferir e me perguntar o que significava aquilo que estava acontecendo, como havíamos deixado de nos odiar genuinamente para beijar e...outras coisas. Era apenas a adrenalina, a situação de vida ou morte? Era apenas uma afirmação da vida, sem significado, apenas uma celebração por ter sobrevivido a toda essa merda pesada dos últimos dias?

Eu nem tinha notado que Jasper parou de me beijar até ele falar. — Pare, — ele disse, uma exigência silenciosa e meus olhos se abriram para vê-lo me observando intensamente e percebi que, enquanto seu dedo ainda estava dentro de mim e seu polegar ainda estava no meu clitóris, eles não estavam mais se movendo. E ficou dolorosamente claro que ele sentiu as ondas de incerteza e ansiedade fluindo através de mim. — Por que importa o que isso significa? — ele perguntou. — Não é bom? — perguntou novamente, sério e nós dois sabíamos a resposta para isso, mas eu sabia que ele era teimoso o suficiente para me fazer dizer isso.

Como se em resposta a sua pergunta o meu sexo apertou em torno de seu dedo, querendo o fim dessa necessidade pulsante no fundo da minha barriga. — Sim, — eu admiti.

— Então apenas sinta-se bem, — ele disse e seus dedos começaram a se mover novamente, rápido, implacável, não permitindo que uma pitada de incerteza penetrasse a necessidade

avassaladora de gozar, o prazer que era quase doloroso de tão intenso. — Muito melhor, — ele murmurou, inclinando-se e plantando beijos na lateral do meu pescoço e depois na minha orelha, pegando o lóbulo na boca e chupando um pouco.

Eu gozei forte, o orgasmo atravessando meu corpo, tomando conta de cada centímetro de mim, fazendo meu corpo tremer e se contorcer no chão. Eu tinha consciência o suficiente apenas para impedir que minhas mãos segurassem Jasper, fechando-as em punhos no chão, minhas unhas pressionando contra minhas palmas. Ele me acariciou até o final do meu orgasmo. Mesmo depois, seu dedo ficou dentro de mim, sua palma achatada contra a minha fenda. Ele soltou meu lóbulo e se moveu para descansar sua testa na minha.

O momento era pesado. Não havia outra maneira de dizer isso. Nossos corpos estavam segurando muitos pensamentos, sentimentos, esperanças e medos. Eu, o que estava acontecendo comigo e Jasper, se ele estava fora de perigo ou em risco de uma recaída, minha família desconhecida, enfrentar todo esse mundo novo e além de tudo isso...Jade. Ele, Jade. Jade e sua outra irmã que ele não sabia que existia, mas eu tinha certeza de que ele se sentia responsável por ela. Esse era Jasper: bom, leal, tão altruísta. Eu juro que ele praticamente vibrava com a necessidade de recuperá-la.

O ar ao nosso redor parecia tão denso com seriedade que parecia difícil respirar. Respirei fundo e forcei meu tom a ser leve. — Você sabe, você ainda me deve. Isso não conta. — Eu o informei e seu peito tremeu enquanto ele ria. Seu dedo deslizou para fora de mim e sua mão saiu da minha calcinha. Ele se afastou de mim, voltando para o lado dele.

— Acho que te devo várias vezes, Celestine. Durma um pouco. Você teve dias difíceis.

Em seguida ele estendeu a mão, tocando meu pulso e, com isso, eu estava cansada demais para ficar acordada.

Ele e sua porcaria de mágica.

ONZE

Cece

Foi o calor que me acordou, um calor sufocante, úmido, que dificultava a respiração. Eu rolei de costas, olhos apertados contra a eventual plena consciência. — Eu acho que esse lugar originou a ideia do inferno, — eu resmunguei, nem mesmo completamente acordada e, de alguma forma, mal-humorada.

— Há estações aqui também, — a voz de Jasper me informou parecendo vir de muito longe. Meus olhos se abriram e eu me sentei, procurando por ele, apenas para encontrá-lo em pé casualmente a alguns metros de distância, mastigando as castanhas que eu havia encontrado.

Eu me movi para ficar em pé rapidamente, com a intenção de olhar para as costas dele e esquecendo completamente o meu tornozelo. Eu pisei nele com pressão total, me fazendo ofegar quando o impacto enviou um choque de dor. Não foi tão ruim quanto no dia anterior, provavelmente devido a ter descansado um pouco, mas ainda doía.

— Desajeitada, — Jasper disse, seu tom um pouco condescendente.

Levantei minha cabeça bruscamente, minha coluna ficou rígida, algo dentro de mim me dizendo que as coisas tinham acabado de dar uma virada brusca no estilo o-que-foi-que-eu-fiz. As ações da noite anterior só podiam terminar de três maneiras. Poderíamos reconhecer o que ocorreu e mudar nossa relação para algo mais leve, talvez fazer as coisas progredirem. Nós dois poderíamos fingir completamente que nunca aconteceu, o que sempre era a aposta mais segura. Ou, é claro, a coisa poderia ficar feia. Meu instinto estava me dizendo que as coisas ficariam feias.

— Sim, arrastar sua bunda inconsciente por um campo me

deixou menos do que graciosa, — eu respondi. Fui até as sacolas de especiarias e ervas, jogando pedaços deles no pote, enchendo-o com água e acendendo fogo embaixo dele. Ele parecia bem, mas outra dose não faria mal algum. As coisas ficaram completamente silenciosas enquanto tudo fervia, afundava e esfriava. Enrolei a jarra em um pano e fui mancando até Jasper. Ele engoliu tudo com uma maldição enquanto eu me movia atrás dele para verificar os cortes. Sob o mel pegajoso, os sinais de infecção se foram. Os retalhos de pele ainda estavam vermelhos, mas parecia que eles estavam se fechando.

— Parece melhor, — eu disse, me afastando dele para sentar e pegar a pilha de comida no chão. Doyle deve ter ido procurar e deixou tudo isso para trás.

— Ele está procurando informações sobre Jade, — Jasper respondeu à minha pergunta não feita. — Precisamos de uma direção para não andar em círculos.

— Não devemos ficar aqui por mais um dia? Até termos certeza de que você está melhor? Você ficou mal por conta aquela infecção por um dia inteiro.

— E agora eu não estou mais, — Jasper retrucou.

— Você está radiante como um raio de sol hoje, não é? — Eu retruquei de volta, os olhos atirando punhais para ele, usando todo o autocontrole que tinha para não pensar na noite anterior, porque sabia que ele estaria ouvindo mentalmente. Agora que eu entendia melhor as coisas percebi que haviam traços quando alguém estava entrando em sua cabeça. Havia quase uma sombra, um local fresco, como um fantasma entrando.

— Um raio de sol? — A voz de Doyle perguntou feliz, juvenil, enquanto ele se aproximava. — Você estava falando de mim, querida?

Senti meus lábios se inclinarem levemente. — Sempre, Doyle. Não falo de mais nada.

— Você descobriu alguma coisa? — Jasper interrompeu, impaciente.

— Todo mundo continua me apontando na direção das ninfas.

— Você não pode estar falando sério, — Jasper disse,

chamando minha atenção.

Doyle deu um grande sorriso, juvenil, encantador. — Eu sei. Acho que vou ter que suportar as atenções delas para obter algumas informações.

Jasper exalou, fazendo algum tipo de ruído resignado no fundo de sua garganta. — Quais ninfas?

— Oh, as das árvores e das flores para começar.

— E para terminar, — Jasper disse, revirando os olhos. — Se elas não souberem nada, as da água e do submundo também não saberão. —

— Ah, mas não seria divertido perguntar? — Doyle revidou, os olhos brilhando. Ninfas. Sobre elas, pelo menos, eu estava vagamente ciente por conta da minha aula de história. Elas eram belas moças que dançavam, cantavam e gostavam muito de sexo. Não é à toa que Doyle queria visitá-las.

— Então nós vamos amanhã, — eu disse com um aceno de cabeça.

— Não, — Jasper me repreendeu. — Nós iremos assim que você comer.

— Jasper...o seu ...

— Meu tudo está melhor, — ele disse e algo cruzou seu rosto, algo em que eu não confiava, algo um pouco cruel, muito diferente do Jasper que eu conhecia. Ele era legal, condescendente, um pouco agressivo, mas no geral uma boa pessoa? Sim. Mas cruel? Não. — Talvez todos os médicos devessem conviver com seus pacientes. Parece fazer maravilhas.

Ali, bem naquele momento, qualquer pequena lasca de esperança que eu havia em relação ao sexo masculino desapareceu. Porra, fodam-se, fódidos homens. Como ele podia pensar que tinha a liberdade para dizer merdas assim? Principalmente quando não estávamos sozinhos? Senti as minhas bochechas esquentando e sabia que estava corando e o odiava ainda mais por isso.

Jasper se inclinou para começar a coletar a bagunça de itens que tínhamos espalhado no chão. Sua cabeça estava inclinada, como

se estivesse me ouvindo.

Raiva me deixando determinada, eu subi o escudo que tinha usado contra Declan, reforçando-o mentalmente com tijolos, arame farpado e cães treinados. Sua sobrançelha se levantou por uma fração de segundo, como se estivesse surpreso, antes que ele bufasse e terminasse o que estava fazendo.

Não consegui olhar para Doyle, que também se levantou e começou a limpar tudo. Fiquei onde estava, tomando um café da manhã forrageado e fervendo silenciosamente.

— Sabia que ela precisou manter o seu nariz fechado e deixá-lo engasgar com chá por um tempo para finalmente fazer a sua bunda teimosa e inconsciente beber, — disse Doyle, provavelmente tentando aliviar o clima.

— Ótimos modos na cama, — Jasper disse secamente em resposta.

— Apreendi com o melhor, — retruquei, pegando todas as ervas e fechando seus saquinhos. — Para onde Onyx foi? — Eu perguntei, me certificando de perguntar para Doyle, mesmo que eu não olhasse para ele.

— Ele saltou logo antes do amanhecer. Achei que estava caçando. Mas podemos começar a nos mover. Ele vai nos farejar.

Não tendo realmente uma contra argumentação, exceto, talvez, meu tornozelo dolorido, assenti e andei atrás deles. Se Jasper conseguia andar por aí com metade do seu corpo rasgado, eu podia mancar com meu tornozelo provavelmente torcido.

Cerca de meia hora de caminhada, essa não era a única coisa que me incomodava. Com nada mais a fazer além de prestar atenção às minhas dores graças ao silêncio teimoso dos meus companheiros, tudo estava começando a doer. Meu tornozelo, meu rosto, minhas costelas.

Uma imagem de Doyle surgiu na minha cabeça, dele alcançando a barra do meu vestido. Eu tinha certeza de que vi Jasper endurecer à minha frente, como se estivesse me espionando mentalmente novamente. E, talvez tenha sido algo maldoso de fazer, mas deixei a imagem persistir, concentrei-me nela até ela ficar clara e

nítida. Eu deixei fluir em câmera lenta quando ele levantou minha saia e gentilmente passou os dedos sobre a minha pele. Em seguida deixei o momento se prolongar mais, quando ele estava apenas me dando um olhar intenso.

E então levantei o escudo, deixando Jasper do lado de fora.

Deixe-o pensar o que ele quiser sobre isso. Que ele se pergunte se talvez fomos além disso, se talvez algo aconteceu entre nós. Doyle era, afinal, bonito, charmoso, gentil e sexy.

E talvez eu estivesse disposta a usar isso a meu favor, para não me sentir tão envergonhada com o que aconteceu com Jasper e com o que eu tinha, talvez, começado a pensar que significava antes que ele esmagasse isso e mandasse tudo para o inferno.

— Ei, Doyle? — Eu chamei, um pouco timidamente.

— Sim, querida? — ele perguntou, dando o seu sorriso encantador de sempre por cima do ombro para mim. Era um sorriso que Jasper veria de forma diferente agora.

— Por que você não volta aqui e me faz companhia? — Eu sugeri. Doyle correu para trás, batendo seu ombro no meu.

— O que a dama desejar, — ele disse com uma piscadela.

Este não era um jogo que eu normalmente jogaria. Eu não era esse tipo de garota mesquinha, vingativa. Talvez fosse a mistura de adrenalina, medo, ansiedade, perigo, fome e exaustão. Talvez fosse apenas o fato de que eu estava cansada e enlouquecida de ter pessoas me usando. Ou talvez, apenas talvez, tenha algo a ver com o fato de gostar de Jasper. Era algo estúpido da minha parte. Ele estava no topo da lista de más escolhas. Um, porque ele era o irmão da minha melhor amiga, o que o deixava automaticamente fora dos limites. Dois, ele não era meu tipo. Três, ele era um idiota.

— Pronto, — Jasper disse, apontando para a esquerda, a cabeça inclinada como se tivesse ouvido algo.

— Bem, — disse Doyle, esfregando as mãos com um sorriso malicioso, — vamos trabalhar, certo? — ele perguntou e saltou para a clareira.

Sorri por um segundo, achando seu entusiasmo encantador, antes de me lembrar que ele traiu Jade.

— Hey, — Jasper disse, me olhando.

— O que?

— Ele é parte ninfa, Cece, — ele disse como se isso explicasse tudo.

— Hum, certo?

— No reino humano, ele é ótimo. Ele era o melhor namorado que Jade já teve. Ele a amava como nada mais no mundo.

— Se ele a amava tanto, — interrompi apenas para que ele me cortasse e continuasse.

— O problema é que ele tem uma família no The Green com quem ele mantém contato. Então, ocasionalmente, ele tem que voltar para as comemorações. E então, quando ele cruza a fronteira os seus desejos começam. Quanto mais tempo ele fica aqui, mais difícil é para ele controlá-los. No reino humano, ele era fiel a Jade. Aqui, ele realmente não podia se controlar.

— É por isso que Jade não o odeia, — eu disse, entendendo. — Ela entende que ele não pode se controlar.

— Mas isso não anulou a traição, — Jasper concordou. — Eles ainda se amam. Provavelmente sempre se amarão. Mas Doyle não pode mudar e Jade não pode viver com esse desgosto toda vez que ele precisar visitar o The Green.

Eu balancei a cabeça, engolindo o nó repentino na minha garganta, de repente triste até os ossos pelos dois. Por Jade, porque ela merecia apenas o melhor. Por Doyle, porque eu sabia que ele poderia dar isso a ela. Mas eles não conseguiriam ficar juntos.

— Vamos, — Jasper disse, a voz dura novamente.

— Com todo o prazer. Inferno, eu prefiro me sujeitar a uma depilação a cera com Edward Mãos de Tesoura do que ficar aqui com você por mais um segundo. — Dito isso eu entrei na clareira, parando subitamente ao lado de Doyle, que estava parado ali, sorrindo.

Porque as ninfas, sim, pareciam vir diretamente de uma pintura de John William Waterhouse. O que significa que elas estavam completamente nuas, cada uma delas. Era T e B e B em todos os lugares.

— T e B e B? — Jasper perguntou, parado ao meu lado,

sobrancelha levantada. E, bem, eu não estava prestes a dizer para Jasper 'tetas, bundas e bocetas'. Felizmente para mim, Doyle não tinha tais inibições e Jasper riu antes de se pegar fazendo isso e sufocar a risada.

— Olá senhoras, — chamou Doyle, fazendo a dança e o canto pararem subitamente, quando as seis mulheres viraram, seus traços perfeitos se transformando em sorrisos.

— Oh, — uma delas disse com uma voz cantada, — homens! — E ela falou isso enquanto pulava animadamente, devo acrescentar. E aqueles T que eu mencionei...sim, me fizeram sentir positivamente despeitada. Apenas cinco segundos depois elas estavam ao nosso redor, circulando Doyle e Jasper, mãos por toda parte, elogiando-os. E os caras, sim, eles estavam comendo essa merda.

Típico.

— Oh, tão forte, — uma murmurou para Jasper, as mãos passando pelos cortes nas costas dele.

— Por favor, deixe-me cantar uma música para você, — disse outra, ajoelhando-se na frente de Doyle e eu suspeitava que a música poderia terminar com um boquete.

— Eu ficaria honrado, — disse Doyle com um sorriso e a mulher imediatamente começou uma música lenta e sexy sobre dois amantes se encontrando na floresta.

— Apenas um beijo, — a ruiva implorou a Jasper, a mão dela brincando com o cabelo dele como se fosse de ouro puro.

Oh, pelo amor de Deus.

Sentindo o meu aborrecimento, Jasper olhou na minha direção e sorriu, virando sua bochecha sem cortes para a ninfa e batendo com o dedo sobre ela. Em êxtase, ela se inclinou para a frente e deu um beijo, demorando mais do que o necessário. Jasper estendeu a mão e acariciou seus cabelos atrás da orelha e ela riu, um doce som extravagante.

— Você é muito bonita, — disse uma voz profunda atrás de mim, me fazendo olhar.

Eu me virei, observando-o se aproximar enquanto as ninfas puxavam Jasper e Doyle adiante em direção ao seu pequeno círculo de

flores, a alguns metros de distância. Ele era alto e esbelto, com contornos sutis de músculos sob sua profunda pele castanha. Ele tinha um rosto surpreendente, com uma mandíbula forte, e maçãs do rosto que podiam cortar vidro, olhos verdes quase não naturais. Seu cabelo era longo e preto, com tranças grossas nas costas, amarradas com um anel de flores. Ele, pelo menos, não estava completamente nu, usava algum tipo de material marrom pendurado indecentemente nos quadris e amarrado como uma saia.

Sem saber quem, ou mais precisamente, o que ele era, recuei um passo. — Permita-me fazer uma serenata, — disse ele, pegando minha mão.

— Não, — Jasper gritou do outro lado do campo, fazendo as meninas dançando ao seu redor ofegarem e rirem.

Mas, inferno, se eles podiam brincar com as ninfas, por que eu não podia me divertir com um homem? Ou um meio-ninfa. Pelo que eu sabia, as ninfas eram apenas mulheres. Talvez ele fosse como Doyle, mas estivesse no The Green por mais tempo, possivelmente a vida inteira, tornando-o mais parecido com seus ancestrais.

— Eu ficaria honrada, — eu disse, usando as mesmas palavras de Doyle. O ninfa avançou, colocando seu rosto ao lado do meu, seus lábios no meu ouvido, depois começou a cantar uma música lenta e sensual que eu juro que vibrou em uma área muito pessoal minha. Por dentro, eu me perguntava se as músicas que as ninfas cantavam afetavam os homens de maneira semelhante. — Na verdade, — eu interrompi, um pouco desconfortável com o desejo relutante de encher meu sistema com o som da voz dele, — eu queria saber se você poderia me ajudar. —

— Qualquer coisa, — disse ele, afastando-se um pouco, sua palma larga pousando na minha bochecha, a outra pegando minha mão e colocando-a em seu peito. — Meu coração, minha alma, — sua mão puxou a minha lentamente para baixo sobre os músculos do abdômen, — meu corpo.

Tossi um pouco sem jeito, puxando minha mão para cima. — E o seu cérebro?

— Sim, qualquer coisa para você, — ele disse e eu tive uma

suspeita furtiva de que ele quis dizer aquilo, que ele estava impotente, fazendo apenas o que o sexo oposto pedisse ou exigisse dele. Sua mão puxou a minha para cima, beijando meus dedos.

— Estava pensando se você viu minha amiga. Ela é alta e loira de olhos azuis. Na verdade, ela parece uma versão feminina dele, — eu disse, acenando com a mão livre em direção a onde Jasper estava a alguns metros de distância.

— Eu só tenho olhos para você, — ele insistiu.

— Por favor, olhe, — insisti. — Seria...muito gentil de sua parte...qual é o seu nome?

— Elm, — ele disse facilmente. — Mas, por favor, me chame de seu.

— Elm, — eu disse, minha voz um pouco firme. Era doce e legal ser elogiada, mas tinha certeza de que ele faria o mesmo com qualquer fae ou humana que acontecesse. Não era lisonjeiro quando eles dariam o mesmo tratamento a qualquer uma. Além disso, era meio triste. A vida inteira deles era sobre adorar os outros. — Eu preciso que você olhe para o meu...amigo, — eu disse, quase engasgando com a palavra, — e me diga se você viu uma mulher que se parece com ele.

— Eu nunca quero desviar o olhar dos seus lindos olhos... — ele fez uma pausa com o olhar que eu dei a ele. — Se isso lhe agrada, — disse, olhando por cima do meu ombro por um segundo. — Ela estava com alguns homens. Eles não me deixaram chegar perto dela. Mas eu queria cantar para ela. Uma música linda para combinar com seus lindos...

— Elm, — eu interrompi, tentando não me irritar com ele. Realmente não era culpa deles serem um tipo de espécie ridícula. Eu provavelmente o acharia charmoso se eu não estivesse de mau humor por causa da dor e exaustão e ainda tendo Jasper junto com a minha preocupação com Jade. — Com quem ela estava? Ela estava machucada? Eles a machucaram?

— Dance comigo, — ele disse, estendendo a mão para mim. — Por favor, dance comigo. Não consigo pensar direito se não estou tocando você. Minha deusa. Minha sagrada ...

— Tudo bem, — suspirei, pegando sua mão, disposta a jogar com ele, se ele me desse mais informações. Ele me puxou contra o seu corpo, seu aperto em mim era forte e gentil, uma combinação estranha que apenas alguns homens pareciam saber como fazer. Ele nos moveu devagar, sensualmente, e quando me virei, olhei para o círculo das flores.

Doyle estava deitado com uma mulher em seu colo, sua mão no peito dela. Outra mulher estava ao lado dele, acariciando seu peito. O braço dele estava sobre os ombros dela.

Apesar de saber que eu não deveria, eu olhei para Jasper, que também estava sentado com uma ruiva ajoelhada atrás dele, passando uma nova camada de mel nas costas. Uma faísca absurda de ciúmes se acendeu por um momento antes de eu empurrá-la para baixo. Inferno, isso me salvou de ter que me aproximar dele novamente. Ela estava me fazendo um favor. Uma loira aproximou-se e colocou uma coroa de flores em sua cabeça, sua boceta perfeitamente nivelada com o rosto dele por um longo momento enquanto ela a colocava no lugar e depois caía de joelhos ao lado dele.

— Elm, por favor, responda as minhas perguntas. — Eu exigi um pouco desesperadamente. Precisávamos sair de lá.

Elm suspirou, enterrando o rosto no meu cabelo. — Os homens eu não conhecia. Eles não eram daqui. A pele dela era como um alabastro. Era suave como...

— Elm, — eu falei, me sentindo como uma mãe que falava com uma criança inconstante. — Havia machucados ou cortes na pele dela?

— Oh, eles eram os hematomas mais lindos. Eu teria beijado todos eles.

— Eles disseram o nome dela?

— Minha deusa Jade. Jade, oh, um nome bonito para uma beldade...

— Oh, pelo amor de Deus, — eu disse, saindo de seu abraço e seguindo em direção ao círculo. — Ei, senhoritas ninfas, — eu gritei e elas se viraram para mim, as sobranceiras franzidas como se não entendessem a razão da minha presença ali. — Elm aqui disse que

todos viram nossa amiga Jade aqui outro dia. — Eu disse e Jasper se endireitou de repente, empurrando a garota para longe dele e ela choramingou como se ele a tivesse chutado. — Ele disse que ela estava com alguns homens.

— Oh, homens, — a ruiva gemeu. — Homens sonhadores, sonhadores...

— Sim, — eu disse, seca e impaciente, — tenho certeza que eles eram positivamente deliciosos. Mas eu preciso saber o nome deles e como eles eram.

— Você é tão bonita, — disse uma mulher, se aproximando. Ela estava no círculo das flores, mas bem longe de Doyle e Jasper. O que, bem, era estranho. — Por favor, deixe-me te beijar. Por favor, — disse ela e eu me encontrei sorrindo. Bem, isso explicava a distância. — Eu morreria para lhe dar um beijo.

— Isso dificilmente será necessário, — eu disse, oferecendo-lhe minha bochecha. — Mas se você puder fazer suas amigas falarem sobre esses homens, isso me faria muito feliz.

— Posso trançar o seu cabelo? — ela perguntou como se não tivesse me ouvido.

Eu olhei para Jasper, cujos lábios se curvaram em diversão. Eu acho que foi por isso que ele não queria vir em primeiro lugar. Era impossível obter respostas diretas delas.

— Qual o seu nome? — Eu perguntei a ela quando ela estendeu a mão para colocar um fio atrás da minha orelha.

— Willow.

— Tudo bem, Willow. Você pode trançar meus cabelos se você as fizer falar sobre os homens que viram.

— Oh, homens sonhadores... — a loira murmurou.

— Oh, meu Deus. Eu não posso fazer isso, — eu disse, caindo no chão, balançando a cabeça. Deixe Jasper e Doyle lidar com as faes heteros. Eu iria apenas ser mimada por Willow e ouvi o som de Elm enquanto ele se movia ao meu lado, brincando com a barra rasgada da minha saia.

— Escutem, — Jasper disse, sua voz perdendo a falsa suavidade que ele estava usando com elas anteriormente,

provavelmente apenas para me irritar. — Esses homens têm minha irmã. Eu preciso saber como eles são.

— Oh, alto, escuro, bonito... — a loira disse sonhadora, olhos fechados como se estivesse saboreando uma lembrança.

— Escuro, escuro, escuro, — concordou a ruiva, suas mãos se movendo de maneira não sutil pelo próprio corpo.

— Eles eram fae das Trevas? — Jasper exigiu, perdendo a paciência a cada minuto.

— Oh, o cabelo, — uma das ninfas penduradas em Doyle começou, suas mãos movendo-se para o peito e provocando o mamilo, atraindo um pequeno gemido de um Doyle atento. — Tão longo e branco ...

— Um fae escuro com cabelos brancos? — Jasper perguntou, perplexo.

Mas as ninfas não tinham mais nada para nos dizer, pois todas começaram a brincar entre si. Era uma orgia de ninfas e estávamos no centro de tudo.

— É mais do que tínhamos quando começamos, — pensei e ignorei o fato de Willow colocar um beijo embaixo da minha orelha enquanto ela trançava.

Uma escuridão caiu sobre o rosto de Doyle. Era tão fora do normal para ele que senti um frio na barriga. — Nós vamos ter que atravessar o território das Trevas.

— E? — Eu perguntei, dando de ombros. Eu iria para o inferno para encontrar Jade.

— E Jasper é tecnicamente da Luz. Eu sou da Luz. Você nós não sabemos. Existem regras.

— Hum, fodam-se as regras, — eu disse, franzindo as sobrancelhas com a hesitação dele.

— Elas não são regras. São leis, — Jasper entrou na conversa.

— Eu não tenho nenhuma lei. Quero dizer...ninguém sabe quem ou o que eu sou neste momento. Eu ir para lá não pode implicar em leis sendo quebradas. Além disso, eles não violaram as leis ao raptarem Jade?

— Você está falando como se eles fossem seres racionais, —

Jasper disse, com tom condescendente. — Eles não são. Se formos pegos, seremos perseguidos, independentemente de terem sido os crimes deles que nos atraíram em primeiro lugar.

— E o reino das Trevas é tão maciço quanto a Luz... — Doyle disse, soando subitamente sem esperança, repugnantemente se afastando da ninfa ao lado dele, que tinha a mão entre as pernas, dois dedos dentro de si mesma enquanto se contorcia e gemia.

— Mas, quero dizer, isso não parece tão massi...

— Oh, pelo amor de Deus. Pare de ser tão ingênua. — Jasper gritou, em pé. — O que você viu da Luz até agora é o equivalente a uma polegada de asfalto em uma rua da cidade de Nova York. Você não tem ideia do que está falando.

— Bem, é uma sorte para mim ter professores tão gentis e pacientes, — gritei, levantando-me e saindo do círculo, Elm e Willow seguindo atrás de mim como uma sombra e de repente não fiquei irritada com a presença deles. Pelo menos eles não estavam me tratando como uma idiota, como uma dor na bunda que eles não queriam.

Eu não deveria ter me sentido tão desanimada, tão castigada. Mas eu fiz e pude sentir as lágrimas se acumulando rápido demais para piscar e me livrar delas e elas caíram no meu rosto, quentes e sem parar. Inclinei-me um pouco para a frente, as mãos sobre o rosto, tentando me recompor.

— Aqui. Minha linda. Minha deusa. Aqui, por favor ... — A voz de Elm me interrompeu, soando perturbada como se a minha tristeza o machucasse. Quando abri os olhos, ele pressionou uma pequena pulseira de madeira nas minhas mãos. — Eu quero que você fique com isso. É olmo, — disse ele desnecessariamente. Eram pequenas contas de olmo com folhas de olmo esculpidas.

Eu olhei para ele, algumas lágrimas perdidas ainda escorrendo pelas minhas bochechas. — Isso é realmente muito gentil da sua parte.

— Isso te faz feliz? — ele perguntou, soando como se sua vida dependesse da minha resposta.

— Sim, — eu disse, apesar da sensação de vazio no meu peito.

— Vou fazer para você mais cinco delas, — declarou alto. —

Não, não. Vou fazer mais dez! — ele anunciou, fugindo para, presumi, fazer exatamente isso.

— E foi muito gentil de sua parte arrumar o meu cabelo também, — eu disse, estendendo a mão para tocá-lo, sentindo pequenas pétalas e folhas saindo do que parecia ser uma trança intrincada. — Está muito bonito.

— Você é muito bonita, — ela me corrigiu. — Vou segui-la para todos os lugares. Vou agradá-la. Vou adorar o chão em que pisar. Vou...

— Cai fora, — Jasper falou, aparecendo.

— Jasp, — disse Doyle, aproximando-se dele. — Seja legal. Você sabe que ela não pode evitar.

— Tudo bem. Por favor, cai fora. Ela não gosta de meninas de qualquer maneira.

— Jasper! — Eu assobieei quando o rosto de Willow se entristeceu e ela fugiu em um silencioso lamento.

— Elas podem ser inconstantes e superficiais, mas também têm sentimentos. Você não tem um passe livre para ser um idiota com quem quiser.

— Na minha experiência, elas sempre aproveitam e depois voltam para mais, — disse ele com um sorriso desagradável e tive a nítida impressão de que ele não quis dizer as ninfas. Ele quis dizer as mulheres. Em particular, ele quis dizer eu.

Sim, bem, foda-se tudo isso.

Mas antes que eu pudesse responder algo de volta Jasper se virou e saiu apressado, deixando-nos andando atrás dele.

Andamos num silêncio tenso por algumas horas antes de Jasper declarar que iria procurar por comida, dando a Doyle um olhar duro como se estivesse dizendo alguma coisa, antes de ir embora.

— Ele não está falando sério, você sabe, — disse Doyle quando ele se foi.

— O que?

— Agindo assim como um idiota. É um mecanismo de defesa.

— Eu não me importo com o que é, é inaceitável, — eu disse, esfregando a mão na minha barriga. — Quando eu sair daqui, — eu

disse, enfatizando o 'quando', embora parecesse cada vez menos provável que estivéssemos saindo de lá , — eu vou me encher tanto que vou explodir como um carro alegórico da Macys¹ do Dia de Ação de Graças. O que? — Eu perguntei, percebendo ele me olhando estranhamente.

— Os fae geralmente não comem muito. Só precisamos de algumas frutas, algumas nozes, talvez um cogumelo ou um néctar aqui ou ali e estamos prontos. Normalmente, não ficamos tão famintos.

— Sim, bem, nós meio que já estabelecemos que eu sou uma aberração.

— Talvez seja uma coisa boa. Isso poderia ajudar a descobrir o que você é.

— Ela é um changeling como o resto, — Jasper disse, me assustando quando ele jogou uma tonelada de comida em um pano no chão. — Coma. Eu vou pegar água.

Eu não iria dizer a ele para ir devagar, pois ele tinha acabado de passar pelo inferno, ou que deveria ser mais gentil consigo mesmo. Se ele queria ter outra febre infecciosa, essa era sua decisão estúpida.

Sentei-me para comer, percebendo quando Doyle pegou algumas frutas e pareceu satisfeito. — Devo me preocupar que Onyx ainda não tenha voltado?

— Ele voltará, — disse Doyle, quase como uma promessa. — Ele precisa proteger a donzela bonita de nós, homens maus.

— Sim, vocês homens maus que me fazem andar com o tornozelo dolorido por horas, — eu disse, balançando a cabeça, meio que sendo mimada por ter Onyx para me carregar, sentindo falta do conforto disso.

— Eu notei o mancar.

— Não é nada. Não é nada como o que...

— Aconteceu com Jasp , — Doyle terminou para mim. — Mas você não pode se comparar a ele. Ele é uma máquina.

Uma máquina. Isso soou como algo bom para mim. Mecânico. Frio. Insensível. Racional. Menos emocional. Sim, eu queria ser como um robô naquele momento.

— Eu poderia preparar um bom chá de cura, — sugeriu Doyle, com os olhos perversos. Eu me senti rir, o som alto, antes de sentir algo empurrar contra minha perna e pular no colo de Doyle com um grito.

— Ah, querida, se você insiste... — ele começou, sua cabeça se enterrando no meu pescoço, sua voz sexy.

— Cale a boca, — eu exigi. — Que diabos é isso? — Eu perguntei, apontando para o local onde eu estava sentada, onde algo estava saindo da terra. Era apenas um ponto vermelho a princípio, depois um pouco de cabelo, depois um rosto minúsculo.

— Oh, isso é um gnomo, — disse Doyle casualmente.

— Um gnomo? — Eu perguntei, deslizando ainda mais em seu colo enquanto o homenzinho puxou o torso para fora do chão. — Como nas decorações do jardim? Eles moram no chão?

— Sim e não. Eles se movem pela terra como um pássaro se move pelo ar. Mas eles vivem próximos às pedras e aos tocos de árvores. Relaxe, ele não quer comer os seus dedos dos pés, — Doyle riu enquanto eu tentava enfiar os meus pés atrás das pernas dele.

O rosto do gnomo se torceu com o comentário de Doyle por um segundo enquanto ele espanava suas roupas. — Eu vi o seu barguest. Criatura adorável. Não via um por um período de uma, não, de duas vidas. Oh, você, — disse ele, de repente olhando para mim. Seus olhos se arregalaram quando ele começou a procurar algo na mochila marrom pendurada em sua cintura. — Oh, oh, oh, — ele murmurou. Ele tirou algumas pedras preciosas, inspecionando-as com o nariz torto antes de descartá-las de volta na mochila e tirar mais delas. — Aqui, — ele declarou, sorrindo. — Isto é para você. — Ele estendeu uma pedra redonda em um tom de vermelho escuro com redemoinhos de marrom, bronze e ouro.

Eu a peguei, guardando-a firmemente na palma da minha mão. — Isso é muito gentil de sua parte.

— Não, não, — ele disse, afastando as minhas palavras. — É uma homenagem à Luz. Essa é a sua pedra de proteção pessoal. Nunca a perca, — ele disse, parecendo sério.

— Eu gostaria de ter algo ... — eu disse, procurando algo que

eu pudesse dar a ele. Estendi a mão no meu cabelo e tirei uma flor. — Aqui, isso não é nada, — eu disse um pouco timidamente. — Por favor, tome isso como um sinal da minha... — Não é gratidão. Gratidão seria como agradecer. — apreciação.

Ele avançou rapidamente, pegando-a das minhas mãos e levando-a ao nariz. — Oh, isso é uma honra. Uma honra. Espere até eu contar à minha família. Eles ficarão muito... gratos, — ele parou abruptamente, erguendo a cabeça como se estivesse ouvindo alguma coisa. — Você ouviu isso? É uma cotovia com uma asa quebrada. — Ele nos informou, colocando a flor delicadamente no bolso. — Eu devo ir. Mas foi uma honra, verdadeiramente uma honra, — disse ele, se jogando de volta na terra.

— Eu posso...ficar com um desses? — Eu ri, encantada.

— Eles não são bonecos, querida, — Doyle me lembrou, estendendo a mão e desdobrando a mão que eu tinha fechado em torno da pedra preciosa para que ele pudesse olhar.

— Que tipo de pedra preciosa é essa?

— É uma jasper, — Jasper interrompeu do nada, com um tom frio e desdenhoso.

— Sim, — disse Doyle, seu tom subitamente sugestivo. — Um gnomo apenas saiu do chão e deu a ela. Ele disse a ela que é sua pedra de proteção pessoal.

— Ele estava enganado, — Jasper insistiu, entregando-nos uma cantina de cabaça enquanto eu saía do colo de Doyle.

— Sim, — eu concordei, tomando um gole, tentando manter meu tom seco. — Ele deve ter se enganado. Jasper não pode ter nenhum elemento positivo. — Eu disse, escondendo a pedra como se não significasse nada.

Mas quando as suas costas estavam viradas e um escudo estava sobre a minha mente, peguei-a e coloquei-a em um rasgo entre as camadas de tecido do meu vestido. Estava pendurada ali, pesada contra o meu peito, bem acima do meu coração. E eu tentei como o inferno fingir que isso não significava nada.

Mas eu sabia que significava muito.

DOZE

Cece

Os pesadelos vieram rápidos e terrivelmente vívidos.

Sempre começava com o frio, o tipo de frio que se instalava nos seus ossos e os fazia sentir-se fracos e artríticos. Justo quando eu estava me acostumando com a sensação de pedras geladas sob os meus pés descalços, os sons começavam. Havia assobios, assobios malignos, cânticos ritualísticos que subiam e desciam em um coro aterrorizante.

Eu era pequena, apenas um bebê, talvez uma criança, sentada no chão frio. Meus pequenos braços subiram e pressionaram minhas mãos contra os meus ouvidos para manter o som longe, cantarolando uma música que eu não conseguia reconhecer. Em seguida haviam passos se aproximando. Olhei para os pés descalços deles, cobertos de lama. Então fui pega, segurada no comprimento do braço como se eu fosse contagiosa. E fui colocada em uma longa mesa de pedra.

Tudo em mim me disse para não olhar para cima, mas eu sempre o fazia.

E lá estavam eles com suas peles pálidas e acinzentadas, seus terríveis olhos redondos, seus desdém e também suas cabeças vermelhas e pegajosas. Um estendeu a mão, beliscando cruelmente meu pequeno braço, me fazendo chorar quando meu escudo subiu instintivamente, fazendo um deles gargalhar e bater palmas vitoriosamente. Mas eu era tão pequena, tão gelada, cansada e com fome. Eu não conseguia manter o escudo erguido. No segundo em que caiu, outra alcançou, unhas afiadas arranhando a pele sensível do lado do meu pescoço enquanto ele pegava a corrente e tentava puxar. A corrente apertou meu pescoço, mas não cedeu.

— Vamos fazer isso já, — disse outro, enfiando a mão na calça e puxando uma faca longa e irregular. Ele veio até mim rapidamente, gritando com um dos outros para segurar meu braço e mantê-lo

parado. Em seguida a faca rasgou a pele do meu braço, me fazendo soltar um grito com meus pequenos pulmões. O sangue brotou na pele, artificialmente brilhante, mesmo na luz negra. O homem com a faca pegou uma pequena lâmina de vidro, passando-a pela minha pele para coletar um pouco do sangue. — Pronto. Ele ficará feliz agora. —

Em seguida ele estendeu a mão, apertando o meu braço ao redor do corte, fazendo mais sangue derramar. Ele passou os dedos imundos sobre o sangue e depois os levantou e os passou pela testa. Então ele virou a cabeça para o teto, os olhos fechados, cantando algo enquanto se afastava. Todos os outros seguiram o exemplo, pegando meu sangue, manchando-se, cantando e saindo.

Até eu ficar sozinha.

— Vá até ele, — exigiu Doyle assim que eu acordei, o meu corpo pegajoso de suor, meu coração batendo forte no peito, a pequena cicatriz no braço que sempre atribuí a uma queda de quando eu era um bebê estava ardendo.

— Estou bem, — eu disse, sentando e balançando um pouco. Eu não estava bem, nem um pouco. Mas estava muito cheia de orgulho e teimosia para ir até um Jasper adormecido e receber qualquer tipo de conforto dele.

— Tudo bem, querida. Se você precisar de mim, — ele disse, acenando com a cabeça antes de rolar e voltar a dormir.

Sozinha, passei o dedo sobre a cicatriz, cantarolando a única música que conseguia pensar, uma música que nunca tinha ouvido na minha vida antes, a música do sonho.

Só que sabia com uma clareza ofuscante que não era um sonho. Era uma lembrança. Eu estive no The Green quando era bebê. Não, quando era uma criança. Lembrei de quando Jasper me contou sobre ser uma changeling, que eu tinha sido trocada quando era uma recém-nascida pequena e com características gordinhas e indistinguíveis. De que outra forma isso faria sentido? Como eles me passaram para os meus pais humanos se eu já tinha cabelos e dentes e estrutura óssea definida? Havia algum tipo de magia fae envolvida ou algo assim?

E por que eu fui doada quando não parecia doente? Quem

eram os meus pais e por que não me protegeram dos faes das Trevas com as facas? Por que eles queriam o meu sangue? Quem exigiu que tirassem sangue de mim?

Soltei um suspiro profundo. Parecia que todos os dias traziam mais perguntas e nenhuma resposta.

Ao longe eu ouvi o lamento novamente, o grito assustador da banshee. Enrijeci, me perguntando se a razão pela qual eu continuava ouvindo era porque eu era a pessoa que ia morrer. Os últimos dias certamente não foram muito seguros. Eu poderia ter morrido meia dúzia de vezes. E quem sabia quantas coisas podiam estar fora de vista, à espreita. Um gnomo havia surgido do chão, pelo amor de Deus. Aparentemente, tudo era possível.

Mas, pior ainda, eu temia que a banshee estivesse chamando Jade onde quer que ela estivesse no escuro, por que ela estava lá. Ela estava em uma cela, em algum lugar como Jasper esteve? Ela estava morrendo de fome, espancada ou pior? Meu estômago apertou com a ideia. Ela não era como seu irmão. Ela não era cheia de orgulho e teimosia que lhe permitiria aguentar a dor, suportar tudo sem quebrar. Quanto tempo ela poderia sobreviver? Alguns dias? Algumas semanas? Quanto tempo levaríamos para encontrá-la? As ninfas eram praticamente inúteis. Sim, elas a tinham visto, mas tinha sido há três dias atrás ou naquela mesma manhã?

Estávamos atrasados e íamos entrar em território inimigo.

Se o fauno e os Winters eram seres simplórios e incomuns e buscavam nos escravizar, espancar, envenenar ou nos matar, de que diabos os faes das Trevas eram capazes?

Olhei para Jasper com uma crescente sensação de necessidade. Eu tinha que parar de pensar. Precisava dormir. Poderia ir até ele, deixar a ponta do meu dedo tocá-lo em algum lugar e adormecer. Mas não queria tocá-lo ou deixá-lo pensar que eu precisava dele para qualquer coisa. O que era ridículo. No geral o que aconteceu não foi tão grande coisa. Sim, nós nos beijamos. Sim, eu deixei ele me tocar. Em seguida ele agiu como um idiota. Estava fazendo uma tempestade em copo d'água e sabia disso. Não havia tempo para teimosia, amargura e mesquinhez entre nós. Nós dois

tínhamos a mesma missão: encontrar Jade. Nós dois precisávamos pelo menos ser capazes de nos tolerar para fazer isso.

Se ele não tivesse sido tão idiota o dia todo...

— Argh, caras são péssimos. — Eu resmunguei, sentindo pena de mim mesma.

Foi quando eu vi. Eu pisquei meus olhos cansados várias vezes, pensando que estava vendo coisas. Mas mesmo quando meus olhos se ajustaram totalmente ao escuro, a coisa ainda estava lá. Era uma luz estranha, brilhante e tremeluzente. Quase como um vagalume, porém mais brilhante. Ele dançou ao redor de Jasper por um segundo. Ele se moveu em minha direção, tremulando, mas nunca chegando perto o suficiente para eu dar uma boa olhada nele. Era algum tipo de vagalume fae? Coisas assim existiam? Levantei-me, me aproximando mais. Olhei para Jasper, a apenas alguns metros de distância e pensei que não haveria problema em dar mais alguns passos para longe.

Então mais alguns.

Eu sabia que deveria ter parado. Sabia que algo estava errado. Sabia que não era eu quem queria segui-lo. Sabia que era algo que estava me puxando. Era uma atração, como aquela do fauno. Eu tinha que me aproximar. Tinha que pegá-lo. Sabia que deveria ter desviado o olhar, plantado meus pés no chão, gritado, qualquer coisa.

Mas eu realmente, realmente queria pegá-lo.

Eu me encontrei pulando atrás dele como uma criança, meu tornozelo gritando de dor, mas mal percebia isso. Toda a escuridão e o peso que estava sobre mim durante os últimos dias, merda, durante toda a minha vida, sumiu. Por dentro me sentia feliz, despreocupada, leve. Tão leve. Como se pudesse voar. Na verdade, tinha certeza de que, se ele me levasse até um penhasco e eu caísse, eu iria subir e voaria como um pássaro.

— Vamos lá, — implorei, embora não tivesse certeza do que eu estava pedindo.

Ele cintilou quase ofuscantemente brilhante por um momento, voando repentinamente sobre uma pequena cabana como se fosse sua própria pequena lua. Com uma pequena distância entre mim e a luz, a alegria e a felicidade infantil começaram a desaparecer lentamente,

deixando nada no lugar, apenas medo. Novamente. Fui enganada por um fae ... de novo.

Cristo, quando Jasper descobrisse ele iria me matar.

Eu me virei, recuando alguns passos, esperando ver ele e Doyle. Parecia que eu tinha andando por apenas alguns metros. Mas eles não estavam à vista. Meu coração começou a acelerar freneticamente. Eu girei em um círculo, até mesmo sem saber de qual direção eu tinha vindo. E em um bosque tão escuro, se eu sáísse correndo cegamente quem poderia imaginar onde eu acabaria. Somente no reino das trevas. Ou, pior ainda, de volta à terra de Winters.

Na minha frente a cabana estava aninhada contra uma linha de árvores. O jardim da frente tinha uma cobertura suave de musgo. Os canteiros de flores e os vasos nas janelas estavam transbordando de verduras. Pareciam ervas. Talvez fosse a casa do curandeiro que Doyle tinha ido. Se fosse esse o caso, talvez eu não tivesse nada com o que me preocupar. Era uma cabana normal, pequena e marrom com telhas envelhecidas. O telhado tinha uma bela cascata de folhas e flores.

E bem no centro da grande janela da frente, uma única vela tremeluzia.

Acolhedora.

Eu realmente tinha outra escolha? Se eu ficasse quieta, quem sabia o que poderia acontecer? Outro fauno, a coisa cintilante e leve que parecia querer me matar de alguma maneira. Se eu tentasse voltar poderia me perder ainda mais.

Talvez eu pudesse jogar a carta changeling novamente, ser estúpida. Quase funcionou na família de Jasper.

Respirei fundo, firmemente, jogando um escudo sobre os meus pensamentos e lentamente construindo meu escudo de fogos de artifício em volta do meu corpo. Eu não estava mais tão desamparada. Contanto que os faes não gostem de atrair essa coisa mágica, eu provavelmente ficaria bem. Minha confiança caía a cada passo que eu dava. Subi os degraus de tijolos e levantei minha mão, forçando-me a bater rapidamente três vezes.

Eu contei até vinte.

Não ouvindo nada, e quase aliviada com isso, me virei e comecei a me afastar.

Mas então a porta se abriu.



Jasper

— Acorde, — gritou Doyle, chutando meus pés com força, fazendo-me acordar. Seu tom era quase histérico. Doyle nunca era histérico.

— O que? O que há de errado? — Eu perguntei, apertando os olhos para o doloroso sol da manhã. Por quanto tempo estava dormindo?

— Ela se foi, — disse Doyle, andando, passando a mão pelos cabelos. — Cece se foi.

As palavras me atingiram, a sensação de ser atingido por um caminhão. Eu me levantei, olhando em volta como se fosse possível que Doyle não a tivesse visto em algum lugar.

— Ela estava aqui por volta da meia-noite. Eu a ouvi chorando enquanto dormia. Isso me acordou. —

— Por que ela não veio até mim? — Eu perguntei, me endireitando completamente, sentindo os cortes nas minhas costas puxando dolorosamente, esticando contra o movimento e tentando se curar.

— Eu disse a ela. Ela estava sendo teimosa, eu acho. Eu imaginei que ela iria se acalmar e depois iria até você, em seguida eu voltei a dormir.

— Não é sua culpa, — eu disse, minha voz firme. A culpa era minha. Se eu não tivesse sido tão idiota com ela o dia inteiro ela nem teria hesitado. Ela teria ficado abraçada ao meu lado, fingindo que não estava pensando na noite anterior, quando coloquei meus dedos em sua doce boceta. Ela teria falhado e a merda teria acontecido novamente. Era exatamente por isso que estava sendo um fodido

idiota com ela. Não podíamos ter essa complicação além de tudo o que estava acontecendo. Eu a queria? Foda-se, claro que sim. Ela também me queria? Não havia sequer uma sombra de dúvida sobre isso.

Mas, dito isso, estávamos no maldito Green, onde ela aparentemente estava atraindo todos os fae maliciosos que estavam ao redor. Estávamos fugindo dos meus pais. Doyle estava perdendo o controle de seus impulsos a cada dia que passava. Tínhamos que entrar no reino das Trevas para encontrar Jade.

Era o pior momento possível para essa atração. Nós dois precisamos nos manter atentos, focados no que estava atrás de nós e no que iremos encontrar pela frente. Não podíamos nos dar ao luxo de nos esgueirar por trás das árvores para uma foda rápida ou ficar perdidos pensando nisso e em seguida entrar em uma situação de merda.

Era melhor para nós dois que eu me afastasse. Por mais que eu odiasse isso.

— Jasp ... — Doyle disse, num tom baixo e preocupado.

— O que?

— Deve ter sido um Will-o'-the-Wisp...

Fechei os olhos, tentando pensar em outra explicação. Qualquer coisa que não envolvesse uma luz fascinante que levava humanos e faes indefesos para o perigo e muitas vezes, para a morte. Qualquer coisa, exceto um maldito Will-o'-the-Wisp.

— Eu disse a ela para nunca... — eu comecei.

— Ela não teria sido capaz de se controlar, — Doyle me lembrou, pegando sua mochila.

Suspirei. Eu deveria ter contado a ela sobre os Will-o'-the-Wisps. Talvez se ela soubesse o que procurar teria lutado mais, tentado chamar a nossa atenção antes de ser levada.

— Para onde ele a teria levado? — Eu perguntei, olhando em volta, tentando lembrar a geografia da terra, mas os anos longe me fizeram perder um pouco os detalhes.

— Essa é a pior parte, — disse Doyle, abaixando a cabeça. — Nesta parte da floresta só há um lugar que ele a levaria.

— Onde? — Eu perguntei, me endireitando, os meus ombros tensos. Se Doyle, que estava sempre despreocupado, estava assustado, tinha que ser algo ruim.

— Baba Yaga.

— Não, — eu assobieei, balançando a cabeça. Foda-se, não mesmo. Eu me recusava a aceitar isso. Não havia como estarmos perto de sua casa.

— A casa fica a meia hora de caminhada por ali, — disse Doyle, apontando com a mão para a direita.

— Porra, — eu disse, esfregando a mão na minha testa.

— Eu não posso ir lá, Jasp.

— É a Cece... — Eu tentei argumentar.

— Eu sei, — disse ele, triste. — Eu sei que é. E eu sei que ela salvou você e que você a deve. E sei que ela teria voltado para as masmorras de seus pais para me salvar também se eu estivesse lá embaixo. Ela é mais corajosa do que imagina. Eu apenas...é Baba Yaga, Jasp. Eu não posso. É muito perigoso.

Era muito perigoso. Era o lugar mais perigoso que um fae masculino poderia ir. A velha bruxa era conhecida por receber mulheres desprezadas e lançar todos os tipos de feitiços injustos nos homens que as desapontaram. Havia intermináveis histórias de castrações de maneiras imaginativamente terríveis. Além disso, histórias sobre impotência, paralisia, pesadelos sobre vírus que comiam carne.

Homens não convidados (e nenhum homem era convidado) que apareceram em sua terra, não importava o quão inocentes, foram amarrados e despedaçados. Os membros foram deixados pendurados, apodrecendo até que os pássaros, insetos e animais os devorasse, como um aviso para todos os outros.

Baba Yaga era uma das poucas pessoas que meu pai me ensinou a ficar longe. Ele me disse que todos os outros poderiam ser convencidos, subornados, chantageados ou mortos. Mas não havia nenhuma maneira de um homem estar a altura de Baba Yaga.

O medo de Doyle era razoável. Eu mesmo o sentia, se acomodando em meus ossos e se espalhando pelo meu corpo. Era uma

missão suicida. Não havia sequer uma história de um homem sobrevivendo a um encontro com a bruxa.

Eu não culpava Doyle por desistir. Eu também queria desistir.

Mas não podia. Era tudo culpa minha em primeiro lugar. Se eu não a tivesse tratado tão mal isso nunca teria acontecido.

— Eu tenho que salvá-la, — eu disse, as palavras cansadas.

Doyle assentiu. — Eu sei. Sinto muito por não poder ir, — acrescentou, parecendo envergonhado. — Vou continuar, — disse ele, como se o acordo já estivesse fechado, como se eu já fosse um homem morto. — Vou encontrar Jade. Farei o que for preciso para trazê-la de volta e deixá-la segura.

Olhei para Doyle, seu rosto sério e determinado. Eu sabia que se havia alguém em quem eu podia confiar essa tarefa, era ele.

Doyle se aproximou, estendendo a mão para mim e apertando a minha mão com força. — Se cuida, — disse ele em um tom pesado que sugeria que nunca mais nos veríamos novamente.

— Você também. — Eu balancei a cabeça, movendo-me para ir embora, meus pés parecendo chumbo.

— Jasp ...

— Sim? — Eu perguntei, olhando por cima do ombro.

— Talvez Baba Yaga não a queira, — ele argumentou, parecendo irremediavelmente esperançoso. — Ela só aceita mulheres desprezadas. Cece não é uma mulher desprezada.

Eu dei-lhe um breve aceno de cabeça e me virei, indo embora mais rápido, mais determinado.

Doyle estava certo. Baba Yaga preferia mulheres desprezadas. Gostava de mulheres que haviam sido traídas por amantes, que haviam sido espancadas por maridos, mulheres que tiveram suas fortunas roubadas, ou simplesmente mulheres idosas que foram chateadas ou desapontadas pelos homens em quem confiavam.

Mas Doyle também estava errado. Porque Cece foi desprezada. E eu fui o culpado por isso.

TREZE

Cece

Eu posso ou não ter sufocado um grito quando me virei. Mas, ao me virar tudo o que vi foi uma mulher com cabelos levemente grisalhos e gentis olhos castanhos .

— Seja bem-vinda, — ela disse, me dando um sorriso quase maternal e se movendo para o lado com um braço estendido, me convidando a entrar. Engoli em seco, tentando reforçar meu escudo e me movendo.

Entrei na pequena cabana para encontrar, bem, tipo uma confirmação de minhas suspeitas sobre ter uma curandeira ali. As paredes estavam repletas de ervas e flores secas. Havia almofarizes e pilões para moer raízes e plantas de tamanhos variados espalhados e dezenas de potes de vidros cheios de especiarias e, bem, outras coisas que não queria pensar sobre, pois pareciam ser talvez partes do corpos de pequenos animais. Era um lugar pequeno e apertado, com uma área de cozinha improvisada diretamente à esquerda e uma lareira usada para cozinhar. O centro tinha uma pequena mesa de jantar com aparência antiga . À direita, havia uma sala de estar com móveis gastos e que não combinavam entre si.

Era pitoresco, antigo, mas de uma maneira encantadora do velho mundo.

Mas não foi isso que me fez dar um passo atrás. E sim o fato de seis mulheres estarem no espaço pequeno. Elas eram todas de idades variadas. A mais nova ainda devia ser adolescente, a mais velha tinha uma aparência de velha com a pele esticada sobre os ossos, seus cabelos grisalhos apenas tufo na cabeça. Todas estavam vestidas com modestos vestidos marrons que chegavam aos tornozelos, principalmente para não marcar o corpo, obviamente destinados à função e não à moda.

Cada uma delas tinha uma determinada tarefa. Algumas trituravam coisas, outras limpavam, outra enchia uma sacola com algo, uma misturava alguma coisa no fogo. Meu estômago roncou com a ideia de comida cozida de verdade, mas eu sabia que não podia comer lá. Eu sabia que teria que resistir.

Tudo parecia um pouco...normal. As mulheres pareciam felizes, cantarolando uma canção suavemente enquanto espanavam superfícies.

E então, como se um sino tivesse tocado, todas as cabeças se levantaram e olharam na direção do pequeno corredor onde duas portas estavam situadas. A mais distante se abriu e eu pude ouvir passos, batendo em sintonia com o baixo som do meu coração no peito.

Eu não tinha certeza do que eu estava esperando, algo sobrenatural. Talvez com pele de cor engraçada, asas, olhos esquisitos, garras. Eu não fazia ideia. Eu não esperava uma velha. Realmente, isso foi tudo o que veio à mente quando a mulher entrou na sala. Ela era uma representação perfeita de uma pessoa idosa, com seu corpo esbelto coberto em tecidos longos e drapeados, sua massa infinita de cabelos grisalhos, ondulados e secos, seus intensos olhos azuis brilhantes, suas mãos dobradas com manchas escuras e rugas que pareciam envolver seu rosto inteiro. Se você olhasse atentamente, havia uma tatuagem em forma de lua crescente azul desbotada, cujos pontos desapareciam na linha do cabelo na parte superior da testa.

— O que ele fez? — ela perguntou, sua voz um pouco rouca. Deveria ter sido um som ofensivo, mas de alguma forma me senti atraída por isso.

— O que quem fez?

— Você não pode atravessar os feitiços em torno deste terreno se não estiver chateada com um homem de quem gosta, — explicou ela. — Quem é ele e o que ele fez?

— Oh, — eu disse, balançando a cabeça um pouco. — Realmente, não é nada. Nem vale a pena falar. Na verdade, estou aqui porque estou perdida. Eu estava, eu acho...sob algum tipo de feitiço, seguindo esta luz tremeluzente que me trouxe até aqui. — A velha

balançou a cabeça, revirando os olhos como se estivesse cansada de travessuras enquanto se arrastava em direção à cozinha.

— Will-o'-the-Wisps, sempre achando que são engraçados .

Então isso era um Will-o'-the-Wisp. Não é de se admirar que Drake tivesse usado isso como desculpa para justificar por que eu estava na terra de Winters. Realmente era incontrolável. Eu estava impotente, podendo apenas segui-lo.

— Suponho que você não me deixe oferecer um pouco de chá?
— ela perguntou, servindo-se de um copo de água quente de uma panela pequena pendurada na lareira e, em seguida, pegando uma lata em uma prateleira acima da lareira, agarrando um punhado de algo e largando-o bem na água, sem sacola, sem filtro, nada . Ela se arrastou em direção a sua mesa e fez um gesto para eu me sentar em frente a ela. — Eu sou Baba Yaga, — disse ela com seriedade, embora isso não significasse nada para mim.

— Ah, eu sou...Cece.

— Celestine, — ela me corrigiu. — E isso é um pedaço de jaspe contra o seu peito. Tente me convencer de que você não está aqui por causa de um homem. Um homem com o mesmo nome que a pedra preciosa, talvez.

— Um gnomo me deu, — eu disse, desconfortável com o quanto ela sabia.

— Pior ainda. Conte-me sobre Jasper.

Não tendo certeza de que isso poderia realmente causar algum dano e querendo acalmá-la para que ela não ficasse chateada, dei de ombros. — Ele é o irmão da minha melhor amiga. Ela está...perdida no The Green em algum lugar, por isso a procuramos. Não foi exatamente uma tarefa fácil até agora...

— Não se esse tornozelo, essas costelas e esse rosto tiverem algo a dizer sobre isso, — ela concordou, soltando um ruído grave e áspero que eu não sabia como interpretar. Porém, um segundo depois, uma das mulheres se aproximou, a que parecia uma adolescente, e pegou meu tornozelo. — Deixe-a, — Baba Yaga me disse, acenando com a mão. — Ela vai fixar isso para que você não piore. Agora, voltando a este Jasper. Ele não é apenas o irmão da sua melhor amiga,

não é?

— Realmente, não é nada. Nós nos beijamos duas vezes e depois... — Fechei a boca, envergonhada.

— E depois? — ela perguntou, parecendo entediada. — Ele levou a sua inocência.

Eu bufei, rindo um pouco nervosamente. — Bem, não. Isso aí eu perdi no meu primeiro ano na faculdade...

— Changeling, — observou Baba Yaga, franzindo as sobrancelhas.

— Sim, eu acho. Eu não sabia que tudo isso, — eu disse, acenando com a mão, — existia até Jasper me trazer para o The Green.

— Você nunca se sentiu atraída pela floresta?

— Deus, não. Na verdade eu sempre fui muito desconfiada com florestas. Eu nunca cheguei perto. Tenho um medo irracional de ser atacada por algum animal selvagem. Não sei por quê.

— Um feitiço. Para mantê-la fora daqui. Seus pais não queriam que você voltasse.

— Alguma ideia do porquê? Ninguém parece ser capaz de me dizer nada sobre minha a possível linhagem ou o que eu sou ou por que posso fazer isso, — eu disse, levantando a mão e colocando toda a minha energia na criação do escudo, embora eu não tivesse medo de nada naquele momento.

— Não vejo um poder assim há muito tempo, — disse Baba Yaga, embora de alguma forma não parecesse nem um pouco impressionada. — Eu não estou aqui para lhe dar respostas sobre sua família, garota. Esse não é de meu interesse. Meu interesse são os homens.

— O que isso significa?

— Você nunca ouviu falar de mim? Nem mesmo nos seus contos de fadas humanos?

— Não.

— Exijo vingança contra os homens que enganam mulheres.

Eu me senti recuar com isso. Era tão ridículo que eu quase quis rir. Mas nada na expressão de Baba Yaga parecia sugerir que eu

poderia agir assim. — Como...através de uma maldição de vodu? — Eu perguntei, sobranceiras franzidas imaginando a velha Baba Yaga enfiando alfinetes em um boneco na forma de homem.

— Isso é brincadeira de criança, — disse ela, zombando da ideia. — Meus métodos são muito mais duradouros.

— Mas por que?

— Você é nova nisso, querida. Já faz pelo menos uma vida humana desde que estive no mundo humano, mas não consigo imaginar que as coisas mudaram muito desde então. Progresso é progresso, mas leva gerações para ocorrer. Desde o início dos tempos a melhor coisa que você poderia ser em qualquer universo era um homem com um pouco de fortuna ou poder. E a pior coisa que você poderia ser? Uma mulher. Qualquer mulher. Qualquer uma de nós poderia acabar tendo o mesmo destino. Impotente. Abusada. Estuprada. Carregamos esse fardo desde sempre, e para sempre. Alguém precisava se impor e deixar claro que nem todas as mulheres eram impotentes, que nem todos os pecados dos homens seriam aceitos, tolerados e desculpado apenas porque os homens — não conseguiam se controlar. — Antes de mim as mulheres não tinham a quem recorrer para consertar as coisas. Eu devolvi esse poder a elas. E, com isso, homens, homens poderosos e imparáveis, caíam de joelhos apenas com um murmúrio do meu nome. É por isso que os meus métodos são mais duradouros. Eles precisam ser. Os homens precisam saber que qualquer mulher pode chegar a qualquer momento até mim e que eles pagariam três vezes por seus erros. Não podemos nos dar ao luxo de sermos bondosas .

— Essa é...uma maneira triste de viver, não é?

— Garota, quando você tem um exército inteiro de faes das Trevas revezando-se com Rose quando ela tinha 13 anos, — disse ela, gesticulando em direção à jovem garota que ainda estava fazendo algo no meu tornozelo, — então você pode falar sobre essa ser uma maneira triste de viver.

E, bem, olhando para aquela jovem, pensando em como eu mesma era inocente aos 13 anos, no horror que ela deve ter sofrido, eu tinha que admitir, a castração usando formigas de fogo soou como

um castigo misericordioso para as ações deles.

— Agora você entendeu, — Baba Yaga disse com um aceno de cabeça como se ela lesse meus pensamentos.

— Sim, entendi.

— Seu Jasper, o que ele fez?

— Nada que valha qualquer punição que você pode me oferecer.

— Essa é sua escolha, — disse ela, assentindo. — Muitas mulheres chegam aqui bravas e amargas, sem pensar muito em sua decisão. Elas ficam, comem, descansam e depois mudam de ideia. Muitas acabam aqui por dez, vinte anos humanos desfrutando de uma vida sem homens, sem expectativas sobre suas ações ou beleza, onde elas podem fazer um bom trabalho e podem defender as causas corretas.

Como uma comuna feminista. Eu tinha que admitir que eu conhecia uma quantidade razoável de mulheres no reino humano que adorariam algo assim.

— Este não é um lar construído apenas pela raiva, amargura ou ódio. Este é um lugar de refúgio e cura, de irmandade e amor. Fazemos chás e compressas para problemas das mulheres. Atuamos como parteiras quando outros não podem. Assim, enquanto homens que têm motivos para me temer se acovardam, homens cujas mulheres precisam de mim ficam felizes por eu existir .

— Por que o Will-o'-the-Wisp me trouxe até aqui? — Perguntei depois que um silêncio caiu.

— Ele deve ter pensado que seria perigoso para você vir aqui. Para você ou para...

Oh Deus.

Jasper.

Ele viria atrás de mim. E se havia algum tipo de feitiço para manter as mulheres que não precisavam de Baba Yaga fora, eu não queria imaginar que tipo de feitiço existia para manter todos os homens afastados.

Eu precisava dar o fora daqui antes que ele viesse me procurar.



Jasper

Eu podia sentir a cabana enquanto me aproximava. O ar estava mais denso, a floresta mais inóspita, como se tudo ao meu redor estivesse me alertando para voltar antes que fosse tarde demais. E por mais que eu quisesse, eu não podia. Cece entrou em uma masmorra e se sacrificou enquanto se machucava para me salvar. Eu não poderia retribuir isso deixando-a nas garras de Baba Yaga.

Pouco se sabe sobre as mulheres que entraram e jamais saíram novamente. Sempre surgiram rumores de que os membros das famílias procuravam os seus entes queridos por décadas. Se elas finalmente reaparecessem eram mulheres mudadas, que não falariam sobre seu tempo com Baba Yaga.

Era difícil para mim aceitar que Cece jamais se voltaria totalmente contra mim, não importando o quanto eu fosse um merda. Ela não era esse tipo de mulher. Ela era do tipo que guardava o seu orgulho e agia como se nada a incomodasse. Ela não era uma mulher vingativa. Apesar disso eu não tinha ideia se Baba Yaga usava algum tipo de persuasão para tirar o nome dos homens das mulheres, para que elas pudessem desfrutar das torturas sádicas. Não que eu achasse que muitos dos homens não mereciam. Quando se tratava de atos horríveis os fae faziam os humanos baterem aos trancos e barrancos. Até os Fae da Luz eram capazes de males piores do que a maioria dos seres humanos poderia imaginar para se divertir em suas franquias de filmes doentes.

Então, sim, talvez a existência de Baba Yaga fosse uma coisa boa para a mulher, porque alguns homens mereciam suas formas particularmente inventivas de tortura. Mas nem todos. E eu não tinha certeza de que Baba Yaga era capaz de fazer essa distinção. Ninguém nunca falou de seus encontros com ela. Pelo que sabíamos ela era uma criatura totalmente vingativa, incapaz de diferenciar entre a gravidade dos crimes.

E isso era absolutamente aterrorizante.

Cheguei perto da cabana uns vinte minutos depois, parecendo

mais rápido que isso. Não me senti mais preparado para agir do que quando eu me afastei de Doyle. O que porra eu poderia fazer?

O chalé era pequeno e envelhecido, provavelmente porque já existia desde o início dos tempos. Parecia o casebre de um curandeiro. Convidador e sereno, mesmo sob o sol forte da manhã.

Respirei fundo e me movi em direção a ela e estendi minha mão para onde a terra dela começou, pronto para recuperá-la ao primeiro sinal de problema. Meu dedo sentiu o zumbido de algum tipo de campo de força, elétrico, um pouco desconfortável, mas não doloroso. Mas quando tentei forçar mais o meu braço, chocou-me com força suficiente para meu corpo inteiro sacudir enquanto me afastava para trás para inspecionar minha mão.

A pele estava vermelha e quente, mas não danificada.

— Jasper? — uma voz feminina desconhecida chamou, fazendo minha cabeça levantar. Eu nunca tinha visto essa mulher antes na minha vida. Mas isso não me impediu de reconhecê-la. Estava no cabelo branco-loiro, nas feições afiadas, no corpo longo e magro, nos olhos claros. Não havia como confundi-la com ninguém além de quem ela devia ter sido: uma parente próxima de minha mãe. Se a idade pudesse ser considerada, ela deve ter sido como uma irmã.

— Sou eu, — eu concordei quando ela se aproximou, seu vestido marrom sem forma, nada fazendo para mascarar a graça com que ela se movia. — E você é?

— Oh, — disse ela, avançando, passando pelo campo e agarrando minhas mãos, apertando-as com força o suficiente para machucar. — Oh, meu bebê. Meu querido, querido garoto. Eu nunca pensei que te veria novamente!

Ela se jogou para frente, passando os braços em volta de mim e me apertando com todo o poder de seu corpo magro.

Que porra é essa?



Cece

Estávamos no meio de uma conversa quando, de repente, Baba Yaga ficou tensa, todos os músculos de seu corpo já magro se contraíram. Suas mãos bateram na superfície da mesa, agarrando as laterais enquanto sua cabeça se erguia em direção ao teto, seus olhos ficando esbranquiçados.

— Não se preocupe, — a mulher mais velha e tímida disse enquanto se aproximava, movendo-se para limpar o chá derramado na mesa. — Ela está tendo uma visão. Ela voltará para você em um minuto.

— Você tem certeza? — Baba Yaga perguntou para o teto da cabana, o corpo começando a tremer violentamente. — Sim. Sim, eu irei. — Ela abaixou a cabeça, o queixo dobrado no peito enquanto ela respirava fundo, seu corpo lentamente começando a relaxar. Seu olhar deslizou para o meu, toda a névoa branca se foi. — Você está em sério perigo no The Green. Os pesadelos, — disse ela como se quisesse confirmar para mim que sabia do que estava falando. — Eles estão piores. Você está se lembrando deles quando acorda agora, não é?

— Sim, — eu disse, apertando a barriga.

— Porque, como você certamente já descobriu, eles não são pesadelos.

— São lembranças, — eu disse com um aceno de cabeça.

— Quanto mais perto você chegar do reino das Trevas, mais fortes eles se tornarão e mais você se lembrará. Estas são memórias que devem ser enterradas. Para sua própria segurança e para todos aqueles que você começou a amar. —

— Você quer dizer Jade?

— Jade, — ela disse com um aceno de mão. — Seu Jasper. O ninfa-vira-lata — ela disse, se referindo a Doyle. — Aquele barguest. Até aquele draca e a garota tímida com o coração de guerreira, — disse ela, se referindo à irmã de Jasper, Amy. — Eles estão todos em perigo se você descobrir o que foi escondido, escondido por razões que você nem consegue entender. Você viverá. E eles viverão para se arrepender por terem conhecido você.

— Por que alguém os usaria contra mim? Eu não sou ninguém.

Baba Yaga me deu um sorriso sem humor, do tipo que você dá a uma criança que está sendo particularmente teimosa. — Seus amigos, — ela começou, — eles têm campos de força que surgem ao redor deles quando estão em perigo? Eles se transformam em fontes vivas de queimaduras quando tocam a pele de um inimigo? Criaturas aleatórias lhes dão presentes? Eles podem impedir faes muito mais velhos de entrarem em suas mentes? Ou eles são apenas um pouco mais amorosos, um pouco mais corajosos, um pouco mais charmosos?, — Ela perguntou, obviamente sabendo as respostas. Eu nunca tinha pensado dessa maneira. Achei que haviam outras coisas que Jade, Jasper, e Doyle sabiam fazer, mas que não usavam tal poder. — Veja bem, certamente você descobriu que quanto mais tempo seu ninfa-vira-lata fica no The Green, mais fortes são suas habilidades e desejos naturais. Celestine, — ela disse, inclinando-se um pouco sobre a mesa como se o que ela estava prestes a dizer fosse extremamente importante, — você não quer ver o que poderá se tornar se continuar com esta sua missão. —

— Que outra escolha eu tenho?

— Sair do The Green. Eu posso lhe dar uma pedra que acenderá na palma da sua mão enquanto você estiver no caminho certo para voltar ao reino humano e se apagará assim que você der um passo na direção errada. Ou, — disse ela, sentado com um encolher de ombros.

— Ou?

— Ou você fica aqui comigo. Não há lugar mais seguro em qualquer reino para você. Eu posso ensiná-la a aproveitar o seu poder. Eu posso ensiná-la a controlar isso e os seus desejos quando eles começarem a surgir. Eu posso torná-la independente. Eu posso torná-la forte o suficiente para não precisar de guias. Eu posso lhe dar uma vida aqui no The Green. Você pode sair a qualquer momento e viver sozinha quando se sentir pronta para isso. Não há cláusulas aqui. Eu estou oferecendo a você asilo e conhecimento como eu ofereceria a qualquer outra mulher que precisasse de mim. É uma oferta que apenas uma tola recusaria. —

E uma grande parte de mim concordava com ela, ansiando por

isso. Eu não gostava de ter que confiar em Jasper e Doyle para me dizer o que eu poderia comer, onde eu poderia ir, com quem eu deveria e não deveria conversar e como fazer tudo isso. Eu não gostava de me sentir como uma criança do jardim de infância cercada por alunos do ensino médio. Eu queria poder me cuidar. Eu queria ser autossuficiente, mesmo no The Green. Eu queria saber tudo o que ela poderia me ensinar sobre os faes, sobre fitoterapia, sobre as regras do The Green.

Eu queria isso quase tanto quanto queria ver Jade em segurança. A questão era: eu poderia ser tão egoísta?



Jasper

— Você precisará explicar isso para mim. Versão resumida. Eu tenho uma amiga e uma irmã para salvar.

— Jade? — ela perguntou, com os olhos arregalados. — O que aconteceu com Jade?

— Alguém a levou para o reino das Trevas e é só isso que você descobrirá até que me dê mais alguma informação. — Eu disse, separando seu corpo do meu e dando um passo para mais longe da propriedade de Baba Yaga.

— Eu sou Alex. Alexandrita. Eu sou...querido, eu sou a sua mãe, — disse ela, as sobrancelhas franzidas como se não entendesse como eu não sabia disso.

— O nome da minha mãe é Opal. Acredite em mim, você parece ser muito mais preferível do que aquela mulher fria e cruel, mas ela é minha mãe.

— Declan te contou isso? — ela perguntou, os olhos ficando tristes. — Como ele pôde fazer isso? Como ele pôde deixar você acreditar que aquela cadela maldosa e conivente é sua mãe?

— Eu realmente não tenho tempo para essa conversa de louco, Alex, — eu disse com um encolher de ombros, me desculpando.

— Não é uma conversa de louco, — ela retrucou, limpando uma lágrima que escapara dos olhos que tinham uma semelhança impressionante com os olhos de Jade. — Declan e eu tínhamos dezoito anos quando ficamos juntos. Passamos dois anos felizes. Estávamos planejando nos casar quando eu engravidei de você e Jade. E então minha irmã, — ela cuspiu a palavra como se envenenasse sua língua. — enfeitiçou Declan, forçando-o a se casar na noite anterior ao seu nascimento. As famílias não aceitavam divórcio, entende? - ela disse, sua voz ficando vazia. — E a lei da terra é que os filhos ficam com o pai. E então eles levaram vocês. Ele levou você, — disse ela soluçando. — Ele tirou você de mim. Eu consegui amamentar cada um de vocês apenas uma vez e então vocês foram arrancados de mim e colocados nos braços daquela rainha do gelo. Eu não tinha direitos. Eu não tinha para onde ir.

Uma imagem relampejou em minha mente, a memória de meu pai quando estávamos na masmorra quando eu forcei minha entrada em sua mente. Ele gritando com Opal por arruinar suas vidas e depois nos segurando contra ele e chorando. Tudo isso fazia sentido. Tudo isso parecia ser verdade.

— Então você veio aqui, — eu disse, quase engasgando ao compreender.

— Vim aqui porque eu era jovem, mesquinha e sedenta por vingança. — Um pensamento horrível passou pela minha cabeça enquanto eu ficava tenso.

— Alex, — eu disse, meu tom cauteloso, — o que você pediu a Baba Yaga?

— Pedi que ela amaldiçoasse o resto de seus dias, para garantir que ele nunca fosse feliz com ela.

E ele nunca foi. O único problema era que ela deve ter deixado de fora a parte de nunca ser feliz “*com ela*” quando fez o pedido, porque tudo o que eu sentia dentro do meu pai era raiva e vazio e tristeza. Não havia sequer uma lasca de felicidade, em qualquer lugar lá dentro. Ele estava cem por cento obscuro. Baba Yaga, através dos desejos de minha mãe, criou o monstro que me criou, que atormentou a Jade e a mim, que me torturou. Inconscientemente, por sua própria

conta, sendo jovem e mesquinha e sedenta por vingança, ela foi a responsável pela maior parte dos males da minha infância.

— Como ele é agora? — ela perguntou e não perdi o desespero ali, a necessidade de saber. Não porque ela o odiava, mas porque ela ainda o amava. Mesmo depois de todos esses anos.

Respirei fundo e apontei para o meu rosto, meu peito, me virei e mostrei as minhas costas antes de encará-la novamente. — Este foi o meu presente por ter voltado para casa, — eu disse e seu rosto caiu. — Alex, esse feitiço arrancou toda a felicidade de sua vida. Ele é totalmente sombrio. E ele descontou isso em mim e em Jade durante toda a nossa infância até que nós fugimos para o reino humano.

— Eu fiz isso, — disse ela, os olhos se enchendo de lágrimas enquanto sua mão pousava na palavra esculpida no meu peito. — Eu sou a responsável por isso.

— Você não sabia ...

— Eu deveria saber, — ela insistiu, balançando a cabeça, deixando as lágrimas fluírem livres — Baba Yaga me disse que não era exato, que as coisas sempre podem dar errado. Eu estava tão brava, com o coração partido, que não me importei. Fiz isso através do meu próprio egoísmo. Deus, você deve me odiar.

— Eu nem te conheço, — eu disse, tentando bloquear o turbilhão de emoção dentro dela, a culpa avassaladora que tornava difícil de engolir, a tristeza que parecia um buraco negro no meu peito, a necessidade de perdão, tão forte quanto a necessidade de água após uma semana passando sede. Sua mente brilhou com visões de uma mulher jovem junto de uma versão mais jovem do meu pai, um pai que eu nunca conheci, sorrindo, feliz, amável e gentil. Eu vi um pequeno eu sendo pressionado em seu peito apenas para ver uma Jade igualmente pequena se juntar a mim. Vi a porta se abrir e as famílias de ambos os lados nos atacarem e nos arrancarem dela, entregando-nos a Opal, que tinha o sorriso maligno que era sua marca registrada. Eu vi o seu coração se partir. Vi a devastação do meu pai. Vi as vidas sendo despedaçadas em um ato maligno.

— Jasper...

Balancei a minha cabeça. — Você era jovem e estava chateada.

Eu não culpo você. Meu pai fez sua escolha, independentemente do que a família exigiu. Não há lei dizendo que ele não poderia ter se afastado da minha mãe... de Opal. Foi o próprio egoísmo dele e nós dois sabemos disso. Foi por conta de reputação e dinheiro. Ele poderia ter escolhido você. Ele era jovem como você. Ele fez uma escolha de merda. Assim como você fez. Eu realmente não tenho tempo para isso agora. Minha irmã está no maldito reino das Trevas. E minha...amiga está na casa de Baba Yaga, que sabe-se lá que merdas fodidas fez com ela.

— Fez com ela? — ela perguntou, as sobrancelhas se unindo.
— Ninguém está fazendo nada com ela. Baba Yaga é uma mulher maravilhosa que cuida das mulheres que precisam.

— Ela não precisa disso, — eu rebati. — Ela precisa de mim. Eu cuido dela. — Os olhos de Alex brilharam um pouco, um sorriso fazendo seus lábios tremerem.

— UMA amiga hein? Só uma amiga? O que você fez para ela acabar aqui?

— Ela estava perseguindo um Will-o'-the-Wisp , — eu disse, ficando tenso.

— Mesmo assim. Ela nunca teria passado pelo escudo se não fosse desprezada. O que você fez?

Suspirei, balançando a cabeça. — Eu a afastei. E eu mantenho isso. Foi a decisão certa.

— A decisão certa, hein? Por curiosidade, ela pôde escolher algo relacionado à essa decisão ou você só agiu que nem um Winters com ela? — Ela esperou por um segundo. — Foi o que eu pensei. Entendo que você está estressado e que encontrar Jade é sua principal prioridade, mas o amor nunca é conveniente. Nunca chega quando você está preparado para isso. Sempre surge no pior momento possível. Mas é quando você mais precisar. Então, afastá-la, Jasper querido, isso é tolice.

— Não é amor, — eu disse, balançando a cabeça com o absurdo disso. Eu mal a conhecia. É verdade que passamos muito tempo juntos e já temos uma boa ideia de como somos. E passamos por mais experiências, estresse e turbulências do que a maioria das

peessoas realmente apaixonadas já vivenciaram em toda a vida, mas isso não significava que eu a amava. Eu me importava com a segurança dela. E era responsável por ela. Respeitava sua teimosia, bravura e lealdade. Eu a queria sim. Inferno, até gostava dela. Mas não era amor. Era muito cedo para pensar nessa palavra.

— Não, — disse Alex, apertando os lábios. — Claro que não. — Ela fez uma pausa, enfiando a mão no bolso e tirando um pequeno amuleto. — Eu tive que começar a carregar isso comigo quando parei de ficar tão chateada com Declan. Eu não seria capaz de ficar na propriedade sem o amuleto. Isso fará você passar pelo escudos.

Balancei minha cabeça quando ela estendeu a mão. — Você não precisa disso?

Ela bufou. — Não. Acho que posso reunir desprezo o suficiente por ele agora que vi o que ele fez com o nosso filho. Há poucas memórias do amor que tivemos no mundo. Você e Jade são tudo o que existe. E ele marcou vocês. Ele marcou você. Ele torturou você. Ah, sim, eu não preciso mais disso, — disse ela, com os dentes cerrados enquanto empurrava o amuleto em minhas mãos.

Fechei minha mão em torno do amuleto, o qual pulsava com poder e dei um passo hesitante sobre o limiar da propriedade, esperando por uma queimação ou zumbido, mas nada aconteceu. Alex sorriu para mim enquanto eu entrava totalmente na propriedade.

E foi bem naquela hora que um movimento chamou minha atenção e eu olhei para o lado e vi Cece andando na lateral da cabana com a porra de uma cesta pendurada no braço, sorrindo para uma velha e enrugada que não era outra senão a fodida Baba Yaga .

— Cece, que porra você está fazendo? — Gritei antes que eu pudesse pensar melhor.

O sorriso de Cece congelou e o olhar frio de Baba Yaga me encontrou.

E tive a sensação de que teria muitos problemas por estar em sua terra. E minha mãe também.

QUATORZE

Cece

Virei-me, o sorriso congelado no meu rosto. Ao meu lado, Baba Yaga ficou rígida com o som de uma voz masculina e eu fui forçada a considerar que talvez sua necessidade de defender as mulheres tenha começado com seu próprio tipo de trauma. O que mais poderia explicar isso? Por que ela odiaria tanto os homens no geral? Certamente ela deveria saber que esse era Jasper quando ele disse meu nome. Por que então ela parecia tão zangada com a presença dele? Eu disse a ela que ele poderia vir me buscar.

Na verdade, estávamos apenas passando o tempo até ele aparecer. Por mais que eu estivesse realmente considerando a sua oferta, sabia que não era para mim. Pelo menos até que Jade estivesse em segurança. Talvez depois eu voltasse e aprendesse algumas lições, só para entender melhor sobre mim e meus poderes, para poder cuidar de mim mesma, não precisar depender de mais ninguém. Porque, francamente, não tinha ideia do que aconteceria quando Jade fosse encontrada. Eu tinha certeza de que Jasper e Jade iriam voltar para o reino humano com medo de seus pais. E mesmo ansiando por essa segurança, pela normalidade que eu conheci durante toda a minha vida, uma parte de mim também queria entender esse outro mundo. E Baba Yaga me prometeu que eu poderia ter os dois. Ela me convidou para voltar quando eu quisesse e um pequeno amuleto para que eu pudesse sempre chegar à terra dela, independentemente dos meus sentimentos em relação aos homens. E então eu poderia ir ao The Green nos finais de semana e depois voltar e viver minha pequena vida com Jade nos dias de semana.

E Jasper, bem, eu provavelmente nunca mais o veria.

E isso, por alguma razão, me fez querer me contorcer de dor.

Em seguida eu ouvi a voz dele, inesperada, rompendo minha

animada excursão pelos terrenos para que eu pudesse coletar comida para fazer uma sopa para mim. Baba Yaga encontrou minha firme determinação de não comer nada além do que Jasper, Doyle ou eu já tínhamos comido antes, se divertindo ela me acompanhou pelo jardim.

— Hey Jasper. — Eu disse um pouco sem jeito, minhas sobrancelhas se unindo ao ver a mulher ao lado dele observando a interação entre nós dois com um pequeno sorriso. Se eu não soubesse melhor, teria jurado que ela era sua mãe. Elas se pareciam. Mas Opal era sua mãe, então talvez fosse apenas uma parente que eu obviamente não ouvira falar.

— Hey Jasper? Hey Jasper? — ele perguntou, fechando as mãos em punhos.

— Desenrole esses punhos, garoto, — Baba Yaga falou, sua voz baixa e cruel. — Você não deveria estar invadindo a minha propriedade, muito menos fazendo isso com raiva de minhas mulheres.

— Ela não é sua mulher, — Jasper disse, balançando a cabeça. — Ela é... — ele se deteve abruptamente, fazendo-me pensar que talvez ele fosse dizer que eu era sua mulher. Mas isso seria um absurdo.

— Ela está na minha terra, então ela é uma das minhas mulheres. Ela nem estaria aqui se não fosse por você.

— Foi um mal-entendido.

— Não foi a porra de um mal-entendido, — Baba Yaga respondeu, me fazendo morder os lábios para esconder um sorriso.

Jasper a ignorou, olhando para mim dos pés à cabeça, procurando qualquer coisa errada. Não encontrando nada, seus ombros relaxaram um pouco.

— Eu estava apenas pegando comida para a sopa, — expliquei, apontando para a minha cesta.

— Você realmente pensa que esse é um bom momento para passar uma hora fazendo sopa? Doyle foi para o reino das Trevas sozinho e estamos perdendo um tempo precioso aqui enquanto ...

— Eu sei, — eu o cortei, piscando com força contra as lágrimas

que apareciam ao pensar em Jade. Ele estava certo. Estava sendo boba. Mas estava apenas esperando ele aparecer. Eu deveria fazer isso sentada em um canto, me balançando e pensando em todas as coisas terríveis que poderiam estar acontecendo com ela? Virei-me para Baba Yaga, pegando a mão dela e apertando-a. — É muito gentil da sua parte me oferecer um lugar aqui.

— Um dia, espero que você aceite a oferta. Você precisa de orientação.

— Sim, — Jasper disse, avançando e agarrando meu braço bruscamente, — eu vou cuidar disso, — acrescentou ele, começando a me afastar.

— Não na minha terra, — disse Baba Yaga em sua voz assustadora de visão, seus olhos ficando brancos. E então Jasper começou a se dobrar, apertando seu estômago, seu rosto contorcido de dor.

— Não! — Eu gritei, movendo-me na frente dele, meu braço subindo automaticamente e pegando a mão de Baba Yaga. A qual ficou vermelha, mas ela não gritou, simplesmente abaixou a mão e Jasper parou de agarrar sua barriga.

— Eu entendo, — ela disse, assentindo um pouco. — Vocês dois podem ir. Você, — disse ela, dirigindo-se a Jasper, — nunca mais volta. Você, — disse ela, olhando para mim, — é sempre bem-vinda. Alex, — disse ela e a mulher ao lado de Jasper assentiu um pouco solenemente. — precisamos conversar .

E com isso Jasper me segurou novamente, mas desta vez ele pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos, puxando-me com ele, mais gentilmente, apertando minha palma em uma maneira de dizer 'por favor, coopere'.

Não nos falamos até que a cabana de Baba Yaga fosse apenas fumaça de chaminé à distância. Sua mão segurou a minha enquanto ele se movia mais rápido entre as árvores que de repente pareciam menos reconfortantes e mais escuras, as folhas mais esporádicas, mas de alguma forma a luz muito mais escura. Eu tinha a sensação de que era um sinal de que estávamos nos aproximando do reino das Trevas.

— Jasper, por favor, — eu disse, puxando meu braço até ele

soltá-lo, e se virar com uma sobranceira arqueada. — Eu entendo que precisamos compensar o tempo perdido, mas quero esclarecer algo agora. — Quando ele não disse nada, mas continuou me olhando e ouvindo, continuei. — Você não tem o direito de ficar com raiva de mim. Eu não fiz nada de errado. Foi uma loucura do Will-o'-the-Wisp. Eu não tive exatamente uma escolha, ok? Então, por que você está sendo uma idiota é completamente...

Eu perdi o resto dessa frase. Principalmente porque ele se inclinou em minha direção, uma mão levantada, segurando o lado da minha mandíbula enquanto seu rosto se aproximava do meu. Seus lábios estavam duros e famintos, urgentes, exigindo tudo de mim em troca. E, apesar de tudo o que aconteceu nesse último dia e meio, eu o entreguei tudo, feliz. Minhas mãos afundaram em seus quadris, puxando seu corpo para mais perto do meu.

Meu corpo aqueceu. Meus seios incharam. Meu sexo apertou em resposta. Cada parte de mim queria que ele levantasse minha saia e afundasse dentro de mim. Eu precisava disso, da mesma forma que precisava continuar respirando. Contra mim, seu pau estava pressionando na parte inferior da minha barriga, prometendo um fim ao meu desejo, oferecendo a única solução para a minha necessidade. Meus dedos afundaram mais profundamente em seus quadris quando sua língua deslizou para brincar com a minha. Subindo na ponta dos pés, seu pênis pressionou contra mim e eu me esfreguei descaradamente, choramingando com um tipo de gemido sufocado contra seus lábios. Sua mão livre se moveu pelas minhas costas, parando na minha bunda e apertando, usando-a para me ajudar a me mover contra ele, aumentar a fricção, aumentar o prazer. Seus quadris balançavam contra mim e os meus contra ele. Meus sussurros se tornaram gemidos e Jasper soltou um rosnado baixo e profundo que eu juro que reverberou por cada centímetro do meu corpo, causando uma vibração pré-orgasmo no meu núcleo. Minhas costas bateram contra uma árvore, sua mão deixando a minha bunda para agarrar sob meu joelho e puxar minha perna para cima, dando-lhe melhor acesso. Seu pênis deslizou completamente contra mim, me fazendo ofegar enquanto as minhas mãos deslizavam para a

sua bunda, puxando-o, exigindo mais.

Sua boca rasgou da minha de repente, seu rosto enterrando no meu pescoço, sua respiração irregular. — Não assim, — disse ele depois de um segundo, enquanto o meu corpo emitia mil solavancos de uma necessidade não satisfeita.

— Jasper... — Ouvi o pedido na minha voz, mas eu estava envolvida demais para me importar com o quão patético isso soava.

— Querida, — ele respondeu, a palavra pesada. — Você merece mais do que foder contra uma árvore enquanto não se sabe quem pode estar assistindo.

E, bem, sim, isso efetivamente estragou o clima. Mesmo assim eu soltei um pequeno ruído infeliz.

— Eu sei, querida. Porra, acredite em mim, eu sei, — ele disse, seu nariz subindo levemente pelo meu pescoço, fazendo a minha barriga se apertar.

Inclinei-me para frente, colocando minha testa em seu ombro e respirando fundo, algo sobre a crueza daquele momento me deixava mais confortável para me expor. — Você vai ser um idiota comigo de novo agora?

Houve uma pausa e uma lenta expiração. — Escute, eu não estava sendo idiota por causa do que aconteceu conosco. Não era sobre eu ter perdido o respeito por você.

— Então o que foi?

— Foi por causa do que eu sabia que aconteceria se eu não te afastasse.

— E o que seria isso?

Jasper riu, afastando-se repentinamente, seus olhos claros em mim e um pequeno sorriso em seus lábios. — Você não é estúpida. Não aja como se fosse. Você sabe exatamente o que. —

— Me esclareça.

— Se eu não te afastasse alguma merda iria acontecer entre nós.

— E isso seria uma coisa ruim?

— Seria uma coisa que iria nos distrair, — ele corrigiu.

Pensei nisso por um segundo. — Mas não é uma distração,

afinal? Quero dizer ... você poderia ter continuado o seu caminho, sabe. Ter encontrado Jade. Você poderia ter me deixado com Baba Yaga.

— Não, eu não poderia.

— Porque você estava distraído ...

Seu sorriso ficou um pouco infantil. — Eu não poderia arriscar ser castrado por formigas de fogo, — disse ele, os lábios tremendo.

— Ei! — Eu disse, empurrando seus ombros. — Isso é realmente irritante.

— Se você tivesse falado comigo sobre essas merdas nada teria acontecido.

— Diz o vencedor do prêmio de “Mais Comunicativo” dos últimos anos, — eu falei, fazendo-o rir e estender a mão para dar uma batidinha no meu nariz de uma maneira tão casual que deve ser algo característico dele, indo contra muito do que eu já tinha visto dele. Mas eu só tive a oportunidade de ver o Jasper que ele precisava ser para sobreviver: forte, corajoso, centrado. Eu nem sempre conseguia ver quem ele era quando não estava tentando nos guiar através de uma terra impossível para encontrar a sua irmã. Talvez ele fosse doce, gentil e amável.

— Cece, — ele disse, a cabeça abaixada um pouco, olhando nos meus olhos.

— O que?

— Não tenha muitas esperanças, — alertou. Seus dedos deslizaram pela minha coxa e depois deslizaram pela parte interna.

— O que você está fazendo? —

— Eu posso lidar com as consequências se eu não conseguir nada, mas a sua frustração sexual está dificultando minha concentração.

— Então pare de bisbilhotar, — eu disse, revirando os olhos.

— Eu prefiro fazer isso... — ele disse, seus dedos brincando com a minha calcinha.

— Você disse ... alguém poderia estar assistindo.

— Fodam-se eles.

Sua mão começou a deslizar para baixo. — Jasper, — eu

raciocinei, olhando em volta inquieta. — Estamos quase nas Trevas. — Eu não tinha ideia do que o fae comum das Trevas eram capazes, mas se os faunos podiam me escravizar sexualmente e eles eram da Luz, eu não estava exatamente animada para ser pega de surpresa por um fae das Trevas.

— Tudo bem, — disse ele, soltando a mão e se afastando, — mas eu juro, porra, quando conseguirmos deixar Jade em segurança eu não me importo se tivermos que ir para a cabana da fodida baba Yaga para que eu possa transar com você por três dias seguidos .

— Você sabe, — eu disse com um sorriso, — eu realmente gostaria de ver você tentando fazer isso.

— Tudo bem, — ele disse, passando a mão pelo cabelo. — Vamos ver se conseguimos rastrear Doyle, — disse ele, pegando minha mão e foi algo tão natural, doce e inesperado que eu me afastei instintivamente. Mas sua mão apenas se apertou e gentilmente me puxou.

Eu dei um passo para andar ao lado dele, vendo a floresta ao nosso redor ficar cada vez mais estranha. — Onde você acha que ele pode estar?

— Acho que ele está na praça Tenray.

— Praça Tenray? — Eu repeti.

— É uma vila dentro do reino das Trevas, onde existe um tratado de paz entre as Trevas e a Luz para que possam trocar mercadorias. Mas não deixe que essa ideia de tratado de paz a conforte. A maioria dos faes das Trevas jogam duro e não se importam com as regras e é claro que eles administram as coisas lá e a Luz está lá apenas porque o que eles têm pode ser útil. Não é seguro e você não pode confiar em ninguém. —

— Exceto você e Doyle.

— Até nós, — disse ele, parando subitamente, com os olhos sérios. — Se começarmos a agir de forma estranha, se fizermos ou dissermos coisas que não soam como nós, corra, porra. Corra de volta a Baba Yaga e fique lá até aparecermos para você ou até encontrar um caminho seguro de volta para o reino humano.

— Não vamos exagerar ...

— Cece, eu não estou sendo paranoico. Muita merda acontece no reino das Trevas. E isso acontece antes que você possa sequer pensar em impedir. Eu sei que você acha que o seu escudo pode protegê-la e, não me interprete mal, é algo muito útil. Mas mesmo isso pode não ser o suficiente. Então preste atenção, até em nós, e corra se algo parecer errado. Entendeu?

A seriedade em seu tom me deixou tensa. — Eu entendi, — concordei.

— Bom, — ele disse com um aceno de cabeça, andando novamente. — Só mais meia hora mais ou menos, — disse ele. — Como está o seu tornozelo?

Eu não sentia nem mesmo uma pontada, percebi agora que ele mencionou. — A garota da casa de Baba Yaga esfregou algumas coisas e fez uma tala. Na verdade, está muito melhor. Como estão as suas costas?

Ele encolheu os ombros. — Parece que fui rasgado e estou tentando fechar de novo, — disse ele, sem se importar em fingir e eu gostei disso. Eu teria me preocupado se ele agisse diferente. — Mas o mel está ajudando e mantendo as feridas limpas. Elas devem estar completamente fechadas daqui a um dia e então poderemos deixá-las respirar para que se curem. Ficarei novo em folha antes mesmo de sairmos daqui.

Com essa perspectiva positiva nós caímos em silêncio enquanto o mundo ao nosso redor perdia o sol, fazendo o céu entre as árvores parecer cinza e inquietante. As árvores começaram a se torcer, os cascos retorcidos e nodosos parecendo mortos no meio do verão. Demos um passo à frente e senti uma frieza tomar conta de mim. Mas não era algo vindo de fora.

— Essa é a fronteira, — Jasper respondeu à minha pergunta silenciosa. Sua mão apertou a minha um pouco mais. — Mais dez minutos.

Então, literalmente, dez minutos depois, a floresta se abriu para um vasto campo aberto onde uma pequena cidade estava situada no centro. Havia edifícios feitos de vários tipos de pedra e madeira em uma linha reta. Pequenas carroças e carrinhos estavam organizados,

vários tipos de seres com aparência de humanos e outros que não tinha aparência de humanos se moviam, olhavam para as mercadorias, compravam coisas, negociavam, conversavam. Se eu não soubesse que estava no reino das Trevas e que Jasper estava tenso e alerta ao meu lado, eu teria pensado que era algo simples, encantador e convidativo.

— Não fique muito curiosa e não toque na merda que está sendo vendida, — disse ele, avançando mais uma vez.

Tínhamos acabado de parar para conversar com uma quarta fae da Luz quando algo chamou minha atenção. — Ei, Jasper ...

— Sim? — ele perguntou, um pouco distraído.

— Você não acha que talvez devêssemos comprar uma camisa nova para você? — Eu perguntei, apontando para um estande que vendia vários estilos.

Ele se virou para mim completamente, um sorriso de menino nos lábios. — Você tem algum problema em olhar o meu corpo? —

Senti meus próprios lábios se curvarem e corri um dedo pelo centro de sua barriga, apreciando a maneira como os músculos se contraíam, antes de colocar minha mão logo abaixo da palavra esculpida em seu peito. — Não, mas todos os fae com quem você conversou olharam para isso e enrijeceram, — eu disse, percebendo que ele visivelmente se incomodou com essa informação. Imaginei que talvez fosse fácil esquecer que algo tão rude, tão incriminador havia sido esculpido na pele que tinha há quase trinta anos.

— Bem pensado, — disse ele, me puxando em direção ao estande e parando para inspecionar as camisas.

— Somente troca, — disse a mulher de aparência humana. Ela parecia um tanto simples, com cabelos castanhos, pele pálida e uma pequena mancha de sardas sobre a ponte do seu nariz proeminente.

Jasper fez uma pausa, olhando entre a mulher e para o homem descansando atrás dela preguiçosamente. Obviamente o marido dela. — Você acha que ele está fodendo por aí, certo? — Jasper perguntou e as costas da mulher enrijeceram. Ela acenou com a mão, incentivando a oferta de Jasper. — Esta camisa, — disse ele, pegando uma blusa marrom escura que era larga o suficiente para não magoar suas costas e peito, — por tudo o que posso lhe dizer sobre o caso.

— O que você pode me dar? — ela perguntou, obviamente sem saber o quão bem Jasper podia ler as pessoas.

— Tudo, Pressa, tudo, — disse ele, surpreendendo-a. Ela assentiu e ele vestiu a camisa. — Ela é alta e loira. Mas não como eu, uma cor loira amarelada. Olhos verdes e seios que deixariam uma ninfa envergonhada.

— Jasper, — eu assobieei, desconfortável com a mulher ouvindo algo assim. Mas quando seu olhar me cortou, as sobrancelhas franzidas, vi que talvez elas não tivessem o mesmo tipo de normas socialmente aceitáveis que os humanos.

— Ele está transando com ela atrás do seu celeiro há duas temporadas. Bem na época em que você começou a suspeitar. Logo ou ele é um mentiroso de merda ou você pode cheirá-la. Ela cheira a algas. Ah, — disse ele quando a mulher, Pressa, acenou com a cabeça mostrando que a troca era justa, — e ele a fode cru, por isso, se você ainda não parou de transar com ele, eu com certeza pararia agora.

Com isso ele apertou minha mão e me afastou dali. — Isso foi insensível.

— Ela é uma fae das Trevas, querida, eles não entendem empatia. Ela queria a confirmação de que o seu marido é um idiota, eu dei a ela isso diretamente. Ela gostou. Essa foi realmente uma das melhores interações com uma fae das Trevas que eu já tive.

Bem, isso não era um bom presságio para as nossas futuras interações. Jasper conversou com mais dois ou três faes da Luz e nenhum parecia ter visto Doyle, ou não estavam falando caso o tenham visto. E então, quando Jasper permanecia por um segundo em silêncio, eu soube que ele estava bisbilhotando em suas cabeças para ver se eles estavam sendo honestos ou não. Ele se virou para mim, balançando a cabeça, e nós seguimos em frente.

Uma das portas em um dos edifícios à nossa esquerda se abriu e lá estava Doyle. Ele estava colocando sua camisa e eu me senti bufar, sabendo que ele não podia evitar e tentando achar engraçado, ao invés de patético. Ele deveria estar procurando informações sobre Jade e não brincando por aí. Mas, novamente, Jasper e eu tínhamos brincado um pouco também, então quem era eu para julgar. Uma

mulher apareceu na porta com ele, alta e morena, o tipo de beleza que faria até uma mulher perfeitamente atraente parecer feia, com brilhantes olhos azuis. Ela passou a mão em seu peito, estômago e agarrou sua virilha, fazendo Doyle rir enquanto sussurrava algo em seu ouvido antes de soltá-lo e ele desceu os degraus, parando ao nos ver.

Houve uma pausa rápida, os olhos arregalados e um pouco incrédulos, antes que ele se apressasse para a frente, me abraçando com força e me rodopiando em um círculo rápido. — Obrigada, porra, — ele disse, falando sério. Eu também me agarrei a ele, tentando não ficar ofendida pelo cheiro daquela mulher em cima dele. Era como se ela estivesse saindo dos poros dele. Ele me deixou em pé e esticou a mão para Jasper, que a pegou e balançou, dando um tapinha em seu ombro. — Eu vou precisar de todos os detalhes sobre isso. Você ainda está...intacta? — ele perguntou com um sorriso malicioso.

— Você realmente acabou de foder uma súcubo? — Jasper perguntou por sua vez e os dois olharam para onde a mulher em questão ainda estava parada na porta, nos observando. Seu vestido rosa claro e transparente não fazia nada para esconder o seu corpo, e você podia ver o perfeito inchaço dos seios e os cachos escuros que cobriam seu sexo. Doyle parecia um pouco orgulhoso de si mesmo e senti minhas sobrancelhas se arquearem.

— Uma...súcubo? — Eu repeti. — Sério?

— Sim, ele vai precisar de bastante proteína depois disso, — Jasper disse, revirando os olhos. — Você descobriu alguma coisa sobre o fae das Trevas com cabelos brancos? Ou ficou muito...distraindo para perguntar? — ele acrescentou, mas pela primeira vez não parecendo com raiva. Talvez uma parte dele tenha entendido.

— Ele está nos campos, — gritou a súcuba, fazendo todos nós olharmos. A voz dela era hipnótica. Não havia outra maneira de dizer isso. Ela rolou de sua língua como sedução, como se ela pudesse fazer você gozar apenas ao ouvi-la.

Doyle, provavelmente porque ele já havia lidado com ela, foi o primeiro a sair disso. — Os campos de trabalho? — ele esclareceu e sua voz ficou sombria.

— Ele os comanda, — ela confirmou. — É o único fae das Trevas que já vi que parece ser um fae da Luz. Porém ele é completamente das trevas, — acrescentou ela com um encolher de ombros. — Para trabalhar naquele lugar ele tem que ser. Doyle, — disse ela, dando-lhe um sorriso sexy, — sempre que quiser visitar fique à vontade.

E com isso ela bateu a porta e qualquer atração que todos sentimos por ela foi embora. — Isso foi esquisito, — eu disse, balançando a cabeça. — Mesmo eu estava quase pronta para ir lá e transar com ela. — Eu disse, fazendo Doyle sorrir e Jasper parecer um pouco diabólico.

— Então esse negócio de segurar as mãos, — Doyle disse de repente e eu olhei para baixo, sem perceber que Jasper tinha segurado a minha mão novamente. — Isso é uma coisa para 'mantê-la perto de você' ou significa 'eu finalmente tirei minha cabeça da minha bunda'?

— Você acha que talvez possamos ter essa conversa sobre sentimentos quando não estivermos em território inimigo prestes a cometer um crime que pode resultar em todos nós sofrendo uma morte dolorosa e sangrenta? — Jasper perguntou, sua mandíbula apertada.

O rosto de Doyle se entristeceu e os seus olhos ficaram sombrios.

— Ah, como é? — Eu perguntei quando eles começaram a andar novamente, os dois tensos.

— Quando estivermos fora da cidade, — Jasper disse com a voz baixa. — Aqui há ouvidos em todos os lugares.

Fomos andando para o lado oposto àquele em que entramos, a multidão ficando maior, se tornando difícil de atravessar. A mão de Jasper segurava fortemente a minha e Doyle estava tão perto que eu podia sentir a sua respiração bagunçar o meu cabelo a cada expiração. — O que diabos é tudo isso? — Eu o ouvi dizer atrás da minha orelha, irritado. Eu não o culpo, o ar estava denso, opressivo. O barulho machucava os meus ouvidos. Os cheiros, sim, não vamos nem discutir sobre os cheiros. Não quero dizer que qualquer um de nós poderia reclamar do cheiro, já que nenhum de nós tomou banho

durante dias, mas os faes das Trevas pareciam serem contra a ideia de tomar banho.

— Porra, — Jasper disse, parando de repente e me fazendo colidir contra suas costas. Ele sibilou com o impacto, mas não se virou. Eu endureci, incapaz de ver o que ele via, mas sentindo que eu realmente precisava ver o que quer que tenha feito Jasper reagir dessa maneira. Poucas coisas causavam essa reação nele.

— Cece, não, — disse Doyle, preocupado enquanto eu me movia para o lado de Jasper.

Mas era tarde demais. Eu finalmente consegui ver porque a multidão estava lá. Eles estavam lá para um leilão. Mas não era um leilão com antiguidades ou arte. Oh, não, eram criaturas. Se eu não me enganava eram criaturas raras. Isso por si só justificava um forte “Porra”. Mas o que deixou Jasper tenso e fez Doyle vibrar com algo parecido com raiva, foi o fato de que a criatura na gaiola que eles estavam se preparando para leiloar, sim, era Onyx. Tudo em mim ficou frio e eu larguei a mão de Jasper. Por razões desconhecidas para mim ele me soltou enquanto eu ficava parada, chocada demais para lembrar de respirar até que meu peito começar a queimar.

Um dos leiloeiros avançou. Ele era da minha altura, com cabelos pretos oleosos, olhos escuros, pele pastosa e uma cicatriz gigante em forma de triângulo na bochecha. Ele tinha uma luva em uma mão e algum tipo de barra de metal. Meu estômago apertou sabendo que era uma barra de ferro, sabendo que isso não poderia ser bom.

— A seguir, o último barguest vivo! — ele anunciou e a multidão explodiu em uma mistura de surpresa e emoção.

— Prove! — um homem na multidão zombou. — Poderia ser apenas um cachorro grande!

Minha boca ficou seca quando o leiloeiro sorriu maldosamente. — A lenda diz que quando ele é provocado os seus olhos ficam vermelhos. Vamos tentar, não é? — Ele levantou o braço e empurrou a barra de ferro entre as barras da gaiola, espetando o torso de Onyx, fazendo ele soltar um gemido alto. Mas os seus olhos não brilharam em vermelho. O leiloeiro, irritado, continuou cutucando

cada vez mais forte.

E, bem, eu não aguentei mais. Sem eu conscientemente pedir, o meu braço direito se incendiou com a coisa de fogos de artifício, aquecendo minha própria pele enquanto eu corria atravessando a multidão, querendo chegar lá antes que Jasper ou Doyle pudessem me parar. Porque eles fariam isso. Eles não me deixariam salvá-lo. Eu sabia disso sem sombra de dúvida. E não podia deixá-los tomar essa decisão por mim.

— Ei! — Eu gritei quando parei na frente da pequena gaiola. — Ele é meu! — Eu gritei quando o leiloeiro se virou para mim.

— Sim? Não é mais. A menos que você tenha o que é preciso para comprá-lo de volta. Mas, pelo que parece, — ele disse, me olhando de cima a baixo de uma maneira que me deixou enjoada, — você não tem. Então cai fora. Você está distraindo os compradores sérios.

Ele levantou a mão novamente, dando-me um sorriso cruel e depois cutucando Onyx ainda mais.

Eu pulei no palco e fui até ele. O sorriso vacilou e caiu de seu rosto quando eu levantei meu braço. Mas era tarde demais. Tudo o que eu sentia era uma raiva ardente e consumidora, tomando conta de cada centímetro de mim, parecendo vir de um poço interior sem fundo, que poderia continuar produzindo mais e mais raiva, não importando o quanto eu usasse. E essa raiva? Sim, parecia ir diretamente ao meu coração e depois sair pelo meu braço. Minha mão se fechou no pescoço do homem e ele gritou, caindo de joelhos. Meu aperto aumentou, nada em mim parecia reconhecer que eu estava no controle, que eu podia parar, que provavelmente poderia exigir o que quer que eu quisesse. Tudo que eu sabia era que estava chateada com ele e que ele merecia pagar.

— Cece, chega! — Jasper gritou no meu ouvido, me segurando pela cintura e me arrastando para trás.

Sua voz de alguma forma rompeu meu transe, mesmo quando os gritos do homem mal me incomodaram, eu olhei para baixo e encontrei a garganta do homem avermelhada, cheia de bolhas,

descascando sob os meus dedos. Eu o soltei, horrorizada, e dei um passo para trás, a raiva lavando meu corpo como uma maré e desaparecendo pelos meus pés, deixando-me apenas confusa, aterrorizada e doente. O homem engasgou, rolando pelo chão em agonia e eu estava vagamente consciente de Doyle abrindo a gaiola de Onyx.

— Eu sei que você está assustada, mas engula essa merda, — Jasper disse no meu ouvido, pouco mais do que um sussurro. — Você precisa ser a dona. Use o que você acabou de fazer para assustar essa multidão ou sua bunda vai acabar em uma gaiola. Entendeu?

Eu balancei a cabeça com força, me afastando dele e me virando para os outros leiloeiros que pareciam querer correr para ajudar o seu colega. — Nem pensem nisso, — eu gritei, direcionando a energia para o meu braço, sentindo-o quente, mas não tão quente quanto quando eu estava furiosa. Mas isso provocou uma luminescência e isso era o suficiente. — Alguém mais? — Eu gritei, virando-me para a multidão, acenando com o braço e todos eles se moveram para trás como uma maré. — Sim, eu acho que não.

Depois disso, segui Doyle e Onyx pelas escadas e atravessamos o amplo espaço que a multidão nos deu. Jasper estava logo atrás de mim e assim que saímos da praça, houve uma decisão completamente silenciosa e unânime de entrarmos em uma corrida mortal. Não paramos até estarmos sob as cobertas de árvores novamente, até que a cidade não passava de uma imagem borrada.

Parei, inclinando-me um pouco, ofegante quando Onyx encostou o nariz molhado na minha coxa, deixando escapar um gemido. Abaixei-me, acariciando a sua cabeça gigante, me perguntando por que não tinha me ocorrido que algo poderia ter acontecido com ele. Eu me senti culpada, embora soubesse que não poderia ter feito nada antes.

— Que porra foi aquilo? — Jasper perguntou de repente. Eu me endireitei e me virei para olhá-lo, seus olhos azuis confusos, porém, mais ainda preocupados.

— Era a coisa do campo de força.

— Não, Cece, querida, — disse Doyle, balançando a cabeça. —

Isso foi diferente e você sabe disso. O campo de força é movido pelo medo. Protege você. Isso não era para protegê-la, era para você machucar os outros. E o seu rosto...

— Meu rosto?

— Quando você colocou a mão na garganta dele...seu rosto estava com pura raiva.

— Foi o que senti, — admiti, sabendo que eu podia confiar neles, esperando que eles pudessem me ajudar a entender. — Eu não sei como explicar isso...

— Como se fosse uma parte do seu sangue, de sua natureza, como se estivesse vazando para fora de você e atravessando completamente todo o seu corpo, até que era tudo o que existia para você era isso... — Jasper explicou para mim, me fazendo virar. — Cece, parecia que você não estava lá, — disse ele, balançando a cabeça um pouco. — Eu não sei como explicar, mas você simplesmente...se foi. Tudo o que havia era a raiva .

— O que isso significa?

— Isso significa que você não é apenas um changeling qualquer e significa que eu quero saber quem são os seus pais e por que eles colocariam alguém com esses tipos de poderes no reino humano, completamente inconsciente do que eles são capazes.

— Isso...não me ajuda em nada, — eu disse com uma risada.

— Talvez, pelo menos agora que sabemos que ela pode fazer isso, isso possa ser um trunfo, — sugeriu Doyle.

— Eu não quero que ela use isso. Se você pudesse ter sentido como era, também não pediria que ela fizesse isso, — Jasper cuspiu.

— Jasp...estamos falando dos fodidos *campos* , — disse Doyle, e lá estava novamente, o vazio em seu tom, a escuridão em seus olhos.

— Doyle, o que são os campos?

— Eles são...eles são um inferno na Terra, querida. Eles são o pior lugar possível que alguém em qualquer reino pode estar. —

— Mas como...

— Eu cresci nos campos, Cece, — Doyle me interrompeu.

— O que...como?

— Você conheceu as ninfas, — disse Doyle com uma risada

sem humor. — Eu acho que você pode ver que elas não têm exatamente a capacidade de serem mães atenciosas.

— Mas e o seu pai?

Doyle suspirou, sentando-se, enfiando a mão na mochila. — Você entende como eles, nós, — ele corrigiu, — funcionamos. Quanto mais tempo estamos no The Green, mais incontrolável é o nosso desejo sexual.

— Sim...

— Minha mãe cresceu no The Green. Ela nunca saiu daqui. Ela era apenas o desejo sexual em forma humana. Ela não estava exatamente discernindo sobre com quem ela dormia. Ninguém sabia quem era o meu pai. Tudo o que sabiam era que havia um bebê gritando, imundo, faminto e nu no prado com as ninfas. E então alguns faes da Luz passaram por mim, me pegaram e me levaram. Quando eu tinha oito, eles foram indiciados sob alguma acusação estúpida e foram enviados para os campos. Você sabe como, na Coréia do Norte, os “criminosos” nos campos de trabalho precisam pagar seus crimes através de três gerações?

— Ah ... sei, — eu disse, o estômago revirando com as histórias que ouvi.

— Eles devem ter pegado essa ideia dos fae das Trevas. Meus pais adotivos foram levados, assim como o pai moribundo da minha mãe e eu. Não importava que eu não fosse deles. Não importava que eu fosse apenas uma criança. Todos nós fomos arrastados e separados e colocados em diferentes partes do campo de trabalho. — Jasper se aproximou, apertando o ombro do amigo por um momento, percebendo coisas que eu não podia perceber, mais do que estava sendo dito.

Me ocorreu então o quão difícil deve ter sido para Jasper, o tipo de força emocional que deve ter sido necessária para ele viver com as emoções de todos se movendo através dele também. Talvez fosse por isso que ele era tão fechado, tão difícil de conhecer às vezes, porque ele estava tentando não deixar toda a raiva, tristeza, alegria, dor, e frustração que não eram dele o dominar completamente.

— Os campos de trabalho deveriam ser para criminosos, mas

com o tempo começaram a aliviar as regras e apenas arrastavam pessoas aleatórias e indefesas para o trabalho também. Há uma alta taxa de ... morte nos campos.

— Eles fazem as pessoas trabalharem literalmente até a morte, — Jasper continuou quando Doyle não pôde mais. — E se você é jovem e forte e não morre do trabalho, da fome, da sede...os guardas gostam de se divertir com você.

Engoli a bile que subiu na minha garganta. — Doyle ...

— As surras não são tão ruins. Você quase se acostuma com elas depois de um tempo. É assistir outras pessoas receberem o mesmo tratamento, ou, no caso das mulheres, pior, isso realmente fode com você, consome sua alma.

— Você conseguiu ... trabalhar o suficiente para resolver os seus crimes? —

— Esperei até que os guardas estivessem ocupados aterrorizando um campo cheio de mulheres e fugi como um covarde, quando eu tinha catorze anos.

— Oh, meu Deus, você não era um covarde. — Eu disse, movendo-me para ele, envolvendo os meus braços em volta dele, querendo bloquear as imagens que suas memórias formaram na minha cabeça, tentando não pensar em Jade numa situação parecida. — Você era uma criança. Você não fez nada de errado.

— Você não sabe como era a vida, querida. Você não pode dizer que eu não era um covarde. Pelo amor de Deus, eu poderia pelo menos ter tentado levar alguém comigo.

— Doyle, — Jasper disse, seu tom um pouco duro e eu olhei para cima para lhe lançar um olhar que ele, é claro, ignorou. — Saia dessa. Isso não está ajudando nenhum de nós no momento. Precisamos da sua cabeça sem emoções. Precisamos saber onde é exatamente o campo de trabalho e onde estão os pontos fracos. Precisamos saber onde eles mantêm as mulheres .

— Não tem como você entrar e sair de lá vivo, Jasp.

— Esse é um risco que estou disposto a correr por Jade.

— Sim, — concordou Doyle, desembaraçando-se de mim e se levantando. — Sim, eu concordo.

— Então, para onde estamos indo?

— Eu era jovem, cara. Meu senso de direção estava um pouco distorcido com o meu medo. Tudo o que sei é que depois que saí dos portões de ferro e entrei na floresta, não demorou muito mais do que meia hora para chegar no reino humano.

— Nisso eu posso ajudar, — eu disse, chamando atenção para mim enquanto vasculhava as dobras do curativo no meu tornozelo, onde a garota, Rose, havia colocado a pedra que Baba Yaga havia me dito, a qual me ajudaria a encontrar o meu caminho de volta ao reino humano.

— O que é isso? — Doyle perguntou, as sobrancelhas franzidas encarando a estranha pedra branca.

— Eu não sei exatamente. Baba Yaga disse que a pedra iria se acender quando eu estivesse indo na direção certa do reino humano e que se apagaria quando eu não estivesse. Nós podemos tentar, certo?

— Nunca pensei que eu diria isso, — Jasper disse, parecendo divertido, — mas obrigado, Baba Yaga.

QUINZE

Jasper

O dia inteiro foi uma merda antes de chegarmos aos campos de trabalho. Primeiro, a pedra não foi feita para nos levar para perto da parte do reino humano que estava próxima do campo, mas sim para levar para qualquer local do reino humano. E por isso nós mudamos de direção três vezes antes de finalmente acharmos a direção certa. Paramos para descansar. Bem, Cece descansou. Doyle e Onyx continuaram vigiando enquanto eu negociava por qualquer coisa que eu pude encontrar que pudessem nos ajudar. Eu consegui duas armas, algumas pedras de proteção e dois pequenos frascos de veneno. Realmente, não era nada que pudesse ajudar.

Na verdade tínhamos duas opções. Podíamos tentar nos esconder sob a escuridão da noite, entrar rápido e silenciosamente no campo, encontrar Jade e tentar sair antes de sermos pegos.

Dizer que o nosso plano estava cheio de falhas era bem próximo da verdade.

A segunda opção era aguardar ou criar uma distração e esperar que, em meio ao caos, pudéssemos entrar e sair sorrateiramente. Mais uma vez, sem ninguém nos ver.

Então, sim, os dois planos eram perigosos. Ambos garantiam que conseguiríamos entrar no campo. E, por alguma estranha reviravolta do destino, a changeling, a garota que ninguém conhecia, tinha a melhor chance de sair de lá. Ela poderia criar aquele escudo de chamas ao redor de si mesma e de Jade e correr para caramba. Doyle e eu estávamos em maior risco. Eu não suportava a ideia de Doyle ser arrastado de volta para aquela vida, mas estava disposto a sacrificar nós dois para proteger as meninas. E, mesmo estando tão traumatizado pelo seu tempo nos campos durante a própria infância,

eu sabia que ele também estaria disposto a fazer esse sacrifício. O que elas suportariam seria muito pior do que o que poderia acontecer conosco.

Doyle e eu nos sentamos atentos, Cece dormindo entre nós, inquieta até que eu me abaixei e comecei a passar a minha mão pelos cabelos dela.

— O que aconteceu entre vocês? — ele perguntou, acenando com a mão para Cece e eu.

— Não muito, — eu disse honestamente. Me encontrei, enquanto estava caminhando pelo reino das Trevas sozinho, pensando no que poderia ter acontecido se eu tivesse visitado mais Jade no cotidiano, se não estivesse trabalhando tanto, se tivesse conhecido Cece antes que toda essa merda atingisse o ventilador e deixasse nossas vidas num caos. Ela teria me odiado? Eu captei o suficiente para saber que ela estava amarga por conta da traição de um ex, que estava decidida a não namorar ninguém, que estava cansada de homens. Mas se eu tivesse aparecido, sem estar de mau humor e sem agir como um idiota porque a minha irmã, a única pessoa que eu realmente amava no mundo, estava desaparecida, será que ela teria se sentido de forma diferente em relação a mim. Algo teria acontecido? Algo um pouco menos forjado com estresse, dor e confusão. De volta ao reino humano, onde os meus poderes diminuem, onde eu apenas captava algumas vagas ondas de emoções, não exatamente da mesma maneira invasiva que eu podia olhar suas emoções em The Green.

Eu gostaria de pensar que as coisas poderiam ter acontecido naturalmente. Organicamente. Mas uma parte de mim sabia que não. Eu sabia que estava sempre focado em outras coisas, nunca sendo o tipo que levava a sério relacionamentos. A única maneira de alguma coisa acontecer entre nós seria se fôssemos forçados a ficar juntos por alguns ...

— Oh, Jesus Cristo, — eu gemi, batendo a minha cabeça contra a árvore atrás de mim.

— O que?

— Isso foi uma fodida armação.

— O que foi uma armação?

— Pense nisso por um minuto. Cece vai morar com Jade. Jade teria percebido que Cece era mais do que ela aparentava ser e que o jaspe era a sua pedra de proteção. Essa fodida pedra estava espalhada por todo o quarto de Cece. E então, um dia, Jade some. Ela não me responde mais. Começo a me preocupar e apareço para encontrar a sua nova colega de quarto. Em seguida estamos nessa missão para encontrá-la, forçados a ficar juntos dia e noite...

Doyle fez um som que estava entre uma risada e um suspiro. — Como diabos estamos descobrindo isso agora?

— Estávamos preocupados com o desaparecimento de Jade, tínhamos certeza de que ela foi sequestrada...

— Ela foi sequestrada.

— Sim, mas não no início. Originalmente, ela só veio aqui para forçar duas pessoas a se juntarem. Você a conhece. Ela fica louca para unir as pessoas que ela acha que deveriam estar juntas. É isso que ela faz. Mas ela foi muito mais protegida do que eu. Quando criança ela quase nunca saía da nossa propriedade, a menos que estivesse comigo. Sabia muito pouco sobre o The Green. Não fazia ideia do risco que corria.

— Ela foi bem sucedida, pelo menos?

Olhei para Cece, o vestido dela uma bagunça ao seu redor, o lábio ainda um pouco ferido, a bochecha ainda machucada, o tornozelo enrolado com tiras infinitas de tecido fino, com o meu sangue seco por todo o vestido, coberta de sujeira e suor. E ainda assim, porra, ainda assim ela era a coisa mais linda que já vi há muito tempo.

— Talvez.

— Ah, vá se foder, — disse Doyle, expirando com força. — Eu posso ignorar os palpites de Jade. Ela já esteve errada antes. Ela não erra com frequência, mas acontece. Mas aquele negócio do colar com as pixies? Uma pedra Jasper naquele pedaço invisível de magia? Você quer chamar isso de coincidência, tudo bem. Chamaremos de coincidência. Mas em seguida um gnomo aparece do chão e desenterra uma jasper também? Vamos lá!

— Então você está dizendo que é culpa da merda do destino? Isso não é um pouco exagerado para você?

— Eu não sei com quem você pensa que está falando aqui, mas eu fui o cara que comprou para a sua irmã trezentos e sessenta e cinco margaridas no nosso aniversário de um ano. Estou perfeitamente confortável com exageros. E sim, acredito que algumas coisas estão destinadas a acontecer.

— Então não temos escolha?

— Você tem a opção de dar as costas ao destino, com certeza. Pessoas e faes fazem isso todos os dias. Mas você realmente quer ser esse cara? Nós passamos por muita merda nos últimos dias. Nós estamos do lado de fora de um campo de trabalho que estamos prestes a invadir e há uma boa chance de que pelo menos um de nós não consiga sair. Você quer me dizer que está disposto a estragar o que poderia ser a sua única possibilidade de dar uma chance a vocês dois apenas porque está chateado com o fato de que talvez o destino tenha unido vocês sem você saber?

— O quê? Um relacionamento predestinado, porra? Vamos lá, quem quer isso?

— As pessoas que podem morrer querem isso. Você quer isso. Acorde-a e veja se é o que ela quer também , — disse ele, ficando de pé e pegando sua mochila. Ele a abre e vasculha o interior. — Eu e Onyx nos afastaremos uns dez minutos de distância e faremos uma patrulha na fronteira. Não vamos ver ou ouvir merda nenhuma e garantiremos que ninguém mais o faça também. Aqui - ele disse, pegando uma camisinha e jogando-a no chão ao meu lado.

— Você trouxe preservativos? — Eu ri, balançando a cabeça.

— Nós dois sabíamos o que aconteceria quando eu chegasse aqui. Pelo menos eu me preparei para isso. — Ele se afastou e se virou. — Acorde ela, Jasp, — ele disse como se sentisse que eu ainda estava pensando se deveria fazer isso ou não.

Com isso e um resmungo de Onyx enquanto ele o seguia (eu suspeitava que ele tivesse algum tipo de paixonite de cachorro por Cece) estávamos sozinhos pela primeira vez em muito tempo.

Esperei dez minutos, continuando a acariciar seus cabelos, sem

perceber que estava pensando em tocá-la até que ela começou a ficar inquieta novamente. Olhei para baixo, surpreso ao encontrá-la corada, sua respiração um pouco rápida e superficial, suas pernas pressionadas juntas como se ... — Foda-se, — eu disse, balançando a cabeça para mim mesmo. Como se eu estivesse projetando meu desejo nela. Deixei minha mão cair e ela se recostou. — Querida, — eu disse depois de dar a seu corpo alguns minutos para se reajustar, não querendo que ela se excitasse porque eu a deixei assim, ao invés de se excitar porque ela queria.

Ela se mexeu um pouco, resmungando, lutando contra a consciência. Mas então a sua mente deve ter acordado completamente porque ela se levantou, seus olhos se abrindo abruptamente. — Já está na hora de ir? — ela perguntou, olhando em volta um pouco descontroladamente.

— Não. Ainda temos um tempo.

— Por que você não está dormindo? Onde estão Onyx e Doyle? Alguma coisa aconteceu... — ela começou, se sentando totalmente e jogando os cabelos emaranhados para trás.

— Todo mundo está bem. Respire fundo, — eu disse, estendendo a mão para colocar seu cabelo atrás da orelha.

A cabeça dela inclinou, me olhando. — Você está esquisito.

— Estou sendo legal. — Eu rebati com um sorriso.

— Exatamente. É estranho, — disse ela, sorrindo para mim.

— Só tentando algo novo, — disse, sentando-me na frente dela, deslizando minhas pernas sob as dela, agarrando seus quadris e puxando-a para mim. Suas sobrancelhas se uniram e ela estendeu a mão, tocando o meu rosto, fazendo suas sobrancelhas se enrugarem ainda mais. — O que você está fazendo?

— Vendo se você está com febre.

Eu ri, balançando a cabeça para ela. — Você não está me deixando mais confiante, querida. — Minhas mãos voltaram para sua bunda, puxando-a totalmente contra o meu colo, fazendo sua boceta esfregar contra o meu pau.

— Oh, — ela suspirou.

— Sim ... oh.



Cece

O sono retrocedeu, meu sistema instantaneamente se enchendo de ansiedade . Levei um minuto quase embaraçosamente longo para perceber que a voz de Jasper estava muito suave e seu toque gentil e seus olhos estavam quentes. Inferno, eu não entendi tudo o que estava acontecendo até que senti o meu calor pressionando contra seu pau. Mas percebi tudo de uma só vez, me deixando com uma necessidade tão forte que era quase dolorosa.

— O que? — ele perguntou, me olhando quando um pensamento passou pela minha cabeça.

Envergonhada e sabendo que ele não me deixaria fugir sem responder, eu disse. — O sexo é mais ... difícil para você, já que você também pode sentir o desejo da outra pessoa? —

— Você quer saber se eu gozo rápido demais? — ele perguntou, abrindo um enorme sorriso que era toda a resposta que eu precisava. Embora não fosse exatamente o que eu quis dizer. — Não se preocupe, — disse ele, inclinando-se para perto e falando bem ao meu ouvido, — se você de alguma forma se sentir insatisfeita, teremos que continuar até que eu acerte. — Seus dentes morderam o lóbulo da minha orelha, puxando um pouco antes de sua língua deslizar sobre ele. — Eu acho que estou pronto para essa tarefa, — disse ele, os dedos afundando na minha bunda e apertando o meu calor contra seu pau duro.

Sua cabeça abaixou e seus lábios começaram a se mover pelo meu pescoço, a pressão de seus lábios leve, toques suaves . Mas tudo em mim respondeu, meu corpo dando um pequeno arrepio involuntário pelo contato. Minhas pernas apertaram em torno das suas costas e eu comecei a me esfregar contra ele descaradamente, minha cabeça caindo para trás para lhe dar melhor acesso quando ele se moveu pela minha garganta para o outro lado do meu pescoço. Meu desejo cresceu, molhando a minha calcinha e foi quando um

pensamento horrível me ocorreu.

— Jasper... — eu disse, a palavra saindo como um pequeno gemido quando seus lábios começaram a chupar meu pescoço. — Jasper, — eu disse com mais firmeza.

Ele se afastou, os olhos nebulosos, as pálpebras pesadas, e foi possivelmente a coisa mais sexy que já vi na minha vida. — O que?

— Nós não podemos.

— Por que não?

— Depois do meu último...bem, eu fiquei sem tomar pílulas anticoncepcionais. E, quero dizer, mesmo se eu estivesse tomando... eu não te conheço o suficiente para isso e...

— E felizmente para nós, — disse ele, uma mão soltando minha bunda e pegando algo no chão ao nosso lado. Ele o pegou e levantou a mão, mostrando-me uma horrível embalagem de camisinha laranja neon: — Eu tenho isso.

Duas coisas vieram a mim naquele momento: alívio e diversão. — Você estava planejando se dar bem no The Green, hein? Você não embalou comida ou água, mas não deixou passar o método contraceptivo.

— Vamos apenas dizer que conheço alguém, — ele disse e eu sabia exatamente a quem ele se referia.

— Bem, então, — eu disse, avançando para prender seu lábio inferior com meus dentes por um segundo. — Essa era a minha única objeção, — eu disse contra seus lábios antes de pressionar e balançar contra ele novamente.

— Obrigado, porra, — ele disse, as mãos deslizando pelas minhas coxas, agarrando a barra do meu vestido e começando a subi-la. Minhas próprias mãos foram para a camisa dele, arrastando-a para cima um pouco ansiosa, tomando cuidado para não arranhar suas costas. Ele esperou até estar livre antes de puxar o material sobre a minha cabeça.

Naquele momento eu estava dolorosamente ciente de que fazia dias que eu não conseguia me depilar, que eu estava uma bagunça com suor, sujeira e sangue, e Deus sabia o que mais. Seus olhos deslizaram por mim lentamente e eu tinha certeza que ele também

estava percebendo as imperfeições. Sua mão levantou, saindo para descansar sobre as minhas costelas, o contato leve gerando faíscas pela minha pele. Eu olhei para onde seu olhar estava fixo para ver o hematoma ainda roxo e azul misturado com um pouco de amarelo, o que mostrava que estava se recuperando lentamente.

Eu exalei, estendendo a mão e colocando a mão ao lado dos cortes em seu peito. — Somos um belo par, hein? — Eu disse, dando-lhe um sorriso sem jeito.

— Acho que somos mais do que um “belo par”, — ele disse, balançando a cabeça levemente enquanto seus dedos deslizavam para o centro da minha barriga e acariciavam para cima, seu polegar mal roçando meu mamilo endurecido pelo desejo, mas o contato fez meus quadris estremecerem, puxando sua pélvis contra a minha. Seu pênis pressionou mais forte contra mim, me fazendo gemer. Sua mão se curvou, envolvendo o meu peito enquanto o seu olhar me encontrava. — Receio que desta vez não possamos ser muito criativos, — disse ele e eu sabia que ele estava se referindo a nós dois estarmos feridos em vários lugares. — Como essa posição funciona para você?

Senti as palavras passarem pela minha cabeça e, a julgar pela maneira como seus olhos ficaram ainda mais profundos eu sabia que ele tinha percebido, então fui em frente e disse logo. — Qualquer posição, — eu disse, inclinando-me e beijando seu pescoço, terminando de falar contra sua orelha. — Eu só preciso de você dentro de mim.

Ouvir um rosnado baixo e estrondoso em seu peito enquanto suas mãos se moveram para trás para agarrar minhas pernas, descruzando-as da parte inferior de suas costas e me puxando para trás alguns centímetros. — De joelhos por um segundo, querida. — Ele exigiu naquele tom profundo e suave que deixava minha barriga líquida. Puxei minhas pernas e me ajoelhei entre suas pernas abertas, sentando-me nos tornozelos, observando-o.

Seu olhar deslizou por mim lentamente, começando no meu rosto e se movendo para baixo. Suas mãos se moveram e se fecharam sobre os meus seios, apertando um pouco, antes que seus polegares comessem a acariciar meus mamilos. Seus polegares e dedos se

fecharam sobre os meus mamilos endurecidos e os rolaram, a pressão quase dolorosa, causando um pré-orgasmo profundamente dentro de mim. Minha boca se abriu em um gemido silencioso e seu olhar se voltou para o meu rosto novamente. Seus dedos se moveram um pouco para baixo e em volta das minhas costas, pressionando meus ombros até que ele me empurrou para frente em direção a ele, sua boca se fechando ao redor do meu mamilo, fazendo meu corpo inteiro tremer. Sua língua saiu e lambeu meu mamilo enquanto sua mão livre se moveu para baixo, deslizando dentro da minha calcinha e separando minhas dobras, deslizando o dedo sobre o meu clitóris com a mínima pressão enquanto se movia mais para baixo, deslizando dentro de mim em um golpe suave e delicioso, me fazendo gritar quando meu sexo apertou o seu dedo.

Ele grunhiu em aprovação com a boca contra o meu mamilo, roçando os dentes sobre a carne sensível por um segundo antes de chupar com força quando seu dedo começou a empurrar dentro de mim. O ritmo era lento, lânguido, completamente e esmagadoramente frustrante, pois sugeria satisfação, mas se recusava a concedê-la. Sua boca soltou meu mamilo e ele moveu-se para o outro, dando a mesma atenção enquanto o seu polegar finalmente se moveu para meu clitóris fazendo pequenos círculos enquanto seus impulsos prolongavam o meu lento tormento.

A pressão aumentou lentamente, torturantemente, até que eu me senti no topo, até estar pronta para cair. Mas sua boca saiu do meu peito e ele puxou os seus dedos da minha calcinha.

Eu resmunguei alto, batendo minha mão em seu ombro. — Esse seu poder não é justo.

— Eu não preciso de poderes para sentir a sua boceta apertando meu dedo assim, — disse ele, suas mãos agarrando a minha calcinha e puxando-a pelas minhas coxas. Eu levantei cada perna, saindo dela, deixando-me completamente exposta diante dele. Estendo minhas mãos curiosa, acariciando as laterais de seu abdômen, onde era seguro tocar, assistindo, hipnotizada, enquanto seus músculos tremiam, enquanto a respiração de Jasper ficava mais rápida, mais superficial. Meus dedos traçaram a cintura de sua calça, pendurada em

seus quadris, aproveitando o assobio que ele deu quando o meu pulso roçou seu pênis, antes da minha mão agarrar o material e puxá-lo para baixo, expondo-o para mim, duro, prometendo me preencher perfeitamente. Minha mão se fechou em torno de sua pele quente, segurando-o com força e acariciando-o tão lentamente quanto seus dedos me atormentaram. Meu polegar se afastou, acariciando a cabeça molhada de pré-sêmen.

Minha outra mão deslizou para baixo, fechando em torno de suas bolas e esfregando-as suavemente, fazendo Jasper soltar aquele som rosnado novamente que fez meu sexo apertar com força. — Porra, tudo bem, — ele disse, a voz de sexo áspera enquanto ele estendia a mão para pegar os meus pulsos, afastando-os dele. Ele tocou nas minhas coxas, aplicando um pouco de pressão. — Venha aqui, — ele disse e eu abaixei minha bunda, envolvendo minhas pernas em volta dele novamente. Sua mão alcançou a camisinha, rasgando-a e nos protegendo. Uma de suas mãos foi para o seu pênis, segurando-o na base. A outra se moveu para a parte inferior das minhas costas, pressionando firme até que eu me levantei e avancei. Ele moveu seu pau para acariciar minha entrada lisa, pressionando com força o meu clitóris, me fazendo choramingar. E então, com o som ainda escapando dos meus lábios, ele deslizou rápido e pressionou-se dentro, agarrando meu quadril e me empurrando para baixo, me fazendo levá-lo completamente de uma só vez.

O som que saiu de mim foi algo que eu tinha certeza que nunca tinha feito antes, um híbrido entre um gemido, um suspiro e um som estrangulado. — Foda-se, — Jasper disse, a voz profunda enquanto ele se enterrava até a raiz, fazendo minhas paredes se esticarem ao redor dele, segurando-o forte. Ele fechou os olhos por um segundo, respirando fundo, e eu gostei de ver alguém como ele, alguém tão seguro de si mesmo, perder o controle. Seus olhos se abriram lentamente, sua mandíbula apertada pelo seu desejo. Suas mãos se moveram ao meu redor, afundando na minha bunda com força, arrastando meu corpo alguns centímetros e me trazendo de volta. Um gemido me escapou, alto, ecoando do outro lado da floresta. — Monte em mim, Cece, — ele exigiu, suas mãos me

puxando para cima novamente antes que eu pudesse forçar meu corpo a se mover.

E assim eu fiz. O desejo era uma coisa viva dentro de mim, me elevando, tornando meus movimentos rápidos e erráticos. As mãos de Jasper estavam sobre mim: apertando a minha bunda, acariciando minhas costas, rolando meus mamilos. Uma voltou para baixo, apoiando-se no meu quadril, usando-a para direcionar meus impulsos desajeitados enquanto a outra subia, afundando nos cabelos na base do meu pescoço e puxando com força. Meus quadris estremeceram com a picada de dor, minha boca deixando escapar um gemido chocado. Sua mão se moveu do meu quadril e deslizou entre nós, pressionando o meu clitóris enquanto seus quadris empurraram com força, fazendo meu corpo inteiro tremer.

E um orgasmo inesperado bateu em mim com força, fazendo-me gritar seu nome alto enquanto meu corpo inteiro estremecia. — Porra, sim. — Jasper rosnou, puxando meu cabelo com mais força enquanto empurrava para cima mais algumas vezes antes de agarrar meu quadril e me puxar para baixo, me fazendo levá-lo impossivelmente profundo, tão profundo que doía. Seu corpo estremeceu quando ele xingou meu nome, sua testa contra o meu ombro.

Naquele momento, tive certeza de algo. Eu sabia que toda a merda pela qual passamos: a preocupação com Jade, as brigas um com o outro, a exaustão, fome, sede, sujeira, dor e confusão ... tudo isso valeu a pena pela sensação deliciosa dele dentro de mim, ele me dando prazer e eu retribuindo o favor, finalmente, finalmente cedendo ao que havia estado entre nós quase desde que nos conhecemos.

Valeu a pena.

E na véspera de um dia que poderia ser tão facilmente o último para um ou para nós dois, essa foi possivelmente a coisa mais comovente que eu já tive que lidar.

Contra o meu ombro, Jasper soltou um pequeno som que parecia suspeitosamente como uma risada.

— Não é engraçado, seu idiota. — Eu bati nele, atingindo o seu ombro.

— Posso sair de dentro de você antes de você começar a planejar como vai me vestir no meu funeral?

Aborrecida demais para me expressar, e não confiando na minha língua para ser eloquente o suficiente para expressar o meu ponto de vista, reuni todas as emoções que estava sentindo: a felicidade, o medo, a preocupação, a admiração pós-orgasmo e o sentimento de tempo perdido em nossos próprios orgulhos tolos, projetei todos eles em Jasper de uma só vez. Ele levantou a cabeça, seus lábios se abriram um pouco enquanto ele me observava.

— Eu sei, — ele disse, balançando a cabeça um pouco triste. — Acredite em mim, eu sei. Mas não vamos estragar algo de bom com todas as coisas que podem ou não acontecer, ok?

Ele tinha razão. — Ok, — eu concordei.

Sua mão deslizou para o lado do meu pescoço, puxando meu rosto para o dele. Seus lábios eram macios contra os meus, reconfortantes, tranquilizadores, promissores. E eram tão doces que as lágrimas ardiam na parte de trás dos meus olhos.

— Vamos lá, — ele disse, a mão afundando no meu quadril e puxando para cima. — Precisamos vestir algumas roupas antes que Onyx ou Doyle apareçam.

Com isso, ele lentamente deslizou para fora de mim e eu me atrapalhei um pouco sem jeito com meu vestido, colocando ele antes de pegar minha calcinha e vesti-la. Jasper ajeitou as calças muito mais devagar e confiante.

Ele amarrou a camisinha e se afastou alguns metros para cavar um buraco. Com minha pergunta não dita, ele deu de ombros. — Não estamos falando de isopor aqui. O látex se decompõe em menos de uma década. Não é como se eu estivesse deixando uma fábrica inteira de preservativos no chão, — disse ele, voltando-se para mim e pegando sua camisa.

— Eu deveria ter pedido a Baba Yaga algum tipo de talismã ou pedra para proteger minha mente de ser lida em vez de uma pedra que me mostrava o caminho para o reino humano. — Eu resmunguei quando ele se moveu para se sentar ao meu lado, nossos corpos se tocando dos pés aos ombros.

— Vou pegar uma pedra da lua negra para você na próxima vez que encontrar um gnomo, — disse ele casualmente, como se dissesse que me pagaria um café junto com meu bagel matinal. — Não funcionará tão bem quanto o escudo que você coloca sobre seus pensamentos, mas tornará as coisas mais difíceis de ler se você usá-lo. Minhas habilidades só ficarão mais fortes quanto mais tempo estivermos aqui.

— E como são em casa?

— Em casa os sentimentos chegam até mim em frequências mais baixas. Nenhum tipo de imagens, manipulação de emoções ou leitura da mente, apenas vislumbres de sentimentos.

— Como um empata.

— Sim, algo assim.

— E Jade? O que ela pode fazer em nosso mundo e o que isso significa para ela aqui?

Quando olhei para ele por conta do seu silêncio, seu rosto estava sombrio. — Jade atrai amor. No reino humano isso significa apenas que ela é uma boa casamenteira. Aqui, provavelmente significa que ela atrairá muita atenção indesejada dos homens e que as mulheres sentirão que ela pode ajudá-las em seus problemas .

Eu assenti, suspirando. — E Doyle tem a coisa de ninfa. E Amy? Para que serve a ametista?

— É uma pedra de cura. Irônico, realmente, considerando a merda de lugar em que ela está crescendo. Eu não tenho ideia do quão fortes os seus poderes seriam. Eu sei que meu pai é muito poderoso, mas parece que eu posso ser mais forte que ele. Minha verdadeira mãe ... não tivemos a chance de discutir sobre isso. Mas com um nome como Alex, eu imagino que ela foi nomeada como Alexandrita, que é outra pedra do amor. Isso faz muito mais sentido agora que sabemos que Opala não é nossa verdadeira mãe. Não há um osso amoroso em todo o seu corpo amargo e maligno. — Ele ficou quieto por um longo tempo, e em seguida: — E também tem você.

— O que você quer dizer?

— Você já deve saber que é uma anomalia, certo? — Ele perguntou e, bem, eu não tinha como saber disso. — Eu posso ignorar

o fato de que você viveu naquele reino humano usando tecidos que deveriam lhe dar erupções cutâneas e ao redor de ferro que deveriam, no mínimo, dar-lhe uma dor de cabeça forte por estar tão perto. E então você vem aqui, sem nenhuma ideia sobre ser fae, sem se sentir atraída pela floresta, mas sim repelida por ela e de repente você tem algum tipo de poder que eu nunca tinha ouvido falar antes. Como eu disse, a maioria de nós tem dicas sobre nossos poderes. Eu tenho minha bravura um tanto imprudente e minha capacidade de curar e sentir as coisas. Eles são praticamente truques. Doyle é uma puta encantadora. Jade tem palpites sobre juntar as pessoas certas. Inferno, até meus avós têm apenas traços vagos de poderes que costumavam ser mais impressionantes. Nós, com o passar das gerações, ficamos mais fracos como espécie. Nossos poderes são meras cópias do que costumavam ser antigamente. Toda geração está ficando cada vez menos poderosa. Mesmo assim, aqui está você com mais poder em suas mãos do que a maioria dos nossos bisavós teve em seus corpos. Você não faz sentido.

— É um poder estranho também, não é? — Eu perguntei, sabendo a resposta. Eu já tinha visto nos olhos de todos que tinham visto meu poder.

— A maioria dos nossos poderes é para proteger. Os faes geralmente precisam de feitiços para causar o tipo de dano que você causa ao estender sua mão. Conheço muitos faes e ouvi muitas histórias de muitos deles quando era criança. Não consigo pensar em nenhuma descendência que possa ter lhe gerado.

— Bem, isso é reconfortante, — eu disse, balançando a cabeça enquanto me movia para deitar no chão. Jasper também se deitou, porém de lado, de frente para mim. A mão dele agarrou o meu quadril e me rolou para encará-lo também, sua perna deslizando entre as minhas, sua coxa pressionando intimamente contra mim.

— Meus pais tentando envenenar você normalmente não seria uma coisa suspeita, mas eles viram algo em você também.

— Isso é ruim?

— É...complicado, — ele disse, estendendo a mão para empurrar meu cabelo atrás da orelha, sua mão pousando na lateral do

meu pescoço, estranhamente reconfortante. — Isso significa que você é um mistério e ser um mistério neste reino pode significar muitos problemas. Há muitos faes, especialmente das trevas, que gostariam de pegá-la e desvendar você. Especialmente depois que as notícias da sua façanha no mercado se espalharem. Felizmente, não planejamos ficar aqui por muito tempo e você pode queimar pessoas com as próprias mãos. Portanto, pelo menos ninguém chegará muito perto de você.

— Baba Yaga disse que me treinaria para entender o The Green e o mundo fae e talvez me ajudasse a aprender sobre os meus poderes e ancestralidade ... — Finalmente falei isso para ele. Eu me sentia como se estivesse escondendo as coisas dele, escondendo essa oferta.

— Eu posso te ensinar sobre o The Green e sobre os faes. E pode não ser tão fácil para mim quanto para ela, mas vou trabalhar os seus poderes com você e descobrir sua ascendência também. E você não precisa estar trancada em um convento sem sexo para fazer isso.

—

Eu senti meus lábios se inclinarem com isso, minhas partes de mulher certamente concordando que sexo com Jasper era certamente preferível a não fazer sexo com Jasper. — Mas como você poderá fazer isso quando estivermos em casa? Você mesmo disse que os seus poderes ficam entorpecidos lá. E se os meus se tornarem tipo ... apenas ficar eternamente com as mãos quentes quando eu estiver estressada ou algo assim? — Eu disse com um sorriso, mas não totalmente convencida de que isso não era uma possibilidade.

— Nós vamos descobrir o que fazer. Não há nada que nos impeça de passar pela própria fronteira do The Green e trabalhar nisso. —

— Exceto que seus pais estarão nos procurando. —

— Eles podem ser teimosos, Cece, mas não vão fazer patrulhas de fronteira para sempre. Eles vão me sentir quando eu voltar. Mas você viu quanto tempo levou para chegar de onde entramos até o território dos meus pais. Nós teremos partido muito antes que eles cheguem perto de nós.

Engoli um pouco, assentindo. — Então você... — Perdi a

coragem de falar depois das duas primeiras palavras.

— Então eu o que?

— Você planeja...continuar com o que temos se ou quando nós sairmos daqui? — Cristo, isso pareceu meio carente e patético. Nós fizemos sexo uma vez. Uma só vez. E eu já estava trazendo à tona aquela velha questão de relacionamento.

— Eu certamente não terminei com você depois de uma foda. Em uma única posição, porque agora nós dois estamos uma bagunça. Sim, eu pretendo continuar com isso ... em todos os cômodos, em todas as superfícies, em todas as posições e em todos os buracos. Vou te foder até que você diga que não aguenta mais e depois provar para você que aguenta sim. E , — acrescentou enquanto uma confusão acontecia entre minhas pernas e eu tinha certeza absoluta de que, com a perna posicionada onde estava, ele podia sentir o quão excitado eu estava ficando de novo.

— E? — Eu perguntei, meu tom um pouco seco enquanto eu lutava para respirar profundamente e esconder minha libido de volta no esconderijo dela.

— E então, se você quiser sentar e conversar, comer ou fazer merdas assim ... Eu também aceito fazer isso.

— Você realmente não parece ser esse tipo de cara.

— Eu não sou. Mas estou amarrado a você, a uma dor no traseiro, — ele disse, dando-me um pequeno sorriso perverso, — por dias e não me cansei de você ainda. Então, acho que vale a pena tentar sem toda essa merda de estarmos à beira da morte .

— Essa é uma maneira ... romântica de falar, — eu disse com um sorriso.

— Sim, esse sou eu, o seu fodido príncipe encantado.

— Por favor, me diga que vocês estão decentes, — a voz de Doyle perguntou ainda de longe. — Bem, quero dizer, Celestine, querida, eu não me importo nem um pouco em vê-la indecente, mas Jasp ... você e eu não precisamos nos conhecer dessa maneira.

— Estamos decentes, — Jasper gritou de volta, inclinando-se e passando o nariz contra o meu antes de me dar um beijo nos lábios de modo suave e doce que durou dois segundos. — Se sairmos daqui ...

— ele disse.

— Sim, — eu concordei. — Se sairmos daqui.

— Esse seu cachorro está de mau humor porque vocês dois estão mandando a ver— declarou Doyle, sentando contra uma árvore a alguns metros de distância. — Eu podia ouvi-lo choramingando o tempo todo em que estávamos andando. Acho que ele pensou que tinha uma chance com você.

— Hum, os barguests se transformam em humanos? — Eu perguntei e o brilho nos olhos de Jasper me deu a resposta.

— Não, — respondeu Doyle de qualquer maneira.

— Oh, nojento, — eu disse, balançando a cabeça. — Eu nunca vou olhar para ele da mesma maneira novamente.

— Ou subir nas costas dele e montá-lo? — Jasper sugeriu, parecendo muito divertido.

— Cala a boca, — eu disse, olhando para ele.

— O quê? Você não está interessada em um pouco de safadezas sexuais entre espécies faes? — Jasper brincou, fazendo o meu rosto esquentar. — Estilo cachorrinho, talvez?

— Oh, meu Deus. Eu te odeio. — Eu disse, rolando de lado para longe dele para esconder meu desconforto com a ideia de Onyx me querer desse jeito.

O corpo de Jasper se moveu atrás de mim, suas pernas inclinando sob as minhas pernas dobradas, seu braço dobrado sobre o meu estômago. Sua cabeça descansou atrás da minha e sua respiração fez cócegas no meu ouvido quando ele declarou apenas alto o suficiente para eu ouvir: — Não, você não odeia.

E ele estava certo.

Aninhei-me ali mesmo, satisfeita a pelo orgasmo, confortada pelo seu grande corpo em volta do meu, me segurando como se eu fosse especial, sim, tive a sensação de que o que eu sentia por Jasper não era nada perto de ódio.

De fato, poderia ser o completo oposto disso.

DEZESSEIS

Cece

— Odeio separar vocês dois passarinhos, — disse Doyle, parecendo acordado e cansado ao mesmo tempo. — Mas precisamos avançar em breve.

Não acho que nenhum de nós tenha dormido. Atrás de mim a respiração de Jasper era lenta e constante, seu corpo imóvel demais para estar dormindo. Fechei os olhos rapidamente depois que ele foi para trás de mim, mas a última coisa em minha mente era dormir. Então coloquei meu escudo mental e pensei em toda essa merda que estava acontecendo. Um pouco de privacidade para variar. Eu tentei, e falhei, em não pensar demais na situação com Jasper. E depois de horas meditando sobre isso, com preocupações sobre Jade e nossas possíveis mortes em poucas horas, eu decidi parar de lutar contra isso, e deixar as coisas acontecerem naturalmente. Se isso significasse que os meus sentimentos de genuíno respeito, admiração, atração e carinho por Jasper comesçassem a se transformar em algo mais, eu permitiria isso. Era inútil envolver o meu passado ao meu redor como um escudo, e afastar Jasper apenas porque ele poderia me machucar.

Fazer isso só fez de mim uma coisa ... uma covarde.

E eu tinha passado por muita coisa ultimamente para ser uma merda de covarde quanto a ter o meu coração machucado ou quebrado.

Além disso, se eu fosse me machucar novamente, preferia que fosse por alguém tão corajoso, leal, inteligente, sarcástico, sexy e incrível como Jasper do que algum idiota, trapaceiro, de orgulho fraco como Corbin tinha sido, como todos os meus ex's foram.

Se eu fosse dar meu coração, por mais retorcido e desgastado

que ele esteja, para qualquer pessoa, pelo menos seria para alguém digno de tê-lo para variar. Mesmo que ele não o mantenha por muito tempo.

Então, sim, era assim que os meus pensamentos estavam quando o braço de Jasper me apertou com força e depois me soltou antes de se levantar e ir repassar os planos com Doyle. Estiquei os meus músculos tensos, sorrindo um pouco com a dor perfeita entre minhas pernas e, a julgar pela maneira como Jasper tropeçou no meio da frase, ele notou minha mente indo para lá também. Ele balançou a cabeça, voltando a se concentrar em sua conversa enquanto me levantei e remexi na mochila procurando algumas nozes sobressalentes e dentes de leão. — Ei, querida, — Doyle chamou e eu olhei para ele bem a tempo de pegar um cogumelo gigante que ele jogou em mim.

— Você tem certeza que isso é comestível?

— Está tudo bem, — Jasper disse com um encolher de ombros.

— Você precisa de toda a energia possível para garantir que os fogos de artifício funcionem corretamente.

Achando que eles estavam, mais uma vez, sem fome, eu rapidamente o parti e tentei comê-lo com o mínimo de mastigação necessária, imaginando que eles estavam certos, provavelmente qualquer pedaço de comida ajudaria.

— Tudo bem então, você se lembra onde as meninas são mantidas? — Doyle perguntou.

— Se eu estiver de frente para a torre dos guardas, é o prédio à direita. Eu entro com Onyx, encontro Jade e caio fora de lá.

— E não ... — Jasper falou, sabendo que eu estava deixando de fora a parte que eu não gostei.

— E não seja uma heroína e tente voltar para ajudar qualquer um de vocês dois.

— Que tal pelo menos tentar parecer convincente? — Jasper perguntou.

— Não vamos esperar nenhum milagre.

Tomei um gole de água e me levantei, sacudindo a tensão dos meus membros e estendendo a mão para levantar meu cabelo imundo

do meu pescoço pegajoso de suor . — Vamos torcer para que todos consigamos sair daqui e tomemos um banho de duas horas e lavemos tudo isso conosco. Prontos? — Eu perguntei, estendendo a mão para acariciar Onyx, que não parecia tão agradado quanto ele costumava parecer. Animal ciumento.

— Melhor não pensar demais, — Jasper concordou, entregando a Doyle um frasco de algo que eu estava feliz por não saber o que era.

Doyle decolou na nossa frente, seu corpo todo tenso e eu fiquei preocupada, não pela primeira vez, de que ele voltar lá era uma péssima ideia. Talvez as memórias voltassem à tona. Talvez ele visse as pessoas que atormentaram ele e sua família e apenas ... se perdesse.

— Essa é uma batalha que ele deve lutar, se acontecer, — Jasper disse, pegando minha mão e apertando-a de maneira tranquilizadora. — Cada um de nós tem nossas missões hoje à noite. A sua é a mais importante, por isso não se prenda a todo mundo. Está bem?

— OK.

Caímos em um silêncio atento enquanto nos aproximamos, todos nós presos em nossos próprios pensamentos e preocupações. O acampamento apareceu quinze minutos depois, perto da pequena colina em que estávamos. Era um campo aberto com uma cerca enorme, com altura de pelo menos três homens. E mesmo se você fosse forte o suficiente, mesmo com todo o trabalho exaustivo e a fome, havia mais um impedimento. — Isso é feito de ferro, — eu sussurrei e a mão de Jasper apertou a minha quando percebi que um Doyle muito jovem e muito determinado deve ter agonizado durante toda a escalada pela cerca.

Como me disseram, havia uma torre dos guardas no centro com o que pareciam holofotes no fundo, embora estivessem desligados. Em cada lado da torre dos guardas haviam dois contêineres que, eu fora informada na noite anterior, eram feitos de aço. E, aparentemente, eu perdi a aula na escola que nos ensinou que o aço era uma liga, o que significava que era feito de vários metais, e principalmente ... de ferro. Portanto, embora não fosse ferro puro,

mantinha todos os faes dentro doentes e com uma quantidade constante e pequena de dor.

Jasper soltou a minha mão enquanto ficávamos sob a cobertura de árvores, movendo-nos para a parte de trás da torre dos guardas, onde os guardas ocasionalmente saíam para fazer xixi, foder ou para só Deus sabe o quê. Ficamos assistindo por quase vinte minutos antes que um finalmente aparecesse, usando a chave para abrir o portão com as mãos enluvadas. Jasper correu pelo campo, fazendo meu estômago apertar com força quando minha respiração ficou presa. Doyle estava pronto para correr também, mas esperou, como era o plano. Jasper tirou o guarda porque ele era o mais rápido. Doyle correria e os dois entrariam no campo. Enquanto o caos completo e absoluto não acontecesse imediatamente, eu deveria entrar com Onyx o mais rápido e silenciosamente possível e tirar Jade de lá.

— Vejo você do outro lado, — Doyle disse ameaçadoramente enquanto o fae que Jasper surpreendeu caía no chão, um pouco sem vida demais para estar apenas desmaiado. Jasper tirou as luvas dele e as vestiu, outra coisa que havia sido previamente combinada. Jasper conseguiria qualquer proteção que pudessem encontrar, porque ele já estava muito machucado. Eu assisti enquanto os dois desapareciam e senti minha boca ficar seca como uma lixa, porque eu sabia o que estava próximo.

Era a minha vez.

Eu olhei para Onyx com um aceno de cabeça e então nós dois corremos. O medo era uma coisa estranha, como ele deixava o mundo mais quieto, como fazia a minha visão parecer um túnel e meus membros ficarem dormentes. Voamos pelos portões, virando bruscamente em direção ao contêiner feminino. Abri a porta que fez um barulho nada silencioso e fui rapidamente para dentro.

— Jade, — eu sussurrei meio gritando enquanto pelo menos uma dúzia de olhos me encontrou no escuro. — Jade!

— Essa porta está aberta? — uma voz hesitante disse ao meu lado.

Eu sabia que não deveria tentar libertar mais ninguém. Eu sabia que isso não fazia parte do meu plano, que criaria

problemas. Mas dois pensamentos vieram a mim ao mesmo tempo. Um, Baba Yaga e sua firme determinação de que as mulheres deveriam se unir, defender uma à outra. Segundo, o fato de Doyle me dizer que os guardas arrastavam as mulheres para os campos para estuprá-las sempre que quisessem.

Então sim. Eu não negaria a nenhuma delas a chance de uma vida livre disso.

— Sim. Corram. Corram e encontrem Baba Yaga e amaldiçoem esses filhos da mãe com qualquer merda que vocês possam inventar.

A mulher que falou agarrou os meus braços e segurou firme, me olhando nos olhos com gratidão. — Obrigada, — ela disse e correu.

— Jade!

— Cece? — uma versão muito fraca da voz de Jade veio minha direita, fazendo meu coração acelerar. Caí ao lado do corpo deitado no chão enquanto mais pés passaram por mim. Eu estava vagamente ciente de que algumas das mulheres estavam planejando libertar os homens e sabia que se todos nós saíssemos dali, Jasper e Doyle ficariam com raiva de mim por foder com o plano. Mas era tarde demais para se preocupar com isso.

— Você pode ficar de pé? Eu preciso que você suba em Onyx e segure firme para ele vai tirar você daqui.

— Ônix? — ela perguntou, se sentando, e eu tentei engolir a raiva que senti aumentar ao ver o sangue que cobria as costas de seu vestido.

— Ele é um barguest e está aqui para tirá-la daqui. Vamos lá, — eu disse, agarrando-a um pouco rudemente, mas sabendo que eu não tinha tempo para ser suave e doce, e a levantando.

— Como você pode estar aqui? — ela perguntou quando as luzes dos guardas acenderam, inundando a sala de luz e pude ver os hematomas por todo o seu rosto delicado.

— Não se preocupe com isso agora, — eu disse enquanto ouvia o caos se instalar lá fora. Eu a empurrei nas costas de Onyx e a convenci a envolver os braços em volta de sua garganta. Onyx me deu um olhar que dizia que ele entendia que as coisas estavam realmente

ruins. E realmente não tínhamos um plano concreto para o que fazer. Tudo que eu sabia era que Jade precisava sair. E havia apenas um lugar que eu sabia que era seguro. — Leve-a para Baba Yaga. Agora! — Eu disse enquanto ele choramingava, obviamente não querendo sair sem mim. — Ela precisa de você mais do que eu. Ela é a donzela em perigo. — Eu raciocinei e seus olhos ficaram um pouco vermelhos, cheios de determinação, quando ele recuou e avançou, se movendo mais rápido do que meus olhos poderiam acompanhar.

Respirei fundo e caminhei timidamente em direção à abertura da porta, tentando descobrir qual era o melhor curso de ação com todo o caos ao redor.

Guardas estavam por toda parte, perseguindo pessoas enquanto tentavam escalar o muro, batendo, chutando, gritando, ou pior. Fiquei ali parada por um segundo, vendo Onyx desaparecer do outro lado do campo e entrar na floresta. E então meus olhos encontraram um flash branco, era o fae das Trevas com os cabelos claros. Assim, um poço se abriu. O que quer que foi feito com Jade, o que ela teve que suportar, foi tudo porque ele a encontrou e a arrastou para lá. A raiva derramou do fundo, movendo-se em torno de meus órgãos, queimando através do meu sangue, até que eu senti isso zumbindo em todos os lugares, até que minha pele faiscou, até que eu soube que eu era uma arma viva. Jasper estava do outro lado do campo, meio encurralado por um guarda, seu corpo inteiro cobrindo alguém embaixo dele, alguém pequeno e de aparência gentil. Quando ele se levantou e avançou no guarda, vi que ela não passava de uma criança. Mas o olhar assombrado em seus olhos sugeria que ela não pôde ser criança por um longo tempo.

Do lado dela um homem apareceu, tão esfarrapado quanto ela, agarrando seu braço e arrastando-a com ele pelo campo.

— O que temos aqui? — uma voz perguntou. Eu não poderia dizer que foi uma voz que reconheci. Mas havia algo, uma escuridão, viscosidade, um som que eu ouvira todas as noites nos meus sonhos. Virei-me devagar, o campo em volta da minha pele brilhando mais quente, mais forte, porque eu sabia com o que iria me deparar. E então lá estava ele - alto, de pele cinza, cabelos pretos, olhos

redondos. Respirei fundo e olhei para cima, vendo o vermelho. — Oh, — ele disse, parecendo surpreso no início, depois, olhando encantado para o meu campo de força. — Ohh, ele tem estado tão bravo. Tão, tão bravo. Ele ficará tão feliz por ter você de volta, — disse ele, estendendo a mão para mim, me fazendo recuar instintivamente antes de percebi que eu era mais poderosa na ofensiva. Estendendo a mão, agarrei o seu pulso. Seu rosto se contorceu de dor, mas seu sorriso apenas cresceu. — Oh, seu poder cresceu. Cresceu e ele me recompensará por trazer você de volta.

— Eu não sei quem ele é ou por que ele me quer, mas ele pode pegar suas recompensas e enfiá-las na bunda porque você não está me levando a lugar nenhum! — Eu explodi, estendendo a outra mão para o rosto dele, usando totalmente o meu treinamento de autodefesa e atacando os olhos primeiro. Ele gritou então, caindo no chão.

E então, entre os gritos, as maldições, os sons doentes de punhos batendo na carne, eu ouvi. Eu ouvi e soltei minha mão, virando com o medo se movendo no estômago e subindo pela minha garganta até sentir como se eu estivesse engasgando com isso.

Lá estavam eles. Mais dele. Os homens das memórias dos meus pesadelos. Os homens que me cortaram e me deixaram com fome, com frio e com medo. Eles estavam se movendo em minha direção em um enxame, um semicírculo se fechando ao meu redor. E não sabia o que era, minha própria intuição, algum tipo de orientação superior ou o quê, mas algo me dizia que eu poderia lidar com um, mas que eu não era nada contra um grupo deles.

Olhei em volta freneticamente, sem ver Jasper ou Doyle e soube que estava sozinha. Virei-me e corri para a esquerda, agarrando a cerca com minhas mãos que, por razões desconhecidas, não queimaram, e subi o mais rápido que meus músculos fracos me permitiam. No meio do caminho, meu pé com o tornozelo dolorido ficou preso e uma dor gritante subiu pela minha perna. Abaixo de mim dois estavam me seguindo. Os outros estavam se movendo em direção aos portões, tentando me encontrar do outro lado. Soltei o pé e terminei de subir, balancei as pernas por cima da cerca. Eu desci pela cerca por um terço do caminho antes de decidir que estava

perdendo tempo. Eles estavam se aproximando de todos os lados. Em cima deles eu podia ver o topo da cabeça deles, pegajoso e vermelho de sangue.

Meu estômago revirou, eu me afastei e pulei. Pousei de um modo que me deixou sem fôlego, subindo nas mãos e nos joelhos e depois me forçando a levantar, apesar do tornozelo queimando que tinha certeza de que acabaria quebrado mais cedo ou mais tarde.

Então, fiz a única coisa que pude fazer, cheguei dentro do rasgo no meu vestido onde eu o escondi e agarrei a pedra que Baba Yaga me deu. Ao puxá-lo, a jaspe que o gnomo me deu caiu. Eu congelei naquele segundo, voltando, querendo agarrá-lo. Mas caiu perto dos pés dos homens que estavam me seguindo, perdendo toda a pretensão de manter o ato de ser assustador e lento, e me seguindo a todo vapor. Meu coração se aperta no peito ao deixá-lo, apesar do aviso que o gnomo me deu, e apesar de saber que estava ligado ao meu Jasper de alguma forma, eu não podia arriscar. Virei-me para a frente e voei para a linha das árvores, segurando a pedra nublada no alto como um farol principal, enquanto tentava evitar as assustadoras e retorcidas árvores do reino das Trevas no escuro da noite.

Eu corri o mais rápido que minhas pernas podiam me levar, meu peito queimando, meu coração batendo na caixa torácica, os sons dos homens atrás de mim o tempo todo. E então, assim que o desespero estava começando a me sufocar, a pedra iluminou-se como deveria fazer. Por conta da minha tentativa e erro para descobrir o acampamento, eu sabia que ela tinha uma maneira própria de mostrar que você estava no caminho certo. Às vezes, piscava. Às vezes, continuava brilhando, mas de uma maneira monótona. Quando acendia como uma lâmpada de Natal, isso significava que deveria continuar perfeitamente reto e em menos de alguns minutos, você atravessaria as árvores.

Então eu a segurei mais forte, forçando o meu corpo a continuar, a lutar contra o desejo de olhar para trás, a manter meus olhos em meu objetivo.

Eu nem estava plenamente consciente de que estava livre até quase bater em um sinal de 'Propriedade privada'. E então, e só depois

disso, eu me permiti olhar para trás. As árvores estavam a alguns metros de distância. Eu podia ver a meia dúzia de olhos me encarando através da luz do amanhecer e me perguntei se eles iriam me seguir. Incerta, decidi não me arriscar, virei e continuei correndo.

O único problema era que eu não sabia onde diabos estava.

Veja, Jasper me disse uma vez que a distância que percorremos no The Green era equivalente a uma polegada de calçada em Nova York. Mas ele não tinha me dito exatamente que os dias e dias de caminhada no The Green significavam que quando eu voltasse do reino das Trevas eu não estaria perto de algum lugar conhecido. Além disso, eu descobri cerca de dez minutos depois, quando finalmente cheguei a uma cidade, que não apenas ela não era familiar para mim, mas também estava em um estado completamente diferente.

Eu estava na fodida Pensilvânia. *Pensilvânia*. E pelo que parecia eu não estava na sua fronteira. Quero dizer, eu estava profundamente dentro do estado. Parei ao lado de um prédio, recuperando o fôlego, subitamente e dolorosamente consciente de outra coisa. Não estava mais frio do que quando eu estava no The Green. O que significava que ou o reino humano estava atingindo uma alta recorde de temperatura esse ano ou, possivelmente, meses se passaram no decorrer de apenas alguns dias no The Green.

— Oh, meu Deus, — eu gemi, passando as mãos pelo rosto, também percebendo que eu ainda estava imunda, coberta de sujeira, suor, sangue, com hematomas em todos os lugares e um vestido rasgado. Se eu entrasse naquela cidade, tinha certeza de que as pessoas pensariam que eu era uma sem-teto ou vítima de um crime horrível. Ambas as ideias me encheram com um sentimento de pavor. Eu não tinha nada. Eu não tinha carro, nem chaves, nem identificação, nem telefone.

O que diabos eu ia fazer?

Eu não podia esperar por Jasper ou Doyle. Mesmo se eles invadissem o reino humano, a chance de eles estarem na mesma cidade pequena que eu era praticamente zero.

Oh Deus. Jasper e Doyle. Eu nem sabia se eles estavam bem. Eu me senti segura por acreditar que Jade estava com Baba

Yaga. Onyx teria feito tudo ao seu alcance para levá-la até lá. Mas eu nem tinha visto Jasper ou Doyle quando sai. Eles estavam machucados? Eles ainda estavam vivos?

Eu me dobrei com essa ideia, uma dor forte percorrendo meu estômago e peito até parecer uma ferida real e física, até eu sentir que se eu não me abraçasse com força, todos os meus órgãos iriam vazar.

— Com licença, querida? — uma voz disse ao meu lado, algo que eu estava vagamente ciente enquanto balançava um pouco para tentar aliviar a dor dentro de mim. — Você está bem? — a voz maternal disse enquanto se aproximava. — Querida, o que aconteceu com ... — A mão dela pousou no meu ombro, fazendo a minha mão disparar e segurar forte a dela, acostumada demais com situações perigosas, com mãos que me fizeram mal, para perceber que essa pessoa não queria me machucar. — Ai!, — disse ela, puxando a mão que eu tinha segurado pelo pulso. — Oh, você me deu um choque. Está tudo bem, — ela se acalmou quando eu puxei minha mão para trás, inspecionando-a com um pouco de horror. Não havia nenhum campo visível, mas eu sentia o calor. Eu havia dado um choque em uma mulher fora do The Green. O que diabos havia de errado comigo? — Meu nome é Lily e eu estava pensando se você gostaria de vir comigo e se limpar. Você está sangrando, querida. — Ela me informou e eu olhei para baixo, as sobrelanceiras franzidas, para descobrir que ela estava certa. Devo ter batido em troncos e galhos secos enquanto corria, porque haviam arranhões em todos os meus braços, sangrando abertamente.

— Oh, — eu disse, me endireitando de repente, envergonhada.

— Está tudo bem. Está tudo bem. Temos um médico na cidade. Ele pode costurá-la, ok? E talvez você possa contar a ele o que aconteceu com você. Só se você quiser, — ela acrescentou, segurando a minha mão e me puxando.

Eu a segui em uma névoa de incerteza sobre a minha situação como um todo e choque com a bondade humana depois de tantas demonstrações de crueldade dos faes. Ela estava certa. Eu precisava me limpar. Eu não teria nenhuma utilidade se fosse morrer por infeccionar os cortes estúpidos em meus braços. A partir daí, precisava

me limpar e trocar de roupa. E então precisava ver se alguém me ajudaria com dinheiro para uma passagem de trem ou ônibus ou algo para chegar em casa, para que pudesse descobrir onde estavam todas as minhas coisas, conseguir algum dinheiro e planejar meus próximos passos.

Seja lá o que diabos eu faria. Mas uma coisa de cada vez.

Fui levada a uma pequena casa nos arredores da cidade com uma placa na frente escrito Dr. Robbins . Ao entrar, percebi que chamá-lo de consultório médico talvez fosse um pouco generoso demais. Era obviamente também o local de residência do Dr. Robbins. Quando Lily foi direto para a parte de trás da casa para, eu imaginava, dizer ao médico sobre essa situação delicada, peguei um jornal em cima da mesa para verificar a data. Era 3 de junho.

Cristo.

Eu tinha perdido muito tempo.

— Este é o Dr. Robbins, querida, — a voz gentil de Lily disse suavemente enquanto ela saía com um homem de setenta e cinco anos, mas ou menos, com os cabelos grisalhos, óculos gigantes e corpo magro. Mas ele tinha olhos castanhos gentis e inteligentes e usava um jaleco. Inferno, eu estive colocando folhas de milefólio em meus pés. Qualquer tipo de tratamento médico serviria naquele momento.

— Eu sou Cece, — eu disse quando ele estendeu a mão para eu apertar.

— Bem, Cece, parece que você está um pouco machucada. Que tal você ir para a sala de exames e minha enfermeira, Milly , — disse ele, acenando com a mão para uma mulher atrás dele, de uniforme amarelo vivo, com um corpo agradavelmente redondo e um rosto doce, — e eu e iremos cuidar de você.

— Obrigada, — eu disse, a língua tropeçando desajeitadamente ao dizer a frase, tendo me acostumado a ser proibido falar isso.

Milly me levou para a sala primeiro. — Eu tenho que perguntar, Cece, — disse ela, com um tom hesitante enquanto pegava uma camisola de hospital.

— Eu não fui estuprada, — eu disse com firmeza e ela visivelmente relaxou. — Eu não preciso de um kit de estupro ou

conversar com um xerife ou qualquer coisa assim. Eu só preciso de um banho e talvez de um antibiótico triplo.

— Bem, — ela disse, sorrindo e abrindo a porta novamente. — Nós certamente podemos ajudá-la com isso. Há um chuveiro no final do corredor. Sinta-se livre para usar qualquer coisa que você precisar. Não se apresse. Estaremos esperando por você quando você sair.

Com isso fui levada até um pequeno banheiro com um chuveiro, que eu não tinha certeza se conseguiria me virar nele, mas mesmo assim eu quase queria chorar com a ideia de ficar limpa. Foi-me entregue um vestido, uma toalha e um pano e fui deixada sozinha.

Eu realmente deveria ter imaginado que encontraria o que encontrei quando saí do banheiro. No corredor, estava o bom doutor, Milly, Lily e o xerife. Claro.

Eles queriam a minha história, então eu dei a eles. Eu deixei de fora o fato de que o homem que me perseguia era na verdade vários homens e que ele era um fae, mas dei uma descrição vaga que parecia satisfazer todas as partes envolvidas. Em seguida fui levada para a sala de exames onde os meus braços foram limpos. Alguns dos cortes receberam um pouco de creme. Dois no meu braço direito precisaram de pontos, apenas seis pontos para um e oito para o outro. Nada demais. Meus pés estavam praticamente curados, apenas algumas bolhas por conta de toda a caminhada. Meu tornozelo recebeu uma tala. Recebi um conjunto de roupas rosa brilhante e chinelos de Milly, que acenou dizendo que eu a pagaria de volta assim que voltasse para casa e ganhasse dinheiro. O médico também recusou as minhas ofertas de reembolso.

— Se não podemos curar alguém que realmente precisa de vez em quando, qual é o sentido de trabalhar em medicina? Não se trata do dinheiro, querida. — De lá, eu fui arrastada para um restaurante pela mãe coruja Lily, que me encheu das opções de comida vegana limitadas que tinham no cardápio antes que o xerife aparecesse em seu velho carro Cruiser e me levasse à estação de trem, pagando meu bilhete com um aceno de mão, me desejando felicidades e prometendo investigar o meu caso.

Sentei-me no trem com o corpo limpo, o estômago cheio,

feridas tratadas e nunca tinha me sentido mais grata aos humanos antes em toda a minha vida. Apesar do que eu fui programada para acreditar enquanto crescia em relação à fragilidade das pessoas, suas fraquezas e seu egoísmo. Apesar da violência horrível que me cercava no noticiário todas as noites, percebi algo que nunca havia percebido antes. Havia uma bondade inata nas pessoas. Uma necessidade de reunir-se, fazer a coisa certa, ajudar quando pudessem. Depois de tanto egoísmo e crueldade no The Green, um pouco de bondade básica me fez precisar pressionar as palmas das mãos nos meus olhos para evitar desabar no transporte público.

Adormeci duas vezes durante o caminho, nas duas vezes os pesadelos voltaram mais fortes do que nunca, como se eu ter encontrado com eles de algum modo os tornassem mais vívidos, mais assustadores. Acordei cada vez com um grito, as pessoas ao meu redor me olhando como se eu fosse uma mendiga gritando na esquina, como se eu fosse descontrolada e possivelmente perigosa.

Quando finalmente entrei na estação, a seis quarteirões do meu antigo apartamento, eu estava uma confusão de nervos. Eu não era ingênua o suficiente para pensar que as nossas coisas ainda estariam lá. Um pagamento atrasado e eles provavelmente embalsamaram tudo e se livraram para que novas pessoas pudessem se mudar.

— Ora, ora, ora, — Jo, um nojento disse depois de arrastar sua bunda nojenta para fora da cadeira para responder à minha batida. — Olha quem apareceu. Eu queria saber o que aconteceu com vocês, meninas. Onde está a loirinha? — ele perguntou, olhando para mim enquanto chupava um palito de dente.

— Não está aqui.

— Mas que vergonha. O que posso fazer por você?

— Onde estão as nossas coisas?

— Sendo bem direta então, — disse ele, suspirando enquanto voltava para dentro do apartamento, deixando a porta aberta para eu o segui. Eu fiz, mas apenas um pé, mantendo um dos meus pés firmemente plantados do lado de fora da porta. — Sinto falta dos velhos tempos em que eu podia ficar com a toda a merda e vender o apartamento como mobiliado. Não que alguém quisesse morar com

toda essa merda hippie por toda parte, — disse ele enquanto vasculhava uma pilha de papéis em sua mesa de jantar. — Ah, aqui. Eu não tinha ninguém para chamar para a loirinha. Mas você tinha seu trabalho listado. Seu trabalho me deu seu contato de emergência e

...

Maldito Corbin. Claro.

Porque essa era a minha vida.

— Ele realmente veio buscar tudo?

— Claro que sim, naquele carro chique dele. Fez muitas perguntas sobre quando eu te vi pela última vez e outras coisas. Disse a ele para pegar sua merda e ir se foder com as perguntas dele.

— A primeira coisa gentil que você provavelmente já fez em sua vida, — eu disse, revirando os olhos. Olhei em volta por um segundo, tentando fortalecer meus nervos para visitar o ex-idiota. — Ei, — eu disse, meus olhos pousando em uma coleção de figuras de Jade que ela mesma fez. — Você roubou aquela coleção, seu idiota.

— Prove, — Jo me desafiou.

— Vou te dizer uma coisa, — eu disse, indo na direção deles e pegando um. — Eu estou pegando este aqui de volta. Você pode ficar com o resto se você me der vinte por eles. Jade os vendeu por trinta por peça e você tem oito aqui. É justo. — E eu precisava de dinheiro para pagar o ônibus e chegar até Corbin.

— Por que diabos eu te daria ...

— Escute aqui, seu filho da puta viscoso, — eu disse, avançando. — Eu tive um inferno de alguns ... — Dias, mas isso não estava certo no reino humano. — Meses. Eu não tenho tempo para lidar com você discutindo sobre essa merda. Me dê vinte ou eu chamo a polícia e deixo você tentar explicar a eles por que você está na posse de coisas pertencentes a uma mulher desaparecida. Porque antes de sumir eu relatei que Jade estava desaparecida. Você não acha que isso seria um pouco incriminador? Claro, você não fez nada com Jade. Mas você sabe que policiais ... às vezes eles realmente querem casos encerrados e, embora eu não seja uma especialista, você realmente parece o tipo de merda que faria seus belos inquilinos desaparecerem.

— Eu gostava mais da porra da loira, — ele resmungou,

movendo-se para a mesa ao lado da porta, pegando a carteira e retirando os vinte.

— Eu também, — eu disse, pegando o dinheiro e voltando para o corredor. E então, sabe toda essa merda legal que eu disse sobre as pessoas? Sim, foda-se tudo.

E “foda-se tudo” era um ótimo humor para enfrentar meu ex.

DEZESSETE

Cece

As coisas mudaram rápido, mesmo que os dias tenham sido longos. Fui até Corbin, que na verdade tinha toda a minha porcaria em caixas em seu quarto de hóspedes. Peguei o que eu pude carregar, o que não era muito, disse para ele um último “vai se foder”, e tentei descobrir o que fazer em seguida. Peguei meus documentos e fui ao banco, pegando uma boa quantidade de dinheiro.

Estava saindo do banco quando eu jurei, jurei com toda a minha alma que eu vi um deles. Um dos faes das Trevas da floresta, dos meus pesadelos, das minhas memórias. Tudo em mim ficou gelado, o meu estômago apertando com força. O que diabos eu deveria fazer? Eu não poderia voltar para o The Green sozinha e sem noção do que fazer. Mas no mundo humano, eu era impotente. Se eles estivessem atrás de mim ...

— Merda, — eu disse, colocando meu dinheiro na minha bolsa velha e fazendo a única coisa que eu conseguia pensar. Eu fui para a loja hippie que Jade gostava de ir para comprar mais pedras preciosas, ervas e outras coisas.

— Essa é uma aura sombria, — o dono da loja me cumprimentou, um homem magro de trinta e poucos anos, com cabelos castanhos curtos, olhos castanhos, usando um casaco rastafári com capuz e calças de cânhamo.

Ele era fofo, mas eu realmente não tinha tempo para as suas conversas super lentas ou para suas perguntas sobre quando foi a última vez que fui a um círculo lunar. — Eu preciso de todos os livros que você tem sobre faes. — Eu exigi e ele parou por um momento com a nitidez no meu tom, mas foi em direção a suas estantes para buscar os livros. — Todos eles. Quero todo o seu estoque, — acrescentei, caso

não tivesse sido suficientemente claro.

— Claro, claro, — ele disse um pouco distraído enquanto empilhava os volumes grossos em seus braços magros.

— E jasper, — acrescentei, olhando as pequenas tigelas de cristal repletas de pedras preciosas.

— O que tem jasper?

— Eu quero todas as pedras de jaspe que você tiver.

— Bem, temos algumas por aí. Em vermelho, leopardo, cobre-azul ...

— Estou pegando tudo. Junto com o estoque que você tiver lá atrás. E quartzo de cristal também.

— Você está sendo espiritualmente atacada? — ele perguntou, muito sério.

Eu não sabia espiritualmente, mas havia definitivamente uma chance de algum tipo de ataque e eu preferia estar pronta para tudo. — Algo assim, — eu disse enquanto ele colocava a pilha de livros no balcão e se movia para pegar as pedras jasper. E, apesar de ser um hippie, wiccaniano, pagão, abraçador de árvores, cara da terra, seja lá o que diabos ele fosse, eu tinha certeza de que ele estava vendo cifrões enquanto fazia isso. Peguei o livro de cima, olhando para o índice e vendo um capítulo chamado — repelir fadas. — Eu virei para essa página, vendo a palavra ferro escrita em caixa alta e em negrito. Pelo menos eu já sabia disso. Sinos eram outra coisa e eu adicionei uma ida à loja de artesanato na minha lista de paradas. Bagunça. Aparentemente, eles eram muito organizados. Eu poderia ser uma desleixada se isso me mantivesse a salvo. Barulhos ofensivos. Eu tinha um aparelho de som na minha caixa do meu antigo apartamento. Eu poderia encontrar algum rock ou metálica para tocar. Não tinha como haver nada mais ofensivo para os ouvidos do que isso.

— Você conhece algum lugar por aqui que seja feito de ferro? — Eu perguntei quando ele largou todo o jasper ao lado dos meus livros.

— Ferro? Não. Aço...talvez. Tem a antiga usina de aço em Madison. — Isso era muito grande. Eu precisava de um lugar onde

pudesse ver cada centímetro.

— Algo mais?

— Contêineres de navio, — ele sugeriu e eu voltei para os campos de trabalho, meu estômago dando um nó pela lembrança de deixar Doyle e Jasper para trás. — Oh, o antigo pátio de trens, — disse ele, parando a caminho da sala dos fundos.

— O pátio do trem? — Eu repeti.

— Sim, sim. Bem nos arredores da antiga fábrica de carros. Antigamente eles colocavam os trens para descansar lá. Na verdade, alguns deles podem ter idade suficiente para serem feitos principalmente de ferro antes da indústria mudar para aço e alumínio. Espero que isso ajude, — ele disse, desaparecendo nos fundos da loja e senti a minha esperança aumentar.

Um vagão de trem poderia funcionar. Eu poderia tornar isso temporariamente habitável até Jasper, Doyle e Jade voltarem e me ajudarem a descobrir o que fazer com os faes das Trevas.

E então com a minha caixa, dez livros e cerca de trezentas pedras jaspé e cerca de cem de cristal de quartzo na mão, paguei uma pequena fortuna ao dono da loja e chamei um táxi para me levar para o pátio do trem, fazendo-o esperar com todas as minhas coisas no porta-malas, porque, mesmo que eu encontrasse um trem de ferro, precisava voltar à cidade em busca de comida, algo para dormir, sinos, tudo o que eu precisaria para sobreviver a curto prazo.

Foram cerca de quinze minutos passando por trens de alumínio e aço antes que eu me deparasse com um velho e um pouco enferrujado, mas com os dizeres “Trilhos do Caminho de Ferro” escritos na lateral.

— Meu querido vagão de trem, — eu disse, chutando a porta até empurrá-la para dentro. Era como você esperaria que fosse, velho e sujo, com bancos de couro rasgados e janelas sujas. Mas serviria. Não havia nada que você pudesse tocar do lado de fora, exceto as janelas, que não queimaria um fae.

Com um novo tipo de determinação voltei ao meu táxi e terminei as minhas tarefas.

Na hora em que a noite estava prestes a cair eu peguei a última

das minhas caixas e malas do táxi e me escondi no vagão do trem, lendo os livros com o brilho de uma luz de leitura que usava em volta do meu pescoço.

Demorei, digamos, três minutos para encontrar os faes das Trevas que assombravam os meus sonhos. Redcaps. Eles eram criaturas sádicas e más que gostavam de tortura e assassinato, pegando o sangue de suas vítimas e manchando o topo de suas cabeças. Eles trabalhavam para a realeza Unseelie. Unseelie, eu aprendi, significava fae das Trevas. Seelie eram os mocinhos. Os Unseelie eram os piores dos piores.

Portanto, não foi preciso muita imaginação para descobrir que algum tipo de grandão das Trevas estava curioso sobre mim. Ele esteve curioso sobre mim o suficiente quando eu era uma criança para cortar e brutalizar um bebê. Quem sabia o que ele gostaria de fazer comigo agora que eu era adulta.

Eu não dormi naquela noite. Cada rangido do vagão, cada sussurro da brisa, tudo fazia o meu coração disparar, com a certeza de que eram eles.

À primeira luz do dia eu saí e enfiei sinos nas janelas, depois voltei para a cidade para fazer algo que pensara na noite anterior. Peguei uma quantidade enorme de jasper e um pouco de corda e fiz um caminho com as pedras preciosas desde o meu antigo apartamento, atravessando a cidade, até o pátio de trens, pendurando os últimos em sinos de metal que eu pendurei em volta da minha nova casa.

Uma semana se passou.

Sem Jasper. Sem Doyle. Sem Jade.

Não dormi porque os pesadelos se tornaram como estar dentro de um videogame em 3D. Eu estava lá. Eu estava machucada e com fome e sendo torturada. Acordei e fiquei doente três vezes seguidas antes de decidir desistir de dormir. E então eu estudei. Eu li todos os livros que tinha sobre os faes. Voltei para a loja hippie e peguei livros sobre pedras preciosas, plantas medicinais, feitiços e runas de proteção.

Comprei um livro sobre casas minúsculas e sobre viver em

acampamentos, imaginando que eu ficaria no pátio de trens por um tempo e precisaria de confortos básicos em casa. E com isso eu instalei um vaso sanitário de compostagem e trouxe uma banheira que enchi para banhar-me com um sistema de captação de água que eu havia montado do lado de fora e que era mantido muito bem abastecido enquanto as tempestades de verão se tornaram pesadas nas próximas semanas.

Sim, semanas.

Todos os dias que passavam eu tinha cada vez mais certeza de que algo havia acontecido. De jeito nenhum eles não viriam me procurar. Um deles pelo menos. Se nenhum deles veio me encontrar, algo estava seriamente errado. Meu estômago apertou com a ideia de Jade ou Doyle machucados ou mortos. Tentei não pensar em Jasper desse jeito, porque nos momentos estranhos em que um pensamento assim passava eu me encontrava incapacitada com isso.

Então eu me mantive ocupada. Vasculhei o ferro-velho e o estacionamento, encontrei peças de ferro sobressalentes, usando-as para criar um labirinto improvisado ao redor do vagão de trem por todos os lados.

No caminho de volta da loja de comida, uma tarde, eu juro que vi um redcap. Eu sabia. Ele nem mesmo tentou se esconder. Ele saiu de trás de um carro e olhou para mim quando eu congelei, em seguida pulei em um táxi e o fiz dirigir por um tempo antes de me trazer de volta ao pátio de trens.

Depois disso eu vi um deles quase todos os dias. E todos os dias eles pareciam estar cada vez mais perto do pátio de trens.

No segundo mês, comprei mercadorias imperecíveis o suficiente para durar até o outono e o inverno, entrei no meu vagão e não saí.

Eu era um pato sentado, esperando.

Era apenas uma questão de tempo até eles se aproximarem. Irritados ou desesperados ou sob tanta pressão de seu chefe que iriam atravessar todo o ferro e me arrastar para fora.

A necessidade poderia fazer as pessoas e os fae fazerem coisas loucas. Doyle havia escalado uma cerca de ferro e continuado depois

disso. Eu tinha certeza de que os redcaps encontrariam o caminho até mim mais cedo ou mais tarde.

E eu, armada com as minhas pedras preciosas, alguns talismãs, música alta e alguns frascos de veneno que eu mesma havia misturado, sim, eu não teria uma chance.

Era primeiro de setembro de acordo com o meu calendário. Meses. Faz três meses desde que saí do The Green.

Três meses em pânico.

Eu dormi com feitiços. O canto dos redcaps arrebatando o pouco conforto que eu tinha na minha prisão de ferro. Eu mal comi, o conhecimento do meu futuro iminente me deixou enjoada demais para manter alguma coisa no meu estômago. Eu me preocupei. Eu me estressei. Eu li. Eu tentei me confortar. Fiz planos - selvagens, estúpidos, grandes planos que eu sabia que nunca poderia realizar.

Durante o dia os redcaps se afastavam para, eu achava, o The Green. Mas não me confortei com isso. Não permiti que isso me desse confiança para deixar o meu vagão de trem.

Para ser bem claro, eu estava um desastre. Eu estava desmoronando. Mordi minhas unhas até elas serem tocos ensanguentados. Meu cabelo começou a cair pelo estresse. Eu perdi peso. Fiquei fraca de exaustão, fome e falta de luz solar.

Eu me aventurei para pegar água, tomando um longo banho, olhando para um corpo que era quase estranho para mim depois de tantas mudanças. Havia cicatrizes nos meus braços, pernas e pés. Meus ossos estavam salientes quando eles nunca foram assim antes. Eu não tinha um espelho, mas sabia que minhas bochechas estavam afundadas, meus olhos estavam inchados e sem foco.

Eu estava enrolada em uma toalha, rolando uma esfera de quartzo rosa no chão com o pé, entretenimento sendo um conceito estranho depois de ficar tão terrivelmente sozinha por tanto tempo.

Foi então, naquele momento, que o meu pior medo foi realizado.

A porta se abriu, me fazendo chutar a esfera pelo chão enquanto eu ofegava, minha mão indo para o meu coração enquanto eu procurava freneticamente por algo, qualquer coisa que eu pudesse

usar para me defender, para me dar uma chance de lutar. Mas nada estava perto.

A bola parou de rolar e olhei para descobrir que estava parada sob o pé de alguém.

— Querida...

DEZOITO

Jasper

Foi um caos completo e total por quase uma hora. Veja, o engraçado dos campos de trabalho é que os guardas ficam um pouco à vontade com seu poder. Quando Cece deixou as mulheres saírem e as mulheres deixaram os homens livres, sim, eles não estavam apenas ansiosos para sair. Eles estavam sedentos por sangue.

E foda-se se eles não derramaram rios de sangue.

Foi brutal, cruel, horrível. Os gritos foram suficientes para ensurdece-lo, gritos desumanos, de gelar o sangue, enquanto os guardas eram literalmente arranhados, mordidos e rasgados membro a membro.

Quando os gritos morreram e o silêncio caiu, todos os homens ou mulheres ainda capazes de ficar de pé ficaram de pé ao mesmo tempo. Cada um de nós literalmente pingando sangue. Alguns homens e mulheres tinham sangue escorrendo de suas bocas como malditos vampiros. E por mais doente que isso fosse, eu entendia que cada um dos guardas faes das Trevas tinha merecido o que tinha acontecido com eles.

— Jasp, — a voz de Doyle me chamou, me enchendo de alívio. Eu não o via há pelo menos meia hora.

— Jade? — Eu perguntei imediatamente, endireitando a coluna.

— Ela já foi. Vi Onyx sair daqui como se o seu rabo estivesse pegando fogo, com Jade agarrada às suas costas. Eles já devem estar na casa da Baba Yaga agora.

— Obrigada, porra, — eu disse, respirando fundo, a primeira vez que pude realmente respirar desde que descobri que Jade estava desaparecida.

— Jasp ... onde está Cece?

Minha respiração ficou presa nos meus pulmões, queimando. — O que? — Eu perguntei, olhando em volta um pouco freneticamente, observando os corpos mortos e moribundos ao nosso redor, homens e mulheres e guardas, coração na garganta com a possibilidade de um deles poder ser ela. — Ela não estava com Jade e Onyx?

— Não. Eu não a vi em lugar nenhum.

— A garota do vestido rasgado? — a voz de uma mulher perguntou e eu olhei para ver que ela era uma das pessoas que tinham a boca ensanguentada como num filme de terror .

— Sim.

— Ela saiu um minuto depois da menina e do cachorro. Mas ...

— Mas o quê? Um guarda chegou até ela? — Eu perguntei, minha garganta se apertando com a ideia.

Ela balançou a cabeça. — Não. Foi estranho. Não eram guardas e eu nunca os vi aqui antes ...

— Quem? — Eu gritei, xingando a mim mesmo quando ela se afastou do som, tentando me lembrar que ela havia sido brutalizada por só Deus sabe quanto tempo e que não precisava da minha raiva.

— Redcaps, — disse ela, balançando a cabeça.

— Redcaps? Aqui? — Eu perguntei, olhando para Doyle que parecia igualmente confuso.

— Eles não deixam a corte escura, — disse Doyle à garota.

— Eu sei o que é um redcap, — ela retrucou, balançando a cabeça para ele como se ele fosse estúpido. — Eles eram redcaps e eles estavam correndo em sua direção, cantando alguma música louca como eles fazem. Então ela apenas...escalou a cerca. Alguns deles a seguiram, outros foram esperar por ela do lado de fora. Ela pulou e caiu. Acho que ela se machucou porque estava mancando enquanto corria com uma pedra brilhante e estranha nas mãos.

— Eles a pegaram? — Eu perguntei, mandíbula apertada.

— Não que eu pudesse ver, mas eles invadiram a floresta e eu não consegui mais vê-la. Ela nos salvou, — ela disse um pouco triste. — Espero que ela tenha saído.

Eu tinha que fazer mais do que apenas esperar por ela.

Eu tinha que encontrá-la.

Antes mesmo de comunicar meu plano a Doyle eu saí correndo.

Eu procurei e procurei e porra...procurei mais. Por seis malditos dias. No The Green e lá fora. Ela não estava em lugar nenhum.

Eventualmente, no sétimo dia, voltei para a casa de Baba Yaga, meu coração uma coisa murcha no peito.

— Jesus, — disse Doyle, me cumprimentando. Não fiquei surpreso ao encontrá-lo sentado do lado de fora da propriedade de Baba Yaga. Imaginei que era exatamente para onde ele iria quando deixasse os campos - ele iria direto para Jade. — Você não lavou esse sangue? — ele perguntou e eu olhei para baixo para ver o sangue seco cobrindo os meus braços, pernas, roupas, tudo. Eu parecia um maldito serial killer.

— Eu não a encontro, — eu admiti, caindo no chão ao lado dele, com a cabeça nas mãos. — Se a porra dos redcaps a pegaram ...

— Jasper? — A voz de Jade me chamou, um pouco hesitante, não a saudação habitual e animada que ela geralmente me dava.

Eu olhei para cima para vê-la em um dos vestidos marrons que todas as mulheres de Baba Yaga usavam, o braço de nossa mãe biológica em volta de sua cintura. Ela era Jade, mas ao mesmo tempo não era. Havia uma tristeza lá que nunca existira antes, antes não tinha nem mesmo um traço dela. Havia hematomas em vários estados de cura nos braços e tornozelos, no rosto. O cabelo dela estava cortado curto. Suas mãos estavam cortadas e calejadas.

A sensação então foi uma estranha mistura de alívio, arrependimento e medo. Alívio, porque ela estava segura. Arrependimento, porque não a encontrei antes. E medo que ela nunca mais seja a mesma Jade novamente, feliz, amorosa, aberta, destemida.

Esse pensamento foi como outra faca no meu intestino, uma sensação que eu estava me acostumando demais a sentir.

— Ei mana, — eu disse, dando-lhe o melhor sorriso que pude.

— Eu conheci a mamãe, — ela disse com um pequeno gesto confuso de cabeça.

— Sim, isso não é uma merda? — Eu perguntei, bufando um pouco.

— Jade, — Doyle chamou, sua voz suave e seus olhos encontraram os dele automaticamente. Ele estendeu a mão e ela se afastou de nossa mãe e atravessou a fronteira protetora, caindo no chão e o abraçando, com a cabeça enterrada no pescoço dele.

Facada. No. Intestino.

Eu estava sendo *estripado*.

— Ande um pouco comigo, — sugeriu Alex, nossa mãe, por mais estranho que isso fosse, atravessando a fronteira e se afastando, deixando-me seguir atrás dela.

Eu tive a certeza de que estávamos longe o suficiente antes de falar. — Diga-me que ela vai ficar bem.

Alex parou, exalando com força enquanto se virava. — Ela vai ficar bem. Eventualmente. Acho que nós dois sabemos o que aconteceu com ela naquele acampamento, Jasper, — ela disse e eu lutei contra a bile que subiu na minha garganta. — E acho que também sabemos que isso é ruim o suficiente para acontecer com uma mulher forte. Jade era doce, suave, confiante e amorosa. Isso é tudo é... — ela acenou com a mão, incapaz de encontrar as palavras. Eu entendia esse sentimento. — Mas esse homem, no entanto, — disse ela, com os olhos um pouco molhados.

— Doyle?

— Aquele homem, — disse ela, assentindo com força. — Esse é um bom homem, Jasper. Ele está aqui desde que ela apareceu naquele barguest. Ele saiu uma vez. Uma vez. Logo depois eu contei o que havia acontecido com ela. Ele ficou com um tom de verde que eu nunca tinha visto antes e me disse que voltaria de manhã. Ele voltou e não foi embora desde então. Jade precisava tanto dele, precisava de alguém familiar, precisava do toque de um homem que não queria machucá-la para variar.

— Para onde ele foi? — Eu perguntei, pensando se ele voltou para se certificar de que todos os fodidos do acampamento estavam

mortos.

— Aparentemente, ele e sua irmã estavam apaixonados até que seus ... desejos o venceram, — disse ela, me dizendo coisas que eu já sabia. — Bem, ele foi ver uma bruxa das Trevas.

Senti um pavor no estômago. — Que porra ela fez?

— Ela arrancou cada pedaço de ninfa dele. Acho que não preciso lhe contar como deve ter sido.

Como a morte. Pior. Pior que a morte. Ele estaria no tipo de agonia que mataria um homem mais fraco

— Então ele é apenas, o que agora?

— Ele ainda é fae. Seu pai era algo da Luz. Mas quem sabe o quê. — Ela fez uma pausa, respirando fundo. — Ele fez isso por ela.

Eu assenti. — Ele faria qualquer coisa por ela.

— Ela merece isso. Especialmente agora, — disse Alex. — E você? Onde está Celestine? — Com o meu olhar, eu tinha certeza de trair a profundidade da raiva, culpa, tristeza e confusão que sentia rodopiando por dentro, ela suspirou. — Jade está bem aqui. Ela tem pessoas que a amam aqui. Doyle, especialmente. E ela tem mulheres aqui que entendem o que ela passou. Ela vai se curar aqui. Lentamente, mas com segurança. Você precisa vir vê-la, mas você precisa encontrar a sua garota também, Jasper. Você precisa fazer o que for preciso para garantir que ela também esteja bem.

— Eu procurei ... — eu disse, acenando com a mão, impotente.

— Procure. Mais. — Cada palavra era uma sentença. O seu tom era como aço. Foi então que vi que, apesar de todo o seu coração partido e de toda a amargura, ela ainda era uma romântica incorrigível. — Banho, — acrescentou ela com um pequeno sorriso. — Definitivamente, tome banho primeiro. E então procure mais.

E foi o que eu fiz.

Eu tomei banho.

Eu visitei Jade.

Eu procurei pelo reino da Luz. Eu percorri o reino das Trevas. Eu contornei todas as cidades humanas que o The Green tocava.

Eu procurei por meses.

Foram fodidos meses filhos da puta sem pistas, sem esperança, sem nada.

Finalmente, eu voltei ao apartamento de Jade pela terceira vez.

Foi quando vi as pedras jaspé e soube que ela não estava sendo torturada em uma masmorra de um redcap. Ela havia encontrado o caminho para sair das Trevas. Ela voltou para sua cidade e se estabeleceu, deixando-me migalhas de pão.

Eu quase quis rir quando as segui até um pátio de trens, direto para um trem de ferro velho que apenas por estar próximo estava me dando uma maldita enxaqueca.

Mas tudo o que importava era que eu a encontrei.

Eu a encontrei e ela estava bem. Ela estava viva. Ela não estava machucada. Ela estava apenas esperando que eu a encontrasse.

Mas quando abri a porta e a vi, decidi que talvez eu tivesse me precipitado ao pensar que ela estaria bem.

Porque ela não estava nada bem.

Ela estava magra, magra a ponto de quase estar esquelética. O cabelo dela estava menos grosso. Seus olhos estavam assombrados, vermelhos e inchados pela falta de sono. Ela tinha cicatrizes que eu nunca tinha visto antes e algum tipo de peso invisível pressionando seus ombros, fazendo-a se curvar.

Porra.



Cece

— Jasper? — Eu ouvi a descrença em meu próprio tom, como se o isolamento estivesse me fazendo ver coisas que não estavam lá, como se houvesse algum tipo de magia fae acontecendo. Qualquer coisa, tudo menos um Jasper real, de carne e osso, na minha porta me chamando de querida com seus olhos tristes enquanto eu estive de luto por sua morte durante semanas.

— Pequeno lugar interessante que você tem aqui.

— Eles viram você? — Eu perguntei, correndo em direção à janela e espreitando para fora dos pequenos pontos que eu mantive para olhar.

— Quem me viu, Cece?

— Os redcaps, — eu disse, olhando para ele.

— Os redcaps estão aqui? — ele perguntou, parecendo confuso, fechando a porta e entrando.

— Principalmente à noite, mas às vezes durante o dia por razões desconhecidas.

— Eles te seguiram dos campos de trabalho até aqui?

— Por que diabos eu estaria vivendo em um velho trem de ferro sem encanamento ou eletricidade ou ... qualquer coisa? — Eu perguntei, sentando na cama que eu havia arrumado após achatar vários assentos do vagão. — Você não está morto, — eu disse, minha voz um pouco vazia.

— Não, eu não estou. Você também não está morta, — ele disse e ouvi seus passos se movendo em minha direção. Suas mãos pousaram nos meus joelhos quando ele se agachou na minha frente.

— Jasper, onde você esteve? — Eu perguntei e pude ouvir as lágrimas na minha voz. Eu sabia que elas estavam nos meus olhos também.

— Procurando por você. Todo esse tempo, querida, eu estive procurando por você.

Engoli em seco, acreditando nele, me perguntando por que ele demorou tanto tempo para encontrar a minha trilha de migalhas de pão de jasper. — Doyle? Jade? Ônix?

— Doyle está com Jade e nossa mãe na casa de Baba Yaga. Jade está...

— Sim, — eu disse, assentindo, não precisando repetir.

— Mas ela está melhorando dia a dia. — Ele parou, apertando meus joelhos. — Querida, conte-me sobre os redcaps.

— Eu não sei, honestamente, — admiti. — Eles estavam nos campos de trabalho. Eles me perseguiram, e então eu usei a luz que Baba Yaga me deu para chegar ao humano reino. Acabei em

Nowheresville, Pensilvânia, e algumas pessoas legais cuidaram de mim e ...

— Cuidaram de você? O que aconteceu? — ele perguntou, a voz tensa.

— Nada. Eu tinha alguns cortes nos braços por conta das árvores. Apenas alguns pontos e eles imobilizaram meu tornozelo, me deram roupas e comida e uma passagem de trem para casa. Você sabe, — eu disse, olhando nos olhos dele que estavam me assombrando, olhos que tive certeza que nunca mais veria, — você poderia ter mencionado que o tempo passava de maneira diferente. Eu quase tive um ataque cardíaco quando vi que meses se passaram. O dono do meu antigo apartamento deu todas as minhas coisas antigas para Corbin, e então tive que ir lá e recuperá-las. E então, bem, eu fui à loja Hippy de Jade e ...

— Comprou tudo o que tinha na porra da loja? — ele perguntou, os lábios tremendo enquanto olhava em volta, absorvendo minhas pilhas de livros, meus talismãs, minhas pedras preciosas.

— Quase tudo. Isso já faz alguns meses, mas pelo menos eu aprendi algumas coisas úteis.

— De volta aos redcaps ... o que eles estão fazendo quando você os vê?

— Às vezes, na verdade ... na maioria das vezes, eles parecem estar apenas me observando. À noite, porém, eles se unem mais e começam a cantar loucamente.

— Cantar? O que eles dizem?

— É principalmente bobagem para mim. A mesma cantoria dos meus pesadelos.

— Eles não tentaram tocar em você, agarrar você, nada?

— Eu meio que ... — Eu parei, um pouco envergonhada em admitir que eu havia me escondido como uma covarde.

— Cece, eles são redcaps. Eles são escuros e são fodidos fae. Ninguém pensaria que você é uma merda de covarde por se esconder em sua pequena fortaleza de ferro. Você é nova em tudo isso e estava completamente sozinha. Você fez o que uma pessoa sã faria.

— O que você acha que eles querem comigo?

— Provavelmente os poderes. Quem quer que seja o chefe deles sabia dos seus poderes quando você era um bebê, e tenho certeza de que eles o avisaram como estão mais fortes agora, como eles evoluíram.

— Mas por que eles se importariam?

— Você viu o que os meus pais fizeram com a draca. Alguns fae colecionam outros faes com poderes úteis. E o seu, especialmente para um fae escuro com muitos inimigos, pode ser muito útil.

— Eu não quero ser útil, — eu disse, balançando a cabeça.

— Mas você também não quer mais ser completamente humana, — ele me disse. — Nem tente negar, eu posso sentir.

— Sim, eu esqueci de pegar a pedra da lua negra, eu acho, — eu disse com um rolar de olhos, e então me senti sorrir por poder ser incomodada por ele novamente.

— Bem, então é uma sorte que eu não tenha esquecido, — disse ele, enfiando a mão no bolso e puxando uma pequena pedra preta.

Eu a peguei, enrolando minha mão em torno dela por um segundo, e depois a coloquei no chão. Eu não queria me esconder dele. — Faz três meses desde que tive você na minha cabeça. Eu meio que aprendi a sentir falta disso, — eu admiti.

— Ah, sim? Teve mais alguma coisa que você sentiu falta? — ele perguntou, os dedos dançando pelas minhas coxas nuas, brincando com a barra da minha toalha.

Senti uma faísca com o seu toque, correndo para cima e acendendo o desejo no fundo do meu núcleo. Às vezes, parecia que tinham passado apenas horas desde que ele esteve dentro de mim. Às vezes pareciam anos, como se talvez eu tivesse imaginado, como se nunca tivesse acontecido.

— Mas aconteceu, — disse ele, ajoelhando-se e tirando a camisa pelas costas. Ele arrastou o material para cima, expondo seu estômago tonificado e depois o seu peito. As palavras haviam se curado, não parecendo mais frescas, irregulares e dolorosas. Eles tinham um tom avermelhado meio rosa, em relevo, mas nada além do que eram - cicatrizes. — E agora algo mais vai acontecer, — ele me

disse, agarrando os meus joelhos e puxando um pouco, me fazendo deslizar para a frente no meu assento. — Deite-se, — ele disse, sua voz sexy e áspera, suas intenções inconfundíveis. — Cece, — ele disse quando eu fiquei lá sentada, como uma idiota. Olhei para baixo e vi ele se inclinando, dando um beijo na parte interna do meu joelho. — Eu não fiz muito mais durante noite do que ficar sentado pensando sobre provar você, sobre estar dentro de você novamente. Toda noite durante meses. Não quero esperar mais um minuto. Então, deite-se.

E, bem, eu deitei.

Eu me afastei um pouco mais para ter espaço o suficiente para ficar deitada de costas. Assim que eu fiz isso, Jasper levantou a mão e puxou a toalha que cobria os meus seios. Ele me expôs lentamente, como se desembulhasse o último presente de aniversário, como se quisesse saborear o momento. O ar no vagão, a sensação da toalha se afastando e os dedos de Jasper roçando as curvas dos meus seios deixaram os meus mamilos duros e tensos. Suas mãos subiram e seguraram meus seios, seus polegares roçando os picos sensíveis até eu soltar um pequeno suspiro. Seus olhos aqueceram quando suas mãos desceram sobre minha barriga, sobre meus quadris e depois sobre minhas coxas. Ele agarrou meus joelhos e pressionou-os para cima e os separou, arrastando as pontas dos dedos pelas minhas coxas de uma maneira que enviou uma onda de desejo pelo meu corpo. Ele se inclinou para a frente, beijando a trilha de calor que seus dedos deixaram.

E então os seus lábios estavam em mim, sua língua traçando minha fenda e encontrando meu clitóris facilmente, trabalhando sobre ele em movimentos preguiçosos, impossivelmente lentos. Seus lábios se fecharam ao redor do botão sensível, sugando em um movimento suave como um pulsar, fazendo a minha mão bater na parte de trás de sua cabeça, segurando-o contra mim, implorando por mais. E Jasper não estava de humor leve. Ele estava com vontade de me mostrar o quanto ele pensou em colocar sua língua e seus lábios em mim. Seus dentes roçaram contra mim, me fazendo tremer com a mistura de dor e prazer que me fez soltar um gemido surpreso. Ele rosnou sua aprovação contra mim quando sua língua começou a trabalhar mais

rápido, sem parar.

Seus lábios se fecharam ao redor do meu clitóris novamente, zumbindo e gerando uma vibração intoxicante que correu através de mim enquanto sua língua me pressionava com força, me fazendo gritar seu nome enquanto o meu corpo sacudiu com um orgasmo que me fez ver branco por um momento, minhas pernas tremendo, minha respiração ficando presa, tudo no meu corpo coberto com as sensações que me atravessavam.

Jasper levantou a cabeça, colocando o queixo bem embaixo do meu umbigo, me observando, esperando eu voltar a mim. Quando olhei para baixo, ele me deu um sorriso um tanto preguiçoso. — Melhor do que eu imaginava, — ele disse se empurrando para cima, seu peito roçando minha barriga, meus seios, e deitando em cima de mim, seus lábios a poucos centímetros dos meus. — Você está aqui comigo? — ele perguntou, observando meus olhos que estavam, sem dúvida, tão nebulosos quanto eu me sentia.

— Sempre, — eu disse, observando seus olhos ficarem um pouco mais intensos.

— Bom, porque eu tenho planos para você, — ele disse, me dando um sorrisinho perverso.

— Todos falam isso, — eu disse, dando-lhe um sorriso.

— Todos te falam isso, hein? — ele perguntou, empurrando-se para cima, fazendo-me soltar uma pequena objeção que só o fez rir enquanto ele se levantava, pegava sua carteira no bolso e tirava uma camisinha e depois jogava a carteira em algum lugar. Observando-me, ele segurou o cós da calça e as tirou. Eu me levantei, meu sexo apertando com a visão de seu pau duro. A lembrança de como ele se parecia dentro de mim inundou o meu sistema. Estendi a mão, tocando seu quadril, puxando-o para frente. Inclinei minha cabeça, olhando para sua cabeça abaixada, seus olhos pesados, esperando.

Estendi a mão, fechando minha mão em torno dele, acariciando a base e lentamente me inclinando para frente, passando a língua na cabeça, já escorregadia pelo desejo, provando-o, colocando-o dentro de mim. Meus lábios se fecharam em torno dele, o gemido que ele soltou causou um arrepio profundo dentro de mim, sabendo

que o seu prazer estava à minha mercê, embriagada por esse poder. Eu me movi lentamente enquanto a sua mão passava por trás do meu pescoço, e fechava o punho com meus cabelos dentro, apertando cada vez que eu acariciava-o e passava a língua sobre ele, provocando o ponto sensível logo abaixo da cabeça.

— Porra, querida, — ele disse, sua mão puxando com força meu cabelo enquanto eu continuava, mais rápido, mais profundo, torcendo minha cabeça enquanto me movia. — Ok ... chega, — ele disse, puxando com força o suficiente para fazer seu pau deslizar para fora da minha boca. Sua mão acariciou minha bochecha antes que ele rasgasse a embalagem do preservativo e nos protegesse. Ele me deu um sorriso diabólico enquanto estendia a mão e segurava embaixo do meu queixo, me colocando de pé só com isso. — Eu tive muito tempo para pensar em como eu queria te foder da próxima vez...

— E você chegou a uma decisão? — Eu perguntei enquanto ele puxou meu corpo contra o dele, minha barriga fazendo um delicioso tremor pelo contato.

— Não, — ele disse, balançando a cabeça um pouco seriamente. — Então eu acho que vou ter que te levar de todas as maneiras que pensei, — continuou, estendendo a mão, agarrando meu joelho e levantando-o. Ele entrou em mim em um impulso forte, me enchendo completamente. — Porra, sim, — ele gemeu, mantendo a testa contra a minha por um segundo. Ele se abaixou, agarrando o meu outro joelho e me puxando completamente para fora dos meus pés. Minhas mãos foram ao redor de seu pescoço, segurando-o enquanto ele começou a me deslizar para cima e para baixo em seu pau. Minhas costas batiam contra a parede fria do trem enquanto os seus impulsos ficavam mais rápidos, mais fortes. Ele me levou para cima com força e rapidez, minhas entranhas apertando em torno dele quando me aproximei do orgasmo. — Não, — ele disse, largando minhas pernas de repente e saindo de mim.

Minhas mãos apertaram o seu pescoço, não confiando em minhas pernas para me manter em pé. — Você é péssimo, — eu resmunguei, pressionando minhas coxas para aliviar a dor por dentro.

Jasper fez um som alto, agarrando os meus quadris e me

virando, empurrando-me para a frente sobre um dos assentos, achatando o meu rosto contra o couro enquanto ele batia dentro de mim por trás, fazendo-me levá-lo mais fundo, atingindo-me com força e me fazendo dar um gemido irregular enquanto ele empurrava, atacando o meu ponto G até que meus gemidos se tornarem ofegantes. Suas mãos entraram no meu cabelo, envolvendo-o em sua mão e puxando com força quando o meu orgasmo me atravessou com força, me fazendo desmoronar sobre o assento. Seu corpo seguiu o meu, sua mão passando por minha barriga, me puxando contra seu peito e espalhando minhas pernas em ambos, balançando em mim lenta e intoxicantemente, fazendo um orgasmo crescer enquanto o outro acabava.

— Eu não consigo, — eu disse, meu corpo começando a tremer um pouco, sobrecarregado.

— Lembra-se do que eu disse? — ele perguntou, me fazendo balançar a cabeça tentando pensar com clareza. — Eu disse que ia te foder até você jurar que não aguenta mais, — disse ele, suas palavras soando ásperas. Ele estava chegando perto também. — E então eu vou provar que você aguenta, — ele prometeu, deslizando para fora de mim novamente. Seu braço foi ao redor da parte inferior das minhas costas, me empurrando para o chão gelado, o frio chocando minha pele exposta. Ele agarrou minhas pernas, pressionando-as no meu peito enquanto batia dentro de mim novamente. E então ele estava me fodendo, pura e simplesmente. Seus impulsos eram tão duros que eram selvagens, dificultando até mesmo de respirar enquanto eu o tomava fundo várias vezes, meu corpo inteiro sacudindo com cada batida. Ele agarrou meus tornozelos, puxando minhas pernas para cima e estendendo-as sobre cada um de seus ombros, uma mão se movendo entre nós para trabalhar no meu clitóris, a outra pressionando minha barriga, me fazendo senti-lo ainda mais intensamente quando ele começou a gemer. seus impulsos enterrando com uma pitada profunda a cada vez. Seu dedo pressionou com força o meu clitóris e eu simplesmente ... me desfiz.

— Foda-se, sim, — ele rosnou, empurrando mais algumas vezes antes de entrar o mais fundo que eu pude levá-lo e puxar para

cima com força enquanto ele gozava, fazendo outra pequena onda de prazer atravessar o meu corpo que já parecia completamente fora de meu controle, parecendo novo e estranho para mim.

— Oh meu Deus, — ofeguei assim que pude respirar novamente. Seu corpo estava dobrado na metade do meu, seu peso pressionando minhas pernas contra o meu peito com força enquanto ele lutava para respirar.

— Então, resumindo, — ele disse, me dando um sorriso fraco, — eu senti sua falta. — Apanhada de surpresa, soltei uma risada sufocada, sentindo um sorriso ameaçar dividir meu rosto.

— Eu também senti sua falta, — eu admiti quando ele se levantou o suficiente para eu libertar as minhas pernas e envolvê-las em sua cintura. — Eu realmente não pensei que te veria novamente.

—

Seus olhos ficaram um pouco tristes enquanto ele pressionava seus lábios nos meus por um momento. — Agora você vai me ver o suficiente para se cansar.

— Ou seja, por... dez minutos ou algo assim? — Eu perguntei, sorrindo, tentando aliviar o humor pesado.

— Você está presa comigo agora, querida, — disse ele, empurrando-se para cima e para trás, deslizando para fora de mim. Ele se levantou, voltou para onde meu banheiro improvisado estava situado, jogando fora a camisinha e depois voltando para mim enquanto eu me sentava. Ele estendeu a mão e eu a peguei, deixando-o me levantar. Sua mão traçou meu braço e depois o centro do meu peito, descansou a mão sobre minha caixa torácica e eu sabia exatamente o que ele ia dizer antes mesmo dele falar. — O que há com a greve de fome?

— Eu estava nervosa demais para comer, — eu disse com um encolher de ombros, me sentindo um pouco mais insegura com o meu corpo magro agora que não estávamos no calor das coisas. Peguei minha toalha, afastando sua mão e envolvendo-a em volta de mim. — Quero dizer, mesmo com toda a minha pesquisa, — eu disse, jogando um livro da minha pilha de roupas enquanto pegava algo para vestir, — eu realmente não sei como as coisas funcionam no The Green. Eu

não sei como me livrar desses caras ou por que eles me querem ou o que eu posso fazer para poder respirar de novo. — Eu admiti, colocando as leggings sob a toalha e vestindo um moletom cinza. Soltei a toalha e me virei para encontrar Jasper em suas calças, sua camisa na mão.

— Venha aqui, — disse ele, estendendo o braço. E, bem, quando você tinha certeza de que o homem que estava começando a amar estava morto há meses, e de repente ele aparece, lhe dá o melhor sexo da sua vida e oferece um abraço ... sim, você não hesita em cair nos braços dele. Me aproximei e passei meus braços com força em suas costas, meu rosto enterrado em seu pescoço, deixando escapar um gemido involuntário que fez seus braços apertarem meus quadris e ombros. Ele virou a cabeça e ele beijou minha têmpora. — Respire fundo, Cece, — ele disse suavemente e eu o fiz. — Vamos descobrir como resolver isso. Pelo amor de Deus ... nós já lidamos com faunos, a tortura dos meus pais, Baba Yaga, leiloeiros faes escuros e campos de trabalho do reino das Trevas. Acho que podemos lidar com alguns redcaps nesse momento.

— Nós não saímos exatamente ilesos, você sabe, — eu disse, minhas mãos acariciando a pele lisa das cicatrizes nas costas dele.

— E daí? Cicatrizes são sexy. Contam histórias. A vida não é divertida quando se está dentro de uma bolha protetora. Vimos alguma merda e sobrevivemos. Se tivermos que enfrentar mais algumas merdas ... quem se importa? — Ele fez uma pausa, deixando que isso se estabelecesse. — E então, você terminou de se deixar doente por conta disso? Posso levá-la para comer alguma comida e talvez convencê-la a ir visitar Jade?

Com a menção de comida o meu estômago soltou um grunhido alto que fez Jasper rir. — Apetite insaciável para um fae. Que bom que algumas coisas nunca mudam, — disse ele, desembaraçando-se de mim para que ele pudesse vestir a camisa novamente e procurar sua carteira. Quando ele virou as costas, eu coloquei botas de combate, colocando dentro delas o maior número possível de talismãs, frascos e pedras preciosas antes de pegar algumas pulseiras de ferro que eu encontrei e colocá-las nos meus pulsos.

— Pronta? — ele perguntou, estendendo a mão para mim e eu sorri enquanto seus dedos deslizaram entre os meus, me confortando apoiando.

— Sim, — eu disse enquanto nós dois passávamos pela porta e paramos com um pé do lado de fora, os dois ficando tensos.

Porque lá, em um semicírculo que bloqueava qualquer fuga, estavam os redcaps que preenchiam minha vida e meus pesadelos.

E diretamente no centro estava um homem que eu nunca tinha visto antes. Ele era alto, ombros largos, cabelos pretos, com uma mandíbula que podia cortar vidro, roupas pretas e uma sobrancelha grossa.

Eu nunca o tinha visto antes.

Mas aqueles olhos castanhos que ele tinha? Sim, eu os vi todas as vezes que me olhei no espelho.

— Puta merda, — Jasper assobiou, segurando minha mão mais apertado.

— Celestine, — disse o homem, sua voz suave e profunda. — Achei que era hora de uma pequena reunião de família.

Levou tudo em mim para reunir saliva suficiente para poder falar.

— Quem é você?

Jasper virou-se para mim, muito sério. — Esse é Cass, o rei Unseelie.

— E o seu pai, — Cass acrescentou, fazendo meu estômago apertar.

Eu era uma fae das Trevas?

E, além disso, as redcaps trabalhavam para o meu pai? Meu pai me torturou?

DEZENOVE

Jasper

Veja bem, mesmo sem passar muito tempo no The Green ao longo dos anos, algumas coisas eram inevitáveis. Como saber quem eram os principais jogadores, quem dirigia os Tribunais, quem estavam sentados nos malditos tronos. A Luz estava passando por uma crise sem sucessores e havia quase duas décadas desde que Dany, abreviação de Danburite, enlouqueceu. Havia grandes esperanças para ela. Ela era a fada da luz mais poderosa depois de várias gerações. Mas ela ficou louca e sua mãe acabou no poder, imaginando o que diabos ela faria quando ficasse velha demais para lidar com isso.

No outro extremo do espectro, havia Cass. Cass era uma abreviação de Cassiterite e ele era um maldito prodígio de crueldade como o seu pai. O mais promissor fae das Trevas da história. Ele comandava as coisas sem tentativa de empatia, civilidade ou segundas chances. Se você fodesse com ele ou com os seus, você geralmente tomava a decisão de se matar antes que ele colocasse as mãos em você.

Então, sim, eu conhecia Cass.

Eu também sabia tudo sobre as memórias de pesadelo de Cece, em que os redcaps a assustavam e a cortavam.

Ele realmente ganhou o maldito prêmio de pai do século.

— Você só pode estar brincando comigo, — retrucou Cece, me surpreendendo.

— Garanto-lhe, não estou, — disse Cass, os braços dobrados atrás das costas, enquanto as redcaps começavam a cantarolar baixinho.

— Ah, cale a boca! — ela gritou para os redcaps, fazendo a sobrançelha de Cass se levantar e chamar minha atenção. Com os meus poderes diminuídos eu só podia sentir a confusão e frustração

avassaladoras dela, e talvez uma sugestão de algo semelhante à traição. — Acho que todos já tivemos o bastante de vocês, — acrescentou.

Cass levantou a mão e um silêncio caiu. — Eles estão apenas de olho em você.

— Oh, é assim que estamos chamando? Eles estavam apenas de olho em mim quando me cortaram quando bebê? Quando eles me fizeram passar fome e me deixaram em um chão frio? Eles estavam de olho em mim quando me perseguiram até fora do The Green?

— Eu sempre soube que você seria atraída de volta ao reino das Trevas. O desejo teria sido muito difícil de resistir ao longo do tempo.

— O único desejo que tive foi de salvar minha melhor amiga dos seus campos de trabalho, — Cece gritou, seu corpo tão tenso ao meu lado que eu poderia ter jurado que ela estava a segundos de causar uma fratura com a pressão. — Eu não sabia que o The Green existia e nunca quis ir a lugar nenhum perto da floresta. Eu não tinha absolutamente nenhuma vontade de conhecer o tipo de homem que torturaria um bebê.

— Bem, minha querida, acho que você não tem escolha, — ele disse com um encolher de ombros, fazendo meu sangue esfriar. — Você virá comigo para que possamos ... qual é a frase que vocês usam aqui? Colocar o assunto em dia?

— Foda-se. Eu não vou a lugar nenhum.

— Cece, — tentei argumentar, chamando a atenção de Cass.

— Winters, não é? Você tem a aparência de sua mãe. Eu sabia que a história sobre vocês dois morrendo em um incidente de draca era besteira. Mas seus pais ...

— Fizeram um acordo com o diabo, — eu completei, fazendo meus lábios se levantarem levemente.

— Eu sendo o diabo nesse cenário, — ele disse com um encolher de ombros. — Eu tenho ouvido muito sobre um empata loiro atravessando o The Green ultimamente, criando caos, matando guardas, tirando informações dos meus inimigos ...

— Ele estava procurando por mim, — disse Cece, tentando me

puxar um pouco para trás dela. Para que finalidade, eu não tinha certeza. Mas eu não a deixei fazer isso.

— E aqui estava você o tempo todo. Vá se trocar. — Ele exigiu de repente, parecendo impaciente.

— Hum, vai se foder, pai.

Eu realmente, realmente queria beijá-la por seu espírito forte, dar um tapa em sua boca e exigir que ela se calasse.

— Troque sua merda de roupa, Celestine, — ele retrucou, a voz baixa e cruel. — Você virá comigo.

Porra.

— Eu gostaria de ver você... — Cece começou.

— Pare, — eu assobieei, apertando a mão dela com força suficiente para chamar sua atenção. — Pare, — eu disse novamente, um pouco mais desesperadamente.

— Você deve ouvir seu pequeno empata. Ele pode não ter muito em termos de poderes, mas ele parece compensar isso com algum cérebro. O que parece ser mais do que eu posso dizer sobre você. Agora vá trocar de roupa. Não direi novamente. Vou arrastar sua bunda para lá e trocá-la eu mesmo, se você não fizer isso voluntariamente.

Cece ficou rígida, mordendo o lábio com força para não dizer nada quando se virou para voltar para o vagão, me arrastando com ela. Eu esperava indignação, confusão, raiva e medo. Tudo o que consegui foi o que parecia ser uma determinação sombria enquanto ela tirou a calça que usava e vestiu uma calça de algodão em uma horrível cor laranja neon. Ela deixou o suéter e as botas que eram feitos de couro e de borracha, ambas em sua maioria naturais. Ela ainda seria capaz de entrar no The Green.

Quando ela se virou senti algo apertar meu pulso com força. Antes que eu pudesse olhar para baixo, ouvi outro clique e finalmente percebi o que ela havia feito.

Ela me algemou nas barras do vagão de trem. — Você tem que estar...

— Eu o enrolei em um lenço primeiro para que não queime você imediatamente. Vou deixar a chave para você, mas longe do seu

alcance para que você tenha que trabalhar para alcançá-la e então eu já terei ido.

— Cece, você não pode estar falando sério agora, — eu disse, meu estômago parecendo subir até minha garganta.

— Eu tenho que ir. Não há como escapar disso. Eu sei disso e você sabe também. Mas não posso te arrastar junto. Ele vai torturá-lo só para me foder se eu não cooperar. Não posso ter isso pesando em minha consciência. Você tem que ficar aqui. Eu sei que você é teimoso como o inferno, mas se ele é o rei Unseelie, você não vai chegar nem perto da corte. Você e eu sabemos disso. —

— Cece, eu apenas ... — Eu acabei de encontrar ela. Eu literalmente a tenho de volta depois de meses e ela estava se afastando de mim?

— Eu sei, — disse ela, engolindo em seco enquanto alcançava a pedra da lua negra que eu a trouxera. Ela enfiou na bota. — Posso levar ferro para o The Green ou não vai me deixar entrar?

Suspirei, sabendo em quanto problema ela iria arrumar se ela pensava que poderia entrar lá armada. — Você pode levá-lo, mas pode lentamente começar a queimar você.

— Eu vou lidar com isso, — disse ela, colocando mais algumas pulseiras nos pulsos.

— Cece ... — Minha voz estava implorando, fazendo-a parar no meio do caminho.

Ela se virou e se aproximou de mim, inclinando-se, enterrando o rosto no meu pescoço por um segundo. Meu braço livre a envolveu, apertando-a com força porque eu sabia o que aquilo era. Era um adeus. Ela se afastou e me beijou por um segundo.

— Cuide de Jade e Doyle. Eu posso cuidar de mim, — prometeu. Ela largou a chave, virou-se e depois se virou de volta para mim. — Eu acho que realmente estou começando a amar você, Jasper, — disse ela, fazendo meu peito apertar, e depois correndo em direção à porta e, antes que eu pudesse responder algo de volta, ela saiu.

A porta bateu enquanto eu caía um pouco, meu braço esticando contra a barra à qual estava conectado.

— Eu acho que realmente estou começando a amar você

também, — admiti, mesmo sabendo que ela não podia me ouvir.



Cece

Eu não tinha exatamente certeza de onde a raiva vinha. O melhor palpite que pude imaginar foi o medo tê-lo feito se manifestar. Eu estava vivendo em um constante estado de terror há meses por causa dele. Eu não consegui dormir em paz a vida inteira por causa dele.

E ele era o meu *pai* ?

— É isso que você veste? — Cass perguntou quando eu saí.

— Estou chegando aos trinta, é tarde demais para puxar o cartão 'você não está saindo de casa vestida assim', — respondi e, se não me engano, seus lábios se contraíram um pouco. Sendo um rei Unseelie, ele tinha que estar acostumado a ser obedecido, mas tive a nítida impressão de que uma parte dele gostava do meu desafio. Talvez ele pensasse que era um pouco dele em mim, que eu era teimosa e ranzinza por causa dele. E, inferno, o que eu poderia saber? Talvez eu fosse. Talvez ser parte de fae das Trevas fosse o motivo de eu sempre ter sido um pouco grosseira, um pouco fria e desapegada, um pouco difícil de amar.

Se assim for, que ele se foda novamente por me fazer assim. — Vamos lá, — disse ele, estendendo a mão em convite.

Passei por ele, voltando para a cidade, para onde estavam os bosques. Ele andou comigo, mas a vários metros de distância. Um de seus redcaps se aproximou o suficiente para escovar meu ombro e eu virei minha cabeça em sua direção. — Fique longe de mim ou no segundo em que cruzarmos, eu agarrarei o seu braço e lhe darei algo que fará uma queimadura de terceiro grau parecer que você acabou de tomar um pouco de sol demais.

— Sim, eu ouvi sobre a situação no mercado, — disse Cass, ignorando completamente a ameaça ao seu homem que agora andava

respeitosamente a um metro de distância ao meu lado.

— Ele estava torturando e leiloando algo que eu amava.

— Um barguest, — disse Cass, assentindo. — Isso realmente valeu a pena? Eles são criaturas inconstantes.

— Não é inconstante cuidar de qualquer mulher que necessite mais de você.

— Sim, sua amiga que estava pagando sua dívida nos campos.

— Ela não tinha dívidas. Ela entrou pela primeira vez em ... vinte anos e seus homens a pegaram, a arrastaram até lá, a espancaram e a estupraram sem nenhuma razão. E nem tente me dizer que você não sabe que tudo isso acontece sob o seu comando. Você não me parece estúpido. Mal e arrogante, mas não estúpido.

— Sim, bem. Ninguém está sendo abusada em um campo de trabalho agora, graças ao seu pequeno namorado empático e seu amigo.

— Qual é o problema? — Eu perguntei, sentindo a tensão em suas palavras. — Irritado que um pouco de empatia e um meio-ninfa com pouco poder conseguiram derrubar uma organização que aterrorizou as fadas da Luz e das Trevas por eras?

— Eles certamente criaram uma bagunça para eu limpar.

— Eu sinto muito por você, — eu disse demoradamente.

— Então, diga-me, Celestine, como é possível que você não tenha sido atraída para a floresta? Todos os changelings encontram seu caminho de volta para o The Green em algum momento.

— E por que sequer eu sou uma changeling? — Eu perguntei, realmente não querendo precisar de nada do filho da puta, mas sabendo que ele era o único com respostas. — Você certamente pareceu querer fazer experimentos comigo durante um bom tempo. Como eu acabei no reino humano?

Ele parou do lado de fora da cerca que nos separava do The Green, virando-se para me encarar completamente. — Isso foi algo que a sua mãe fez. — E com isso, ele passou por baixo da cerca e continuou andando. Com todos os seus redcaps atrás de mim e sem poderes reais, exceto um pequeno choque elétrico, respirei fundo,

abaixei-me e o segui.

— E quem poderia ser minha mãe? — Eu perguntei, plantando meus pés quando ele estendeu um braço e me convidou para o The Green.

— Receio que essa não seja uma informação que você precise saber, — disse ele, agarrando meu pulso e me arrastando com ele.

O que me impressionou primeiro foi a mudança de estação. Eu sabia que mudava diferente no The Green do que no reino humano, mas eu não sabia o suficiente para entender como funcionava. Mas enquanto no The Green estava verão quando estive aqui pela última vez, agora parecia como o primeiro beijo frio da primavera. De repente, fiquei agradecida por estar de moletom.

— Não se preocupe, — disse Cass, olhando em volta, sorrindo para um gnomo que vi pegando um filhote de passarinho que caíra do ninho. — Eu não vou arrastar você para a Corte das Trevas a pé. Temos uma carruagem esperando cerca de 800 metros acima.

— Menos tempo em sua companhia me parece bom, — eu disse com um encolher de ombros, avançando à frente dele.

— Você precisará aprender a ter algum respeito pelos mais velhos. Assim como por seus superiores.

— Superiores implica que você é de alguma forma melhor do que eu. Você não é. Você quer meu respeito, você precisa merecê-lo. Caso contrário, apenas cale a boca e faça esta viagem o mais indolor possível.

— Eu sei que você cresceu no reino humano, mas esse nível de insolência em relação ao seu rei não será tolerado, — disse ele, perdendo a paciência e agarrando meu pulso.

Sim, bem, alguém poderia adivinhar o que aconteceu a seguir.

O escudo disparou de mim como um sol, queimando, derretendo, fazendo minha própria pele começar a aquecer.

— Porra, — Cass gritou, puxando a mão de volta. Olhei e encontrei ela marcada, com bolhas onde meus fogos de artifício haviam tocado. O que eu não encontrei foram os anéis de onde minhas pulseiras deveriam tê-lo queimado. Afastei essa informação para usar mais tarde, porque seu rosto era uma mistura de dor, raiva,

excitação e alegria. As duas primeiras eu estava feliz. As duas últimas, sim, fizeram minha barriga se torcer com a ameaça. — Achei que a conversa fosse exagerada.

— Não foi, — eu disse, levantando um pouco o queixo. — Eu gostaria de ver seus homens tentando enfiar uma faca em mim agora.

—

— Oh, bem, — disse ele, acenando com a mão machucada, — eles têm seus modos, — ele deu de ombros e depois se virou para ir embora.

Talvez uma parte de mim estivesse esperando que ele me dissesse que não tinha planos de me machucar, que o que ele havia feito comigo quando criança foi um erro, algo nesse sentido. Mas não. Ele absolutamente planejou me torturar novamente. Acho que pelo menos ele teve a decência de não mentir sobre isso para mim. Isso já era alguma coisa. Ele era um idiota honesto. E o que eu aprendi com vários imbecis ao longo da minha vida foi que eu preferia muito que o idiota fosse bem aparente para que todos pudessem ver. Nada era pior do que ter esperanças apenas para jogá-las no chão e serem pisadas pela bota de alguém.

Caminhamos em silêncio até chegarmos ao local onde encontramos a chamada carroça. Eu parei, a sensação de queda no meu estômago me fazendo sentir doente. Porque é claro que não era uma carruagem normal puxada por cavalos normais. Era o The Green e o homem ao meu lado era o rei dos piores dos piores. Então a carruagem em que estávamos prestes a entrar, sim, era conduzida por malditos faunos. Quando nos aproximamos, um deles virou a cabeça levemente para mim, seus olhos em mim. E havia arrependimento e traição em seus olhos. E eu sabia quem ele era.

— Por quê? — Eu disse, pouco mais que um sussurro.

— Porque o que?

— Por que eles estão sendo tratados como animais?

— Eles são animais, — Cass disse casualmente, como se eu fosse uma idiota.

— Eles são apenas metade animais, — me opus, pensando em Drake. É claro que eu quase me tornei uma escrava sexual daquele

maldito fauno bem na frente, mas isso não significava que eu achava certo que eles fossem colocados para trabalhar como animais de fazenda.

— É melhor esse coração que sangra aprender a coagular muito rápido, — disse Cass, mantendo a porta aberta para a carruagem de madeira. — Deus sabe que não há lugar para isso onde estamos indo, — disse ele enquanto eu subia.

E algo sobre isso me pareceu errado. Os fae eram muito estranhos. Alguns pareciam praticamente humanos, tanto na aparência quanto na fala. Alguns eram estranhamente formais ou mais grosseiros. Mas havia uma consistência no fraseado deles, nas palavras que eles usavam. E, com exceção de talvez Doyle, Jasper e Jade, que passaram grande parte de suas vidas no reino humano, eu tinha certeza de que eles não se referiam a um deus.

Recostei-me, minha mão passando por baixo da manga para brincar com as pulseiras de ferro. O ferro que não me queimou, embora eu fosse parte fae. Olhei através do pequeno espaço para onde Cass estava olhando pela janela improvisada recortada. Por um capricho, arranquei a pulseira e a empurrei na parte superior da mão dele, a qual estava apoiada no joelho.

Sua atenção se voltou para mim, as sobrancelhas franzidas, mas sem nenhuma reação.

Ele não queimou.

Ele nem assobiou um pouco.

Ele era imune ao ferro. Como eu. Ele era parte humano. Como eu.

— Oh, cara, — eu disse, meu sorriso ficando um pouco perverso quando ele pareceu entender. — Seus fiéis seguidores das Trevas sabem que você não é totalmente fae? Quero dizer, não passei muito tempo com faes, mas eles parecem desgostar dos halflings.

— Garota esperta, — ele disse, seu tom sombrio. — Mas não se preocupe. Você não terá a oportunidade de espalhar essa informação por toda parte.

Eu me recostei, deslizando o ferro no meu pulso, surpresa quando ele não exigiu que eu os tirasse e jogasse fora. — E então, se

ninguém vai ter acesso a mim, então você não terá problemas em responder a algumas perguntas, não é?

— Você pode perguntar, — ele disse com um aceno de mão que parecia acrescentar silenciosamente: mas eu posso não responder.

— Como você subiu tanto no ranking se você é meio humano? Como seus pais esconderam isso de seus ... seguidores?

— Você não viu o Tribunal das Trevas. Quando estiver lá verá que há todos os tipos de segredos que podem estar escondidos em suas profundezas.

— Quem era humano? Sua mãe ou seu pai?

— Minha mãe. Ela era uma escrava humana.

Fechei os olhos um pouco, exalando com força, tentando não evocar nenhuma imagem horrível. — Estou assumindo que ela não era casada com seu pai.

— Dificilmente, — Cass zombou como se a própria ideia fosse nojenta. — Minha mãe nunca concebeu. Meu pai foi ... inventivo em sua busca por um herdeiro. Ele tentou todos os tipos de faes, — continuou ele e eu sabia, eu sabia que nenhuma daquelas com quem ele 'tentou' estavam dispostas a isso. — Ninguém concebeu, a não ser a humana. Ela foi morta para proteger o segredo e eu fui criado como sangue puro.

— Por que você fala como um humano então?

— Minha madrasta me tirou do The Green para punir meu pai pelos casos incessantes quando eu tinha em torno de cinco anos. Ficamos fora até os meus dez anos antes de sermos arrastados de volta. Ela foi enviada para os campos. Eu fui bem recebido em casa.

— E quanto aos seus ... poderes? — Eu perguntei, balançando a cabeça.

— Eu tenho alguns do lado de meu pai. Eles são prejudicados pela minha metade humana e quando eu fiquei adulto comecei alguns experimentos para tentar compensar isso.

Engoli em seco. — Que tipo de experimentos?

— Magia de sangue. Eu drenei faes com fortes poderes e me injetei para ver se alguma delas iria ficar.

— E ficou? — Eu perguntei, tentando não parecer tão

horrorizada quanto me sentia.

— A maioria, sim. Mas não com a mesma força.

— Não é de se admirar que os fae estejam ficando mais fracos. Você pega os mais fortes e os mata. — Fiz uma pausa quando seus olhos foram para mim, duros, frios, mas tão familiares. — Diga-me, pai, você estava planejando me drenar também? Era isso o que ia acontecer comigo quando bebê?

— Não seja ridícula. — Eu quase suspirei de alívio antes que ele continuasse. — Você não pode drenar um bebê. Os poderes deles não estão totalmente manifestos.

Oh, Jesus Cristo.

— Então é por isso que você está me trazendo de volta agora. Meus poderes estão totalmente manifestos e você pode me drenar.

— Eu nunca vi um poder como o seu. Sua mãe era forte, mas até ela não se compara.

— Minha mãe? — Eu repeti.

— Dany, — disse ele, sorrindo quase um pouco melancólico. — Na época, ela era princesa. Herdeira do trono da luz.

— Na época, — eu repeti. — Você a matou também?

— Infelizmente, não tive a chance.

— Você queria matá-la? — Eu perguntei, não querendo acreditar que ele era tão completamente mau.

— Ela roubou você de mim. Se havia alguém que merecia a morte como destino, era ela. Mas a corte da luz interveio antes que eu pudesse dar o golpe fatal.

— Por que uma princesa da luz se envolveria com um rei das trevas?

— Eu era um príncipe na época. Ela era jovem, ingênua e tola, obcecada por seres humanos. Ela gostava das histórias que eu tinha para contar. Ela pensou que os humanos eram doces. No entanto, apenas alguém que nunca viveu no reino humano pensaria que eles são algo além de criaturas básicas, violentas e egoístas.

— Certo, — eu bufei. — Porque você é tão evoluído, altruísta e passivo.

— O fascínio de sua mãe foi sua ruína. Eu me deitei com ela.

Eu consegui você. Tudo debaixo do nariz da corte da Luz. Idiotas, todos eles.

— Ela me levou embora porque sabia que você me mataria eventualmente?

— Sim. Como ela fez isso, eu ainda não tenho ideia. Você deveria ter sido atraída para cá. Especialmente sendo filha de ambos os tribunais. Deveria ter sido um chamado avassalador.

Uma imagem passou pela minha mente, das pixies e do colar invisível que elas roubaram de mim e que pareceu confundir completamente Jasper.

— Magia, — eu disse com um encolher de ombros. — Ela mandou alguém colocar magia num colar. Eu nem sabia que ele estava lá até que as pixies o tirassem de mim. Deve ter me mantido longe da floresta com algum tipo de medo de ser atacada.

Cass suspirou, passando a mão pelo cabelo. — Isso explicaria isso. Será divertido caçar qual bruxa agiu contra as leis. Os filhos não podem ser tirados de seus pais.

— O que você fez com a minha mãe? — Eu perguntei, tentando não me sentir culpada pela ideia de que alguém sofreria para me proteger dele.

— Ela foi ... extensivamente questionada .

— Ela foi torturada, — eu corrigi. — Não vamos medir palavras. Sutileza não combina com você.

— Tudo bem. Você quer grosseria, eu te darei grosseria. Eu tirei as roupas dela e pendurei-a pelos pulsos em uma masmorra durante doze semanas. Ela nunca saiu de lá. Ela foi espancada. Ela foi queimada. Ela foi enfeitiçada. Eventualmente, ela quebrou. O cérebro dela, lembre-se, não a vontade dela. Ela me impressionou no final. Eu nunca pensei que ela fosse teimosa. Confiante e um pouco simples, mas não teimosa.

— Você a deixou louca e então os pais dela vieram e a salvaram.

— É isso aí.

— Graças a Deus eu tenho mais dela do que você em mim. — Eu murmurei, olhando pela janela.

— Realmente? — Cass perguntou, chamando minha atenção quando ele arregaçou a manga. — Esta é sua mãe? — ele perguntou, me fazendo sentir nauseada. — E aquele leiloeiro no mercado? Encare isso, filha, você tem muito mais de mim do que da sua mãe.

Tive a sensação de que ele estava certo e não gostei do que isso dizia sobre mim.

— O quê? Nada mais? — ele perguntou depois que eu fiquei em silêncio por alguns minutos, apenas olhando pela janela.

Eu olhei para ele, considerando tudo o que tinha acontecido nos últimos meses, as verdades que fui forçada a confrontar sobre o mundo, meus amigos e eu. Não, aquilo não era tudo. Nem um pouco. Mas o que mais se poderia dizer?

— Talvez eu não seja boa. Mas pelo menos eu tenho a capacidade de amar, de ser altruísta e me doar Talvez meus poderes tragam algo desagradável, algo de você em mim, mas eu não sou nada como você. Na mesmo.

— O que, porque você ama um empata e fez amizade com uma casamenteira e uma ninfa, você se acha melhor do que eu.

— Não torturar pessoas me faz melhor que você. Não escravizar faunos como mulas me faz melhor do que você.

— Eles escravizariam você também, você sabe ...

— Oh, eu estou plenamente ciente disso. Aquele lá fora... — Eu apertei minha boca com força, percebendo meu erro.

— Foi quase, não foi? E como você se sentiu quando percebeu que estava perto assim, — disse ele, apertando os dedos juntos, — de se tornar uma escrava sexual até que você estivesse acabada demais para servir para qualquer diversão? — Com meu sobressalto ele zombou. — O quê? Você queria que eu fosse grosseiro, não queria? Você tem alguma ideia de como é o pau de um fauno, Celestine?

— Cala a boca, — eu disse, balançando a cabeça, sabendo que ele estava apenas tentando me irritar. — E agora, pai ? Vai me levar até o seu grande castelo e me mostrar todas as coisas que poderiam ter sido? Quero dizer, em teoria. Na realidade, eu teria crescido nas masmorras. —

— Talvez sim. Talvez não. Eu não tive você por tempo o

suficiente para tomar essa decisão.

— Você não acha que seria melhor para os seus ... seguidores me ter por perto? Sendo a única herdeira e tudo mais.

— Quem disse que você é a única herdeira? — ele perguntou, me surpreendendo.

— Eu tenho um irmão ou irmã?

— Acho que acabei de responder às suas perguntas por enquanto, — declarou ele de uma maneira que eu sabia que não deveria pressionar mais.

Isso só me deixou sem nada para fazer, além de me sentar e deixar meu cérebro pensar sobre todas as possibilidades de um irmão. Só porque ele cresceu na corte das Trevas não significava necessariamente que ele seria tão mau quanto Cass. Quero dizer, olhe para Jasper e Jade. É verdade que eles saíram jovens, mas Amy ainda estava lá. E havia algo de bom nela, eu sabia disso. E então, talvez houvesse esperança de que eles não fossem completamente maus.

A carruagem diminuiu a velocidade e parou. Antes que eu pudesse olhar pela janela, meu pulso foi segurado e fui arrastada por um caminho de pedra. Bem, não, não um caminho. Era um pátio como aqueles que você veria em recriações de filmes da época medieval. Complete a imagem com um maldito castelo. Não é mentira, era um grande castelo de pedras cinzas. Faes andava por aí, todos parando e olhando, a maioria inclinando a cabeça para Cass.

Olhei para os faunos, corpos suados, marcas de chicote nas costas. E embora eu soubesse que poderia facilmente ter sido uma escrava sexual irracional de um deles, a culpa foi suficiente para me fazer sufocar com a bile. De repente, Cass alcançou debaixo dos pés do motorista, pegando algo que refletia a pequena quantidade de sol que era visível no reino das Trevas. Percebi tarde demais o que era.

Seu braço voou para cima e, em seguida, abaixou, eu ouvi um grito sabendo que veio de mim, quando a lâmina arrancou a cabeça dos ombros do fauno que eu encontrara meses antes. Caí de joelhos ao lado do corpo dele quando ele caiu, lágrimas ardendo nos meus olhos, sangue espirrando na minha calça laranja brilhante. Eu queria desviar o olhar, mas não conseguia, vendo uma cabeça, uma cabeça

muito humana, rolando em minha direção. Os olhos ainda estavam abertos, seu rosto completamente livre de medo, porque ele nunca tinha visto o que aconteceu.

— É o suficiente de gritos, — Cass retrucou, parecendo enojado comigo.

Eu olhei para ele, meu coração batendo tão forte no meu peito que eu me sentia tonta. E ele estava calmo. E tinha acabado de decapitar alguém que ele já havia escravizado e espancado e ele estava porra calmo. Eu me levantei rápido, minhas mãos batendo em seu peito com toda força do meu corpo reconhecidamente fraco, fazendo-o recuar um passo.

— O que há de errado com você! — Eu gritei, empurrando-o novamente, sem perceber que todos os olhos no pátio estavam subitamente em nós, provavelmente imaginando quem era a mulher louca que estava atacando o rei.

— Ele teria levado minha filha como escrava sexual? Ele merecia morrer por pensar nisso.

— Ele não sabia que eu era sua filha. Ninguém sabia. Você não pode puni-lo por violar regras que ele não sabia que existiam.

— Bem, é tarde demais para isso agora, — disse ele, dando de ombros. — Pare de chorar, Celestine. Fraqueza não é exatamente uma coisa boa a ser exibida neste reino. Se recomponha, — ele exigiu em voz baixa, virando-se e caminhando em direção à enorme porta aberta.

Engoli em seco e enxuguei os olhos, recusando-me a olhar para trás, não querendo ver o fauno novamente. Minhas mãos se fecharam em punhos e eu sabia que eles estavam começando a brilhar com fogos de artifício a julgar pelo calor que eu sentia. Ouvi alguns suspiros quando me virei e caminhei em direção ao castelo, que logo seria o meu campo de prisão e tortura. Quando estava subindo o primeiro degrau, podia jurar ter visto um lampejo de outro par de olhos castanhos em um andar acima de mim.

Mas a figura masculina se foi muito cedo para eu ver se poderia realmente ser um irmão ou se minha imaginação estava brincando comigo. Entrei no hall de entrada, vendo meu pai me

esperando ao lado de uma escada gigante. — Vamos te acomodar e trocar de roupa para algo mais apropriado e menos ...manchado de sangue. —

Com isso ele subiu as escadas, esperando que eu o seguisse. Com um monte de redcaps ainda atrás de mim, eu tinha pouca escolha. — Por que a pretensão de civilidade, Cass? — Eu perguntei quando fui conduzida por um corredor. — Por que não ir direto para as masmorras para fazer alguma experimentação?

— Apesar do meu bom senso, — disse ele, parando ao lado de uma porta de madeira com o topo redondo , — decidi conhecê-la um pouco. Eu imaginei que o reino humano poderia amolecê-la, deixá-la fraca e desleixada. Apesar dessa patética consciência equivocada sua, acho que fui muito precipitado ao fazer esse julgamento. Você ficará aqui sempre com homens do lado de fora. Não tenha nenhuma ideia sobre escapar. Irá se vestir adequadamente e agir de modo civilizado. Se você conseguir lidar com isso sem me irritar muito, talvez você consiga continuar viva , — disse ele, abrindo a porta para mim.

— Puxa, que generoso de sua parte, — eu falei enquanto entrava.

Mais uma vez, antes que ele me fechasse lá dentro eu vi o fantasma de um sorriso nele. Cristo, o que o fato de eu impressionar ou divertir o bastardo mais doente ou sei lá o que do The Green poderia significar?



Jasper

Levei dez minutos para pegar a chave e me libertar. Mas dez minutos eram muito longos. Percebi isso assim que entrei no The Green e eles já tinham partido. E eles estavam indo para a corte das Trevas, sem dúvida. Onde eu, não estando associado, não era exatamente desejável. Mas sabia, sem dúvida, que seria usado por Cass contra Cece para que ele pudesse obter o que quer que ele

quisesse dela.

Eu gostaria de dizer que seus pais me chocaram. Mas, honestamente, isso apenas fazia sentido. Ela era simplesmente poderosa demais para não pertencer aos tribunais. Embora eu tivesse que admitir, tudo sobre os poderes dela parece apontar para a Luz, não para as Trevas. O nome dela era angelical pelo amor de Deus. Mas mesmo enquanto os seus poderes brilharam em branco, não preto, a capacidade de causar tanto dano foi certamente um caso para a descendência das Trevas.

Eu voltei para a floresta com o gosto dela ainda na minha boca e o conhecimento de que eu estava sem sorte quando se tratava de alguma esperança de recuperá-la. Talvez isso tenha me feito parecer uma merda de covarde. Talvez eu devesse estar fazendo um plano parecido com um filme de ação para ir e tirá-la de lá. Mas esse não era o reino humano, era o The Green. Armas não podiam ser trazidas e Cass tinha todo o tipo de coisas grandes e ruins protegendo sua corte. Eu não conseguia pensar em nada que pudesse fazer para recuperá-la.

— Já era hora, — disse uma voz familiar enquanto eu atravessava.

— Pelo amor de Deus, — eu assobieei, exalando forte. — Não tenho tempo para sua merda, pai. Eu tive alguns meses de merda e realmente não tenho nada contra terminar essa coisa entre eu e você agora mesmo.

— Você sabe que isso é engraçado, — disse ele, recostando-se contra uma árvore. — Alguns meses atrás, talvez alguns dias depois que o seu pequeno foguete e vira-lata o arrastaram para fora das masmorras, algo aconteceu.

— Sério, não tenho paciência para uma longa e prolongada história.

— Foi como se um interruptor fosse ligado. Fui aleijado por ele, caí de joelhos no meio do corredor de tão esmagador que foi.

Senti parte da frustração diminuir, substituída pela curiosidade. Havia algo diferente nele, em seu comportamento, em seus olhos. — Mamãe mandou Baba Yaga tirar a maldição.

— Baba fodida Yaga, — disse ele, balançando a cabeça com a própria ideia. — Como você soube da maldição?

— Cece acabou no chalé dela. Mamãe estava lá. Nós conversamos...um pouco.

— Estou chocado pela minha pele não ter começado a derreter.

— Eu também, — eu disse, sabendo como Alex estava chateada com o que ele havia feito comigo. Mas se havia algo em que Baba Yaga era boa, era saber qual seria a forma mais torturante de punição para cada homem. Talvez ela tivesse imaginado que devolver ao meu pai todo o seu espectro de emoções seria a pior miséria possível, sentir arrependimento, vergonha e tristeza por todo o mal que ele havia feito. — Ela devolveu os seus sentimentos.

— Imagine como foi sentir as repercussões de todos os atos horríveis que você cometeu em sua vida voltando para assombrá-lo em uma onda gigantesca.

— Nada menos do que você merecia, — eu disse com um encolher de ombros, passando por ele.

— Tem sido um dia agitado nesta entrada, você sabe, — disse ele, as palavras demorando como se estivesse esperando que eu implorasse para que ele me contasse o que viu. Eu não precisava. Eu já sabia. — Você sabe, olhos à parte, ela não se parece em nada com Cass. Mas ela é a porra da imagem da mãe dela, — disse ele, efetivamente me parando.

— A mãe dela? — Eu perguntei, voltando-me.

— É por isso que Opal a queria. Não acho que ela tivesse alguma pista de que Cass era seu pai, mas ela com certeza sabia que Dany era a sua mãe.

— Dany? Como em Danburite? A princesa da Luz?

— Bem, não mais, — ele disse com um encolher de ombros.

— Você está me dizendo que Cece é filha de ambos as cortes? Como isso é possível?

— Eu não sei como é possível. Apenas sei que é assim. Agora, se Cass está levando Cece contra a vontade dela, vou assumir que a Luz terá algo a dizer sobre isso. Cass já tem um herdeiro, o trono da Luz está em disputa. E você sabe que eles preferem mulheres nesse

trono. Cece pode desempenhar esse papel. E se Cass planeja drená-la como ele faz com o resto de seus projetos de animais de estimação, isso significa guerra entre a Luz e as Trevas .

— Por que você está me contando isso? — Eu perguntei, sentindo a esperança começar a se abrir no meu peito. — Você é da Luz, mas você é próximo de Cass.

— Vamos apenas dizer que uma guerra entre os tribunais é a última coisa que qualquer um de nós precisa. A Luz precisa de um herdeiro. Posso ganhar seu favor novamente. Além disso, acho que minha vida pode usar um pouco de reparação.

— Não comece a ficar todo mole comigo, pai. Eu não acho que posso lidar com essa merda agora.

Ele soltou um suspiro, balançando a cabeça. — Eu nunca serei aquele homem que você viu dentro da minha cabeça, Jasper. Esse homem foi enterrado por quase duas décadas. E, independentemente da capacidade de sentir algo além da raiva e do desespero, isso não muda que me tornei alguém além de quem eu era. Não vou ficar piegas com você. E nem vou me desculpar. Mas estou oferecendo a você uma maneira de recuperar a mulher que você ama. Pense no quão diferente minha vida poderia ter sido se eu tivesse tido uma chance real de ficar com sua mãe.

— Você poderia. Você escolheu não ficar.

— Não fale de coisas que você não entende, Jasper. Eu poderia ter dado as costas à minha ancestralidade, minha herança, minha boa reputação por Alex? Sim. E teria. Eu teria tomado essa decisão sem pensar. Opal, a mulher má e conivente que ela é, tinha outros truques na manga. Esta era a única maneira, você gostando de aceitar isso ou não. E eu tenho que viver com o que fiz. Faça o que você precisa fazer para não ter arrependimentos tão pesados nos ombros que eles possam fazer com que seus joelhos se dobrem até vinte e tantos anos depois. Vá para a Luz. Deixe que eles cuidem disso para você.

Com isso, ele se virou para ir embora. — Papai?

Ele olhou por cima do ombro para mim, sobrancelha levantada. — Acha que talvez mais dessa expiação possa levá-lo na direção de Baba Yaga? Eu sei que Jade é do tipo que perdoa.

Ele assentiu um pouco solenemente e continuou andando, mas se não me engano, ele foi numa direção que levava para longe de sua casa e em direção à casa de Baba Yaga.

Respirei fundo, tentando me convencer a não pensar demais na conversa com meu pai. Ele estava certo quando me disse que nunca seria o homem que eu vi dentro dele. Mesmo com a consciência de volta e a capacidade de sentir alegria novamente, ele foi mudado para sempre pela escuridão que o consumia por tanto tempo. Ele nunca seria o homem que poderia ter sido. Eu não precisava que ele fosse. Mas Jade, sim, ela poderia usar qualquer bondade dele que pudesse conseguir. Eu esperava, por ela, que ele pudesse dar um passo à frente e pelo menos tentar. Por Amy também. Ela merecia um pai que se importava.

Para mim, bem, eu tinha outras coisas com que me preocupar.

Por exemplo, como convencer os guardas da corte da Luz a me deixarem ver a rainha Seelie. E então, de alguma forma, convencê-la de que ela tinha uma neta que era metade da realeza negra e que o rei Unseelie estava mantendo prisioneira para experiências. Tudo isso sem me fazer ser preso e trancafiado por estar louco.

Mas pelo menos eu tinha uma caminhada de três dias para pensar sobre isso.

O tempo todo doente de preocupação com a chance de que Cece talvez não vivesse o suficiente para ser salva.

VINTE

Cece

Realmente, era como ser uma criança indesejada em casa depois de voltar do internato para as férias de inverno. Foi exatamente assim que eu me senti. Esperavam que eu, em termos inequívocos, falasse, me vestisse e agisse de acordo com uma lista de regras que eu nunca li. O quarto em que eu estava presa era bom. Na verdade, era o quarto mais bonito que eu já estive na minha vida. Apto para a realeza e tudo mais. Era cerca do dobro do tamanho do meu apartamento com Jade. As paredes frias de pedra estavam decoradas com belos tapetes ornamentados, uma gigantesca cama de dossel preta com um dossel branco ondulado e lençóis de algodão. Como eu esperava, não havia televisão, rádio ou qualquer forma de entretenimento que não fossem livros sobre a história dos faes. Eu não estava reclamando, no entanto, porque eu poderia usar um lugar assim.

Nada aconteceu naquele dia, exceto por uma fae com uma estranha cor de pele azul, cabeça abaixada, braços repletos de roupas que ela cuidadosamente guardou no meu guarda-roupa. Quando ela se foi, vesti uma calça branca de cânhamo e uma camisa combinando no estilo túnica com um desenho estampado azul costurado ao redor da gola. Realmente, era horrível. Mas não estava coberto do sangue de um fauno pelo qual fui responsável pela morte.

Com isso, peguei um livro e subi na cama, tentando ignorar o canto do lado de fora da minha porta, tentando não analisar o que significava eles sempre fazerem isso à minha volta. Feitiço de proteção, talvez? Eu não fazia ideia. Tudo que eu sabia era que era perturbador.

No segundo dia e quatro refeições recusadas no total, refeições que eu realmente não tinha como negar, visto que minha fome estava

assumindo uma nova intensidade que me fazia ficar tonta e meus olhos nadarem enquanto tentava ler, quando houve uma batida forte na minha porta um segundo antes que ela se abrisse.

— Se você está tentando se matar uma greve de fome levará o dobro do tempo para um fae do que um humano. Você terá dois ou três meses bons desse sentimento de garras em seu estômago.

Cass parou ao pé da minha cama, olhando com interesse para os livros que eu havia espalhado. — Não estou em greve de fome, — confirmei, usando um pequeno livro para marcar o enorme volume que estava lendo, sentado de pernas cruzadas.

— Explique-me por que não come então.

— Fui ensinada a nunca comer ou beber qualquer coisa servida para mim no The Green, que faes não são confiáveis. E, bem, você não parece excessivamente preocupado com meu bem-estar, então me perdoe se eu não confiar em qualquer coisa que você me servir.

Cass balançou sobre os calcanhares, as mãos enfiadas nos bolsos e assentiu. — Não é um conselho ruim, eu acho. Tudo bem. Você precisa comer. Eu posso ver seus ossos através de suas roupas, — disse ele com desdém. — Vou mandar alguém vir e levá-la para a floresta para conseguir algo para comer.

E com isso, ele saiu. Eu esperei dois segundos para pular, colocar meus pés nas minhas botas e começar a empilhar todos os meus itens de proteção, jogando o ferro nos pulsos e percebendo que Jasper estava certo, eles meio que queimavam agora que eu estava no The Green por mais tempo. Não era ruim, algo como uma queimadura de tapete levemente irritante realmente, mas estava lá.

Eu tinha acabado de encolher uma jaqueta de lã quente (eu esperava) quando a porta se abriu.

E lá estava o meu irmão.

Não havia como confundir a semelhança com Cass com a intensa estrutura óssea masculina, a testa severa, os lábios grossos, o corpo alto e magro. Ele também tinha os olhos de Cass, assim como eu. Ele era alguns anos mais novo que eu, talvez algo em torno de vinte e cinco. Uma estranha, inesperada, quase dominadora sensação de parentesco tomou conta de mim, algo que eu nunca havia

sentido com minha família humana. Talvez eles estivessem certos com esse ditado sobre o reconhecimento de sangue. O meu sangue certamente abraçou meu irmão instantaneamente.

Infelizmente, esse não era um problema com o qual o meu irmão sofria. — Celestine, — ele disse com um aceno de queixo.

— Ah, sim. E seu nome é ...

— Jet, — disse ele, movendo-se para o corredor de uma maneira que sugeria que ele não estava interessado nessa tarefa em particular, como uma criança de doze anos forçada a ter sua irmã de cinco anos indo junto ao parque.

— Jet, ah, é um prazer ... conhecer você. — Eu disse um pouco sem jeito enquanto o seguia pelo corredor. Ele se moveu para começar a andar, depois parou e olhou para mim.

— Não.

— Não o que?

— Apegue-se, — ele avisou, descendo as escadas a algo mais do que uma caminhada, mas menos do que uma corrida, como se estivesse ansioso para terminar a tarefa.

Eu ignorei a pequena pontada de decepção no meu peito enquanto o seguia para o pátio, os olhos caindo em nós, a maioria se curvando, muitos olhando abertamente. — Esses caras, — Jet rosnou quando dois redcaps se aproximaram de nós. — Ordens? — ele perguntou quando eles chegaram perto e um afirmou que eles estavam sob ordens de ir conosco para a floresta. — Tudo bem, mas se eu ouvir uma fodida cantoria sair das suas bocas vou arrancar suas línguas com as minhas próprias mãos, entenderam?

Então, sim, Jet era positivamente encantador. Não foi o pedido para que eles calassem a boca que me incomodou, ou mesmo a ameaça, mas sim a maneira fria e desapegada como ele falou. Como Cass faria. Como se não significasse nada arrancar algo de outro ser.

— Não me olhe assim, princesa, — disse ele, seu tom ainda vazio enquanto diminuía o passo para caminhar ao meu lado quando saímos do pátio e voltamos para a floresta. — Não é possível que você goste da presença deles.

— Eles estão assombrando os meus sonhos desde que eu era

um bebê com esses cantos. Também estou cansada deles.

— Então explique o olhar.

— Você se pareceu com Cass quando disse isso.

Sua cabeça se virou na minha direção e, se não me engano, um flash de algo cruzou seus olhos. Algo como raiva, mas ele escondeu antes que eu pudesse ter certeza. — Isso é muito gentil da sua parte.

— Foi um insulto.

— Eu sei que você é nova por aqui, mas posso aconselhá-la a não insultar o rei Unseelie? Isso é apenas senso comum. Especialmente quando sua vida não está, como devo dizer isso, realmente garantida.

— Você é realmente encantador, — eu falei, sentindo um pouco do peso em meus ombros sair quando nos aproximamos da floresta.

— Você não vai viver por muito tempo nesta corte se deixar que suas emoções a dominem.

— Você tem certeza de que tem emoções? Você parece agir como um robô para mim. Sério, é pior que o velho.

— Cuidado, — Jet rosou quando finalmente pisamos sob o dossel das árvores. — Não me ameace. Estou ficando cansada disso, — eu disse, inclinando-me e pegando alguns dentes-de-leão à medida que avançávamos.

— Você fez um estrago no pulso de nosso pai, — disse ele, sua voz baixa e eu olhei para encontrá-lo observando os redcaps um pouco cautelosamente.

— Ele não deveria ter me agarrado se não quisesse se queimar, — eu disse, pegando um morango antes de pensar melhor.

— Eles não estão enfeitiçados. Não tão perto da corte, — disse Jet, pegando-o e colocando-o na boca. — Seria motivo de execução imediata por colocar em risco a Corte das Trevas. Você pode queimar pessoas assim por capricho? — ele perguntou, com a voz baixa novamente, virando as costas para os redcaps, algo que me pareceu estranho.

— Eu não sei. Não tentei. Geralmente é desencadeado por medo ou raiva.

— Ouça-me e ouça-me bem, — disse ele, inclinando-se para

agarrar um cogumelo e eu fiz o mesmo, com a sensação de que ele me daria alguma informação válida. — Eu não tolerarei Cass por toda a minha vida para você chegar aqui com essa sua merda pirotécnica e arruinar as minhas chances de conseguir aquele trono. Você precisa ir embora.

Ele se endireitou, movendo-se casualmente como se de alguma forma sentisse que os redcaps haviam começado a se mover, embora suas costas estivessem viradas para eles. Ele nos levou um pouco mais fundo na floresta enquanto o meu estômago se revirava, sem saber se ele estava me ameaçando ou não. E também, talvez, me perguntando o que Cass fez com ele durante toda a sua vida para torná-lo tão frio e indiferente.

— Esse veneno em suas botas, — disse ele sem parecer abrir muito a boca, — ele é bom? — Eu fiquei tensa e ele soltou uma risada sem humor. — Eu procurei no seu quarto ontem à noite enquanto você estava tendo pesadelos. Eu poderia ter entrado com um exército naquele quarto sem acordá-la. Ele é bom?

— Eu não sei. Não experimentei. Mas definitivamente ele deve, no mínimo, fazer com que quem o engula adoça violentamente.

— O que vai acontecer é, — disse ele, ajudando-me a colher bolotas de carvalho do chão. — Você pegar esse frasco e derramar o veneno sobre aqueles cogumelos ali, — ele apontou para um pequeno conjunto deles. — Você e eu vamos comer os que você não envenenar. Convide-os a ficar com o resto. Eles são burros demais para ver uma armadilha. E então, quando eles ficarem doentes, você ficará puta de raiva e me queimará como se nunca queimou alguém antes. Assim que eu cair, corra. Olhe para os céus para observar os pássaros. Não há muitos no escuro. Você saberá que estará de volta à Luz quando os vir. Quando chegar na Luz, encontre o seu caminho para a Corte e peça asilo. Eles têm que dar a você e nem mesmo Cass pode arrastá-la de volta.

— Por que você está ... — Comecei a falar, minha boca um pouco seca com a ideia de envenenar pessoas e queimar meu próprio irmão, não importava o quanto ele era um idiota.

— Não tenha uma ideia errada, — disse ele, balançando a

cabeça. — Isso não é por bondade. Eu não tenho amor fraternal por você. Você é como qualquer outra fodida fae pela qual Cass é obcecado. Mas você não irá tomar o meu trono e também não irá causar uma guerra apenas porque Cass quer manter você longe do *seu* trono.

— Meu ... trono? — Eu engasguei, balançando a cabeça.

— Cale a boca e prepare esse veneno, — ele exigiu, de pé e de frente para os redcaps. — Mulheres, — ele disse com um suspiro exacerbado, — elas nunca calam a boca?

Eu olhei para ele enquanto passava, batendo levemente em seu ombro, fazendo as redcaps gargalharem. Com um aperto na garganta, pinguei o conteúdo do frasco em dois cogumelos e arranquei outros dois, entregando um a Jet, que revirou os olhos, mas o pegou.

— Há muito mais, — eu disse, acenando na direção deles, dando a eles o que eu esperava que fosse um sorriso doce. — Só porque você está trabalhando não significa que você não pode comer, certo?

E com isso as criaturas idiotas deram de ombros e foram buscar a comida. Ao meu lado eu ouvi Jet rir um pouco. Eu me forcei a comer o meu cogumelo com uma sensação azeda no estômago.

— Pare com isso, — Jet murmurou enquanto eu observava os redcaps se comerem. — Sua vontade de sobreviver precisa ser mais forte do que sua bússola moral, se você quiser conseguir aguentar o que está por vir nos próximos anos, — ele avisou e meu peito parecia desabar porque senti a verdade nessas palavras.

— Eu não posso te queimar. — Eu sussurrei enquanto observava um dos redcaps começar a esfregar seu estômago, suas sobrançelas franzidas.

— Você não tem escolha. Pelo que ouvi dizer, seu primeiro empreendimento no The Green não foi exatamente para ter seu cabelo lavado pelas sprites e fazer amor com ninfas. Sua amiga foi brutalizada nos campos de trabalho, não foi? E o seu ... namorado também foi torturado pelo pai, correto?, — Ele perguntou, sua voz desdenhosa e apenas o tom já fora o suficiente para estava aquecer as minhas mãos. — E aí está você , — disse ele enquanto os redcaps

caíam de joelhos, gemendo.

— Onde eu devo te queimar?

— Pescoço é provavelmente o mais inteligente. Vai parece que você tentou causar um estrago, mas não me matar. O que você fez???

— de repente ele gritou comigo, me fazendo dar um passo para trás, meus ombros batendo em uma árvore com força suficiente para tirar o meu fôlego. A atenção dos redcaps estava em nós quando eles ficaram com um tom violento de vermelho em seus rostos, seus gemidos dolorosos fazendo o meu próprio estômago revirar. Mas quando Jet me avançou, não tive raiva. O que me ocorreu foi a tristeza. Ele me empurrou com força nos ombros, seus olhos implorando para eu ficar com raiva enquanto ele gritava. — Tudo o que você ama, — disse ele, chamando minha atenção. — Como aquele seu empata insignificante. Eu gostaria mais do que tudo de derreter um pouco de ferro e lentamente colocá-lo dentro de uma banheira de ...

Sim, bem, digamos que Jasper foi um ponto de gatilho para mim.

Minha mão brilhou como a imagem do que o ferro havia feito em seus pulsos e, com o estômago revirado e o coração na garganta, estendi a mão em direção ao pescoço de Jet e pressionei. Seu rugido de dor fez o meu peito se comprimir, fez lágrimas encherem meu olhos. Ele as viu também, o que teria achado pior se talvez o seu olhar não mostrasse o quanto ele entendia. Eu o segurei até que ele caiu de joelhos e então olhei para o céu e corri.

As lágrimas borravam minha visão, mas não conseguia fazê-las parar de cair enquanto tentava furiosamente secá-las, sentindo-me cada vez mais desesperada a cada minuto que passava. Eu não queria mais fazer parte do mundo deles. Não importava que fosse tecnicamente o meu mundo também, simplesmente não queria. Tudo parecia estar cheio de criaturas feias, brutais, maldosas e egoístas. Mas que escolha eu tinha? Se sáísse do The Green estaria desprotegida. Eu sabia que Cass não viria até mim com a intenção de me colocar de volta no meu quarto com um tapa no pulso por ser uma garota má. Se ele me encontrasse novamente, aprenderia muito rápido como ele deixou minha mãe louca.

Logo, não tinha escolha. Eu precisava ficar no The Green. Precisava engolir a bile, secar as lágrimas e encontrar uma maneira de superar isso. As palavras de Jet passaram pela minha cabeça e eu percebi que ele estava certo. Minha vontade de sobreviver precisava ser mais forte. Precisava parar de ver as coisas através dos meus olhos humanos, do meu condicionamento humano. As regras do reino humano não se aplicavam no The Green. Precisava me fortalecer. Precisava fazer o que fosse necessário para que eu e os meus saíssemos ilesos. Se isso significava pedir asilo à corte da Luz, era exatamente o que eu faria. Engoliria o meu orgulho e descobriria como diabos entrar na corte sem ser convidada.



Minhas mãos se fecharam em punhos ao meu lado, meu cabelo estava uma bagunça, meu estômago apertado e minha coluna tensa, e eu tinha certeza de que estava pronta para tudo. Literalmente qualquer coisa.

Exceto, talvez, para uma festa de boas-vindas.

Sim, festa. Havia serpentinas e tudo.

Parei do lado de fora do gigantesco muro de tijolos brancos, os portões abertos como um convite, me parecendo estranho. Mas engoli o desconforto e entrei. Foi quando vi as serpentinas, as placas e a gigante mesa de buffet.

Todos os olhos estavam fixos em mim, expectantes, excitados, e eu nunca me senti mais assustada em toda a minha vida. Se havia algo que eu havia aprendido nos documentários, era que pessoas felizes e sorridentes, com roupas brancas compridas e cabelos muito longos ... Sim, eles eram psicopatas participantes de um culto. Uma parte de mim se sentia mais à vontade no castelo de Cass, cercada por redcaps, do que em pé no pátio da corte da Luz.

— Demorou o bastante, — disse uma voz familiar, fazendo meu coração subir pela garganta enquanto eu olhava em volta loucamente para encontrá-lo. E então lá estava ele, andando pelo centro do pátio, o braço dado com uma mulher mais velha e arrumada, com profundos olhos castanhos e cabelos brancos.

— Jasper? — Eu perguntei, sentindo minhas pernas de repente ficarem fracas.

— Sim, estava apenas conhecendo o seu jovem rapaz aqui, — a mulher disse, dando um tapinha no seu braço e sorrindo para ele. Ele olhou para ela com um sorriso também.

— O que está acontecendo aqui? Existe alguma droga que eu deveria estar ciente? — Eu perguntei, olhando para Jasper, que soltou uma risada que ecoou pelo meu corpo.

— Uma coisa muito engraçada aconteceu quando eu segui você e Cass para o The Green ...

— Eu disse para você não vir! — Eu gritei, imediatamente exasperada. O que posso dizer? Ele tinha esse efeito em mim.

— Sim, mas isso ia acontecer, — ele bufou, balançando a cabeça. — De qualquer forma ... meu pai estava esperando por mim, — disse ele, e eu me senti enrijecer, o medo me enchendo quando meus olhos o examinaram loucamente, procurando sinais de ferimentos. — História longa, mas o resultado é o mesmo. Ele me disse para vir aqui, que o seu pai era Cass, mas que sua mãe era ...

— Dany, — eu disse com um aceno de cabeça. — Eu também tenho um irmão chamado Jet, — eu disse, minha voz chamando seu nome, a memória de seus gritos penetrando na minha cabeça.

— Jet está se recuperando bem sob os cuidados de um curandeiro das Trevas, — disse a mulher, sua voz tendo um efeito calmante em mim. — Meu nome é Ang, querida, eu sou sua avó.

— E a rainha Seelie, — Jasper acrescentou com uma ênfase que eu não tinha certeza que tinha entendido. O que? Eu deveria fazer uma reverência ou algo assim?

— O que Ang significa? — Eu me vi perguntando sem pensar.

— Angelite, — ela respondeu de imediato.

— Angelite, — senti-me rir um pouco, todas as minhas lições no meu pequeno vagão de trem voltando para mim, tudo parecendo um pouco confuso, apesar de fazer apenas alguns dias desde que eu estava presa nele. — Celestine, Angelite ... eu tenho um primo chamado Larimar? — Eu perguntei, soltando uma risada estranha que não parecia nada normal. — Quero dizer, se nós estamos no tema

“anjo”, isso seria adequado, certo?

— Querida, o que ...

— Está tudo bem, — disse Ang, liberando Jasper e levantando a mão. — Ela está cansada. Ela já passou por muita coisa. Você já comeu, querida? — ela perguntou, se movendo em minha direção, mas não me tocando, uma pequena cortesia que eu realmente apreciei naquele momento.

— Não, — eu disse, apesar de meus bolsos ainda estarem cheios de nozes que havia reunido com meu irmão. Sempre que pensava em comer, a última imagem dos redcaps brilhava na minha cabeça, eles inclinados para a frente, vomitando violentamente, uma boa quantidade de sangue misturado com o vômito.

— Hey, — Jasper disse, se movendo em minha direção, segurando os meus pulsos. — Está tudo bem. Acabou.

Exceto que não tinha acabado. Jet tinha sido muito enfático ao dizer uma palavra específica. Voltei-me para Ang, que estava me olhando com um pequeno sorriso maternal, parecendo muito como se ela estivesse absorvendo tudo sobre mim, como se eu fosse um colírio para seus olhos doloridos. — Eu preciso de asilo, — eu disse, as palavras um pouco estranhas ao serem ditas.

— Claro que você pode ter asilo, querida, — disse ela, acenando com a mão no ar. — Agora, por que você não deixa o seu homem aqui cuidar de você por um tempo? Você pode vir me ver quando estiver pronta. — Ela deu um tapinha na minha bochecha e eu me senti insegura com o acúmulo de sujeira e suor ali, antes de ela se afastar de modo impressionantemente gracioso mesmo tendo sua idade.

— Jasper ... — Eu sussurrei, balançando a cabeça, sem saber se poderia começar a entender o que estava acontecendo depois de três dias de corrida, correndo o mais rápido que minhas pernas podiam me carregar, mais paranoica do que eu já estive antes. Eu apertara a pedra jaspe na minha mão e pulava com cada ruído de voo de pássaro ou gorjeio de um grilo. Eu não deixei as sprites lavarem meu cabelo quando parei para beber água. Não comi nada. Não dormi. E, uma vez, quando pensei ter visto a parte traseira de algum animal grande e

peludo, enfiei meus dedos nos ouvidos e cantarolei o mais alto que pude enquanto saía correndo. Meu cérebro estava acelerado com medo e pouco mais.

— Tudo bem, — disse ele, deslizando um braço em volta da minha cintura e me levando em direção à mesa do bufê. Ele empilhou um prato em silêncio enquanto eu me inclinava em seu pescoço, respirando-o fundo. Ele me levou para o castelo, que era muito parecido com o de Cass, mas era branco e muito mais aberto e convidativo. Subimos um lance de escada e descemos um corredor onde ele abriu uma porta e me conduziu para dentro. Seu braço se afastou de quando ele colocou o prato na cama branca. Branco, tudo era branco. Muito parecido com a casa de Opal, exceto que enquanto a casa dela era fria e estéril, o castelo de Ang nos fazia sentir como estar enrolados confortavelmente em toalhas limpas depois de um banho. — Boa ideia, — disse ele, estendendo a mão para mim e eu a peguei, deixando-o me conduzir para a sala ao lado onde uma banheira gigante estava pronta, fumegante como se Ang talvez tivesse ordenado que ela fosse preenchida, com pétalas de rosas flutuando pela água. — Hey, — Jasper disse, sua voz um pouco áspera, fazendo minha cabeça se levantar. — Você quase desmaiou aqui. O que aconteceu? Ele ...

Eu balancei minha cabeça enquanto Jasper pegava minha jaqueta, tirando-a de mim. — Não. Para um bastardo do mal ele foi bastante decente comigo, — eu disse com um encolher de ombros quando Jasper caiu de joelhos na minha frente e começou a desamarrar as minhas botas. — Eu queimei meu irmão, Jasper. — Eu disse a ele em um sussurro horrorizado.

Ele levantou minha perna, tirando minha bota e sorrindo um pouco quando a bota tilintou com pedras preciosas e talismãs. Ele ficou em silêncio por um momento e eu senti a vibração dele dentro da minha mente, procurando as memórias. Não tentei escondê-los, sabendo que seria difícil, senão impossível, encontrar palavras para descrever tudo. — Cece, ele disse para você fazer isso, — Jasper disse, olhando para mim. E caramba, se ele não era a melhor coisa que eu já tinha visto. Minha mão se estendeu e a encostei no lado de sua cabeça,

acariciando os cabelos curtos lá.

— Eu sei, mas ele é meu irmão.

— Ele é um idiota.

— Ainda é meu irmão, — eu disse e Jasper me deu um pequeno sorriso.

— Tudo bem. Entendi. Você vai tomar banho sozinha?

Eu senti meus lábios se curvarem. — Tire a roupa, Jasper.

— Bem, — ele disse com uma sobrancelha levantada. — Se você insiste...

Eu ri disso, tirando minha outra bota enquanto ele tirava a camisa. Fazia apenas alguns dias, mas parecia muito mais. Inferno, ficar longe dele por cinco minutos provavelmente seria doloroso a partir de agora. Parecia que se eu desse as costas ele desapareceria.

— Eu não vou a lugar nenhum, — ele me prometeu, fazendo minha cabeça se levantar com um pouco de culpa. — Eu tive que pedir asilo também. Então você está presa comigo agora, goste ou não, — disse ele com um sorriso quase vulnerável.

— Oh, acho que posso aprender a ... te tolerar, — eu disse, inclinando-me contra seu peito nu.

— Sabe, acho que conheço uma cura para essa sua boca inteligente, — disse ele, me fazendo sorrir em seu pescoço.

— Mmmhumm, — eu disse um pouco sonhadora, tendo esquecido o quão calmante sua presença poderia ser.

— Mas vamos te banhar e te alimentar e depois podemos conversar sobre isso.

— Boo ... *conversar*, — eu resmunguei e sua risada reverberou através do meu corpo, transformando meu interior em líquido. Seus dedos percorreram minhas costas e seguraram o material da minha camisa, puxando-o para cima.

— Agora sim, — eu disse quando ele me empurrou para trás e agarrou a cintura da minha calça, arrastando o material para baixo rapidamente.

— Você só pensa em uma coisa, — ele disse com um sorriso enquanto me empurrava em direção à banheira. — Apenas avisando, é um pouco ofensivo que você nem tenha dado uma espiada. — Eu disse

enquanto suas mãos iam para as suas próprias calças.

— Eu vou fazer mais do que espiar depois que você colocar sua bunda nessa água, — ele prometeu e meu sexo apertou com a ideia, e então eu entrei, gemendo um pouco com o conforto quente que tomou conta de mim.

— Sabe, isso não era o que eu tinha em mente, — eu murmurei alguns minutos depois, depois que ele ficou atrás de mim, e me puxou contra seu peito entre suas pernas abertas. Sua mão estava passando uma bucha feita de luffa sobre a minha barriga. E, é verdade, era bom, um pouco sensual, mas principalmente gentil, mas não era sexo e isso eu tinha uma fodida certeza.

— Querida, relaxe. Temos tempo de sobra para isso. Eu sei que é difícil acreditar já que sempre precisamos encontrar um tempo para foder entre os acontecimentos de merda que acontecem em nossas vidas, mas estamos seguros aqui. Eu sei que você ainda não entende como tudo funciona, mas asilo é asilo e Cass não pode levá-la pelo período de um Eostar a outro. Depois disso, seu asilo é revogado para outro Eostar antes que você possa pedir asilo novamente.

— E o que diabos devemos fazer quando formos chutados para fora daqui?

— Não vamos chegar a esse ponto. Você é a herdeira deste trono. Se você assumir o poder na Corte da Luz, Cass não terá poder sobre você. Vocês serão iguais. Não é como seria se você ainda fosse menor de idade. Ele não pode simplesmente levá-la embora daqui.

— E se eu não quiser o poder? — Eu perguntei, colocando em palavras o medo que me incomodava desde que Jet alegou que eu estava destinada a um trono como ele.

— Acho que isso seria ruim para caralho, Cece, — ele disse, me surpreendendo. Eu estava esperando por conforto, uma garantia de que eu tinha todo o tempo do mundo para tomar essa decisão, ou que eu poderia simplesmente ir embora. — Desculpe desapontá-la, — disse ele, deslizando sua mão entre os meus seios, fazendo meus mamilos endurecerem. — Mas isso ainda é uma monarquia. Você é uma herdeira. Você governará quando Ang não puder ou não quiser mais. Ela é uma mulher ativa, Cece, mas deveria ter cedido seu trono a Dany

quinze anos atrás. Dany não sendo mais uma opção, tudo cai sobre você.

— Mas eu não sou totalmente fae, — me opus, me agarrando aos detalhes.

— Normalmente, isso seria um problema. Você, no entanto, é um caso especial. Você não é apenas a filha de ambas as cortes, mas também tem poderes mais fortes do que qualquer um que ocupe uma posição de poder em gerações. As pessoas vão cuidar de você, sendo um quarto humana. Escute , — disse ele, sentindo-me enrijecer. — Não estou dizendo que isso vai acontecer nesta semana, mês ou mesmo ano. Você tem muito a aprender sobre os faes, sobre poder, sobre as alianças cuidadosamente estabelecidas por gerações antes de você, mas estou dizendo que isso está acontecendo, então você precisa se preparar para o inevitável.

— Ang é tipo ... majestosa, — eu disse, meu tom um pouco inseguro, porque era assim que eu estava me sentindo, como se eu nunca pudesse estar à altura disso. Inferno, até Jet, mais jovem que eu, tinha algo de realeza nele. Eu não tinha isso. Eu era apenas uma humana com as pontas dos dedos que soltavam fogos de artifício e com uma melhor tolerância ao ferro.

— Eu acho que você é muito majestosa também, — Jasper disse, a palavra um pouco desajeitada em sua língua.

— Você tem que dizer isso ou não vai entrar nas minhas calças, — eu ri.

— Então, se eu dissesse que você pode ser um pouco teimosa, com uma forte tendência a agir primeiro e pensar depois, — ele disse, sua mão deslizando pela minha barriga fazendo um caminho direto para um certo lugar que estava realmente formigando com a ideia do seu toque, — Eu não posso fazer isso? — ele perguntou, seus dedos pressionando meu clitóris, fazendo minha cabeça bater em seu ombro em um pequeno gemido. — E se eu dissesse que você é uma verdadeira dor de cabeça que por merda nenhuma consegue ter senso de direção... — ele disse, seu dedo deslizando pela minha fenda, parando e deslizando dentro de mim, — eu não posso fazer isso ?

— Tudo bem, você tem um bom argumento. Agora cale a boca

antes de estragar o clima. — Eu exigi e ele riu, baixando o rosto no meu pescoço e beijando o ponto sensível logo abaixo da minha orelha. — Você sabe, você também não é fácil de lidar, — eu o informei antes de irmos longe demais para dizer isso.

— Uh huh, — ele concordou. — Mas você me ama mesmo assim.

— Sim, bem, isso eu não posso negar.

— Você sabe o que, querida? — ele perguntou, seu dedo empurrando preguiçosamente em mim.

— Não, o quê?

— Eu também te amo.

EPÍLOGO

Cece – Três Dias

Eu conheci minha mãe três dias depois que me mudei para a corte da Luz. Por três dias comi tanta comida quanto minha barriga vazia conseguia aguentar. Três dias de sexo lento ou alternadamente enérgico e inventivo com Jasper, uma cama compartilhada com ele à noite, seus braços em volta de mim quando acordava de manhã, sua presença reconfortante apagando os pesadelos para que eu pudesse descansar em paz, suas constantes provocações eram um lembrete de que apesar de termos nos acomodado confortavelmente juntos, Jasper ainda era Jasper e ele gostava de me irritar. E eu ainda era eu, então devolvia na mesma moeda.

Fiquei três dias sem medo, sem ansiedade, sem um turbilhão constante no estômago que me dizia que havia outra catástrofe a caminho.

No terceiro dia, depois que Ang pediu pela quinta vez, eu finalmente senti que estava pronta para conhecer a mulher que enlouqueceu para me proteger.

No segundo em que ela entrou eu sabia exatamente como me pareceria daqui a alguns anos. Ela tinha os mesmos cabelos longos e escuros, a mesma estrutura óssea, o mesmo lábio inferior meio cheio e o nariz levemente inclinado. Ela tinha os mesmos membros longos e partes femininas quase ausentes. A única diferença era que seus olhos eram escuros como os de Ang e os meus eram claros como os Cass e Jet. Era um pouco estranho que, considerando que o tempo passava de maneira diferente no The Green, ela parecia mais uma irmã mais velha minha do que minha mãe. Ela usava as mesmas longas calças de cânhamo brancas que Ang e uma túnica branca com decote fundo na frente, sem se importar em esconder os peitos, pois tinha muito pouco para ser escondidos, mas mostrava bem o decote e

o colar mais feio que já vi na minha vida .

Porém, mesmo enquanto ela caminhava sozinha e parecia capaz de desempenhar funções básicas do dia a dia, estava claro que ela não estava lá. Você olhava nos olhos dela e não via nada. Ela estava ausente. Ela estava viva e respirando, mas era uma casca da mulher que já foi.

Fechei os olhos com força ao perceber que Ang se sentou ao lado dela, mais ou menos um pé na minha frente e Jasper, sua expressão um pouco tristemente esperançosa. Sentindo-me estranha, mas sabendo que não era exatamente apropriado sentar e encarar ou, alternativamente, sentar lá e ignorá-la, sorri um pouco trêmula e estendi a mão para ela. — Oi mãe. — Ok, então, eu sabia que não deveria ter esperado uma resposta. Minha voz não era a cura para doenças mentais, mas eu ainda estava um pouquinho desapontada quando tudo que consegui foi o olhar mais vago. E eu tinha um nível totalmente novo de respeito por Ang enquanto ela estava sentada lá, com um sorriso sereno no lugar, porque eu sabia o quão maior a sua decepção deveria ter sido por não ver nenhum progresso em sua filha durante todos esses anos. Engoli em seco com essa percepção, tocando a mão dela. — Esse é um colar realmente diferente, — eu disse, em parte querendo dizer isso. Ele era diferente ... exclusivamente horrível.

Ao meu lado Jasper ficou rígido. — Cece, ela não está usando um colar.

— Sim, querida. Nós não colocamos joias nela, caso ela possa ficar presa e não saber como se soltar - disse Ang, as sobrancelhas franzidas.

Sem querer admitir que estava seguindo a tradição familiar de enlouquecer, estendi a mão para o pescoço dela. — Sério? Então o que é isso? — Eu perguntei, levantando-o da pele dela.

— Que porra é essa ...

— Como ...

Então, pois é. Ter Jasper xingando e Ang ofegando nunca seria uma coisa boa. Larguei o colar instintivamente, olhando entre os dois. — O que?

— Pegue isso de novo, — Jasper exigiu.

— Tire isso dela, — Ang disse.

Não menos confusa do que antes, mas disposta a ir junto, peguei o colar e levantei-o cuidadosamente, estendendo a outra mão para desembaraçar os cabelos dela do fecho. — Aqui, — eu disse, segurando-o na palma da mão.

— Um feitiço? — Jasper perguntou, olhando para Ang, que assentiu levemente. — Para quê?

— Eu não tenho ideia, — disse Ang, pegando e examinando. — Mas é poderoso. Ele vibra como as asas de um beija-flor na sua mão.

— Alguém mais acha estranho que seja invisível? — Eu perguntei, pensando no meu próprio colar desaparecendo, me perguntando rapidamente se vê-lo significava que eu também tinha algum tipo de ancestralidade de duende.

— Não, feitiços geralmente são invisíveis. Esses tipos de magias custam uma fortuna, mas é assim que eles funcionam, — Jasper explicou. — O que é estranho é que você pôde ver enquanto ninguém mais podia.

— Vou conseguir que algumas bruxas confirmem isso imediatamente, — disse Ang, de pé, ansiosa para saber o que havia acontecido com sua filha desde ... bem ... ninguém sabia quando. — Elas podem descobrir para que isso foi usado.

Eu olhei de volta para minha mãe, sentindo que ainda tinha ainda menos a lhe dizer sem o colar para comentar sobre. — Me desculpe, eu sou péssima com isso, — eu disse a ela e a mão de Jasper apertou minha perna.

E quase jurei que, por um mínimo de segundos, algo brilhou em seus olhos.

Mas não poderia ser possível.



Jasper - Cinco Dias

Cinco dias depois que Cece chegou ao castelo, estávamos todos

sentados na sala de jantar, desfrutando de uma refeição tranquila, algo ainda novo para mim e Cece, e fazíamos isso com um pouco de ansiedade, quando do nada, Dany olhou para o criado e disse não.

O garfo de Ang caiu na mesa com um estrondo quando os olhos de todos foram para Dany. Mas foi isso. Não havia mais nada, apenas o não. Meus olhos foram para Ang, que balançou a cabeça em confusão. Suas bruxas não foram capazes de dar uma resposta clara sobre quais símbolos ou vibrações o colar encantado emanava. O melhor palpite que elas tiveram foi que era algum tipo de feitiço de repressão. Mas, pelo que sabiam, o que isso fez foi reprimir os sentimentos que ela tinha quando jovem por Cass. Fazia mais sentido.

Debaixo da mesa a mão de Cece encontrou a minha, seus dedos deslizando entre os meus e apertando com força. Depois de boas discussões e objeções de que ela de forma alguma era digna do trono de uma “corte das fadas”, ela finalmente se acalmou e começou a ter aulas. Ela devorou as aulas de história, aulas sobre criaturas, de cura e cerrou os dentes pelas aulas que tinham leis e punições, a maioria dos quais ela achou antiquadas e bárbaras.

Ela estava tentando.

Mas eu também sabia que ela estava sempre esperando que algo desse errado. Não importava o quanto Ang garantisse a ela que estava segura na Corte da Luz, que nenhum rei das Trevas pusera os pés nas terras da Luz com más intenções em toda a história das fadas. Também não importava o quanto eu tentava acalmar sua ansiedade, ela sempre ficava ansiosa novamente. Nos dias em que ela estava mal-humorada e desconectada ela carregava sua pedra da lua negra para que ninguém pudesse lê-la. Especialmente eu.

Apesar de todo o mal que aconteceu, havia muita coisa boa também. Cece conheceu os faes da Luz, os quais não queriam lhe fazer mal. Ela aceitou presentes de simpatizantes que estavam empolgados ao ver finalmente uma herdeira do trono. Ela conversou com Ang, deixando de lado alguns de seus guardas para que ela pudesse conhecer sua família. Ela sentou-se com a mãe dela. E o melhor de tudo, ela vinha até mim. Ela vinha e me encontrava, com os olhos brilhantes e um sorriso enorme quando aprendia algo novo e queria

compartilhar. Ela vinha até mim, com ombros caídos e sobranceiras franzidas e caía em meus braços, deixando-me envolvê-la e segurá-la até que ela se sentisse melhor. E então, à noite, bem, ela vinha até mim por outros motivos e eu me divertia mostrando a ela o quanto eu apreciava isso.

Eu sabia que Cece não confiava. Eu sabia que desde jovem até o seu encontro com o pai, ela havia reforçado sua crença de que era melhor cuidar de si mesma sozinha, e não se apoiar em homens. E então o fato de ela vir me encontrar, sem pensar, sem hesitar, significava muito para mim. Isso significava tudo.



Cece - Três Semanas

Minha mãe começou a se vestir sozinha. Ela se banhava. Ela escolhia o que queria comer. Ang estava fora de si com tanto alívio, até respirar parecia mais fácil. Para mim, não parecia muito progresso. Mas eu imaginava que, para ela que estava lidando com quase nada por tanto tempo, isso era algo enorme.

— Eles estão aqui, — Jasper disse, parando na porta do meu quarto enquanto eu me preocupava com minhas roupas, algo que eu fazia muito raramente. Mas a ocasião exigia isso.

Jade, Doyle e Alex estavam vindo para uma visita. Apenas uma visita, Jasper enfatizou, certificando-se de que eu não tivesse expectativas muito grandes. Ele disse que Jade estava bem melhor, mas que ela queria ficar na casa de Baba Yaga. Ela encontrou paz lá. E Doyle, sendo um homem amoroso, incrível e altruísta, construiu uma pequena cabana a três metros da propriedade de Baba Yaga, nunca indo embora. Na maioria das noites, Jade saía da casa de Baba Yaga e caía em seus braços, confiando nele para mantê-la segura, para ajudar a aliviar as memórias.

Para ser perfeitamente honesta eu estava nervosa por ver Jade. Eu estava preocupada em fazer as coisas erradas, dizer as coisas

erradas, não dar o suporte que ela poderia precisar.

— Pare, — Jasper disse, andando atrás de mim, passando um braço em volta da minha cintura e apoiando o queixo no meu ombro. — Seja você mesma. Se você tentar ser outra pessoa ela saberá que não está sendo sincera e se ressentirá disso. Ela não precisa que você a mime e seja sua terapeuta. Ela precisa da sua amiga. E isso significa que você seja um pouco franca, um pouco dura, mas tudo isso com amor. Ela sente sua falta, Cece.

Eu balancei a cabeça, engolindo em seco, me sentindo estúpida nas calças e túnicas brancas que pareciam ser roupas comuns na Corte da Luz.

— Só podia ser uma garota para ficar preocupada com a merda das roupas, — Jasper disse, me provocando de propósito.

— Só podia ser um garoto para ser tão idiota. — Eu respondi.

— Está pronta?

Respirei fundo. — Sim.

Saímos para o pátio e encontramos Jade ao lado de Doyle, seu braço em volta dos ombros dela, fazendo-a se curvar um pouquinho, mas tive a sensação de que ela gostava da pressão. Alex estava conversando com Ang, seu comportamento era tranquilo, como se as duas se conhecesse há um tempo.

Nós andamos até eles e se eu não estivesse prestando atenção eu teria perdido o momento em que Jade pareceu sentir a minha presença. Seu corpo se endireitou, chamando a atenção de Doyle. Mas ela não estava olhando para ele. A cabeça dela girou sobre o ombro e me encontrou. Sem sequer um segundo de hesitação, o seu rosto se abriu em um sorriso que conseguiu derrubar todas as minhas inseguranças. Ela se soltou de Doyle enquanto eu me separava de Jasper, os dois homens compartilhando um sorriso de conhecimento e nós corremos uma para o outra.

— Realmente, Jade, — eu disse, fungando um pouco enquanto ria, uma estranha aflição com a qual Jade estava sofrendo também, — você poderia ter me dito que queria que eu e Jasper nos conhecêssemos.

Jade bufou e se afastou um pouco. — Como se você fosse me

ouvir, senhorita eu não preciso de homem nenhum.

— Eu não preciso , — insisti, ignorando a sobrançelha que Jasper arqueou. — Eu só realmente gosto muito de manter esse aqui por perto.

— Eu sabia que você gostaria! — ela gritou e, naquele momento, éramos apenas duas mulheres em nosso apartamento, rindo, fofocando, falando sobre meninos. — Unakita, — ela disse com um aceno.

— Não sei se somos realmente o oposto um do outro. Somos ambos obstinados, com opinião forte e orgulhosos demais para o nosso próprio bem.

— E ainda assim ... — Jade disse com um sorriso de conhecimento.

E ainda assim dava certo.



Cece- Três Meses

Em três meses, Dany havia se transformado completamente. Não aconteceu da noite para o dia. O progresso foi lento no início, e de repente houveram grandes avanços até que um dia todos entramos na sala de jantar para encontrá-la já sentada ali, praticamente pulando de emoção.

Ela voou para mim primeiro, os olhos molhados, me segurando mais apertado do que qualquer um já tinha antes. — Minha garota, toda crescida. Eu gostaria de ter estado com você para ver!

— Dany ... — Ang ofegou, lágrimas fluindo abertamente em seu rosto, sendo mantida em pé apenas pela presença de Jasper e por seus reflexos rápidos.

Minha mãe não me soltou, me deixou debaixo de um braço e se virou para a mãe com o outro estendido, transformando tudo em um grande, sentimental, emocional, incrível, e libertador abraço em família.

— O quê? Eu não entendo, — disse Ang, dando um tapinha em suas bochechas quando finalmente nos separamos.

— Doze semanas, — disse Dany, puxando a mãe para se sentarem. — O amuleto tinha um período de tempo muito específico associado ao feitiço. Eu lentamente iria perder a cabeça ao longo de doze semanas. E então, uma vez removido, eu iria lentamente voltar a consciência novamente dentro de três meses.

— Mas por que... — Ang começou a soluçar antes de respirar fundo e se acalmar. — Por que não conseguimos ver o amuleto?

— Outra parte do feitiço. Era visível apenas para Celestine. Dessa forma, ele a protegeria até que ela tivesse idade suficiente para se defender. Ninguém poderia me torturar até descobrir a sua localização porque eu tinha perdido a cabeça. Essa é a frase humana correta, certo? — ela perguntou, olhando para mim e eu assenti.

— Mas ... 26 anos, Dany ... — sua mãe disse, fechando os olhos com força.

— Um pequeno preço a se pagar para manter uma criança segura, você não acha? — Dany perguntou e Ang concordou. — Então, Celestine, — disse ela, virando-se totalmente para mim. — Olhe para você. Eu sabia que você seria bonita. Você tinha o rosto mais doce quando bebê. Como era a sua família anfitriã?

— Oh, hum, — eu gaguejei, me sentindo estranha. Jasper se moveu para atrás de mim, colocando uma mão no meu quadril, oferecendo-me um pouco de calma. — Eles foram bons comigo. Eles ... deram o melhor de si. Nós apenas ... nós nunca nos demos muito bem, eu acho ...

— Isso é normal para changelings, — Ang forneceu.

— Desde que eles tenham sido bons para você, isso é tudo o que importa. Como você voltou para cá? Onde está o seu amuleto?

— Aquele que a deixou aterrorizada com ursos? — Jasper perguntou com um sorriso.

— Esse mesmo, — disse Dany com um sorriso tão parecido com o meu que eu senti uma conexão instantânea com ela naquele momento, a mesma que senti com Jet. Família. Sangue.

— Pixies, — eu respondi, ainda um pouco chateada por terem

pego, especialmente sabendo que era da minha mãe para me proteger.

— Esses pequenos ladrões, — disse ela balançando a cabeça. — Então este é o seu amigo, — observou ela, inclinando a cabeça, observando-o. — Ele é bonito. Você se parece com seus pais. Empata, certo?

— Sim, senhora. — Jasper concordou e eu quase caí do meu assento ao ouvir a palavra. Senhora?

— Senhora? — Eu engasguei.

— Senhora? — Dany disse ao mesmo tempo, o rosto enrugado. — Eu sei que não tive consciência disso, mas eu não posso ter envelhecido tanto.

— Senhora, porque você é a futura rainha Seelie, — Jasper forneceu. — E porque você é a mãe da mulher que amo e ela é um pé no saco o suficiente para dar ouvidos à sua opinião, mesmo depois de conhecê-la por alguns minutos. Estou tentando causar uma boa impressão.

Dany riu, acenando para ele. — Eu acho que um empata é bom para ela. Ela tem guardas.

— Você não precisa me dizer, — Jasper concordou.

— Estou sentada bem aqui, — me opus, sentindo-me um pouco ranzinza.

— Você o ama? — Dany perguntou sem rodeios, me fazendo virar, seus olhos escuros parecendo penetrar a minha alma.

— Sim, — eu respondi, sentindo as palavras fundo em mim.

— Bom, — disse ela, batendo palmas uma vez. — Talvez minha própria história de amor tenha terminado em masmorras, com meu cérebro virando... qual é a palavra ... gelatina? — ela perguntou e eu assenti, sorrindo porque me lembrei de Cass me dizendo que ela tinha uma queda por todas as coisas humanas e o uso dessa palavra apenas confirmou isso. — Mas eu sou doida por um bom romance.

— Lembre-me de te falar sobre Jade e Doyle em algum momento, — eu disse e ela sorriu.

— Temos muito, muito para conversar, — disse ela, pegando minha mão e apertando-a. — Mas você vai me desculpar e a sua avó aqui por alguns minutos, enquanto analisamos alguns assuntos da

corte. —

— Claro, — eu disse, olhando para Ang para ver certa ansiedade a dominando. Não só por ter a filha de volta, suspeitei, mas por ter alguém com quem dividir o fardo da liderança. Esse seria o meu fardo um dia também. Mas com a minha mãe de volta, demoraria um bom tempo.

— Às vezes nem eu percebo o peso que você carrega até que se livra dele, — Jasper disse enquanto caminhávamos até o pátio. Fui até um muro e me inclinei sobre ele, Jasper se moveu atrás de mim, braços em volta da minha cintura, me segurando apertado.

— Eu tenho uma mãe, — sorri.

— E uma boa mãe.

— E eu tenho uma avó.

— Mhummm.

— E um pai que é um idiota, mas pelo menos eu o conheço agora.

— Eu acho que sim.

— E um irmão.

— Eu gostaria de poder dizer que o seu desejo de conhecer ele é normal, mas acho que é um desejo fodido.

Dei de ombros. — E eu tenho Jade e Doyle e sua mãe e Baba Yaga... — Eu parei, respirando forte. Eu nunca tinha percebido o quão sozinha eu me sentia no mundo até ter um grupo de pessoas que amava, admirava e me sentiria menos se não as conhecesse. — E você.

— Estava pensando quando você chegaria a mim.

— Guardei o melhor para o final, — eu disse e ele me apertou com força.

— Hey Jasper, — eu disse e ele fez um som de 'mmm' contra o meu pescoço. — Eu sou uma princesa, — declarei um pouco tonta.

Ele riu por um longo tempo, seu corpo pulando, fazendo o meu fazer o mesmo. — Sim, você é.

— Você vai começar a beijar o meu anel e se ajoelhar na minha frente? — Eu provoquei.

— Você me quer de joelhos, querida, eu vou ficar de joelhos. Mas posso pensar em coisas muito melhores para beijar nessa posição

do que a porra do seu anel.

Eu sorri com isso. Um sorriso imenso.

Feliz.

Deus, muito feliz.

Acho que eu não sabia o significado dessa palavra até aquele minuto.

— Eu também, — Jasper concordou.

— Isso ainda é irritante, — eu bufei.

— Você vai se acostumar com isso.

— Ou você pode parar de escutar os meus pensamentos, — eu sugeri.

— Sim, como se isso fosse acontecer, — ele riu.

Sim, feliz

Podemos ter passado por uma situação extrema, por tristeza, frustração e dor como nunca havíamos experimentado antes, mas no final valeu a pena. Valeu muito a pena.

— Eu te amo, — declarei pela quinta vez naquela manhã.

— Eu sei, — ele disse, apenas para zoar comigo e eu o amava ainda mais por isso. — Eu também te amo ... princesa .

— Então, sobre aquela ... coisa de beijar ... — Eu sorri, me virando em seus braços.

— Pensei que você nunca pediria, — ele disse, os olhos ficando perversos enquanto ele me arrastava para o outro lado do pátio até o nosso quarto, onde ele me mostrou o servo dedicado que ele era à Corte da Luz.

E então vivemos felizes para sempre.

Bem, mais ou menos.

É uma longa história.

E nem toda ela é nossa.

Vamos apenas dizer que merda aconteceu.

As coisas ficaram loucas por um tempo.

Mas, sim, realmente vivemos felizes para sempre.

Fim.

Notes

[←1]

loja de departamento americana.